



USA Today
Bestselling
Author

JENNIFER ESTEP

"In this Urban Fantasy, surviving
high school means staying alive!"
—Kerrellyn Sparks

KISS OF FROS

A Mythos Academy Novel





JENNIFER ESTEP

KISS OF FROS†

Mythos Academy

LIVRO 02

Papyrus

Traduções de

Livros



Tradução: Joana

Revisão: Fran

Formatação: Shadow Hunters

Qui sait beaucoup ne craint rien.

“Do muito saber vem o nada a temer.”

LOGAN QUINN ESTAVA TENTANDO ME MATAR.

Meu colega de aula, Espartano, sem descanso me perseguiu, balançando sua espada para mim repetitivamente, a brilhosa lâmina prateada se aproximando centímetros da minha garganta, cada vez. Um sorriso se arrastou para cima nos seus lábios, e seus olhos azuis gelados praticamente brilharam com a excitação da batalha... Eu sou Gwen Frost, uma guerreira em treinamento, no segundo ano da Mythos Academy, e eu não tenho ideia de como eu vou sobreviver ao resto do semestre. Um dia, eu me formarei em lutas de espadas pelo carinho que quebrou meu coração – o fatalmente deslumbrante Logan que me massacra toda vez. Então, um invisível arqueiro na Biblioteca de Antiguidades decide me usar como prática ao alvo. E agora, eu descobri que alguém na academia é realmente um Ceifador vilão, que me quer morta. Eu temo que se não aprender como viver pela espada – com a ajuda de Logan – eu simplesmente posso morrer pela espada...





I

L

OGAN QUINN ESTAVA TENTANDO ME MATAR.

O Espartano me perseguiu, me cortando toda única vez que eu tentei mergulhar ao redor dele e fugir.

Swipe-swipe-swipe.

Logan balançou sua espada para mim repetitivamente, a brilhosa lâmina prateada avançando um pouco mais perto da minha garganta cada vez. Seus músculos ondulado-se debaixo da sua justa T-shirt com mangas compridas enquanto ele suavemente se movia de uma posição de ataque a próxima. Um sorriso se arrastou para cima nos seus lábios, e seus olhos azuis gelados praticamente brilharam com a excitação da batalha.

Eu não brilhei com a excitação da batalha. Me assustar, sim. Brilhar, não.

Clang-clang-clang.

Eu ergui minha própria espada, tentando evitar Logan antes que ele separasse

minha cabeça dos meus ombros. Três vezes, eu desviei dos seus golpes, estremeando sempre que sua espada atingia a minha, mas na última vez, eu não fui muito rápida o bastante. Logan pisou adiante, a extremidade da sua espada a um sussurro de distância de beijar minha garganta antes que eu pudesse fazer mais do que piscar e me perguntar como ela tinha chegado ali para começar.

E Logan não parou ali. Ele estalou seu pulso livre a um lado e derrubou minha arma para fora da minha mão, mandando-a voando ao outro lado do ginásio. Minha espada capotou várias vezes no ar antes de aterrissar de ponta para baixo, em um dos grossos tapetes que cobriam o piso de ginásio.

— Morta novamente, Garota cigana —, Logan disse em uma suave voz. — Com essa faz doze mortes consecutivas agora.

Eu suspirei. — Eu sei. Acredite em mim, eu sei. E eu não estou nada feliz sobre isso mais do que você está.

Logan assentiu, largou a espada da minha garganta, e pisou para trás. Então ele se virou e olhou sobre seu ombro aos outros dois caras Espartanos que estavam esparramados do outro lado da arquibancada, alternadamente mandando mensagens pelos seus celulares e observando-nos com desinteresse entediado.

— Hora? — Logan perguntou.

Kenzie Tanaka apertou um botão no seu celular. — Quarenta e cinco segundos. Acima dos trinta e cinco segundos da hora anterior.

— Gwen está durando um pouco mais de tempo, ao menos —, Oliver Hector opinou. — Deve ser a T-shirt da Mulher Maravilha finalmente adicionando a ela uma incrível habilidade de luta.

Meu rosto corou com o seu falso tom. Tudo bem, então talvez eu tivesse usado minha favorita camisa de manga comprida da minha super-heroína essa manhã na esperança que ela pudesse me trazer um pouco de sorte, o qual eu seriamente precisava quando vinha a ser qualquer tipo de luta. Mas ele não tinha que zombar de mim sobre isso, especialmente não na frente dos outros.

Oliver deu um sorriso largo e sorriu maliciosamente para mim. Eu cruzei meus braços sobre meu peito e dei a ele um olhar vil.

Kenzie olhou para o outro Espartano. — Eu acho que é legal que a Gwen goste de super-heróis.

Oliver franziu o cenho. Ele não gostava de Kenzie me defendendo, mas ele não disse nada mais. Eu não sabia qual era a parte de Oliver, mas ele sempre pareceu sair da sua maneira de ser para me irritar. Talvez ele pensasse que ele

estivesse sendo charmoso ou algo. Alguns caras na Mythos Academy eram assim — eles pensavam que sendo totais babacas fosse super legal. Tanto faz. Eu tinha zero interesse no Espartano dessa forma. Oh, Oliver era bonitinho o bastante com seu cabelo loiro arenoso, olhos verde floresta, pele bronze, e sorriso preguiçoso. E também Kenzie, com aquele lustroso cabelo preto e aqueles olhos escuros. Sem mencionar os óbvios músculos que os dois tinham e a esguia força que era tão evidente em seus corpos. O único problema era que os dois Espartanos não eram Logan Quinn.

Logan era aquele pelo qual eu estava interessada — mesmo se ele já tivesse partido o meu coração no outono passado.

Pensar no meu estúpido, inútil, não retribuído sentimento por Logan acidificou meu já temperamento irritável, e eu espreitei ao outro lado do colchão em direção a minha espada.

O ginásio da Mythos Academy era cerca de cinco vezes o tamanho de um ginásio comum, com o teto que disparava várias centenas de metros acima da minha cabeça. De algumas maneiras, era completamente normal. Pôsteres brilhantes indicando todos os vários campeonatos da academia em esgrima, tiro ao arco e flecha, natação, e outro esporte froufrou, suspensos por vigas, enquanto que arquibancadas de madeira se projetavam a partir de duas das paredes. Colchões cobriam o piso, escondendo a quadra de basquete de vista.

Mas então havia as armas.

Estantes e estantes delas estavam empilhadas contra a outra parede, indo para cima tão alto, que havia uma escada atada a um lado para chegar as armas nas prateleiras superiores. Todas elas afiadas e prontas para serem pegas e usadas pelos alunos, a maior parte dos quais tinham excepcional orgulho em mostrar sua valentia com as bordas afiadas e pontiagudas.

As armas foram uma das formas em que Mythos Academy era tudo *menos* que o normal.

Eu alcancei minha espada, a qual ainda estava balançando para frente e para trás, me lembrando do metrônomo¹ do meu antigo professor de piano lentamente passando de um lado ao outro. Eu abaixei a mão, mas antes que eu pudesse puxar a espada para fora do colchão uma redonda protuberância prateada no cabo rompeu aberta, revelando um estreito, olho zangado.

— Outra sangrenta derrota —, Vic murmurou, seu desprazer dando até

¹ (O metrônomo é um relógio que mede o tempo (andamento) musical.)

mesmo mais pungência ao seu sotaque Inglês. — Gwen Frost, você não poderia matar um Ceifador para salvar a sua sangrenta vida.

Eu estreitei meus próprios olhos e olhei para Vic, esperando que ele entendesse a mensagem de *cale a boca agora* antes que Logan e os outros o ouvissem. Eu não queria informar o fato que eu tinha uma espada falante. Eu não queria informar muitas coisas sobre mim. Não na Mythos.

Da parte dele, Vic olhou bem atrás de mim, seu olho em uma curiosa cor que era algo entre roxo e cinza. Vic não estava vivo, não exatamente, mas eu vim a pensar nele dessa forma. Vic era uma espada bastante simples – uma longa lâmina constituída de metal prateado. Mas o que fazia a espada dar a impressão de ser, bem, humana para mim, era o fato que o cabo estava moldado como metade de um rosto de homem, completo com um nariz, uma orelha, uma boca, e um redondo, olho esbugalhado. Juntando tudo, parecia como se uma pessoa de verdade tivesse de alguma forma sido encerrada ali dentro no cabo de prata. Tudo isso contribuía para Vic, o que ou quem ele realmente fosse.

Bem, isso e sua atitude sanguinária. Vic queria matar coisas – Ceifadores, especificamente. *Até nós dois estarmos banhados em sangue e famintos por mais!* Ele cantou para mim mais do que uma vez quando eu estava sozinha no meu quarto no dormitório praticando com ele.

Por favor. As únicas coisas que eu podia matar facilmente eram insetos. E até mesmo apenas os pequeninhos. Os grandes rangiam muito e me fazia sentir completamente culpada e enojada. Fazendo o mesmo com Ceifadores do Caos, alguns vilões sérios, estava *totalmente* fora de questão.

— O que você vai fazer quando um Ceifador de verdade atacar você? — Vic exigiu. — Correr e esperar que ele não te persiga?

Realmente, isso soou como um excelente plano para mim, mas eu sabia que Vic não veria isso dessa forma. Nem veriam Logan, Kenzie, ou Oliver, uma vez que os caras eram totalmente Espartanos, descendentes de uma longa linhagem de mágicos, mitológicos guerreiros. Matar coisas era tão natural quanto respirar para eles. Isso era o que eles eram treinados a fazer desde o nascimento, junto com todos os outros garotos na academia.

Pela maior parte, os caras na Mythos ou eram Vikings ou Romanos, enquanto que as garotas eram Valquírias ou Amazonas. Mas toneladas de outros tipos de guerreiros anciões participavam da academia, todos de Samurais a Ninjas, aos Celtas e aos Espartanos na minha frente.

Matar definitivamente *não* era natural para mim, mas eu fui empurrada para dentro desse mundo maluco no início do ano escolar passado. Foi quando eu comecei a frequentar a Mythos pela primeira vez, depois de um sério lapso de loucura com minha magia Cigana, anteriormente na minha antiga escola pública. Agora a academia – com todos os seus gênios de garotos guerreiros, amedrontava vilões Ceifadores, monstros mitológicos, e um zangado, vingativo deus – era o lugar que eu apenas não podia escapar, sem importar o quanto eu teria gostado.

Especialmente desde que havia uma deusa contando comigo para fazer algo sobre todas as coisas ruins, bem ruins ali fora no mundo – e sobre aqueles escondidos aqui no campus.

— Cale a boca, Vic — eu rosnei, puxando a espada livre do colchão.

Eu senti a boca de Vic mover debaixo da minha palma como se ele fosse me dar mais alguma resposta malcriada, mas então ele soltou um audível *harrumph* e seu olho estalou fechado. Eu suspirei novamente. Agora, ele estava em um dos seus *estados de espírito*, o que significava que eu ia ter que persuadi-lo a abrir seu olho e falar comigo novamente mais tarde naquele dia. Talvez eu ligasse a TV do meu quarto no dormitório e veria se houvesse algum tipo de filme de ação-aventura passando. Assistir aos vilões serem castigados, sempre pareceu tirar Vic de um dos seus embaraços, e quanto mais sangrento o filme, mais ele gostava.

— Com quem você está falando, Gwen?

A voz de Oliver Hector soou bem ao meu lado, e eu tive que apertar meus lábios para impedir de gritar de surpresa. Eu não tinha ouvido o Espartano aparecer atrás de mim.

— Ninguém.

Ele me deu um olhar que disse que ele pensou que eu fosse uma completa maluca, então ele sacudiu sua cabeça. — Vamos. Logan quer que você pratique tiro ao alvo a seguir.

Eu olhei ao redor, mas Logan tinha desaparecido enquanto eu estive conversando com Vic. E também tinha Kenzie Tanaka. Eles provavelmente foram pegar uma bebida energética em uma das máquinas automáticas do lado de fora do ginásio, me deixando sozinha com Oliver. Ótimo.

Até mesmo mais rabugenta do que antes, eu espreitei atrás de Oliver até o outro lado do ginásio, onde um alvo de tiro tinha sido colocado. O Espartano seguiu para uma das prateleiras de armas enquanto eu continuei indo em direção as arquibancadas.

Nós quatro tínhamos largado nossas mochilas nas arquibancadas quando nós entramos no ginásio pela primeira vez as sete nessa manhã. Eu apenas estava indo à Mythos há alguns meses. Agora, eu estava lutando para recuperar o atraso, o que significava me carregando até o ginásio toda manhã para uma hora de trabalho puxado com Logan e seus amigos antes que minha aula habitual começasse.

De todos os jovens da academia, os Espartanos eram os melhores guerreiros, e Professora Metis tinha pensado que eles poderiam me açoitar para entrar em forma em pouco tempo. Não estava funcionando dessa forma, entretanto. Eu só não era um material de guerreiro, sem importar o que algumas pessoas – incluindo uma deusa – pensavam.

Eu deslizei Vic para dentro da sua bainha de couro preta e o coloquei em um dos bancos, para que ele não caísse. Eu já tinha derrubado a espada bastante vezes hoje. Então, eu estendi a mão dentro da minha bolsa carteiro cinza procurando por um espelho ou escova de cabelo, para que eu pudesse colocar meu cabelo para trás em um apertado, sucinto rabo de cavalo, uma vez que ele tinha se desfeito enquanto eu estava duelando com Logan.

Eu apertei meus olhos com o meu reflexo no liso vidro. Ondulado cabelo castanho, pele branca de inverno pontilhada aqui e ali com poucas sardas, e olhos que eram de uma estranha tonalidade de roxo. *Olhos violetas são olhos sorridentes*, minha mãe sempre tinha dito. Eu pensei como facilmente Logan tinha chutado o meu traseiro enquanto nós estávamos treinando. Não, eu não estava sorrindo sobre qualquer coisa essa manhã.

Quando eu terminei de fixar meu cabelo, eu coloquei o espelho e a escova de volta para dentro da minha bolsa e a lancei em cima do banco. No processo, minha bolsa bateu na de Oliver e derrubou a dele no chão por que eu era apenas esse tipo de total, descoordenada desajeitada. E claro a parte de cima da sua mochila se abriu, e todos os tipos de coisas se espalharam, caindo sobre o colchão. Canetas, lápis, livros, seu iPod, um laptop, algumas prateadas adagas de lançamento.

Suspirando, eu fiquei de joelhos e comecei a recolher tudo de volta para dentro da sua mochila, com cuidado ao usar a beirada da minha manga para que não realmente tocasse em nada com meus próprios dedos. Eu não tinha desejo de ver o funcionamento interno da mente de Oliver Hector, mas era isso o que aconteceria se eu não fosse cuidadosa.

Eu consegui colocar tudo de volta na sua mochila exceto pelo grosso caderno

vermelho. Um par de argolas de metais tinha se entortado, e elas enroscavam no tecido toda a vez que eu tentei deslizar o livro de volta para dentro da mochila onde ele pertencia. Eu só não tinha uma manga longa o bastante para dobrar todo o metal para baixo, e eu não conseguia um bom agarre com o suave algodão de qualquer maneira. Desesperada, eu segurei o metal com minha manga, para que eu não arranhasse minha pele, então agarrei a parte inferior do caderno com minha mão nua.

As imagens me atingiram no segundo em que meus dedos tocaram na capa vermelha.

Uma imagem de Oliver saltou dentro da minha cabeça, uma do Espartano inclinando-se sobre a mesa no seu quarto no dormitório e escrevendo no caderno. Uma por uma, as imagens piscaram, dando-me uma condensada, versão em alta definição de Oliver alternadamente rabiscando, desenhando, e escrevendo furiosamente no seu caderno. Depois de alguns segundos, o sentimento se assentou, e eu comecei a experimentar as emoções de Oliver, também. Todas as coisas que ele sentiu quando estava escrevendo no seu caderno. O maçante tédio de fazer trabalho de casa, a irritante frustração de tentar entender alguns dos complicados deveres, e então, surpreendentemente, uma suave, efervescência sonhadora que aqueceu todo o meu corpo –

— O que você está fazendo? Isso é meu —, Oliver rompeu em uma áspera voz.

Eu sacudi as imagens e sentimentos para fora, e olhei para cima. O Espartano estava de pé em cima de mim, suas feições apertadas e oprimidas.

— Desculpa —, eu estalei de volta. — Eu não achei que um cara como você seria tão protetor com seu caderno. O que está aqui dentro que é tão super secreto? Uma lista de todas com quem você dormiu? Deixe-me adivinhar. Você não quer que eu saiba com quem você esteve transando. Você mesmo quer dizer a todos, por que isso é o que todos os caras na Mythos fazem – vangloriam-se sobre suas estúpidas conquistas, certo?

O rosto de Oliver realmente se empalideceu com as minhas palavras. Sério. Ele apenas ficou branco de choque. Por um segundo, eu me perguntei por que, mas então eu percebi que ele deve ter ouvido sobre minha psicometria – sobre minha magia.

Eu não era uma guerreira como os outros jovens na Mythos – não exatamente – mas eu não era completamente inapta de habilidades. Eu era uma Cigana, uma

pessoa dotada com magia por um dos deuses. No meu caso, essa magia era a psicometria, ou a habilidade de tocar um objeto e imediatamente saber, ver, e sentir sua história.

Meu dom Cigano, minha psicometria, realmente era mais legal – e um pouco assustadora – do que ela parecia. Eu não apenas podia ver quem uma vez tinha usado um bracelete ou lido um livro, sem importar quanto tempo atrás isso tinha sido, mas eu também podia sentir as emoções dessa pessoa. Tudo o que ela esteve pensando, sentindo, e experimentando quando ela esteve usando aquele bracelete ou lendo aquele livro. Algumas vezes tudo o que ela já sentiu, viu, ou fez ao longo de toda a vida, se seu envolvimento com o objeto fosse bastante forte. Eu podia dizer se uma pessoa era feliz ou triste, boa ou má, esperta ou burra, ou uma centena de outras coisas.

Minha magia me permitia saber os segredos das pessoas – me permitia ver e sentir todas as coisas que eles mantinham escondidas dos outros e até mesmo deles próprios algumas vezes. Todas essas conflituosas emoções, todas as coisas espertas que eles fizeram, todas as coisas que eles apenas sonharam em fazer nas mais profundas, sombrias partes dos seus corações.

Talvez fosse obscuro e distorcido da minha parte, mas eu gostava de saber dos segredos das outras pessoas. Eu gostava do poder que o conhecimento me dava, especialmente uma vez que eu não tinha nenhuma das cruéis e legais habilidades de luta que os outros jovens na Mythos tinham. Saber os segredos das outras pessoas era um tipo de obsessão minha – uma que quase me conduziu a ser morta há poucas semanas atrás.

Essa também era a razão que eu segurava o caderno de Oliver agora. Eu totalmente esperava o tédio e a frustração que eu senti. Elas eram duas emoções que eu senti muitas vezes antes quando eu toquei os cadernos dos outros alunos, os computadores, canetas, e todos os outros habituais corriqueiros objetos que eles usavam para fazer seus trabalhos de escola.

Mas aquele caloroso, suave, efervescente sentimento? Nem tanto. Eu sabia o que era isso, contudo: amor. Ou ao menos gostar – gostar *seriamente*. Oliver tinha uma grande, grande paixonite por alguém, o suficiente para escrever sobre essa pessoa no seu caderno, e eu queria saber quem era. Uma vez que, você sabe, segredos, eram minha própria forma de crack.

Eu me concentrei no caderno novamente, naquele suave, efervescente, sentimento esperançoso, e uma imagem nebulosa começou a se formar na minha

mente, alguém com cabelo escuro, cabelo preto —

— Eu disse que era meu —, Oliver rosnou, arrancando o caderno da minha mão e quebrando minha conexão com ele.

A imagem meio-formada abruptamente desapareceu, junto com aquela calorosa, efervescente sensação. Meus dedos agarraram o caderno, mas eu só encontrei o ar vazio. Outro segundo, e eu teria visto quem era a misteriosa paixão de Oliver. Mas o Espartano suspendeu o caderno para fora do meu alcance, então agarrou sua mochila e empurrou o caderno dentro dela. Ele estava com tanta pressa que ele rasgou a lateral do tecido da mochila. Oliver olhou acima para mim, para ver se eu tinha percebido.

Eu sorri amplamente para ele da mesma convencida, esperta maneira que ele tinha sorrido para mim há poucos minutos atrás, quando ele estava zombando da minha T-shirt. O rosto de Oliver escureceu.

— O que vocês dois estão fazendo? — Kenzie perguntou, saindo de uma das portas laterais e bebendo de uma garrafa de água na sua mão.

— Nada —, Oliver murmurou, disparando-me outro olhar frio.

Eu rolei meus olhos e o ignorei. Desde que eu vim para a Mythos, eu quase fui executada com uma espada e espancada à morte por um gatinho assassino. Olhares vis não mais me perturbavam.

— Onde está Logan? — eu perguntei.

— Ele voltará em um minuto. Ele disse para começarmos sem ele —, Kenzie disse, seus olhos pretos agitando-se para frente e para trás entre mim e Oliver, se perguntando o que estava acontecendo.

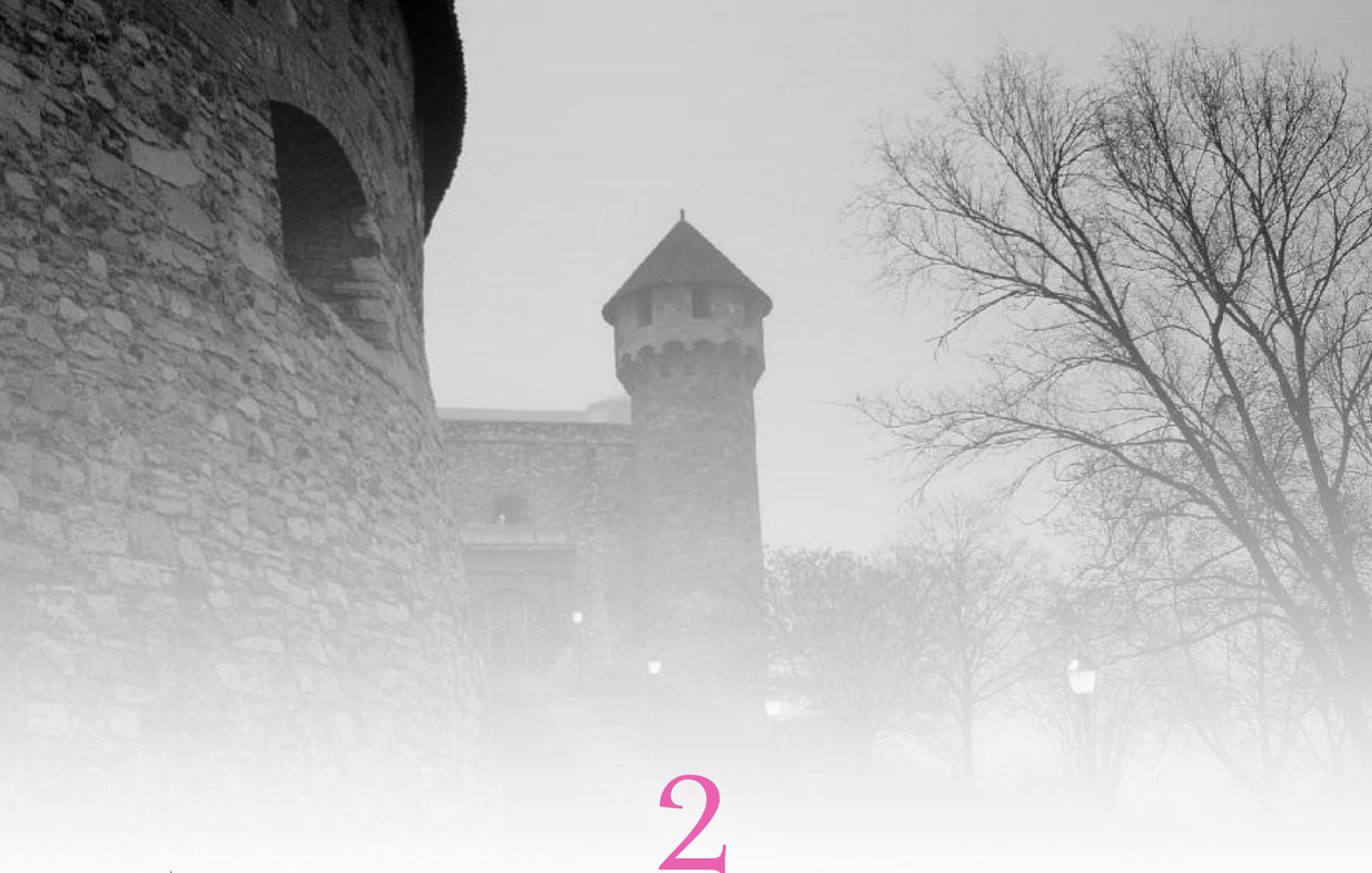
Oliver se virou e espreitou até a outra extremidade das arquibancadas, levando sua mochila com ele. Kenzie me deu outro olhar curioso, então foi até Oliver. Os dois começaram a conversar em baixa voz, com Oliver ainda olhando na minha direção.

O Espartano claramente estava zangado comigo por tocar no seu precioso caderno e provocá-lo sobre quem poderia ser sua misteriosa paixão. Tanto faz. Eu não me importava com o que Oliver pensava de mim. Além disso, ele começou com isso ao fazer piada da minha T-shirt. Eu podia não saber como atirar uma espada, mas eu podia lançar adagas verbais com o melhor delas.

Depois de cerca de um minuto conversando, Kenzie e Oliver se separaram. Eles dois seguiram em direção ao alvo de tiro, e Kenzie gesticulou para eu segui-los. Aparentemente, eu não os tinha irritado o bastante para fazê-los esquecer

sobre o resto da nossa sessão de treinamento. Muito ruim.

Suspirando, eu fiquei de pé, pronta para mostrar aos Espartanos que eu era uma droga tanto usando um arco quanto eu era balançando uma espada.



2

THWANG!

Pela quinta vez em muitas tentativas, minha flecha debilmente bateu contra o alvo, depois ricocheteou e caiu no chão do ginásio.

— Não, não, não —, Kenzie disse, negando com sua cabeça. —

Quantas vezes eu tenho que lhe dizer? Usar um arco é justo como usar uma espada. Você não pode ter medo dele, Gwen. Você tem que puxar a corda para trás e deixar a flecha ir como se você realmente quisesse. Por outro lado, você não obterá poder bastante para fazer a sua flecha atravessar o seu alvo.

— É, Gwen —, Oliver recortou. — Você quer matar Ceifadores, não fazê-los morrer de rir de você.

Eu ignorei o falso comentário de Oliver, foquei no conselho de Kenzie, e soprei uma mecha de cabelo para fora do meu rosto. — Poder. Querer isso. Certo.

Eu estava praticando pelos últimos quinze minutos com um longo, curvo arco, enquanto os Espartanos tinham observado e bramido conselhos.

Surpreendentemente, minha mira era decente o suficiente para me deixar atingir a borda externa do alvo, mas eu ainda não tinha realmente tido uma flecha enfiada nele. Todas elas continuavam ricocheteando. Kenzie afirmou que era por que eu não estava puxando a corda para trás longe o bastante e dando a flecha força o suficiente para penetrar o alvo. Eu achei que fosse por que eu era somente tão ruim em arco e flecha quanto eu era em luta com espada. Eu tinha boas notas. Por que eu tinha que ser coordenada, também?

— Aqui —, Kenzie disse, me entregando outro arco. — Vamos tentar novamente.

Kenzie sacudiu sua cabeça para Oliver, quem riu silenciosamente. Eu suspirei e coloquei a flecha no arco.

Uma das portas do ginásio guinchou aberta, e Logan entrou de volta. Mas ele não estava sozinho – Savannah Warren estava com ele.

Savannah era uma deslumbrante Amazona, com intensos olhos verdes e uma juba de cabelo vermelho que brilhava descendo suas costas em um pôr do sol de cachos. Ela também aconteceu de ser o corrente arrocho de Logan – uma de uma longa, longa fila se você acreditava na fofoca pelo campus.

Logan tinha uma reputação por ser um dos residentes homem-vadia na Mythos Academy – o tipo de cara que garotas apenas não podiam resistir e não realmente queriam de qualquer maneira. Ele certamente parecia como um verdadeiro com seus perfurantes, olhos azuis gelados; espesso, cabelo de cor preta; e corpo musculoso. Ele praticamente escorria charme bad-boy, mesmo quando usando uma T-shirt e calças de moletom como ele estava agora. Um dos rumores que tinham vindo pelo campus no outono passado era que Logan assinava os colchões de cada garota com quem ele dormiu na Mythos, só assim ele poderia mantê-las todas em ordem.

Logan estava no vão da porta do ginásio, sorrindo para Savannah. A Amazona brincava com a camisa dele, deslizando sua mão para frente e para trás sobre o esculpido peito dele. Meus dedos se apertaram ao redor do arco, e um feio, raivoso ciúme queimou no fundo do meu estômago.

Logan e eu quase tivemos uma – uma *coisa* umas poucas semanas atrás. Um momento assustador. Tudo bem, vários momentos. O Espartano tinha entrado no hábito de salvar minha vida, primeiro um gatuno de Nemean tinha tentado me transformar em nepenta², e depois mais tarde quando uma Valquíria quis me

² (nepenta é uma erva perene, da família do hortelã. Os gatos tem uma atração natural por essa planta)

matar por estragar seus planos malvados. Com charme bad-boy eu podia lidar, mas salvar minha vida? Duas vezes? Isso era um pouco mais difícil de se esquecer. Eu tinha me apaixonado solidamente por Logan como resultado, até mesmo indo tão longe como pedi-lo para sair.

Ele me dispensou curto e grosso.

Logan tinha afirmado que eu não sabia do que Espartanos realmente eram capazes, que eu não sabia do que ele era capaz, e que *ele* não era o herói que eu pensei que ele fosse.

Tanto faz. Se ele não gostasse de mim, ele podia apenas ter dito isso. Ao invés disso, ele me deu uma desculpa qualquer que ele tinha um profundo, sombrio segredo que iria me afastar. Eu uma vez tinha pego a escova de cabelos de uma garota e tinha visto o seu padrasto abusando-a sexualmente. Eu estava disposta a apostar que o segredo de Logan não era nem de perto tão horrível quanto esse, mas nada que eu disse o tinha convencido do contrário. Nada que eu disse o tinha convencido para dar uma chance para mim – para *nós*.

— Gwen? Você quer disparar essa flecha alguma hora hoje? — Kenzie disse.
— Nós temos apenas quinze minutos de tempo de treino restando.

— Claro —, eu murmurei, virando em direção ao alvo.

A suave gargalhada de Savannah escorregou ao outro lado do ginásio, fazendo minha raiva queimar um pouco mais quente. Se eu tivesse sido uma Valquíria, como minha melhor amiga, Daphne Cruz, magia de faíscas rosadas de princesa teriam sido disparadas para fora dos meus dedos. Era isso o que acontecia se Daphne ficasse irritada sobre alguma coisa – e eu estava completamente irritada comigo mesma nesse momento por ainda me importar com Logan quando ele fazia perfeitamente claro que ele não sentia a mesma coisa por mim.

Eu ergui o arco acima do olho e espiei por baixo na extensão do alvo. Parte de mim estava pensando em Logan, mas a outra parte estava pensando em Daphne e como ela teria se virado e colocado uma flecha na bunda do Espartano de toda a extensão do outro lado do ginásio. Daphne era ótima com um arco. De fato, ela era um dos melhores disparos na Mythos e a capitã do time feminino de tiro ao alvo. Uma imagem tremulou na minha mente então, uma de Daphne usando seu arco, ao invés de mim...

— A qualquer momento agora, Gwen —, Kenzie disse em uma voz impaciente.

— É, vamos, Gwen, enquanto nós ainda somos jovens —, Oliver zombou.

Minha raiva incendiou a um nível de supernova com o sarcástico tom de Oliver, tanto que eu não pensei – eu só soltei.

THUNK!

A flecha atingiu o centro do alvo – perfeitamente no meio dos olhos pretos do touro³. E dessa vez ela ficou ali ao invés de ricochetear e cair no chão.

Ao meu lado, Kenzie piscou. — Como você fez isso?

Eu franzi o cenho. — Eu não sei.

Eu realmente não sabia. Sim, eu podia ter atingido o alvo durante todo o tempo, mas apenas a extremidade externa, e nenhuma das minhas outras flechas jamais tinha se aproximado de se prender. Mas essa? Ela tinha praticamente *espetado* o alvo, com apenas a metade traseira do dardo agora visível.

— Bem, o que quer que você esteve fazendo, faça de novo —, Kenzie disse, passando-me outra flecha.

— Se você sequer puder —, Oliver opinou.

Eu coloquei outra flecha no arco e tentei me lembrar o que eu tinha acabado de fazer. Eu estava pensando sobre Daphne, claro, mas pareceu mais do que isso. Quase tinha parecido como se eu estivesse... canalizando com ela de alguma forma. Ou ao menos minhas memórias dela.

Minha psicometria me permitia lembrar cada única pessoa e cada único objeto que eu já toquei. Uma vez que eu tivesse os flashes de alguém ou algo, aquelas vibrações, sensações, e emoções se tornavam parte de mim. Eu podia pensar sobre essas memórias e invocá-las a minha vontade, repassando as imagens repetidamente na minha cabeça com perfeita cor, imagem, e som cada única vez. Isso era uma das coisas legais sobre minha magia. Mas o outro lado da moeda disso e uma das coisas não-tão-legais era que algumas memórias apenas saiam de algum lugar e inundavam minha mente quer eu as quisesse ou não. De qualquer forma, era como ter uma memória fotográfica, apenas um pouco mais assustadora – especialmente devido a algumas das coisas ruins, bem ruins que eu vi.

Mas elas não eram realmente minhas memórias. Quando eu soltei a flecha, eu estava pensando sobre as memórias de Daphne, o que ela fazia e como ela se sentia. Eu peguei o arco dela no seu quarto no dormitório na semana passada e obtive um monte de flashes da Valquíria competindo em vários torneios de tiro ao alvo.

Eu pensei sobre Daphne novamente, dessa vez realmente focada nela,

³ (seria algo como “na mosca”)

imaginando-a em uma das competições – como ela segurava seu arco, como ela alinhava sua flecha e puxava a corda, a excitação elétrica da vitória que ela sentia cada vez que sua flecha atingia o alvo central. Então eu ergui o arco e concentrei no meu próprio tiro.

Mais uma vez, minha própria flecha zuniu direto para o centro do alvo.

— Tudo bem —, Kenzie disse, aplaudindo. — Parece que nós finalmente estamos progredindo com algo.

Ele sorriu para mim, e eu retribui o seu sorriso, mesmo embora eu pudesse ver Oliver franzindo o cenho atrás dele. Eu ainda não entendia exatamente o que tinha feito, como eu usei as memórias de Daphne para me ajudar, mas ao menos eu tinha atingido o alvo novamente. Sim, era meio que estranho, mas de uma boa maneira. Certamente era melhor do que muitas coisas que eu experimentei desde que vim para a academia.

Eu me virei para ver se Logan tinha percebido meu sucesso – e o vi dando um beijo francês em Savannah no vão da porta do ginásio. A Amazona tinha seus braços ao redor do pescoço dele, e Logan tinha os dele ao redor da cintura dela, puxando-a até mesmo mais perto dele. Eles se beijaram por alguns segundos antes de Savannah se afastar. Ela agarrou a frente da camisa de Logan e o arrastou para fora do ginásio. Eu não sabia para onde eles estavam seguindo, mas era óbvio o que eles estavam indo fazer – esgueirar-se para uma sessão de sexo antes das aulas matinais começarem.

Fria, amarga, dolorida mágoa congelou o meu coração, perfurando-o da forma que minha flecha perfurou o alvo alguns segundos atrás.

— Gwen? — Kenzie perguntou, sua voz suave e gentil.

Pela primeira vez, até mesmo Oliver estava silencioso, ao invés de me provocar com alguma observação farpada.

Nem todos na academia sabiam sobre minha massiva paixão por Logan, mas não havia dúvidas que se tornou dolorosamente evidente para Kenzie e Oliver, uma vez que eles me observaram treinar com Logan por semanas agora. E mais, eles tinham acabado de ver minha reação a ele me deixando para trás para combater com a língua em outra garota.

— Eu estou bem —, eu estalei, odiando o fato de que eles sabiam quanto eu me importava por Logan, odiando o fato de que eu ainda me sentia dessa forma em primeiro lugar. — Vamos continuar praticando.

Kenzie me entregou outra flecha. Ele não disse uma palavra. Nem Oliver

disse.

Ainda canalizando as memórias de Daphne e minha própria raiva, eu coloquei cinco flechas a mais no alvo central do alvo antes do tempo de treinamento acabar.

— Você *tem* que vir ao Carnaval de Inverno, Gwen. É uma tradição na Mythos Academy. *Todos* estarão lá.

Eu ignorei Daphne e apunhalei outro minúsculo pedaço de fruta em uma delicada vasilha chinesa branca na minha frente. A fruta era de uma duvidosa cor alaranjada, com uma estranha, forma pontiaguda. Definitivamente não um kiwi. Talvez uma carambola? Eu a trouxe para cima ao meu nariz e cheirei, mas tudo o que eu pude cheirar foi o forte, cheiro doce penetrante da calda de mel-baunilha-limão. A estranha fruta não parecia como se fosse me matar se eu a comesse. Então novamente, muitas coisas na academia pareciam muito mais legais do que elas realmente eram.

Do meu outro lado, Daphne cortou outro pedaço delicado de um omelete de ovo branco coberto com pedaços de fresca lagosta amanteigada; espinafre sauté; e espessas migalhas de queijo Feta. A Valquíria estava realmente comendo lagosta de café da manhã – e aproveitando cada única mordida dela. Eca.

Lagosta era realmente uma das coisas domesticadas servidas no refeitório. Caviar, escargot, e vitela estavam dentre as ofertas diárias de café da manhã, almoço, e jantar, junto com toneladas de outras extravagantes, comidas froufrou. Até mesmo os pratos comuns – como lasanha, frango frito, ou a salada de frutas que eu estava comendo – sempre apresentavam ingredientes esquisitos, estranhos molhos, e bizarras coberturas. Mas os outros jovens amavam todas as exóticas comidas, uma vez que eles cresceram comendo as caras entradas com seus pais obscenamente ricos. Os alunos da Mythos esquetejavam caracóis da maneira que os garotos da minha antiga escola pública tinham inalado pizzas, frangos fritos, e grossos hambúrgueres.

A falta da simples, *identificável*, comida normal era uma das coisas que eu odiava no refeitório – e uma das muitas coisas que eu odiava sobre a Mythos

Academy em geral.

— Gwen? Você está me escutando? — Daphne estalou seus dedos na frente do meu rosto, causando faíscas rosadas de magia flutuando ao nosso redor como minúsculos vaga-lumes.

— Eu não tenho que escutar —, eu disse, abaixando meu garfo na tigela e a empurrando, e a misteriosa fruta, para longe. — Tudo o que você esteve falando cerca das duas últimas semanas é essa fuga de final de semana onde todos os alunos estão convidados.

— Não apenas qualquer fuga —, Daphne disse. — *Carnaval de Inverno*. Confie em mim. Esse é um dos melhores eventos do ano.

— Por quê? — eu resmunguei. — Por que todos conseguem ir em algum resort de esqui extravagante por um final de semana, onde eles podem beber, fumar, e fazer sexo com restrita interferência dos professores?

Daphne riu, seus olhos pretos brilhando com excitação.

— Exatamente.

Eu não vi como o carnaval seria algo diferente do que acontecia na academia nos dias básicos, mas eu não disse nada. Todos os jovens podiam estar na Mythos e supostamente aprender como lutar e usar suas magias para ajudar a proteger o mundo, mas eles gostavam de festa pesada enquanto eles faziam isso. Dado ao fato que os pais de todos eram obscenamente, obscenamente ricos, eles podiam facilmente se dar ao luxo. Aparentemente, de volta naquele dia, todos os vários deuses e deusas tinham recompensado seus guerreiros com ouro, prata, e diamantes do tamanho do meu punho. A fortuna tinha escorrido e multiplicado através de gerações, o que era por que os alunos na Mythos tinham o melhor de tudo, desde roupas de marca a caros carros e joias personalizadas e armas.

De volta na minha antiga escola, uma festa seria uma embalagem com seis *keep coolers* que a irmã da faculdade de alguém tinha comprado na astúcia. Aqui na Mythos, os jovens cujos pais eram donos de viniculturas Dionisiacas enviavam para *eles* caixas da coisa.

— Vamos lá —, Daphne adului. — Eu precisarei de alguém para segurar para trás o meu cabelo enquanto eu coloco meus bofes para fora. Algumas das festas podem ficar muito selvagens.

Eu ergui minha sobrancelha. — Muito selvagens para uma poderosa Valquíria não poder lidar com tudo sozinha?

Daphne sorriu novamente. Eu bufei.

Como os outros jovens na Mythos, Daphne Cruz era uma ótima-grande-tanto-faz descendente de um guerreiro ancião. Oh, ela parecia apenas como outra rica, mimada princesa, com seu liso, cabelo dourado; perfeita pele âmbar; caro suéter de cashmere rosa; e até mesmo a mais cara bolsa rosa combinando. Daphne definitivamente era uma menina feminina, mas ela igualmente vinha a ser uma Valquíria também, o que significava que ela era incrivelmente forte. Sério. Como a força do Hulk. Daphne poderia ter arrebentado a mesa que nós estávamos sentadas com suas próprias mãos e nem sequer quebrar uma unha fazendo isso.

Valquírias também tinham magia, por isso todas as faíscas chamejando ao nosso redor e em outros locais no refeitório onde as garotas estavam sentadas. Toda vez que as unhas, com manicure francesinha, de Daphne raspavam contra algo ou ela ficava particularmente sensível, pequenas faíscas rosadas de princesa disparavam dos seus dedos e preenchiam o ar. Daphne tinha me dito uma vez que seus dedos eram como estrelinhas do Quatro de Julho. Eu não me incomodava com os estalos e flashes de cor, entretanto. Sentar próximo a ela era como estar perto de um arco-íris. Bem, se arco-íris fossem rosa sólido. E volátil. Algumas vezes o temperamento de Daphne se inflamava quase tanto quanto as faíscas.

A magia de Daphne não tinha vivificado, ou manifestado ainda, mas uma vez que fizesse, ela teria até mesmo mais poder. Valquírias tinham todo o tipo de habilidades mágicas, como serem capazes de curar pessoas, controlar o tempo, e até mesmo criar ilusões.

Eu estremei. Eu aprendi esse último da maneira difícil algumas semanas atrás, quando Jasmine Ashton, outra das ricas princesas Valquírias na Mythos, tinha convocado uma ilusão de um gatuno de Nemean para tentar me matar. Se você acredita em uma ilusão, ela pode ferir você – até mesmo matar você – apenas como a coisa real. O gatuno – um grande, preto, monstro parecido como uma pantera – teria me rasgado em pedaços se Logan não tivesse apunhalado-o a morte, provocando que a ilusão desaparecesse.

Talvez eu tivesse meu próprio distorcido poder hoje, por que assim que eu pensei em Logan, ele pisou através da porta do refeitório – com Savannah bem ao seu lado. Sem dúvida Logan tinha vindo aqui para agarrar algum café da manhã antes das aulas começarem, apenas como eu. O Espartano tinha tomado banho e se trocado desde que eu o tinha visto pela última vez do ginásio, e seu cabelo preto ainda estava úmido. Ele trocou sua T-shirt e calça de moletom por jeans com lavagem ácida, um suéter azul, e uma jaqueta de couro preta que delineava seus

ombros musculosos. Ele pareceu totalmente sexy.

Eu observei Logan serpentear seu caminho através do refeitório, passando as pinturas a óleo de várias festas mitológicas que cobriam as paredes, e as lustrosas armaduras que ficavam de guarda ao pé delas. Ele conduziu Savannah para uma mesa não muito longe de onde Daphne e eu estávamos sentadas. Como todas as outras, a mesa estava coberta com toalhas creme de linho, elegante porcelana chinesa, e um pesado vaso de cristal cheio de papoulas frescas, jacintos e narcisos.

A mesa também tinha a vantagem de estar bem ao lado do jardim interno a céu aberto que ficava no meio do refeitório. Vinhas de uvas torcidas através da área, enrolando-se além, ao redor, e algumas vezes através dos grossos galhos de oliveiras, laranjeiras, e amendoeiras, plantadas no solo preto ali. Estátuas de mármore de Demeter, Dionísio, e outros deuses e deusas podiam ser vistos em vários pontos no jardim, suas cabeças voltadas para fora e seus olhos abertos, como se eles estivessem observando os alunos comerem a recompensa das colheitas que eles representavam.

Logan e Savannah podiam muito bem estar comendo em um restaurante romântico. O ambiente era muito o mesmo – especialmente dada a forma sonhadora que os dois olhavam os olhos um do outro.

Daphne percebeu que eu não estava mais prestando atenção nela e se virou para ver o que eu estava olhando. Seu bonito rosto suavizou-se com o simpático conhecimento, o que me fez sentir até mesmo pior.

— Eu mencionei que não são apenas os alunos da Mythos que estarão no carnaval? — Daphne perguntou. — Muitos alunos da academia de Nova Iorque estarão ali também.

Eu pisquei. — Há mais academias ali fora? Eu pensei que essa fosse a única escola para guerreiros.

— Oh, não. Há uma escola em Nova Iorque e uma em Denver. Paris, Londres, Atenas – há muitas filiais da Mythos ao redor do mundo, entretanto aquela aqui na Montanha Cipreste é a maior e melhor.

— Sério? Por que isso?

Daphne rolou seus olhos. — Por que é aquela que nós estamos, bobinha. E mais, nós temos a Biblioteca de Antiguidades. Nenhuma das outras filiais tem uma biblioteca como a nossa, especialmente não uma com tantos artefatos.

Na academia, alunos aprendiam sobre deuses, deusas, guerreiros, mitos, magia, e monstros de toda a cultura no mundo – Grega, Nórdica, Romana,

Japonesa, Chinesa, Nativa, Americana, Egípcia, Indiana, Russa, Irlandesa, Africana, e todos os outros ali fora. Eu imagino que fazia sentido que houvesse outras filiais, outras escolas, localizadas por todo o mundo.

— De qualquer forma —, Daphne disse. — Meu ponto é que haverá algum sangue novo lá. Alguns dos caras da academia de Nova Iorque são super bonitinhos. Eu mesma paquerei uns dois deles durante o carnaval do último ano. E mais, a maior parte dos seus pais tem mansões nos Hamptons, o qual é um ótimo lugar para ir nas pausas de primavera e verão.

— Caras bonitinhos, huh? — eu perguntei, ainda olhando para Logan.

— Toneladas deles —, Daphne prometeu. — Eu tenho certeza que nós podemos encontrar para você alguém pra ficar pelo final de semana. Alguém que faça você se esquecer de outras... coisas.

Eu suspirei. Tinham se passado semanas desde que eu chamei Logan para sair e ele me rejeitou, mas meus sentimentos por ele não tinham mudado nenhum pouco. Eu não sabia o que me faria esquecer o sexy Espartano, exceto por talvez uma total lobotomia.

— Então o que você diz, Gwen? — Daphne perguntou. — Você está pronta para se divertir?

Savannah lançou sua cabeça para trás e gargalhou de algo que Logan disse. O suave, feliz som seguiu ao outro lado da sala como uma lança, enterrando-se no meu crânio.

— Eu pensarei sobre isso —, eu prometi a minha melhor amiga.

Então, eu agarrei as minhas coisas, e parti do refeitório, para que eu não tivesse que ver o casal feliz tomar café da manhã juntos.



3

APESAR DO MEU TEMPERAMENTO ÁCIDO, o dia passou com a sua habitual mistura de aulas, leituras, e deveres de casa chatos. O último sinal soou depois do sexto período, e eu segui para o lado de fora, junto com os outros alunos.

Era o início de Dezembro, e eu puxei o meu casaco xadrez roxo um pouco mais apertado ao redor do meu corpo, tentando me manter aquecida. Mesmo embora fosse o meio da tarde, os raios do sol faziam pouco para penetrar as grossas, pesadas, nuvens cinzas que camuflavam o céu, e minha respiração congelou no ar, como um vapor de sincelos antes de fluir para longe ao chão. O inverno já tinha espalhado seu gelado cobertor sobre a Carolina do Norte para a estação. Era onde a academia se localizava, na Montanha Cipreste, um subúrbio enfiado em cima das montanhas acima da artística cidade de Asheville.

Você poderia dizer que Mythos era um lugar para garotos ricos apenas ao

andar pelo campus. Todos os prédios eram feitos de velha, escura, pedra cinza coberta com heras encaracoladas, e cada um dos perfeitos podados gramados ostentava uma espessa camada de grama, apesar do frio. E mais, o aberto quadrilátero que se dispunha no meio do campus parecia como algo que você veria em um panfleto de uma cara faculdade – muitas calçadas curvas de paralelepípedos; muitos bancos de ferro; muitas sombras de árvores.

De uma maneira, Mythos Academy era meio que uma faculdade, uma vez que os alunos variavam dos primeiros anos, que tinham dezesseis, seguindo todo o caminho acima até os garotos do sexto ano, que tinham vinte e um. Desde que eu tinha dezesseis, eu era uma aluna do segundo ano, o qual significava que eu tinha cerca de quatro anos e meio a mais para ir antes de me formar. Oh, deus.

O quadrilátero principal se espalhava como uma toalha de piquenique que tinha sido lançada sobre o topo da colina gramada com vista para o resto dos exuberantes estabelecimentos da academia. Eu pisei em direção a um dos caminhos de paralelepípedo acinzentado que conduziam abaixo aos quadriláteros inferiores, onde os dormitórios dos alunos e outros pequenos prédios adjacentes pontilhavam a paisagem. À minha volta, os outros alunos seguiam abaixo aos seus dormitórios ou de volta para cima na colina para atender quaisquer clubes pós-escola, esportes, ou atividades que eles estavam envolvidos. Não eu, entretanto. Eu não tinha me unido a nenhum clube, e eu não era coordenada o bastante para fazer qualquer esporte, especialmente não na Mythos. Todos eram muito mais rápidos, mais fortes, e mais durões do que eu era, graças aos seus genes anciões guerreiros e a magia que iam junto com eles.

Eu fiz uma rápida parada no meu dormitório – Styx Hall – para deixar Vic e alguns dos meus livros de escola antes de seguir para fora novamente. Ao invés de voltar acima para o quadrilátero principal, eu fui para a direção oposta em direção a extremidade do campus, e eu não parei de caminhar até eu alcançar a parede de pedra de três metros e meio de altura que separava a academia do mundo exterior. Um portão fechado esticava-se de um lado ao outro da entrada, com duas esfinges empoleiradas na parede em ambos os lados, encarando abaixo as barras de ferro pretas entre elas.

Meus passos desaceleraram, então parei completamente enquanto eu olhava acima para as estátuas. As esfinges estavam supostamente impregnadas com algum tipo de magia surreal, apenas pessoas que deveriam estar na academia – alunos, professores, e funcionários – podiam passar através do portão e sobreviver

dos atentos olhos das esfinges. Eu não sabia exatamente o que aconteceria se alguém tentasse forçar o seu caminho debaixo das lisas fachadas de pedras – algo velho e violento que poderia entrar em erupção a qualquer momento e me devorar se eu fizesse muito como respirar errado.

Mas sempre pareceu como se houvesse um buraco quando se tratava de magia, e com as esfinges, era o fato de que elas foram desenhadas para manter Ceifadores do lado de fora – mas não os alunos dentro. Tinha sido o que Professora Metis me disse, e eu acreditei nela, uma vez que as criaturas não tinham ganhado vida e me arranhado à morte até agora. Mesmo assim, sempre me levou um momento para aspirar coragem bastante para ousar deslizar passando por elas.

Eu olhei ao redor, mas ninguém mais estava à vista aqui na extremidade do campus, o que era apenas da maneira que eu queria. Eu inalei, então avancei adiante, virando de lado, encolhi meu estômago, e deslizei atravessando um espaço entre as barras de ferro. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas eu podia sentir os olhos sem pálpebras das esfinges em mim, rastreando cada desajeitado movimento meu e respiração superficial. Apenas levou um segundo para deslizar para fora ao outro lado do portão, mas pareceu muito mais demorado que isso. Eu não olhei de volta para as estátuas. Uma coisa era suspeitar que houvesse algo no interior da pedra me observando – outra coisa era vir por mim mesma.

Alunos não deveriam partir dos solos da academia durante a semana, uma vez que, você sabe, nós todos deveríamos estar estudando, treinando, e coisas assim. Era provavelmente por que eu sentia como se as esfinges estivessem olhando para mim, mas eu não me importava. Me esgueirar para fora do campus era uma infração muito menor comparada com algumas das outras coisas que aconteciam ali.

Além disso, se eu não me esgueirasse, eu não seria capaz de ver Vovó Frost. Eu não era louca pelo fato de que eu comecei a frequentar a Mythos Academy de volta no início do ano escolar, mas até mesmo eu tinha que admitir que a Montanha Cipreste era um subúrbio lindo. Lojas de luxo dispunham-se no outro lado da estrada que dava a volta passando a academia, vendendo tudo, desde livros e café a roupas de marca e joias feitas sob encomenda e armas. Havia até mesmo uma concessionária de carros cheia de Austin Martins e Cadillacs, e muitos mais onde os jovens da Mythos estacionavam seus caros veículos, uma vez que os carros dos alunos não eram permitidos no campus durante a semana. Mas as lojas mais

populares com os jovens da academia eram aquelas que vendiam vinho, bebidas alcoólicas, cigarros, e camisinhas – e que não olhavam muito de perto para a sua ID tanto quanto você pagasse em dinheiro, preferencialmente centenas.

Eu peguei um dos ônibus da tarde que transportavam turistas descendo a Montanha Cipreste à cidade e de volta para cima, novamente. Vinte minutos mais tarde, eu saí em um bairro residencial cheio de velhas, espaçosas casas, apenas umas poucas ruas sobre o centro da cidade de Asheville. Eu caminhei até a extremidade oposta da quadra, depois me apressei subindo os degraus cinzas de concreto de uma casa de três andares pintada de uma leve tonalidade de lavanda. Uma placa ao lado da porta da frente lia-se LEITURAS PSIQUICAS AQUI. A chapa de bronze parecia um pouco sem graça, então eu illustrei um pouco com a borda da manga do meu casaco antes de eu usar minha chave e entrar.

— Aqui atrás, chuchuzinho.

Eu mal fechei a porta da frente atrás de mim quando a voz da minha avó escorregou descendo o corredor. Eu não podia vê-la de onde eu estava, mas soou como se ela estivesse na cozinha. Vovó Frost era uma Cigana, apenas como eu, o que significava que ela também tinha um dom, que ela tinha magia. No caso de Vovó, ela podia ver o futuro. De fato, era como ela fazia dinheiro extra – dando leituras psíquicas aqui na sua casa. Pessoas vinham de perto e de longe para ter a leitura de Geraldine Frost dos seus futuros. Mas ao contrário de alguns dos vigaristas ali fora, Vovó não mentia para ninguém sobre o que ela via. Ela sempre dizia as pessoas a verdade, sem importar o quanto boa, má, ou feia ela fosse.

Eu caminhei descendo o corredor e entrei na cozinha. Com seu piso de azulejos brancos e paredes de céu azul, a cozinha era um vivo, convidativo espaço e meu favorito lugar em toda a casa.

Vovó Frost estava na frente de um dos balcões, cortando morangos secos e jogando os vermelhos pedaços de rubi dentro de uma tigela de massa de cookie. Em adição aos seus poderes psíquicos, Vovó também tinha alguma maldosa habilidade de assar. Eu inspirei e praticamente pude provar o escuro chocolate, rico açúcar mascavo, e tempero amargo-doce de amêndoa que ela já tinha mexido na massa. Yum.

Vovó deveria ter acabado de terminar de dizer os seus destinos pelo dia, por que ela ainda estava vestida no que ela chamava de seu “traje Cigano” – uma blusa de seda branca, calças pretas, pantufas pretas com dedos curvados, e o mais importante, muitos, muitos echarpes coloridos. As transparentes camadas de

tecidos lilás, cinza, e esmeralda fluíam ao redor do corpo dela, enquanto as brilhantes moedas de prata nas extremidades das echarpes tiniam e chocalhavam juntas de uma forma alegre. Ela também tinha uma echarpe envolta sobre sua cabeça, escondendo seu cabelo de ferro cinza de vista. Vovó tinha tirado as pilhas de anéis que ela normalmente usava nos seus dedos. As pulseiras prateadas aglutinadas em um pequeno caminho de luz do sol na mesa da cozinha, as joias nelas brilhando e piscando como vagalumes.

— Você estava me esperando —, eu disse, escorregando minha bolsa carteiro na cadeira e olhando para a pegajosa massa com interesse de fome. — Você obteve um clarão psíquico de que eu estava aparecendo?

— Não —, Vovó Frost disse, seus olhos violetas cintilando em seu rosto enrugado. — É quarta feira. Você sempre vem me ver na quarta, antes de você trabalhar no seu turno na biblioteca. Eu terminei um pouco mais cedo hoje, então eu pensei em fazer alguns cookies para você e Daphne.

Eu tinha trazido Daphne aqui e apresentei a Valquíria para minha avó algumas semanas atrás. As duas tinham totalmente se dado bem, graças em parte a excelente torta com recheio de maçã que Vovó tinha feito naquele dia. Daphne não tinha uma gulodice furiosa por doce como Vovó e eu tínhamos, mas a torta ainda tinha derrubado-a das suas rosadas meias xadrez. Agora, toda vez que eu vinha até aqui, Vovó sempre me mandava de volta à Mythos com um deleite para ambas, eu e Daphne, normalmente embalada em uma lata com formato de um gigante cookie de chocolate com gotas de chocolate. A lata combinava com a jarra de cookie no balcão.

— Então o que está acontecendo na escola essa semana, chuchuzinho? — Vovó perguntou, mergulhando a massa em pequenas, redondas bolas depois deslizando os cookies dentro do forno para que eles pudessem assar.

Eu me sentei na mesa. — Não muito. Aulas, dever de casa, treinamentos de armas – o habitual. Embora Daphne continue pedindo para eu ir com ela para essa coisa chamada de Carnaval de Inverno. Os Poderosos Que São a academia estão levando todos os jovens até um dos resorts de esqui. Deve haver jogos de carnaval e festas e coisas toda a semana.

— Oh? — Vovó disse. — Eu me lembro disso dos dias de sua mãe na academia. Ela sempre pareceu se divertir muito nessas viagens.

Eu encolhi de ombros. — Talvez o carnaval seja legal, talvez não. Eu nem ao menos tenho certeza se eu vou ou não.

Vovó olhou para mim, mas seus olhos violetas estavam subitamente em branco e vitrificados, como se ela estivesse vendo algo muito distante ao invés de apenas estar sentada comigo na cozinha.

— Bem, eu acho que você devesse ir —, ela murmurou naquela estranha distraída voz que ela usava sempre quando ela estava olhando para algo que somente ela pudesse ver. — Se afastar da academia por um tempo.

Ela estava tendo uma das suas visões. Eu me sentei ali, imóvel e quieta, enquanto algo antigo, poderoso, e atento rodopiava no ar a nossa volta. Algo familiar e quase confortante. Algo que me fazia pensar em uma certa deusa que eu conheci há não muito tempo atrás.

Depois de alguns segundos mais tarde, os olhos de Vovó estalaram de volta em foco, e ela sorriu para mim mais uma vez. O momento e a sua visão tinham passado, e a anciã, invisível força que tinha estado agitando no ar ao redor dela tinha ido. Algumas vezes Vovó obtinha todos os tipos de detalhes quando ela tinha uma das suas visões, vendo o futuro com aguda, claridade de cristal. Algumas vezes, entretanto, seus clarões psíquicos eram vagos e nebulosos, e ela só obtinha uma sensação geral de que algo bom ou ruim ia acontecer, mas não exatamente o que era. Essa deve ter sido uma daquelas vagas e nebulosas vezes, por que ela não disse nada mais sobre por que eu deveria ir ao Carnaval de Inverno ou o que poderia acontecer uma vez que eu fosse para lá. Além disso, Vovó sempre tinha me dito que ela queria que eu fizesse minhas próprias escolhas e mapeasse meu próprio destino, ao invés de agir como um possível futuro que nunca poderia vir a se passar em primeiro lugar. Era por isso que ela raramente compartilhava as coisas específicas que ela via sempre que ela tinha uma visão sobre mim.

Vovó sentou-se ao meu lado na mesa da cozinha enquanto nós esperávamos pelos cookies de chocolate com morango assarem. — Então, chuchuzinho, do que você está no rastro essa semana? — ela perguntou sorrindo. — Rastreando mais celulares perdidos e laptops para os outros alunos da Mythos?

— Não —, eu disse. — Todos estão focados no Carnaval de Inverno. Ninguém me contratou para encontrar qualquer coisa para eles essa semana.

Telefones celulares, laptops, carteiras, bolsas, chaves do carro, joias, sutiãs descartados, e sumidas cuecas *boxers* – minha magia psicométrica me ajudava a encontrar todos os tipos de coisas que estivessem perdidas, roubadas, ou por outro lado faltando. Claro, se o objeto não estivesse onde ele deveria estar, eu realmente não tocava nele, mas as pessoas deixavam vibrações em todos os lugares que elas

iam e em tudo o que elas seguravam. Normalmente, tudo o que eu tinha que fazer era correr meus dedos sobre a mesa de um cara ou enfiar através da bolsa de uma garota para obter uma ideia sobre onde ele tinha deixado a sua carteira pela última vez ou onde ela colocou o seu celular. E se eu não conseguisse imediatamente um clarão da localização de um item, então eu continuava tocando as coisas das pessoas até que eu conseguisse – ou visse uma imagem de quem tinha roubado-o. Na maior parte do tempo, era muito fácil para eu seguir a trilha das migalhas de pães psíquicas até o item perdido.

— E como você está se sentindo, chuchuzinho? — Vovó perguntou em uma voz suave. — Sobre tudo? Faz vários meses agora desde... O acidente.

Eu olhei para ela, me perguntando pela forma que ela tinha dito “o acidente,” se as palavras tivessem algum significado escondido, mas o rosto de Vovó estava escuro e triste. Além disso, eu sabia o que ela estava realmente perguntando: como eu estava lidando com a morte de minha mãe. Meu pai, Tyr Forseti, tinha morrido de câncer quando eu era uma criança. Ele e minha mãe, Grace, se casaram, mas ela manteve o último nome de Frost e deu ele para mim, como era a tradição de todas as mulheres na nossa família, uma vez que nossos dons Ciganos, nossos poderes, eram passados de mãe para filha.

Eu nem sequer me lembrava do meu pai, mas minha mãe tinha morrido na primavera passada, e tudo sobre sua morte ainda estava agudo e fresco e doloroso. Eu tinha muita culpa – tudo bem, uma *tonelada* de culpa – sobre a morte de minha mãe, uma vez que eu meio que causei isso.

Voltando a minha antiga escola, eu peguei a escova de cabelo de outra garota depois da aula de educação física. Eu imaginei que seria seguro o suficiente em usá-la, desde que era apenas uma escova. A maior parte das pessoas não tinha muitas sensações sobre o que elas usavam para escovar seu cabelo.

Eu estava errada.

Ao invés disso, eu imediatamente tive clarões da escova de cabelo e tinha aprendido um doente, doente segredo – que o padrasto da garota estava abusando sexualmente dela. As memórias, imagens, e sentimentos tinham sido tão horríveis que eu tive um completo piti com minha magia. Eu gritei e gritei e gritei antes de desmaiar e mais tarde acordar no hospital. Eu contei a minha mãe sobre o que eu tinha visto, já que ela era um detetive de polícia. Minha mãe tinha me ligado da delegacia de polícia naquela noite para dizer que ela tinha prendido o padrasto da garota.

Aquela tinha sido a última vez que eu falei com ela.

O carro da minha mãe tinha se transformado em uma bisteca por um motorista bêbado no caminho dela para casa. Supostamente, ela morreu instantaneamente, e ela estava tão arrebatada do acidente que o caixão teve que estar fechado no seu funeral. Por isso, toda a minha culpa de coração partido e alma distorcida. Eu não podia evitar além de pensar que se eu não tivesse pego aquela escova de cabelo, então minha mãe não teria que se atrasar tanto naquela noite – e ela nunca teria sido morta.

Eu sentia a falta da minha mãe como louca, e eu sabia que Vovó Frost sentia também, uma vez que sempre tinha sido apenas nós três. Era por isso que eu arriscava a ira dos professores e os outros Poderosos Que Eram a Mythos para espreitar para fora do campus e vir vê-la e era por isso que Vovó me deixava. Por que nós duas queríamos gastar tanto tempo uma com a outra quanto pudéssemos, apenas no caso de que uma de nós fosse, alguma vez levada tão subitamente e cruelmente como minha mãe tinha sido...

Ding!

O timer soou, interrompendo meus sombrios, culposos pensamentos e me salvando de responder a sua pergunta. Vovó se levantou e deslizou os cookies para fora do forno. Os cheiros de açúcar derretido, morangos doces, e escuro chocolate explodiram na cozinha, fazendo tudo parecer caloroso, seguro, e aconchegante. Eu nem sequer esperei para os biscoitos esfriarem antes de arrebatá-los da assadeira, dividi-los ao meio, e encher os pedaços dentro da minha boca. Yum. Tão bom.

— Agora você tenha certeza de dar alguns desses para Daphne —, Vovó me lembrou em uma gentil voz, enchendo minha lata habitual com os cookies. — Eu sei que ela irá querer alguns, também.

— Tudo bem —, Foi o que eu disse, mas desde que eu ainda estava mastigando, soou mais como “Mmm... bem”.

Na hora em que Vovó tinha terminado de embalar os cookies, era depois das cinco, o que significava que eu precisava partir para que eu pudesse pegar o ônibus subindo para a academia. Nickamedes estaria no meu pé se eu estivesse um minuto sequer atrasada para o meu turno. Em adição ao ir para as aulas e ao treinamento de armas, eu também tinha que trabalhar várias horas por semana na Biblioteca de Antiguidades como algum tipo de emprego após-escola. Legal, muito legal.

Eu deslizei o recipiente de cookies dentro da minha bolsa carteiro, em cima

das pilhas de gibis que eu estava lendo atualmente, então joguei a alça sobre minha cabeça e transversalmente no meu peito.

— Eu amo você, Vovó. — Eu me inclinei abaixo e beijei sua enrugada bochecha.

— Eu amo você também, chuchuzinho —, ela disse, dando palmadinhas na minha mão uma última vez. — Você seja cuidadosa. É um velho mundo perverso ali fora.

Eu pausei, me perguntando se Vovó Frost estava tendo outra visão de seus clarões psíquicos, se ela estava tentando me avisar sobre algo, mas seus olhos violetas estavam calmos, claros, e focados. Então novamente, eu realmente não precisava de Vovó para me avisar. Graças ao meu tempo na Mythos, eu sabia exatamente que tipos de coisas assustadoras estavam ali fora – coisas como, Ceifadores do Caos, gatunos de Nemean, e mais especificamente, Loki.

— Eu serei —, eu prometi a ela. — Eu serei cuidadosa.

Com um terceiro, ainda quente cookie na minha mão, eu deixei a casa de Vovó Frost. O sol tinha desistido de tentar se romper através das nuvens, e tinha ficado até mesmo mais escuro e mais frio enquanto eu estive do lado de dentro. Eu empurrei o restante do cookie dentro da minha boca e enfiei minhas mãos profundamente dentro do bolso da minha jaqueta, desejando que eu tivesse pensado em usar luvas hoje. Claro, eu imagino que poderia usar luvas dia e noite, para cortar os flashes que eu obtinha das outras pessoas e objetos. Mas eu já me sentia como o bastante de uma aberração como era. Usando luvas longas até o cotovelo todo o tempo *só* não iria ajudar no meu status social na Mythos.

Eu caminhei até o final da quadra, olhei para ambos os caminhos para me certificar que o acostamento estivesse livre, e pisei na rua seguindo para o ponto de ônibus no lado oposto. Eu nem sequer vi o carro até ele estar em cima de mim. Era um grande, preto, caro SUV com uma grade prata brilhante – e ele estava acelerando bem na minha direção.

Eu congelei no meio da rua, não muito acreditando no que eu estava vendo, não muito acreditando que o motorista não tinha me localizado, que ele não ia soprar a buzina e pisar nos freios a qualquer momento. De onde ele tinha vindo? A rua estava completamente vazia um minuto atrás.

O SUV continuou vindo e vindo, e as rodas continuaram rodando e rodando, engolindo o pavimento que nos separava. O para-brisas pintado pairou na minha visão até fosse tudo o que eu podia ver – um faminto estômago preto que ia me

engolir inteira, e então cuspir meu sangue, e ossos quebrados.

Pareceu como eternamente, mas depois de um segundo, meu cérebro pegou no tranco, gritando *Se mova! Se mova! Se mova!* Eu não tinha a velocidade como um raio de uma Amazona, mas eu consegui me arremessar adiante, meu corpo batendo contra a enferrujada caminhonete estacionada no lado oposto da rua.

O SUV rosnou passando por mim, tão perto que eu senti uma corrente de ar dele passando e roçando na parte detrás da minha jaqueta. O veículo zuniu descendo a rua, silvou dando a volta na esquina ao final da quadra, e desapareceu de vista. O motorista nunca desacelerou – nem sequer por um segundo.

Com minha boca aberta, coração martelando, braços vacilantes, e pernas trêmulas, eu olhei abaixo na rua vazia e me perguntei se toda a coisa tinha sido um acidente – ou algo muito mais sinistro.



4

COM O CORAÇÃO ACELERADO, eu dei uma cambalhota em direção à calçada e me encolhi contra os degraus de uma casa no final da quadra. Eu pensei sobre correr de volta para a casa da minha Vovó Frost e dizer a ela o que tinha acontecido, mas não havia nada que ela poderia fazer. O SUV provavelmente estava muito longe, e eu não tinha dado uma olhada na placa.

O ônibus tomou a decisão para mim. Apenas enquanto eu dava umas poucas tentativas de passos de volta para a casa da Vovó, o veículo encostou no meio-fio e a porta se abriu. Eu mordi meu lábio. Tanto quanto eu queria correr de volta para a segurança da casa de Vovó Frost, eu não queria estar atrasada para o meu turno na biblioteca também. Nickamedes já me observava como um falcão. Eu não sabia o que eu faria se eu não pudesse ver minha avó sempre que eu quisesse.

Então eu suspirei e marchei em direção ao ônibus. Eu espiei para fora da janela toda a viagem de volta subindo a Montanha Cipreste, mas eu não vi o SUV

preto que quase tinha me atropelado. Não, não é bem assim. Eu vi muitos carros pretos – eu só não podia dizer se a pessoa que quase me chumbou estava dirigindo algum deles.

Mas o que me preocupou mais foi o fato de que eu não podia descobrir se ou não, isso tinha sido um acidente. O ônibus finalmente alcançou o topo da Montanha Cipreste e rugiu a uma parada do outro lado da Mythos Academy. Eu saí, correndo ao outro lado da rua, e deslizei passando o portão de ferro da academia, o qual ainda estava fechado e trancado. Pela primeira vez, eu estava feliz que as esfinges estivessem ali, empoleiradas no topo do muro e olhando abaixo para mim. Certo, as estátuas me deixavam apreensiva, mas elas também deveriam manter a academia segura dos Ceifadores. As esfinges iriam impedir quem estava atrás de mim de me seguir em direção ao campus. Ao menos, eu esperava que elas fizessem. Mas até mesmo essa esperança era melhor do que nada.

Eu fiquei ali do lado de dentro do portão, respirando com dificuldade e encarando a rua, me perguntando se eu veria uma SUV preta passando. Mas o único veículo à vista foi o ônibus, o qual lentamente se arrastou para longe do meio-fio para começar sua viagem de volta descendo para a cidade. Talvez tenha sido apenas um motorista descuidado depois de tudo. Eu esperava que sim – oh, como eu esperava que sim.

— Vamos lá, Gwen —, eu sussurrei para mim mesma. — Obtenha o controle.

Podia ser apenas minha imaginação, mas pareceu como se as sem graça, castanhas e secas folhas nas árvores acima da minha cabeça sussurraram de volta, mesmo embora eu soubesse que era apenas o inverno batendo sobre os galhos.

Não é mesmo?

Ainda nervosa, eu enfiei minhas mãos dentro dos bolsos da minha jaqueta e corri passando os dormitórios e subindo a colina. Se Mythos Academy tinha um preto, coração batendo, seria no quadrilátero superior. Cinco prédios principais circundavam a área – história-Inglesa, ciência-matemática, o refeitório, o ginásio, e a biblioteca – todos dispostos nas extremidades do quadrilátero, como os cinco

pontos de uma estrela.

Normalmente, entre e depois dos dias de aulas, alunos se reuniam no quadrilátero para fofocar, mandar mensagens de texto dos seus telefones celulares, e ver quem estava ficando com quem. Não agora, entretanto. Uma vez que estava tão frio, todos já estavam do lado de dentro, estudando na biblioteca, se divertindo em seus quartos nos dormitórios, ou jantando no refeitório. Usualmente, o vazio do quadrilátero não teria me incomodado, mas essa noite, incomodou.

O sol já tinha desaparecido pelo dia, deixando as sombras da noite se infiltrarem sobre tudo, como piscinas pretas de sangue. As árvores no quadrilátero estavam peladas, exceto por algumas folhas egoístas que se chocalhavam como ossos, toda a vez que o vento as tocava, e os emaranhados oscilantes de galhos me lembravam de esqueletos amarrados juntos. Talvez eu ainda estivesse um pouco abalada de quase ter sido atropelada. Essa tinha que ser a razão por eu estar pensando sobre coisas como sangue, ossos, e esqueletos.

Eu estremeci, enfiei minha cabeça para baixo, dentro do colarinho da minha jaqueta, e continuei andando. A Biblioteca de Antiguidades era a estrutura mais larga na academia e tomava um grande naco da parte superior do quadrilátero, servindo como o ponto alto na estrela dos prédios. A biblioteca simplesmente tinha mais de tudo – mais andares, mais varandas, mais torres, mais parapeitos. Com tudo, o prédio me lembrava de um castelo sinistro. Mas a coisa que me arrepiava mais eram as estátuas.

Elas podiam ser encontradas em todos os prédios da Mythos, mas havia mais delas na, ao redor, e dentro da Biblioteca de Antiguidades do que no resto do campus junto. Grifos, gárgulas, Gorgons, dragões, um Minotauro, e outras criaturas mitológicas que eu nem sequer conhecia os nomes. As estátuas cobriam a biblioteca da varanda inferior, que dava a volta em todo o caminho ao redor do prédio, ao topo do telhado, com suas torres e suas pontas como espada. E elas não eram apenas figuras de pedras. Não, todas as estátuas pareciam, bem, *violentas*, com olhos grandes, dentes maiores, e garras afiadas como navalha.

Talvez fosse meu dom Cigano, mas eu sempre senti como se as estátuas estivessem me observando e rastreando meus passos com seus olhos zangados e abertos, justo como as esfinges no portão principal. Que se eu fizesse muito como roçá-las com minhas pontas dos dedos, os monstros frios iriam de alguma forma pular a vida, saltando das suas conchas de pedra, e me rasgar em pedaços. Não era

uma boa sensação.

Eu afastei meu olhar dos dois grifos posicionados em cada lado dos degraus de pedra cinza e corri para dentro do prédio, através de uma curta entrada, e passando as portas duplas abertas que conduziam para dentro da biblioteca. Ao invés de descer o amplo, corredor principal em direção as mesas de estudo e escritórios, eu virei e segui para uma área quieta nos fundos.

Meu ponto, como eu vim a pensar nele, não tinha muito que se olhar. Apenas outro pedaço de chão entre as altas estantes que preenchiam os vários níveis da biblioteca. Uma vez, houve uma caixa de vidro ali, uma das centenas que estavam dispersas em toda a biblioteca e cheias de artefatos – armas, joias, roupas, armadura, e mais – que tinham sido usadas ou vestidas ao longo dos anos por vários deuses mitológicos, deusas, heróis, vilões, e monstros. Agora, a caixa se foi, esmagada em pedaços na minha luta com Jasmine Ashton, embora Vic, a espada que estava do lado dentro da caixa, estivesse segura no meu quarto no dormitório.

Mas o vazio espaço onde a caixa esteve não era a única coisa de interesse. Eu inclinei minha cabeça. Olhando acima para a pessoa que eu tinha voltado aqui para ver: Nike, a deusa Grega da vitória.

Bem, não era realmente *ela*, lógico, - apenas uma estátua de nove metros de altura esculpida em mármore branco. Estátuas de todos os deuses e deusas de todas as culturas do mundo circundavam a galeria do segundo andar. Elas eram separadas uma das outras por delgadas, colunas pregueadas e olhavam para baixo ao primeiro andar da biblioteca e para todos os alunos estudando abaixo. Cada deus e deusa que você pudesse pensar, estava aqui. Os Nórdicos, como Sol, Thor, e Freya. Os Gregos, como Ares, Zeus, e Apolo. Os Egípcios, como Anubis, Ra, e Bastet. E toneladas de mais deuses e deusas quem eu nunca ouvi falar antes de eu vir à Mythos.

O único que não estava representado no panteão circular era Loki, o trapaceiro Nórdico e deus do caos, e havia um espaço vazio onde sua estátua teria estado. Loki tinha feito muita maldade, coisas ruins em dias passados, como ter outro deus morto, tentando dominar o mundo, a blah, blah, blah. Eles não construíam estátuas de você quando você era o equivalente de um super-vilão de gibi.

Eu conheci Nike algumas semanas atrás, durante toda a situação de Jasmine. A deusa tinha aparecido para mim na biblioteca e me pediu para ser a sua Campeã, para ser a sua heroína aqui no reino mortal, para ajudá-la a lutar com

Ceifadores do Caos e outros variados vilões.

A estátua tinha a mesma aparência que Nike tinha na noite em que ela se mostrou para mim – seu cabelo passando dos seus ombros; um longo vestido fluido cobrindo seu forte, magro corpo; uma coroa de louros descansando no topo da sua cabeça; asas de penas atadas às suas costas. A deusa era a personificação da vitória, e ela era fria, dura, feroz, e bonita, tudo ao mesmo tempo.

— Oi, Nike —, eu disse em uma voz baixa. — Espero que você esteja tendo um bom dia aí em cima no Monte Olimpo ou onde quer que você esteja. Você sabe, comendo muita ambrosia, tocando harpas – coisas assim. Qualquer coisa que as deusas fazem para se divertir.

A estátua não fez ou disse nada, e eu realmente não esperava isso. Mesmo assim, cada vez que eu vinha para a biblioteca, eu parava um momento para falar com a deusa. Eu não sabia se ela realmente me ouvia ou não, mas isso me fazia sentir um pouco melhor. Como se talvez Nike estivesse ali em cima cuidando de mim. Como se talvez eu realmente fosse digna da magia e da confiança que ela me deu. Como se talvez eu realmente pudesse fazer algo bom como sua Campeã.

Eu me virei e segui para o centro da biblioteca. Um longo balcão de registro dividia o piso principal em dois e separava um lado da enorme sala de cúpula da outra. Uma série de escritórios envidraçados posicionava atrás do balcão, enquanto o assoalho aberto na frente dele exibia longas mesas para os alunos se sentarem e estudarem. Havia também um carrinho solto que vendia bebidas com cafeína, smoothies de frutas, e lanches açucarados. Eu inspirei, aproveitando o caloroso, rico cheiro de café misturado com o seco, levemente mofado odor dos livros.

O teto curvo da biblioteca arqueava lá no alto, e sempre pareceu para mim como se o prédio fosse muito mais alto do que seus sete andares, como se a biblioteca apenas continuasse subindo e subindo e subindo até ela tocar as nuvens. Outros alunos afirmavam que haviam incríveis afrescos pintados no teto, uns que retratavam várias batalhas mitológicas e brilhavam com ouro, prata e joias, mas eu nunca estive lá em cima no piso superior para olhar por mim mesma. Daqui de baixo, tudo o que eu podia ver eram sombras.

Eu mal coloquei minha bolsa carteiro em uma abertura debaixo do balcão de registro quando uma porta se abriu no complexo de escritório atrás de mim, e Nickamedes apareceu.

— Você está atrasada, Gwendolyn —, Nickamedes vociferou, cruzando seus braços sobre seu peito. — Como sempre.

Nickamedes era o manda-chuva na Biblioteca de Antiguidades. Se você apenas estivesse olhando para ele, você pensaria que ele era bonitinho, até mesmo lindo, com seu cabelo preto e olhos azuis. Para um cara de quarenta-e-alguma-coisa anos, de qualquer modo. Mas então ele abria sua boca, e você percebia apenas como nervoso, fresco, e esnobe ele realmente era. A biblioteca era todo o mundo de Nickamedes, e ele amava tudo ali dentro com uma intensa, devotada, detalhada obsessão. Bem, tudo além dos alunos. Nickamedes realmente não gostava de ninguém tocando seus preciosos livros e artefatos, nem mesmo para deveres de casa.

Mas o bibliotecário estava meio que preso a mim. Voltando quando eu comecei pela primeira vez a vir à academia, Professora Metis pensou que trabalhando na biblioteca iria me ajudar a conhecer outros jovens e fazer amigos. Não tanto assim. Basicamente, eu era a trabalhadora escrava de graça de Nickamedes – não havia nada que ele gostasse mais do que me chatear.

Nickamedes nunca realmente gostou de mim e de minha boca esperta, mas ele veio a ativamente me odiar umas poucas semanas atrás. Jasmine Ashton tinha tentado me matar na biblioteca, e, bem, nós destruímos um monte de coisas durante nossa luta. Nickamedes desprezava qualquer coisa que estragava seus preciosos livros. Sério, o carinha nem sequer arruinava uma das suas lombadas. Eu fiz muito pior que isso. Eu praticamente destruí todo o primeiro andar. De fato, eu ainda estava colocando livros nas prateleiras de onde eu tinha empurrado uma delas na direção de Jasmine para tentar impedi-la de me atravessar com sua espada.

— Bem, Gwendolyn? — Nickamedes latiu, batendo um dos seus longos, pálidos dedos contra seu cotovelo oposto. — O que você tem a dizer de si mesma?

Eu rolei meus olhos. Eu não podia exatamente dizer ao bibliotecário que eu espreitei para fora do campus para ver minha Avó Frost, uma vez que era contra uma das Grandes Regras. Mas talvez eu pudesse adoçar o seu temperamento azedo. Eu farfalhei dentro da minha bolsa, retirei a lata de metal de cookies, tirei a tampa, e a estendi para ele. Certamente o cheiro de chocolate traria um sorriso até mesmo ao seu afiado, angular rosto.

— Cookie? — Eu perguntei com uma voz esperançosa.

A expressão de Nickamedes só escureceu. — Você trouxe comida não autorizada para dentro da biblioteca, Gwendolyn?

Eu suspirei, sabendo que eu ia ter a mãe dos sermões agora. Ah, *bem*, eu

pensei, mordendo um biscoito enquanto Nickamedes olhava fixamente para mim. Tinha valido uma tentativa.



5

D

POIS DE CINCO MINUTOS DE sermão de dar bolhas no ouvido de Nikamedes sobre itens alimentares que podiam e não podiam ser trazidos para a biblioteca, eu fui ao trabalho. A maior parte do tempo, eu sentei atrás do balcão, dei baixa nos livros, e procurei outros no computador.

Em adição ao estudo, a biblioteca era um dos principais lugares no campus onde os alunos vinham Passear e Ser Vistos. E essa não era a única razão que os jovens se reuniam aqui – muitos deles gostavam de se esgueirar para fora nas estantes cheias de sombras para transar. Ocasionalmente, Nickamedes me fazia tirar o pó e limpar as estantes, junto com as caixas de vidros de artefatos escondidas nos fundos entre as estantes. Toda a vez eu encontrava mais camisinhas usadas do que eu encontrava pedaços de papéis amassados e canetas perdidas. Eca.

Eu não iria querer fazer na biblioteca onde qualquer um podia passar a qualquer segundo, mas na Mythos, isso era considerado algum tipo de excitação. Tanto faz.

Essa noite, mais alunos do que o habitual lotavam a biblioteca, uma vez que todos estavam tentando terminar seus deveres de casa antes de partir para o grande final de semana de fuga. Toda a fofoca era sobre o Carnaval de Inverno. Eu ouvi mais do que alguns comentários excitados enquanto eu me movia através das prateleiras de livros. Todos pareciam animados sobre fazerem uma viagem até um dos resorts de esqui da área – e toda a diversão que eles tinham planejado para quando eles chegassem ali.

— Você ouviu? Samson Sorensen está organizando outra massiva festa, justo como ele sempre faz. Haverá ao menos cinco barris ali, talvez mais.

— Eu conheço um cara que diz que ele pode colocar suas mãos em uma erva de primeira.

— Eu me pergunto com quantos caras Morgan McDougall irá dormir durante o final de semana. Dois? Doze? Vinte?

Esse último comentário foi feito por Helena Paxton, uma Amazona da minha aula de literatura Inglesa com macio, cabelo e olhos cor de caramelo. Foi seguida por uma rodada de imorais risadinhas e afiados olhares astutos até Morgan, que estava estudando sozinha na mesa perto do balcão de registro. Com seu cabelo preto, olhos amendoados, e corpo curvilíneo, Morgan era uma das garotas mais deslumbrantes na Mythos – e ela também acontecia de ser a mais notória piranha da academia. Todos sabiam que Morgan estava dormindo com Samson, mesmo embora ele estivesse namorando sua melhor amiga, Jasmine, no momento.

— Bem, meu dinheiro está no vinte —, Helena respondeu sua própria maliciosa pergunta. — Uma vez que Morgan gosta de se manter muito ocupada.

Mais risadinhas preencheram o ar. Morgan tinha suas costas para o grupo de Amazonas, mas eu podia ver a raiva e a humilhação que coravam seu rosto. Ela se inclinou sobre seus livros um pouco mais, mas ela não deu as outras garotas a satisfação de se virar e olhar para elas. Mesmo assim, eu senti pena dela. Eu sabia como era ser uma pária.

Talvez fosse quase como ser atropelada por um SUV, mas subitamente, eu não estava no humor de ser simpática e calma e me inclinar ao chão como eu normalmente fazia, especialmente não quando vinha a se tratar do assunto Jasmine Ashton.

Eu espreitei até a mesa das Amazonas risonhas. — Hey —, eu vociferei. —

Por que vocês garotas não calam a boca? Por que vocês não tem ideia de quem Jasmine realmente era. Como desprezível e maluca e má ela realmente era. Acreditem em mim, Jasmine não era uma doce, garota inocente.

Jasmine pode ter sido a mais bonita, mais rica, e mais popular garota na minha aula do segundo ano, mas a Valquíria tinha também sido uma Ceifadora do Caos. De fato, toda a sua família eram Ceifadores, e Jasmine tinha fingido a sua própria morte como parte de um esquema para sacrificar Morgan ao malévolos deus Loki.

Helena parou de gargalhar e olhou para mim. — E quem você é?

Outra das suas amigas falou. — A estranha garota Cigana. Aquela que encontrou Jasmine depois dela ter sido assassinada.

A Amazona estava certa. Eu era aquela que encontrou o corpo de Jasmine uma noite enquanto eu estava trabalhando na Biblioteca de Antiguidades. Eu não sabia naquela hora que era apenas uma ilusão, apenas uma parte da magia de Valquíria da Jasmine e seu plano para fazer Morgan pagar por transar com Samson pelas suas costas.

Eu fiquei aturdida pela suposta morte de Jasmine e até mesmo mais pela reação blasé dos outros jovens sobre isso. Mortes não eram incomum na Mythos, e praticamente todos os alunos tinham tido um membro da família ou amigo morto pelos Ceifadores, então a suposta morte de Jasmine não tinha sido tanto um choque para eles quanto tinha sido para mim. Mas eu queria saber exatamente quem matou Jasmine e por que, então eu comecei a investigá-la com minha magia psicométrica. Claro, eu descobri a verdade muito tarde, e Jasmine quase tinha me sacrificado, junto com Morgan, para Loki. Ela teria conseguido, se Logan não a tivesse matado antes.

Professora Metis e os outros Poderosos Que Eram a academia tinham tentado manter toda a coisa de Jasmine quieta, mas Metis tinha me dito que a família da Valquíria tinha de alguma forma descoberto sobre meu envolvimento na sua morte – e eles me culpavam por isso.

A lógica deles parecia completamente maluca e errada para mim, desde que eu não tinha realmente, você sabe, *matado* Jasmine, mas essa foi uma das razões do por que eu ter começado a treinar com armas com Logan e os outros Espartanos. Então eu poderia me defender no caso dos Ashtons mandarem um gatuno de Nemean ou outro monstro mitológico vil atrás de mim – ou talvez até mesmo um SUV.

Não era fora da possibilidade real ao pensar que a família de Jasmine ou um dos seus amigos Ceifadores poderia ter tentado me atropelar com o carro ao invés de mandar outro gatuno-gatinho assassino atrás de mim. Eu estava disposta a apostar que os Ashtons não estariam tão preocupados com como a minha morte realmente aconteceria.

A mesa de Amazonas virou sua completa atenção em mim, seus olhos afiados e estreitos em seus bonitos rostos. Seus olhares calculados me lembraram das esfinges no portão da frente. Mas então, garotas desprezíveis eram monstros na sua própria maneira.

Depois de alguns segundos, Helena soltou outra gargalhada. — Tanto faz. Nós não estávamos falando com você, Cigana, então por que você não vai embora e guarde alguns livros a mais antes de Nickamedes sair do seu escritório e gritar com você? Não, espere. Por outro lado, não. Eu amaria assisti-lo gritar com você novamente. Trabalhando na biblioteca. Isso é tão patético, apenas como suas roupas baratas.

— Minhas roupas não são baratas —, eu rosnei, mesmo embora eu soubesse que eu estava lutando uma batalha perdida no segundo que as palavras saíram da minha boca.

De acordo com Vovó Frost, nós tínhamos bastante dinheiro, mas ela e minha mãe tinham decidido não me estragar, como os outros pais guerreiros fizeram aos seus filhos. Uma vez que Ceifadores, e a morte que eles traziam com eles, eram uma constante ameaça, quase todos os pais mimavam seus podres filhos, dando a eles as coisas mais finas que o dinheiro podia comprar, apenas no caso deles – ou seus filhos – morrerem antes do seu tempo. O qual é por que todas as Amazonas na minha frente, ostentavam roupas de marca, sapatos, e bolsas, junto com caras joias.

Helena me deu um olhar de compaixão. — Oh, querida, jeans sem marca e casaco com capuz são a própria definição de barato. É tão triste que você não saiba disso. Agora, por que você não vai embora? As garotas grandes estão conversando.

Com sua desonra entregue, Helena rolou seus olhos e se virou para suas amigas. E justo assim, as outras garotas voltaram as suas fofocas, me ignorando apesar do fato de que eu estava em pé bem na frente delas. Dessa vez, minhas bochechas foram aquelas que coraram com raiva, mas não havia nada que eu pudesse fazer além de me arrastar de volta até o balcão de registro.

Eu andei pela mesa de Morgan, e meus passos se desaceleraram enquanto eu

estudava a outra garota. Algumas vezes eu me perguntava exatamente o que Morgan se lembrava daquela noite na biblioteca quando Jasmine tinha tentado sacrificá-la para Loki. Jasmine tinha gotejado o sangue de Morgan dentro de um poderoso artefato chamado de Tigela das Lágrimas, o que basicamente tinha transformado Morgan em um zumbi enquanto eu lutava com a Valquíria má. Mesmo assim, eu pensei que Morgan soubesse algo sobre o que tinha realmente acontecido. Ela nunca disse nada para mim, mas nós tínhamos aula de educação física juntas, e de vez em quando eu a pegava me encarando, quase como se ela fosse me perguntar algo. Mas ela sempre mordida seu lábio e desviava o olhar.

Morgan me viu olhando-a. Por um momento ela olhou para mim, seus olhos escuros, assombrados, e tristes. Então ela pressionou seus lábios e encarou fixamente abaixo para seu livro mais uma vez. Atrás dela, as Amazonas soltaram outra rodada de risadinhas, e o rosto de Morgan começou a se queimar novamente.

Eu não podia evitar além de sentir pena dela. Sim, ela transou com o namorado da sua melhor amiga, mas agora ela estava completamente sozinha. Eu ouvi pela fábrica de boatos que Morgan tinha terminado com Samson duas semanas atrás, e suas antigas amigas Valquírias não estavam falando com ela. Graças a Daphne, as outras Valquírias tinham descoberto como Morgan e Jasmine sempre tinham zombado delas pelas suas costas. Meio que difícil ser amiga de alguém que ridicularizou você todo o tempo.

Eventualmente, as Amazonas paravam de gargalhar e voltavam para seus estudos. Partes e pedaços de outras conversas escorregavam até mim de várias mesas, mas eu ignorei os sussurros. Eu ainda estava ocupada pensando sobre o SUV que quase tinha feito de mim uma panqueca essa tarde. Tinha sido um acidente? Ou deliberado? Os pais de Jasmine tinham decidido vir atrás de mim depois de tudo? Ou os Ashtons mandariam algum outro Ceifador para me matar? Eu não sabia, e eu não tinha maneira de descobrir. A preocupação estava me enlouquecendo.

Por volta das sete horas, Daphne veio para a biblioteca, junto com seu namorado, nerd membro da banda Carson Callahan. Eu gesticulei para eles, mas Nickamedes me deu um olhar tão venenoso que eu não deixei o balcão para ir falar com eles, mesmo embora eu realmente, realmente quisesse contar a Daphne sobre o SUV. A Valquíria deveria vir ao meu quarto no dormitório depois do meu turno essa noite de qualquer maneira, então eu só esperaria para contar para ela ali. Não era o tipo de coisa que eu queria mandar para ela como uma mensagem

de texto casual.

Finalmente, por volta das oito e trinta, a biblioteca começou a se esvaziar pela noite. Eu guardei meus próprios livros, esperando que Nickamedes me deixasse partir mais cedo. Mas, sendo o gigante pé no saco que ele era, o bibliotecário empurrou outro carrinho de livros para mim.

— Eu tenho alguns emails a mais para enviar antes de eu fechar a biblioteca. — Nickamedes disse. — Eu acredito que você pode guardar esses livros enquanto isso, Gwendolyn, e não causar qualquer problema enquanto você faz isso.

— Atravessa o meu coração. — Eu fiz um exagerado *X* sobre meu peito. — Sem problemas com isso.

O bibliotecário me deu outro frio, suspeito olhar antes de desaparecer dentro do complexo de escritórios de vidro. Eu mostrei língua com a sua retirada. É, eu sabia que ele ainda estava irritado por eu arruinar a biblioteca, mas isso tinha sido semanas atrás, e eu o ajudei a limpar o estrago. Nickamedes precisava *tanto* superar isso. Não era como se eu tivesse decidido destruir a sua preciosa biblioteca de propósito – eu só estava tentando impedir Jasmine de me matar. Não era minha culpa que nós tombamos milhares de livros no processo.

Eu agarrei o velho, vacilante carrinho e o empurrei por dentro das estantes tendo que lutar contra a roda solta que sempre puxava para a direita. Eu guardei livros nas prateleiras pelos próximos vinte minutos, deslizando todos os grossos volumes de volta para seus lugares característicos. Apesar da minha psicometria, eu não obtive muito de vibração dos livros, uma vez que tantos jovens manusearam-nos ao longo dos anos. Eles eram apenas livros de História, usados para fins de pesquisa e deveres de casa. Ninguém tinha outro interesse real neles. Usualmente, eu não obtinha muito mais do que uma sensação das coisas que as pessoas usavam todo o dia ou itens que tinham um propósito específico ou função – os grandes, vívidos, clarões de alta definição de imagens e sentimentos – quando eu tocava um objeto que alguém tinha uma profunda, ligação pessoal, como um estimado anel de herança de família ou uma foto de um garoto meio-irmão que alguém secretamente desprezava.

Quando eu vim para a Mythos pela primeira vez, eu odiava trabalhar na biblioteca por que, bem, eu odiava basicamente tudo sobre a academia. Especialmente o fato de que eu fui tirada da minha antiga escola e para longe de todos os meus antigos amigos sem uma explicação real. Mas agora eu meio que gostava de perambular através das estantes – principalmente por causa de todos os

artefatos legais em exposição.

Não era chamada de Biblioteca de Antiguidades por nada. Centenas de caixas de vidros podiam ser encontradas por todos os variados pisos na biblioteca, cada uma contendo um item que pertenceu a alguém ou algo importante no mundo mitológico. Como o escudo que Aquiles tinha usado durante a Guerra de Troia, ou os maltrapilhos sapatos que Psiqué tinha usado enquanto ela vagou pelo mundo a procura do seu marido, Eros, o deus Grego do amor. Eu espiava para dentro de todas aquelas caixas enquanto eu passava, levando um minuto para ler as placas de prata presas na frente ou os pequenos cartões brancos enfiados do lado de dentro que me diziam o que os objetos eram, quem os tinha usado, e que magia eles deveriam ter.

Eu tinha acabado de ler sobre o tear que Aracne tinha usado para testar suas habilidades de tecelagem contra aqueles da deusa grega Atenas quando algo farfalhou no corredor próximo, e um flash de movimento captou meu olho.

— Oi? — eu disse, espiando naquela direção. — Tem alguém aí?

É, chamar provavelmente era a coisa errada a se fazer, mas eu não queria dar a volta na extremidade final da estante e tropeçar em um casal de jovens fazendo sacanagem. Eu fiz isso duas vezes na semana passada, o que tinha sido duas demasiadas vezes.

— Oooooi —, eu disse, empurrando o carrinho em direção ao final do corredor.

Eu balancei as rodas para frente e para trás, fazendo-as *guinchar-guinchar-guinchar* até mesmo mais do que o habitual. Na esperança, que se houvessem alguns jovens lá, eles iriam ouvir o barulho e ter o bom senso de colocar suas roupas de volta para cima – ou para baixo – onde elas pertenciam.

Eu empurrei o carrinho passando o final do corredor e saí no espaço principal da biblioteca. — A biblioteca está fechando em alguns minutos...

Uma flecha zuniu através do ar e convergiu na estante de livros ao lado da minha cabeça. Ela tremeu ali, balançando para cima e para baixo até mesmo tão levemente, justo como aquelas que eu tinha disparado no alvo no ginásio essa manhã. Um pé mais perto, e ela teria perfurado direto no meu crânio. Foi quando o meu cérebro se embrenhou com meus olhos, e eu percebi que, você sabe, alguém estava realmente *atirando* em mim.

Eu imediatamente caí de joelhos e me arrastei para trás entre as estantes, arrastando o carrinho de metal junto comigo e me estremecendo com o assustador

barulho que ele fazia. Eu não sabia se eu estava fora da linha de visão do arqueiro ou não, mas certamente, ele não poderia disparar em mim atravessando o carrinho – poderia? Havia mágicos arcos e flechas que poderiam fazer esse tipo de coisa? Merda, merda, merda! Por que isso sempre acontecia comigo? Você pensaria que a biblioteca seria um dos mais seguros, mas entediante lugares na Mythos ao invés de um dos mais mortais? Essa era a segunda vez que alguém tentava me matar aqui. Eu precisava *tanto* trabalhar em mais algum outro lugar no campus.

Eu me encolhi nas estantes, minhas costas contra uma, joelhos enfiados no meu peito, e o carrinho posicionado na minha frente. Minha respiração bufando da minha boca em agudos, curtos, ásperos suspiros. Me levou vários segundos e alguns profundos, profundos tragos de ar antes de eu ser capaz de notar algo além do *bum-bum-bum* do meu coração e o sangue rugindo nos meus ouvidos. Eu me forcei a focar, a escutar, e a manter o pânico a um mínimo. Você sabe, então eu talvez pudesse *ouvir* se ou não o misterioso arqueiro estava carregando outra flecha no seu arco e vindo no meu caminho com ela.

Silêncio – eu não ouvi nada além do absoluto, imóvel, morto e assustador silêncio.

Eu fiquei onde eu estava. Os segundos tiquetaqueando, passando um minuto, depois dois, mas eu ainda não ouvi nada. Quem quer que fosse o arqueiro, eu esperava que ele estivesse muito longe por agora, mas eu não ia ser estúpida bastante para apenas continuar com o meu trabalho, como se tudo estivesse normal. Eu poderia não ser uma guerreira altamente treinada como todos os outros jovens, mas até mesmo eu sabia que assumindo que o cara mal se foi, era um rápido, estúpido jeito de morrer.

Tão silenciosamente quanto eu pude, eu empurrei o carrinho de metal para longe e rastejei para a extremidade oposta do corredor, mantendo-me perto das estantes e do chão. Eu pausei ali e escutei mais. Quando eu não ouvi nada, eu lentamente enfiei minha cabeça na esquina. Vazia – a biblioteca estava completamente vazia.

Ninguém estava estudando nas mesas. Ninguém estava guardando suas coisas. Ninguém estava andando em direção as duplas portas com uma mochila pendurada sobre seu ombro. Até mesmo Sra. Raven, a mulher que conduzia o carrinho de café, já tinha partido pela noite.

Eu mordi meu lábio. Apenas por que eu não vi ninguém não queria dizer que a biblioteca estava vazia. Aquela flecha tinha vindo de algum lugar. Alguém a

tinha disparado em mim, e eu não tinha maneira de saber se ou não ele ainda estava ali – uma mão se fechou no meu ombro. Eu gritei e me arremessei para a esquerda, batendo meu ombro na estante de livros oposta. Eu agarrei um dos grossos livros, joguei meu braço para trás, e me virei de joelhos, pronta para lançar o pesado volume em quem estivesse atrás de mim, depois me sobressaltar sob meus pés e correr como louca.

Nickamedes estava no meio do corredor, suas mãos em seus quadris. — Gwendolyn? — o bibliotecário franziu o cenho. — Você está bem?

Eu lutei para ficar de pé, pela primeira vez grata em vê-lo. Tanto que eu poderia ter abraçado-o se isso não fosse muito esquisito. Nickamedes abriu sua boca para dizer algo mais, mas eu estendi minha mão.

— Shh! — eu assobieei.

A careta confusa de Nickamedes se transformou em um olhar glacial com o meu pedido de silêncio, mas eu o ignorei e me concentrei. Mais uma vez, eu não ouvi nada. Sem farfalhar, sem sussurros de roupas, sem passos fugindo.

— Eu pergunto novamente. Você está bem? — Nickamedes disse em um falso tom. — Ou você está tendo algum tipo de... episódio?

— Não, não, eu não estou bem —, eu disse, me movendo passando por ele e espreitando para o final do corredor. — Eu não estou bem por causa daquela...

Eu dei a volta na esquina e apontei para o final de uma estante de livros, mas minhas palavras morreram nos meus lábios. A flecha se foi – desapareceu, como se ela nunca sequer estivesse ali em primeiro lugar.

— Gwendolyn? É algo importante? — Nickamedes pisou fora da estante atrás de mim.

Minha boca se abriu, fechou, e abriu novamente, mas nenhuma palavra saiu. *Não, eu não estou bem*, eu queria dizer. *Alguém acabou de tentar colocar uma flecha através do meu crânio.*

Mas eu não podia contar para ele. Não sem prova. Nickamedes me odiava. Ele nunca acreditaria que alguém tinha acabado de disparar em mim na biblioteca. E mesmo se ele acreditasse, bem, ele poderia não se importar tanto assim.

Eu apertei meus lábios e fiquei ali, raiva, vergonha e medo fazendo minhas bochechas se queimarem.

Nickamedes ergueu suas pretas sobrancelhas de uma forma que claramente disse que ele pensava que eu tinha perdido aquele pequeno bom senso que eu

tinha. — Bem, eu terminei com meus emails. Vá pegar suas coisas, e eu vou desligar as luzes e trancar pela noite.

Ele andou de volta ao seu escritório, mas eu continuei onde eu estava, sentindo o disparato, o susto, e a frustração, tudo ao mesmo tempo. Eu soprei uma respiração e me virei de costas para a estante, como se a flecha fosse de alguma forma magicamente reaparecer. Não aconteceu, claro, mas eu percebi que talvez eu não tivesse imaginado coisas depois de tudo. Por que havia um entalhe na madeira que não existia antes.

O profundo, feio, com formato de estrela pareceu como se tivesse sulcado talvez dez centímetros dentro da escura, lustrosa madeira. Quem tinha disparado a flecha deveria ter arrancado-a enquanto eu estive olhando ao redor, na extremidade distante da estante. Essa era a única explicação que eu podia sugerir. Mas se esse fosse o caso, por que ele não tinha disparado outra flecha em mim quando eu virei de costas? O arqueiro tinha ouvido Nickamedes se movendo no seu escritório e se assustou? Se sim, eu ia começar a ser muito mais agradável com o nervoso bibliotecário – um monte mais agradável.

Mas nesse momento eu queria respostas, e eu sabia de uma maneira de talvez consegui-las. Com minha mão tremendo, eu trouxe meus dedos para cima ao entalhe. Eu hesitei um segundo, então os pressionei na madeira estilhaçada, sabendo que minha psicometria iria dar um pontapé e me mostrar exatamente o que tinha acontecido.

THUNK!

Uma imagem de uma flecha batendo na estante preencheu minha mente – mas nada mais. Sem pista como de quem tinha atirado-a ou por que. Decepcionante mas não surpreendente. Eu precisava da real flecha para isso ou o arco que ela tinha sido lançada. Essas eram as ferramentas que o arqueiro tinha tocado, as coisas que ele usou quando ele tentou me matar. A estante de livros estava apenas onde a flecha tinha aterrissado. É por isso que não havia quaisquer emoções atadas a ela – apenas a súbita violência da flecha batendo na espessa madeira. Frustrada eu deixei minhas mãos caírem.

— Gwendolyn? — Nickamedes gritou para mim de uma das portas do complexo de escritórios de vidro. — Ou você vem aqui pegar sua bolsa nesse exato segundo ou a deixe aqui pela noite!

Não havia nada mais que eu poderia fazer – não essa noite, não sem o arco, a flecha, ou algum outro tipo de prova – então eu me afastei da estante estilhaçada e

segui até o balcão de registro.

Eu agarrei minha bolsa carteira e a joguei sobre meu ombro, mas eu não estava realmente pensando sobre o que eu estava fazendo. Ao invés, eu estava repassando os eventos do dia na minha cabeça. Primeiro, o SUV, e agora a flecha na estante. Tudo isso adicionava a apenas uma conclusão.

Alguém estava tentando me matar. Mas não era o ginásio dessa vez, e não era apenas treinamento.

Não – dessa vez, era de verdade.



6

— **A**LCUÉM ESTÁ TENTANDO MATAR VOCÊ? Sério? — Daphne perguntou uma hora e meia, mais tarde.

Eu encolhi de ombros. — Matar, mutilar, ou machucar. Não é tudo a mesma coisa com Ceifadores?

Nós estávamos no meu quarto no dormitório, comendo os cookies de chocolate e morango que Vovó Frost tinha assado hoje mais cedo. Bem, Daphne estava comendo os cookies. Eu não tinha apetite por eles. Nós ainda se retorciam e se apertavam no meu estômago de quase ser espetada na biblioteca.

Depois de Nickamedes ter trancado as portas da frente, eu corri todo o caminho da Biblioteca de Antiguidades até o quadrilátero superior descendo ao Styx Hall, onde era meu quarto no dormitório. Com cada passo, eu esperei que uma flecha zunisse para fora das sombras e rasgasse minha cabeça. Mas nada tinha acontecido.

Eu consegui chegar ao meu dormitório em uma parte, usei meu cartão de ID

de aluno para entrar, e tinha ido direto acima para o meu quarto, o qual estava metido em uma torre separada no terceiro andar. O quarto se destacava com toda a mobília padrão de dormitório – uma cama, uma mesa, algumas prateleiras, uma TV, uma pequena geladeira – embora eu tivesse adicionado meu toque pessoal. Uns dois porta-retratos da minha mãe estavam na minha mesa, junto com uma pequena estátua de Nike. Vic, que estava no momento presente dormindo na sua banha, pendurado na parede acima da mesa, bem ao lado do meu pôster da Mulher Maravilha, Karma Girl, e The Killers.

Normalmente, eu considerava meu quarto um seguro paraíso da loucura que era a Mythos Academy. Não essa noite, entretanto. Eu me encolhi de joelhos no chão, meu edredom roxo e cinza ao meu redor, e espiei através do fundo de uma janela panorâmica disposta na parede. Parecia não haver ninguém à espreita no gramado do dormitório, mas então novamente, estava escuro como piche no lado de fora agora. — Por que você acha que um Ceifador tentou matar você? — Daphne perguntou.

— Quem mais poderia ser? Além disso, Professora Metis me disse que a família de Jasmine pode vir atrás de mim por que eu estava envolvida na sua morte.

— Verdade —, Daphne concordou. — Você espetacularmente irritou a família dela. Sem mencionar os Ceifadores em geral.

A Valquíria se espreguiçou na minha cama, comendo cookie com uma mão enquanto ela digitava no seu laptop com a outra. O movimento fez os berloques do seu bracelete prateado ao redor do seu pulso direito fazerem barulho. Carson tinha comprado o bracelete para Daphne semanas atrás, voltando quando ele estava tentando juntar coragem para convidar a Valquíria para sair. Agora, essa era uma das suas mais apreciadas posses.

— Ceifadores não gostam quando um dos seus morrem —, Daphne adicionou. — Reembolso é, como, a vida deles. Você vai dizer a Professora Metis o que aconteceu?

Metis era minha professora de história-mítica, e ela meio que se tornou minha mentora. Ela também foi a melhor amiga da minha mãe, voltando quando elas duas iam à Mythos. A professora tinha me dito que minha mãe salvou a vida dela mais vezes do que ela podia contar e que ela devia a minha mãe para cuidar de mim enquanto eu estivesse aqui.

Meus olhos se agitaram para a minha mesa, e eu rastejei até ela e tirei o

porta-retrato de cima da mesa. Duas garotas sorriam para mim de trás do vidro, seus braços ao redor uma da outra. Minha mãe e Professora Metis, voltando quando elas tinham cerca da minha idade.

Não muito tempo atrás, Metis tinha dado para mim essa foto delas quando adolescentes. Cada vez que eu tirava a foto de detrás do vidro e corria meus dedos sobre o papel pegajoso, eu sentia todo o amor que minha mãe e Metis tinham tido uma pela outra.

Elas foram mais como irmãs do que como amigas. Sabendo que alguém mais tinha se importado sobre minha mãe tanto quanto eu, me fazia me sentir um pouco menos sozinha e fazia minha mágoa e culpa sobre sua morte um pouco mais fácil de suportar.

— O que eu digo a Metis? — Eu disse, colocando a foto de volta na mesa. — Que alguém tentou me atropelar perto da casa da minha avó e então deu um tiro em mim na biblioteca? Eu não tenho qualquer prova de que nenhuma delas realmente aconteceu. Eu não dei uma olhada na placa do carro, e eu não tenho a flecha. Ela pode apenas pensar que eu estava sendo paranóica.

— Eu acho que não —, Daphne disse, martelando seus dedos em cima do seu teclado e fazendo faíscas rosadas agitarem-se no ar. — Metis é mais compreensiva do que a maior parte dos professores são. Eu acho que ela acreditaria em você.

Eu encolhi de ombros. — Talvez, talvez não. Você devia ter visto o olhar que Nickamedes me deu — como se eu tivesse acabado de escapar do Manicômio Ashland ou algo. Quem sabe? Talvez eu tenha. — Eu tentei sorrir da minha própria piada estúpida, mas eu não podia fazer com que meus lábios movessem para cima por todo o caminho. Sabendo que alguém estava tentando me matar não me colocou em um humor sorridente.

Daphne negou com sua cabeça, seu cabelo loiro espalhando sobre seus ombros. — Eu não acho que você é maluca. Se você acha que há um Ceifador atrás de você, então provavelmente há. Eles praticamente vivem para nos matar, você sabe, apenas como nós vivemos para eles.

— Ótimo. Uma maneira de me fazer sentir melhor.

Daphne rolou seus olhos pretos. — Oh, supere isso, Gwen. Não é o fim do mundo. Você só está tendo um curso intensivo com isso, é tudo. Alguns dos garotos realmente iriam estar com ciúmes de você. Os Espartanos certamente estariam. Algumas vezes eu acho que Logan e seus amigos sairiam caçando Ceifadores se o Técnico Ajax e os outros professores os deixassem.

Em adição a serem os melhores lutadores na Mythos, os Espartanos também tinham a reputação de serem os mais sanguinários. Eles realmente gostavam de estar no grosso da batalha e matar coisas – era parte do seu DNA ou algo. Eu imagino que isso é apenas o que acontecia quando você podia pegar normais objetos do cotidiano – os cookies que Daphne estava comendo, o grampeador na minha mesa, a pequena réplica de Nike perto dele – e automaticamente saber como matar pessoas com eles. Logan, Kenzie, e Oliver podiam apanhar qualquer uma dessas coisas, me matar com ela, e não pensar duas vezes fazendo isso. Sério. Esse é o tipo de coisa louca que eles instintivamente sabiam como fazer.

— Bem, é um curso que eu vou reprovar —, eu reclamei. — Talvez eu vá apenas me esconder aqui no meu quarto até o feriado do Natal. Mais cedo ou mais tarde, o Ceifador irá ter que perder o interesse em mim.

— Ceifadores *nunca* perdem interesse. Uma vez que você está na lista de extermínio deles, eles não vão parar de vir, até você estar morta – ou eles estarem. — Daphne negou sua cabeça de novo. — E você não pode ficar aqui, especialmente não nesse final de semana. Todos estão indo para o Carnaval de Inverno, até mesmo os professores e os funcionários da academia. Você estaria no campus sozinha. Se *há* um Ceifador ali fora atirando em você, você só está dando a ele um presente de Natal antecipado. Você sabe que completa piada a segurança do dormitório é. — Eu suspirei. — Então o que você acha que eu deva fazer?

— Converse com Metis —, Daphne disse. — Diga a ela o que está acontecendo e pergunte a ela se ela ouviu algo sobre a família de Jasmine. Se eles ainda estão escondidos ou se o Panteão já os prendeu e os jogou dentro de uma prisão onde eles pertencem. — Eu assenti com minha cabeça, e nós ficamos em silêncio por um curto momento.

— Você sabe, é muito ruim que eu não tinha um arco e flecha essa noite —, Eu finalmente resmunguei. — Eu poderia ter pensado em você e me defender contra o Ceifador.

— O que você quer dizer?

Eu disse a Valquíria como eu melhorei durante o treino de tiro ao arco essa manhã apenas em pensar nela, por convocar as memórias que eu tinha dela dos torneios que ela venceu.

— Sério? Isso é maneiro. — Daphne bateu seus dedos contra seus lábios, profunda em pensamentos. — Eu me pergunto se você poderia fazer isso com outras coisas, também.

— O que você quer dizer?

Ela gesticulou para sua mochila de livros, bojudada no chão. — Eu estive lendo sobre várias teorias mágicas e poderes enquanto eu espero pela minha própria magia despertar. Há muitas histórias sobre pessoas explorando os poderes de outras pessoas. A maior parte delas tem algum tipo de magia mental, como você tem. Telepatia ou algo que os permite ver dentro da mente de outras pessoas. Então se você pode convocar as memórias dos meus campeonatos de tiro ao arco, quem diz que você não pode fazer isso com outras coisas? Ou até mesmo com outras pessoas?

Eu encolhi de ombros. — Eu não sei. Eu nunca pensei na minha magia como isso antes. Normalmente eu só obtenho flashes de objetos. Eu realmente não *faço* nada com as memórias que eu vejo.

— Bem, talvez você devesse tentar fazer, ver se isso funciona —, Daphne disse. — Mesmo assim você pode muito bem começar a fazer suas malas para o carnaval. Por que eu não estou deixando você aqui sozinha, não com um Ceifador à espreita. Você vai ao carnaval, mesmo que eu própria tenha que arrastar você dando pontapés e gritando em direção ao ônibus.

A feição linda de Daphne tomou um determinado, teimoso olhar, e mais faíscas rosadas de magia agitaram-se no ar ao redor dela. Nós poderíamos ter sido amigas por algumas semanas até agora, mas eu sabia que ela falou a sério o que disse. E com sua força de Valquíria, ela não teria problema em torcer meu braço — literalmente — para conseguir que eu faça exatamente o que ela queira.

— Tudo bem, tudo bem —, Eu resmunguei novamente. — Eu vou falar com Metis amanhã, e vou ao estúpido Carnaval de Inverno com você. Apenas não espere que eu goste dele.

Daphne sorriu, e então enfiou outro cookie dentro da sua boca.

Eu fiquei presa no meu horário habitual no dia seguinte, Quinta feira; treinamento com armas, bem cedo, com Logan, Kenzie, e Oliver; café da manhã no refeitório com Daphne; depois um dia cheio de aulas. Eu olhei todos os outros alunos, me perguntando qual deles poderia realmente ser um Ceifador, mas

nenhum me chamou mais atenção do que o normal. O que quer dizer que, ninguém me notou também. Eu não era exatamente um dos jovens populares, e eu certamente não era bonita o bastante para os caras me conferirem dessa forma. A maioria das pessoas – como Helena Paxton e suas irritadas amigas na biblioteca na noite passada – apenas pensavam em mim como Gwen Frost, aquela estranha garota Cigana.

Finalmente o sexto tempo acontecia, e eu deslizei para o meu assento na aula de história-mítica de Professora Metis. A mesa de Carson era bem na minha frente, e ele se virou para conversar comigo. Carson era o namorado de Daphne, mas ele era meu amigo, também, uma vez que eu ajudei no encontro deles em primeiro lugar. Ele era apenas um todo bom, doce cara com uma alta, esguia, estrutura de um metro e oitenta e três e cabelo e pele castanhos escuros. Ele também vinha a ser um total cara nerd membro da banda, e era o tambor principal da Banda da Mythos Academy, mesmo embora ele tivesse apenas dezessete anos e fosse um aluno do segundo ano, como eu. Carson era um Celta, e tinha um talento musical, como algum tipo de guerreiro poeta, embora eu nunca realmente perguntei a ele sobre isso, que tipo de poder ele tinha, ou o que ele podia fazer com isso.

— Você está animada para o Carnaval de Inverno? — Carson perguntou, empurrando seus óculos pretos para cima do seu nariz e me espiando com seus olhos castanhos escuros. — Esse será o seu primeiro, certo, Gwen?

— É —, eu murmurei. — E eu estou animada até a morte sobre isso. — Carson franziu o cenho, captando meu humor azedo, mas antes que ele pudesse dizer algo mais, o sinal tocou, sinalizando o início da aula. Alguns segundos mais tarde Professora Metis entrou na sala e fechou a porta atrás dela. Metis era descendente de Gregos, como tantos dos jovens e dos professores na Mythos. Ela era uma pequena mulher com um corpo atarracado, pele bronze, e cabelo preto que sempre estava puxado para trás em um alto, apertado coque. Hoje ela vestia uma pesada capa de pescador que era da mesma cor verde que seus olhos atrás dos seus óculos prateados.

— Boa tarde a todos. Por favor abram seus livros na página 251 —, Metis disse. — Hoje nós vamos nos focar em algumas das criaturas que ajudaram Loki durante a Guerra do Caos, e algumas espécies que os Ceifadores ainda usam hoje.

Eu estremeci. Conversa de monstro, em outras palavras. Definitivamente *não* meu assunto favorito. Ceifadores eram bastante maus, mas eles eram apenas

peessoas no final. Tudo bem, tudo bem, pessoas, com magia, armas, e atitudes seriamente ruins, mas mesmo assim, apenas pessoas. Eram os monstros – os pesadelos mitológicos que os Ceifadores treinaram para fazer suas licitações maldosas – que realmente me arrepiavam. Eu estive cara a cara com um gatuno de Nemean, e eu vi exatamente o quanto grande, longo, e afiados dentes e garras do gatinho eram. Era como uma pantera negra com esteróides. Super gatuno, super-perigoso. Gwen não tanto assim. Isso era tudo o que eu realmente precisava saber.

Mas não havia saída da aula, então eu abri meu livro de história-mítica na página apropriada.

— Agora —, Professora Metis começou —, todos vocês sabem sobre os Ceifadores do Caos, aqueles que servem ao malévolos deus Loki, e como eles e Loki tentaram escravizar qualquer um séculos atrás. Suas ações resultaram na longa, sangrenta Guerra do Caos, a qual quase tinha destruído o mundo inteiro. Eventualmente, os membros do Panteão uniram-se para batalhar com Loki e seus Ceifadores. Nike, a deusa Grega da vitória, derrotou Loki em um único combate, e ela e os outros deuses o prenderam em uma mágica, mitológica prisão há tempos removida do reino mortal.

Metis olhou para o primeiro aluno, depois para outro, se certificando que todos nós estávamos prestando atenção. — Nós também estivemos falando sobre como os Ceifadores estão tentando libertar Loki, para que o deus possa mergulhar o mundo em uma segunda Guerra do Caos...

Enquanto a professora começava sua leitura, eu mais uma vez pensei sobre Jasmine Ashton e como ela tinha sido uma Ceifadora, junto com o resto de sua família. Antes dela morrer, Jasmine me disse que havia outros Ceifadores na academia – algo que fez meu estômago tremer com pavor até mesmo agora. Era bastante ruim saber que Ceifadores existiam em primeiro lugar. Outra coisa mais assustadora era perceber que você ia às aulas como eles e não tinha ideia de quem eles eram – ou quando eles podiam decidir tentar matar você.

Ceifadores era a razão do por que todos os jovens estavam na Mythos para começar. Os alunos eram descendentes de todos os antigos guerreiros que ajudaram a derrotar Loki na primeira vez, e eles estavam aqui no caso do deus alguma vez se libertasse novamente. Todos os alunos da Mythos tinham sido treinados desde o nascimento a aprender como usar qualquer habilidade ou magia que eles tinham, para que eles pudessem lutar com Ceifadores. Claro, eu não era um guerreiro como os outros jovens – não exatamente – mas eu tinha minha

própria magia: minha psicomетria, dada para mim pela própria Nike.

Eu recentemente aprendi que todos meus ancestrais tinham servido a Nike de alguma maneira, incluindo minha Vovó Frost e minha mãe, Grace. Como resultado, a deusa tinha nos prendado com magia, a qual é o que nos faziam Ciganas. Minha avó tinha me dito que havia outros Ciganos ali fora, outras pessoas com magia dos deuses, mas eu nunca conheci nenhum deles. Eu não estava certa se eu queria também, uma vez que Vovó Frost me disse que nem todos os Ciganos eram bons – alguns eram justo tão malvados quanto os deuses que eles serviam.

Agora, eu era a Campeã de Nike, escolhida pela própria deusa, e tentando continuar com a tradição da minha família, sem pista real de como eu deveria impedir que Coisas Ruins, Bem Ruins acontecessem comigo ou ninguém mais.

—... quanto mais vocês sabem sobre as criaturas que os Ceifadores usam, melhor vocês serão capazes de se protegerem e seus entes queridos deles —, Metis terminou a parte aberta da sua leitura.

Eu me sacudi para fora dos meus pensamentos problemáticos e me foquei nas palavras de Metis. Pela próxima meia hora, a professora falou sobre monstros – muitos e muitos monstros assustadores. Wyverns, basíliscos, dragões, yetis, até mesmo pássaros gigantes nomeados de Rocas Pretos. Ela chamou todos eles de “criaturas”, como se ela estivesse sendo politicamente correta ou algo, mas sério, eles eram monstros. Qualquer coisa que tinha presas mais longas do que meus dedos e que podiam inalar fogo *definitivamente* era um monstro.

— E na página seguinte nós temos uma das mais interessantes criaturas – o lobo Fenrir —, Metis disse.

Livros farfalharam enquanto todos mudavam para a próxima página, a qual destacava um desenho de caneta tinteiro do maior lobo que eu já tinha visto. Tudo sobre ele era apenas *grande* – grandes olhos; grandes garras; grande cauda; e, claro, grandes, grandes dentes e garras. Todo o melhor para me comer. Por que, que tipo de monstro ele seria se ele não pudesse rasgar você em pedaços e mastigar você até os ossos?

— Esses lobos são os descendentes de Fenrir, o primeiro e mais poderoso lobo que lutou ao lado dos membros do Panteão durante a Guerra do Caos —, Metis disse. — No decorrer dos anos, os Ceifadores têm conseguido prender a maioria dos lobos, mas uns poucos deles ainda podem ser encontrados na natureza hoje em dia, incluindo bem aqui nas montanhas da Carolina do Norte.

Por um momento o desenho agitou-se nas páginas, e o lobo de caneta tinteiro virou sua cabeça até que ela estava olhando direto para mim. A tinta preta escorreu para baixo, então de volta para cima, e eu percebi que o monstro estava sorrindo – e me mostrando cada e todos os seus pontiagudos dentes.

Eu estremeci e afastei o olhar. Algumas vezes minha magia Cigana ficava um pouco confusa e me fazia ver e sentir coisas que não estavam realmente ali, mesmo quando eu não estava tocando um objeto. Ou talvez fosse apenas a minha deformada imaginação trabalhando horas extras hoje. Mesmo assim, era tudo o que eu podia fazer para impedir de fechar o livro e o jogar do outro lado da sala.

— O que vocês precisam entender é que essas criaturas não começaram ruins —, Metis disse, seu suave olhar verde indo do rosto de um aluno ao outro. — Os Ceifadores os mudaram ao longo dos séculos, enjaulando-os e torturando-os até eles se virarem algo mais, completamente.

— Até mesmo os gatunos de Neamean? — Carson perguntou na minha frente.

— Até mesmo os gatunos —, Metis respondeu. — Entretanto, tenha em mente que enquanto os Ceifadores têm treinado as criaturas para matar, elas ainda têm vontade própria no final, apenas como todos nós temos. Tem havido raras instâncias onde gatunos, lobos, e outras criaturas tem se virado contra os Ceifadores. Ultimamente, cabe as criaturas tanto com quem eles servem e o que eles fazem. Mesmo os próprios deuses não podem forçar uma pessoa ou criatura a fazer algo. Todos nós temos vontade própria – todos nós fazemos nossas próprias escolhas sobre os tipos de pessoas que nós somos e como nós escolhemos viver nossas vidas.

Vontade própria? Tanto faz. O lobo Fenrir sorrindo nesse livro parecia bastante mal para mim, apenas como todos os outros monstros pareciam. Eu não me importava se ele tinha vontade própria ou não.

Metis nos pediu para virarmos a página e começou a falar sobre o próximo pesadelo mitológico. Monstros podiam não ser meu tópico favorito, mas eu escutei cada palavra que a professora disse, e fiz páginas de anotações. Quando eu comecei a vir para a academia, eu odiava história-mítica, mas agora era minha aula favorita. No início do semestre eu não achei que eu tivesse qualquer conexão com os garotos guerreiros daqui. Mas agora eu sabia que eu tinha – e eu queria ser como eles.

Talvez fosse por que minha mãe tinha sido um detetive de polícia e tinha

gastado sua vida ajudando as pessoas antes dela morrer. Talvez fosse por que ela e minha Vovó Frost ambas tinham sido Campeãs de Nike antes de mim. Ou talvez fosse apenas tudo o que eu vi e ouvi desde quando vim para a Mythos. Mas eu queria ser um guerreiro de verdade como os outros alunos eram. Eu queria ser tão feroz, forte, e corajosa quanto eles eram, quanto minha mãe e minha avó tinham sido. Eu queria manter o mundo e todos nele seguros dos Ceifadores e Loki e monstros.

Eu queria fazer Coisas Grandes com meu dom Cigano, mesmo se eu não soubesse exatamente o que essas Coisas Grandes eram ainda – ou como eu ia até mesmo fazê-las em primeiro lugar.

A aula voou, e pareceu como se nós apenas estivéssemos conversando alguns minutos quando o sinal final do dia soou. Eu pisquei e olhei para cima do meu caderno. Por todo o meu redor os outros jovens ficaram de pé, agarraram seus livros, e correram em direção à porta.

Carson jogou sua mochila sobre seu ombro e se virou para me olhar. — Eu imagino que eu verei você amanhã no quadrilátero, quando todos nós partimos para ir ao carnaval.

— É —, eu disse. — Bem cedo no frio congelante. — O nerd membro da banda me deu um sorriso tímido e deixou a sala. Eu levei meu doce tempo enfiando minhas coisas na minha bolsa carteiro, para que todos os outros tivessem partido na hora em que eu estivesse terminado, me deixando sozinha com Metis. Eu andei até o pódio onde a professora estava deslizando seus próprios papéis para dentro de uma maltratada valise de couro. Ela olhou para cima com o guinchar dos meus tênis no chão.

— Oi, Gwen. — Metis sorriu para mim. — Como você e Vic estão hoje?

Como os outros alunos, eu normalmente carregava minha própria arma pessoal comigo durante o dia. Era apenas mais fácil do que ter que andar todo o caminho para baixo até o meu dormitório para pegá-la antes do meu quinto tempo de educação física. No meu caso, essa arma era Vic. O cabo da espada prateada saindo do topo da minha bolsa carteiro. O olho de Vic estava fechado, e eu sabia que ele estava dormindo. Vic tinha me dito mais do que uma vez que ele achava o som da suave voz de Metis bastante tranquilizante.

A professora sabia tudo sobre Vic e o fato de que a espada podia falar por que ela era uma Campeã apenas como eu. Metis serviu Atena, a deusa Grega da sabedoria. Ela até mesmo me mostrou a arma que Atena deu para ela – uma

grossa vara feita de madeira dourada polida. Todos os Campeões – bons e maus – recebiam uma arma do seu respectivo deus ou deusa, e todas elas estavam inscritas com algum tipo de dizeres relevantes a aquele deus ou deusa. Apenas um Campeão podia ler as palavras na sua própria arma, entretanto. Metis tinha me dito uma vez que a frase “Na sabedoria, há grande força” estava esculpida na sua vara, enquanto Vic tinha seu próprio dizer gravado na sua lâmina – “Vitória sempre.”

— Nós estamos indo bem —, eu disse.

— E como está indo o seu treinamento com Logan?

— Um, bom. Só... bom.

“Bom” se você considerasse o fato de que eu ainda não podia sobreviver mais do que um minuto duelando com Logan. O Espartano tinha me matado quinze vezes essa manhã antes dele finalmente ter pena de mim e me deixar praticar arco e flecha com Kenzie e Oliver. Nisso, ao menos, eu estava ficando um pouco melhor. Tudo o que eu tinha que fazer era pensar em Daphne e eu podia colocar uma flecha no centro do alvo cada vez. Eu me perguntava se eu podia usar minha magia psicométrica assim, de outras formas, como Daphne tinha sugerido. Eu não tinha tentado ainda, entretanto. Eu estava um pouco distraída por quase ter sido morta duas vezes ontem.

— Eu posso te ajudar, Gwen? — Metis perguntou. — Há algo na sua mente?

Eu abri minha boca para contar a Metis sobre o SUV que quase tinha me atropelado e o fato de que alguém tinha disparado uma flecha em mim na Biblioteca de Antiguidades na noite passada – mas nada saiu.

Eu não sei por que. Eu queria contar a ela o que tinha acontecido. Eu *deveria* contar a ela. Metis era esperta. Ela saberia o que fazer. Ela saberia como me ajudar.

Mas porque não posso me ajudar sozinha? Uma falsa baixa voz sussurrou no fundo da minha mente. *Você é a Campeã de Nike. Você deveria ser capaz de cuidar de si mesma. Todos os outros por aqui podem.*

Isso era verdade. Daphne tinha sua força de Valquíria e sua incrível habilidade de arco e flecha, e sua magia provavelmente iria se despertar e despontar a qualquer dia, dando a ela até mesmo mais poder, qualquer poder que se revelasse a ser. Logan, Kenzie, e Oliver tinham suas malucas habilidades de luta Espartana, e podiam matar Ceifadores com qualquer coisa que eles pegassem, sem importar o quanto inofensivo fosse. Mesmo Carson era melhor com uma espada do

que eu era, e ele era o mais legal, mais doce, mais gentil, cara na academia.

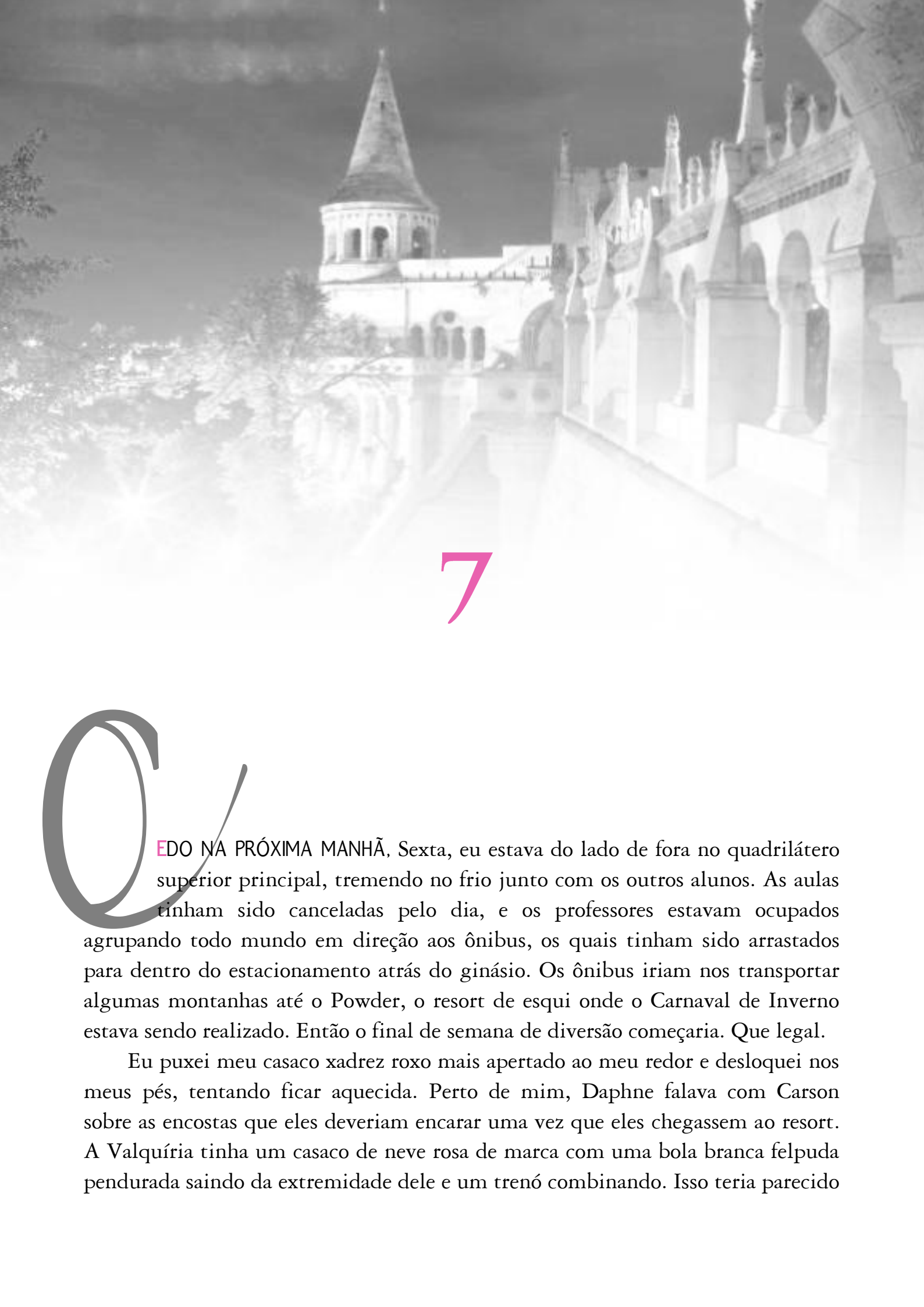
Quanto mais eu ficava na Mythos, mais eu queria ser como eles. É, parte disso era sobre me encaixar e ser outro alguém além de Gwen Frost, aquela maluca garota Cigana. Parte disso era também sobre ser capaz de me cuidar, em me defender contra Ceifadores e monstros. Mas sobretudo, por que eu queria ser o guerreiro que Nike pensou que eu pudesse ser, a Campeã que a deusa tinha escolhido. Eu queria fazer minha mãe e minha avó e todas as outras mulheres Frost, que vieram antes de mim, se orgulharem.

— Gwen? — Metis perguntou novamente. — Você está bem?

Naquele momento eu fiz a minha decisão. É, talvez isso fosse um pouco estúpido, mas eu ia manter minha boca fechada sobre ontem. Eu não podia correr para Metis por ajuda toda vez que eu tivesse um problema. Se havia um Ceifador atrás de mim, então eu ia descobrir quem ele era e cuidar de mim mesma. Eu tinha uma espada falante, eu tinha algumas habilidades de luta, e mais importante, eu tinha meu dom Cigano. Eu descobriria o resto disso enquanto eu prosseguisse apenas como eu sempre fiz.

Eu dei a ela o meu melhor sorriso eu-não-estou-disposta-a-nada. — Eu estou bem. Eu só queria dizer a você o quanto animada eu estou sobre o Carnaval de Inverno.

Metis franziu o cenho, como se ela realmente não acreditasse que era tudo o que eu queria dizer. Eu dei a professora outro brilhante sorriso e corri para fora da sala antes que ela pudesse me fazer qualquer outra pergunta a mais.



7

CEDO NA PRÓXIMA MANHÃ, Sexta, eu estava do lado de fora no quadrilátero superior principal, tremendo no frio junto com os outros alunos. As aulas tinham sido canceladas pelo dia, e os professores estavam ocupados agrupando todo mundo em direção aos ônibus, os quais tinham sido arrastados para dentro do estacionamento atrás do ginásio. Os ônibus iriam nos transportar algumas montanhas até o Powder, o resort de esqui onde o Carnaval de Inverno estava sendo realizado. Então o final de semana de diversão começaria. Que legal.

Eu puxei meu casaco xadrez roxo mais apertado ao meu redor e desloquei nos meus pés, tentando ficar aquecida. Perto de mim, Daphne falava com Carson sobre as encostas que eles deveriam encarar uma vez que eles chegassem ao resort. A Valquíria tinha um casaco de neve rosa de marca com uma bola branca felpuda pendurada saindo da extremidade dele e um trenó combinando. Isso teria parecido

ridículo em mim, mas fazia Daphne parecer peculiar e bonitinha. E claro tudo desde as suas roupas a sua bolsa e ao seu brilho labial estavam perfeitos com a cara mala aos seus pés. Algumas vezes eu pensava que Daphne levava a combinação um pouco longe demais.

Eu tinha enfiado minhas roupas para o final de semana em uma cinza, velha bolsa de lona que eu tirei do fundo do meu armário. Jeans, casaco com capuz, T-shirts estampadas, casacos. Meu guarda-roupa estava muito longe abaixo na escala do que as roupas de grife de Daphne. Eu também trouxe junto alguns dos meus favoritos gibis, um estoque de petiscos açucarados, e Vic – apenas no caso do misterioso Ceifador tentar me matar novamente se eu precisasse de uma espada antes que o final de semana acabasse.

Eu não era o único jovem com uma arma. A maioria tinha uma espada ou uma adaga ou duas enfiadas nas suas malas. Eu podia dizer pela forma com que o metal *batia-batia-batia* junto enquanto as malas eram carregadas para o ônibus. Na Mythos, armas eram apenas outro tipo de acessório – um símbolo de status que deixava todos os outros saberem que tipo de guerreiro você era, que tipo de magia você tinha, e quanto poderoso você era.

Finalmente, nós nos embarcamos na frente da fila e embarcamos no ônibus. Não era o nosso ônibus habitual de escola. Oh, não. Nada além do melhor iria servir para os garotos ricos da academia. O ônibus era algo como uma estrela de rock teria, com macios assentos reclinados e TV de plasma montada em cima de cada terceira fila. Havia até mesmo um mini bar nos fundos, perto do banheiro, embora os professores à bordo estavam se certificando que ninguém estivesse bebendo nada mais forte do que refrigerante – por enquanto. Eu duvidava que a proibição do álcool fosse durar muito, entretanto, uma vez que eu ouvi tantos garotos na biblioteca falando sobre todas as festas selvagens que eles planejavam ter antes que o final de semana acabasse.

Daphne e Carson se enroscaram em dois pontos cerca da metade final do ônibus, em uma das seções onde quatro assentos se encaravam um para o outro. Eles compartilharam um rápido beijo antes que Daphne puxasse para fora um mapa do resort de esqui da sua bolsa de tamanho gigante. Os dois inclinaram suas cabeças unidas e continuaram seu discurso prévio sobre quais encostas eles queriam tentar primeiro.

Eu me larguei em um dos assentos os encarando. Nós não tínhamos sequer partido ainda e eu já me sentia como uma terceira roda. Eu suspirei. Eu gostava de

Daphne e Carson juntos – eu realmente gostava. Eles faziam um casal fofo, e eles eram bons um para o outro. Daphne trouxe Carson para fora da sua concha, enquanto que o cara nerd membro da banda acalmou o temperamento impaciente da Valquíria. Mas vê-los juntos apenas me lembrava do fato que eu não tinha um namorado – apenas uma ruim, ruim paixonite por um cara que não gostava de mim em retorno.

Como se para provar minha teoria, Logan entrou no ônibus. O Espartano parecia tão esplêndido como sempre em sua jaqueta de couro preta, suéter azul, e jeans desbotado. Por um momento eu me sentei ereta, esperando que talvez, apenas talvez, ele me veria, andaria até os fundos, e tomaria o assento perto do meu. É, eu realmente era patética assim.

Savannah embarcou no ônibus bem atrás dele, desfazendo da minha pequena, boba esperança. Logan enfiou a mala da Amazona dentro de um dos compartimentos acima da cabeça, e então eles dois sentaram juntos. Eu tinha uma perfeita visão deles do meu assento. Ótimo. Apenas ótimo.

Eu me levantei, abri a caixa onde eu escondi minhas próprias coisas, e puxei para fora uma pilha de gibis e a lata com os últimos cookies de chocolate-morango de Vovó Frost da minha bolsa de lona. Então eu despenquei de costas no meu assento e me resignei a ler sobre a Mulher Maravilha, Batman, e outros super heróis pelas próximas duas horas. Muito ruim que os cookies não durariam nem tanto assim.

A primeira hora da viagem passou silenciosamente, uma vez que todos ainda estavam tentando acordar e se recuperar de terem sido arrastados para fora da cama tão cedo. No começo da segunda hora, a conversa aumentou, o nível de barulho ficou mais alto, e mais e mais pessoas começaram a ir ao bar nos fundos do ônibus para pegar uma bebida ou um lanche. Eu me movi até o assento da janela, para que meus dedos não roçassem acidentalmente contra mais ninguém. Eu não queria ter flashes de um cara passando e vir apenas o quanto totalmente desperdício ele planejava ter o seu final de semana.

Eu tinha lido cerca da metade dos meus gibis quando Oliver caiu no assento vazio ao meu lado.

— Oi, aí, garota Cigana —, Oliver disse, sorrindo.

Eu o olhei, me perguntando o que ele possivelmente poderia querer. O Espartano e eu nunca tínhamos falado a não ser no treinamento de armas – nem ao menos uma vez. Eu não sabia nada sobre Oliver, apenas as coisas que eu o ouvi

falando com Logan e Kenzie durante as seções de lutas, mas eu duvidava que nós tivéssemos muito em comum. Ele amava aulas de educação física, e eu não. Ele sabia como usar armas, e eu não. Ele era um verdadeiro guerreiro durão, e eu não era.

— Oliver —, eu disse, então enfiei meu nariz de volta no meu gibi.

Eu esperava que ele se levantasse e seguisse ao seu assento perto de Kenzie, mas ao invés disso, Oliver se inclinou para perto e espiou as imagens coloridas.

— Que está lendo? — Oliver disse, esticando os seus dedos, como se ele fosse arrancar o livro das minhas mãos.

— Nada que te interessa. E *não toque* no meu gibi —, eu vociferei, movendo-o para fora do alcance dele. — Eu acabei de conseguir essa edição na semana passada, e eu não quero você ou ninguém mais contaminando-o.

Oliver franziu o cenho. — Contaminá-lo? E como eu conseguiria fazer isso?

Eu suspirei. Eu supus ter explicado isso a ele, sobre como toque das pessoas ao usar objetos era como eles obtinham emoções, imagens, e memórias ligadas a eles em primeiro lugar. Mas eu apenas não senti como se tivesse. Tudo o que eu queria era ser deixada sozinha até o ônibus chegar ao resort de esqui. Especialmente uma vez que eu podia ouvir a gargalhada suave de Savannah, alta e clara, mesmo embora eu estivesse três fileiras para trás dela e de Logan. A Amazona não tinha parado de rir desde que nós partimos da Mythos.

— Você poderia contaminar por que você é *você* —, eu disse.

O rosto de Oliver se endureceu, e raiva brilhou no seu olhar verde. Mas eu estava zangada também – comigo mesma, na maior parte, por que eu não podia me livrar desse estúpido sentimento que eu tinha por Logan, mesmo embora ele estivesse sentado menos do que quatro metros e meio de distância, sorrindo para outra garota.

Como se fosse uma deixa, Savannah escolheu aquele momento para soltar outra risada de paquera. Me levou um momento para desapertar a minha mandíbula.

— Por que você sequer sentou aqui? — Eu vociferei novamente para o Espartano. — Por que eu sei que não era apenas para falar comigo. Eu toquei seu caderno, se lembra? Eu sei que você tem um fraquinho por alguém na Mythos, e eu sei que definitivamente não sou eu. Então faça um favor para nós dois e não perca seu tempo me paquerando ou o que quer que você esteja tentando fazer.

Nesse ponto, Daphne e Carson tinham parado de falar e estavam olhando

para Oliver e eu com boca aberta.

Por um momento mágoa preencheu os olhos de Oliver – junto com algo que pareceu como preocupação. Eu franzi o cenho. Por que o Espartano estaria preocupado? Eu não estava dizendo nada que nós dois não já sabíamos. Antes que eu pudesse descobrir o que estava de errado com ele, Oliver ficou nos seus pés, esbravejou para o corredor, e caiu no seu assento perto de Kenzie. Ele disse algo para Kenzie, e eles dois se viraram e me deram um olhar vil.

Eu olhei direto para eles. Eu não me importava se eles eram amigos de Logan ou não, eles estavam sendo idiotas completos nesse momento. Tudo bem, tudo bem, então talvez eu estivesse sendo a megera, mas Oliver tinha começado ao sentar e me incomodar em primeiro lugar.

— O que foi isso tudo? — Daphne sussurrou. — Por que você foi tão mesquinha com ele?

Eu encolhi de ombros. — Eu não sei, e eu não ligo.

Três fileiras na minha frente, Savannah soltou outra risadinha e deitou sua cabeça no ombro de Logan. Eu ergui meu gíbi, para que eu não tivesse que olhar para eles – e eu não olhei pelo resto da viagem.

Os ônibus da Mythos Academy alcançaram o resort um pouco depois das nove naquela manhã. Apesar do fato que eu não tinha realmente querido vir, eu me encontrei olhando para fora da janela como todos os outros jovens.

O resort de esqui Powder definitivamente correspondia ao seu nome. O chão ainda estava pelado na academia, mas aqui em cima, estava todo branco. Neve se esticando em todas as direções, dos desvios de três metros de altura que circundavam o estacionamento às pistas de esqui nas encostas até as pontas irregulares da montanha e as outras que a cercavam. O sol da manhã atingiu a neve tão bem que a fazia brilhar como um tapete de diamantes que tinha sido estendido pela inteira montanha. Tudo apenas *soltava faíscas*.

Daphne, Carson e eu agarramos nossas bagagens e saímos do ônibus, junto com todos os outros. Nós tivemos que esperar por alguns minutos enquanto os outros ônibus descarregavam, o que me deu bastante tempo para olhar por aí. Nós estávamos na base da montanha, com as várias encostas se erguendo como ondas maiores e maiores acima de nós até que elas batiam no azul deslumbrante do céu. Elevadores de esqui circulavam o despenhadeiro, as lisas colinas, como carrosséis, içando as pessoas para cima na montanha e de volta abaixo novamente.

E isso era apenas o que eu podia ver nesse lado do complexo. Ali em baixo,

uma variedade de lojas vendendo de tudo desde chocolate quente a roupas de neve e artesanatos de montanha agrupados em uma charmosa vila. Todos os prédios tinham uma aparência alpina de velho mundo, com pontiagudos, telhados inclinados; brilhantes, tintas com cor de balas; e fofos acabamentos recortados. Todos eles estavam decorados para o Natal, e grossos ramos de azevinhos, laços de veludo vermelho, e cordas de luzes cintilantes esticadas de uma loja a outra. Toda a vila parecia como uma pintura de feriado. Eu meio que esperava ver um São Bernardo trotando por aí, com um barril de whisky atado ao seu pescoço, para completar a cena de pintura de cartão postal.

O grande prédio longe era o próprio hotel do resort, o qual pairava sobre tudo. A enorme estrutura de treze andares parecia como se estivesse sido esculpida para fora da lateral da montanha um tijolo de cada vez. A pedra cinza clara misturava-se com o resto da paisagem acidentada, enquanto as longas, estreitas janelas refletiam as impressionantes faíscas da neve.

Aparentemente, entretanto, o hotel não era grande o bastante, por que eu vi pessoas se movendo para frente e para trás em uma área de construção ligada com a ala direita. Serras, brocas, e mais barulho, e gritos roucos escorregaram até nós. Eu esperava que Daphne e eu não ficassemos presas em um quarto nesse lado do resort com todo esse barulho.

Finalmente, os professores ficaram em todos os lugares ao nosso redor e nos conduziram para dentro do hotel, o qual era no centro de todo o complexo de Powder. Quando eu vim primeiro para Mythos, eu pensei que a academia era totalmente pretensiosa, esnobe, e froufrou com suas armaduras e velhas, caras pinturas. Mas esse lugar fazia a academia passar *vergonha*.

Tudo sobre o hotel era maciço, da lareira de pedra que apanhava uma inteira parede, as vigas de madeira que suportavam o telhado, as clarabóias com formato de diamante que se fixavam no teto. Um enorme candelabro feito de chifres redondos de animais pendurava-se no centro da recepção, enquanto que as cadeiras de veludo macio e sofás estavam dispersos por toda a sala, convidando as pessoas a se sentar, conversar, e sentir o calor do fogo crepitante. Pedacos de folhas douradas e prateadas brilhavam aqui e ali dentre a pedra cinza, enquanto os pisos de madeira de lei brilhavam como folhas de bronze debaixo dos pés. Era o mais legal, mais extravagante, mais caro lugar que eu já tinha estado.

Mas até mesmo aqui eu não podia me livrar das estátuas. Uma estátua de uma mulher de nove metros de altura estava no centro da recepção, sua cabeça e

queixo sustentado alto, seus braços esticados em direção ao céu. Cordas de flocos de neve prateados tinham sido envoltos ao redor do seu corpo, fazendo-a parecer como se ela estivesse convocando o início de uma tempestade de neve. Skadi, a deusa Nórdica do inverno. Eu a reconheci do meu livro de história-mítica. Outras pequenas estátuas estavam nos cantos da recepção e olhavam para fora nas reentrâncias nas paredes de pedra, como UII, outro deus Nórdico do inverno, e Boreas, o deus Grego do Vento Norte.

Como a vila alpina, o hotel também tinha sido decorado para o Natal. Laranjas gordas e sacos de figos brilhavam como joias nas vasilhas de prata que tinham sido colocadas nos pés das estátuas, bem ao lado das taças preenchidas com vinho de amora condimentada. Azevinho tinha sido feito como coroas e circundavam as cabeças dos vários deuses e deusas enquanto bolas gordas de visco branco pendiam dos seus frios dedos. Árvores de cedro e zimbro cobertas com luzes pisca-piscas brancas agrupadas em série na recepção, a essência da fragrância dos seus ramos misturando com a fumaça doce da lareira.

O crepitar das chamas dava a tudo um suave, brilho de cereja, mas eu não podia evitar além de sentir que todas as estátuas estavam olhando direto para mim, apenas como aquelas da academia sempre faziam. Eu olhei para Skadi. Talvez fosse apenas a minha imaginação fatigada novamente, mas os flocos de neve retorcidos ao redor do seu corpo pareceram piscar para mim um por um, como frios, olhos gelados. Eu estremeci e olhei para longe.

— Esse lugar não é inacreditável? — Daphne perguntou do meu lado.

— É —, eu murmurei. — Inacreditável.

Daphne sorriu, não notando meu tom menos do que entusiasmado. — Disse a você. E só espere até você vir os quartos. Eles são apenas tão elegantes, e eles têm até mesmo um SPA, também, onde você pode obter todos os tipos de tratamentos faciais e outros. Cuide das minhas coisas, e eu vou pegar a nossa atribuição para o quarto e cartões chaves para que nós possamos começar a explorar. Vamos, Carson.

Eles dois seguiram e entraram na fila que já tinha sido formada na mesa da recepção. Daphne e eu estaríamos compartilhando um quarto em um dos andares que tinham sido designados apenas para as garotas, enquanto que Carson estaria dividindo a beliche com um dos seus colegas da banda em um dos andares dos garotos.

Os jovens da academia de Nova Iorque já deveriam ter chegado, por que eu apenas reconheci cerca da metade dos alunos circulando pela recepção. Mas sério,

eles eram todos os mesmos – garotos magos guerreiros vestidos nas roupas mais caras que seus pais podiam comprar. Faíscas de magia crepitando e piscando no ar enquanto os alunos das duas escolas interagiam, conversando, gargalhando, e dizendo oi para velhos amigos.

Eu arrastei nossas malas até uma das paredes e fiquei ali, apenas olhando para tudo e tentando fortemente não ficar de boca aberta. Apesar das estátuas assustadoras, o hotel realmente era maravilhoso. Voltando quando minha mãe estava viva, nós tínhamos bastantes férias, mas nós nunca ficamos em algo tão legal como isso.

Powder era o tipo de lugar onde tudo era planejado para isso e planejado para aquilo, até as pastilhas de menta com chocolate que eles colocavam nos nossos travesseiros a noite.

— Muito impressionante, não é? — uma baixa voz murmurou ao meu lado.

Eu virei minha cabeça e me encontrei olhando para um dos caras mais fofos que eu já tinha visto. Sério. Ele era apenas... perfeito. Cabelo loiro branco, olhos azuis intensos, maçãs do rosto fantásticas. E se isso tudo não fosse suficiente, ele tinha um ótimo corpo, também. Eu podia ver seus músculos, mesmo debaixo do preto suéter de gola olímpica que ele usava. Ele pareceu ter cerca da minha idade ou talvez um ano ou dois mais velho. No início, eu não pensei que ele estava falando comigo – eu quero dizer, por que ele estaria? – mas então, quando ele continuou olhando para mim, eu percebi que ele estava.

— É —, eu disse, sem fôlego. — É impressionante.

— E também é a vista de onde eu estou —, o cara disse. E então ele sorriu para mim.

Era como se alguém ligasse um interruptor de luz e subitamente acendeu todas as luzes da recepção – tudo bem, tudo bem, todas as luzes de *todos os lugares* – por que o cara ia de fofo para bem ali em cima ao esplêndido, ajudado também pelas duas covinhas em suas bochechas. Sério, tudo isso e covinhas, também. Ele pareceu como um modelo que tinha acabado de sair de uma página de alguma revista de moda. Ele era apenas bonito – o tipo de cara que você apenas não podia parar de olhar.

— Você está aqui para o Carnaval de Inverno? — ele perguntou.

Eu assenti. — É. Você?

Ele assentiu de volta. — O mesmo. Qual é o seu nome?

Realmente me levou um segundo para me lembrar disso. — Gwen —, eu

disse. — Gwen Frost.

Ele sorriu novamente. — Bem, Gwen Frost, eu sou Preston, da academia de Nova Iorque. Imagino que você vai naquela aqui em baixo, na Carolinas? Eu sei que você não vai para a minha escola, por que eu com certeza teria notado você antes.

Tudo o que eu pude fazer foi apenas assentir e tentar impedir minha boca de despencar. Ele estava — ele estava me *paquerando*? Soou como isso, mas eu não estava completamente certa. Eu não tinha tido muita experiência com esse tipo de coisa. Antes de vir à Mythos, eu tive exatamente um namorado por um grande total de três semanas. E agora que eu estava na academia, caras ainda não estavam tropeçando uns nos outros para falarem comigo.

— Eu só comecei a ir para à Mythos esse ano —, eu disse. — Esse é meu primeiro Carnaval de Inverno.

Ele assentiu, como se eu tivesse acabado de dizer algo legal e interessante, ao invés de recitar fatos estúpidos e chatos. Nós ficamos ali em silêncio por um minuto, enquanto jovens moviam-se na recepção ao nosso redor, gargalhando, conversando, e mandando mensagens nos seus celulares. Eu continuei dando olhares furtivos para Preston pelo canto de fora do meu olho, esperando pela namorada dele aparecer. Um cara fofo assim? Ele já *tinha* que estar com alguém.

Mas ninguém se aproximou de nós — sem garotas, sem garotos, sem professores. E eu comecei a me perguntar como seria paquerar de volta. Apenas um pouquinho.

Antes que eu pudesse abrir minha boca para tentar, eu localizei Daphne gesticulando para mim. A Valquíria tinha umas duas chaves cartões de plástico nas suas mãos, e ela começou a percorrer seu caminho através da multidão na minha direção. Eu gesticulei de volta para ela.

Preston olhou para baixo e checkou seu relógio. — Bem, eu tenho que ir. Eu tenho certeza que meu colega de quarto conseguiu nossa chave cartão por agora.

Eu assenti, mesmo embora desapontamento me preenchesse. Então ele não tinha estado flertando comigo depois de tudo — ele apenas estava matando tempo até que ele pudesse subir ao seu quarto. Claro que ele tinha. Eu deveria ter sabido que era algo como isso desde o início. Caras como ele apenas não paqueravam garotas como eu. Eu estremeci, pensando que provavelmente eu saí como uma perdedora total.

Preston olhou para mim, seus olhos azuis brilhantes e calorosos em seu rosto

bonito. — Eu tenho que sair com alguns amigos essa tarde, mas eu ouvi que vai acontecer uma maravilhosa festa essa noite na cafeteria Solstice. Talvez eu veja você ali?

Meu coração parou, gaguejou, e então *bateu-bateu-bateu* no meu peito. Tudo bem, tudo bem, então ele não estava exatamente me pedindo para sair, mas soou com se ele não se importasse se ele tropeçasse em mim mais tarde também. E dado a minha estúpida, não correspondida, desastrosa queda pelo Logan, eu pegaria o que eu poderia conseguir.

— Talvez —, eu disse, tentando bancar a indiferente.

Preston sorriu para mim uma ultima vez, então seguiu para o outro lado da recepção.

Alguns segundos mais tarde, Daphne se libertou da multidão e se aproximou de mim. Quando eu não imediatamente me virei para ela, a Valquíria estalou seus dedos na frente do meu rosto, fazendo faíscas rosadas piscarem em todo o lugar e caírem no chão como gotas de chuvas.

— Terra para Gwen. O que você está olhando?

— Oh, apenas esse cara com quem eu estava falando.

Os olhos pretos de Daphne se estreitaram. — Que cara?

Eu tentei apontar Preston para ela, mas havia tantas pessoas entre nós e ele, e ele estava caminhando para longe muito rápido para que ela realmente o visse.

— Ele parece fofo —, ela disse, ficando na ponta dos pé para tentar dar uma melhor olhada. — Ao menos de costas.

— Acredite em mim —, eu murmurei. — Ele é.

Daphne me acotovelou na lateral. — Viu? Eu disse a você que haveria caras aqui da academia de Nova Iorque, e você já conheceu um. E você não queria vir.

Eu rolei meus olhos. — Tá bom, tá bom. Você é minha melhor amiga habilidosa, sempre cuidando de mim.

— Malditamente certo —, Daphne cantou. — Agora, vamos. Vamos largar nossas malas no nosso quarto. Eu disse a Carson que nós o encontraríamos assim que nós pudéssemos.

— Sim, mestre —, eu recortei.

Nós agarramos nossa bagagem e seguimos em direção a um dos elevadores. Eu olhei para Preston, mas eu não o vi na multidão de pessoas passeando na recepção. Mesmo assim, eu não podia evitar além de pensar que talvez Daphne estivesse certa — encontrar um cara fofo para me fazer esquecer de Logan era a

melhor coisa que eu podia fazer nesse final de semana.



8

M

EU HUMOR ESPERANÇOSO DUROU até Daphne e eu encontrarmos Carson em uma das lojas de esqui fora da recepção do hotel. Eles dois vagando para cima e para baixo nos corredores lotados, olhando para todos os equipamentos e tentando decidir se eles queriam esquiatar hoje ou descer de boias⁴ ao invés.

Como tudo mais que eu já tinha visto até agora no Powder, a loja tinha o melhor de tudo. Todos os formatos, tamanhos, e estilos de esquís erguidos em estantes contra a parede, suas brilhantes, polidas superfícies tão escorregadias e lisas como vidro. Casacos felpudos, calças, e luvas, todos marcados com logos de designer, assumindo o meio da loja, enquanto que os óculos de sol, chapéus, e cachecóis se amontoavam em um balcão perto da parede traseira. Boias coloridas de neon pendiam do teto, parecendo como donuts gigantes.

Eu segui meus amigos através da loja, me sentindo pequena, pobre, e perdida. Eu nunca realmente fui do tipo ao ar livre, preferindo ficar no meu quarto e ler gibis ou assistir a televisão. Toda essa natureza era um pouco difícil

⁴ (do original tubing que é uma prática esportiva que a pessoa monta em uma boia, e desliza sobre a água, neve ou ar. Essa boia também é conhecida como donuts ou biscoito, por ter formato parecido)

de assimilar. Sério. O que era tão divertido em ficar em pé do lado de fora no frio, tentando não cair e quebrar suas pernas enquanto você zunia abaixo na montanha?

Finalmente Daphne e Carson escolheram alguns esquis, botas, e roupas e então olharam para mim, esperando que eu fizesse algo. O que significava que era a hora da confissão.

— Eu, um, não esquio.

Daphne franziu o cenho. — O que você quer dizer com você não esquia? — Eu me encolhi. — Eu quero dizer, que eu não sei como esquiar. Eu nunca esquiei. Essa é uma das razões do por que eu realmente não quis vir ao resort esse final de semana.

Sua boca caiu aberta. — Como você vive nas montanhas e não sabe como esquiar? Praticamente *todos* na academia vêm para Powder ou voam até Aspen ao menos uma vez ou duas ao ano...

A voz da Valquíria falhou quando ela percebeu que eu nunca estive em Aspen nem em nenhum dos outros lugares extravagantes que ela esteve.

Eu encarei um par de óculos escuros e me desloquei nos meus pés, uma vergonha miserável fazendo minhas bochechas queimarem. O fato de que os óculos tinham uma etiqueta de preço de mil e duzentos dólares neles não ajudou na questão. Na maior parte do tempo, não me incomodava que eu não tivesse as roupas caras, carros, e joias que os outros jovens tinham. Eu entendi o que minha mãe e minha avó tinham tentado fazer, como elas tentaram me dar uma vida normal por tanto tempo quanto possível e me ensinar a não ter dinheiro para privilégio. Além disso, Vovó me deu uma mesada, e eu fiz bastante dinheiro por conta própria encontrando itens perdidos para os jovens da Mythos. Eu tinha dinheiro mais do que suficiente para comprar roupas, alugar esquis, e fazer o que mais eu quisesse fazer nesse final de semana na Powder. Mas quando Daphne falava sobre voar até os Hamptons ou às Bahamas ou para qualquer parte, é, algumas vezes eu ficava um pouco invejosa de todos os lugares interessantes que ela esteve, todas as coisas que ela fez que eu não fiz.

Carson me deu um conhecedor, olhar complacente, o qual apenas me fez até mesmo mais miserável. Eu não queria que meus amigos sentissem pena de mim, e eu definitivamente não queria que eles pensassem em mim como a pobre Gwen, aquela garota Cigana que nunca esteve em nenhum lugar ou fez alguma coisa legal.

Daphne bateu seus dedos contra seus lábios, lançando faíscas rosadas de

magia em todos os lugares. Pensando forte. — Tudo bem, então você não sabe como esquiar, mas talvez nós possamos consertar isso. E se nós tentássemos a coisa do tiro ao alvo?

— Que coisa do tiro ao alvo? — eu perguntei confusa.

— Vamos —, ela disse. — Eu tenho uma ideia.

— Essa é uma ideia, ruim, bem ruim —, eu murmurei. — Isso nunca vai funcionar.

— Oh, engole isso, Gwen —, Daphne disse. — Você nem sequer tentou ainda.

Nós deixamos a loja trinta minutos atrás e agora estávamos em pé no topo de uma das encostas para iniciantes⁵, equipados com esquis, botas, luvas, e óculos. Daphne estava bonitinha em seu casaco de esqui rosa pálido, e Carson estava perfeitamente à vontade no seu verde escuro. Eu apenas sentia-me como um marshmallow de tamanho descomunal. Sério. As calças que Daphne pegou para mim tinham tanto ar preso dentro delas que elas me faziam parecer duas vezes o meu tamanho normal, e a jaqueta se sobressaltava tão para cima que eu tinha que manter meu queixo enfiado para baixo, para que eu pudesse ver onde eu estava indo. A única coisa boa sobre o casaco era a cor, que era uma tonalidade linda de roxo.

As roupas eram bastante ruins, mas então havia os esquis. Eu basicamente tinha duas estreitas, escorregadias pranchas amarradas aos meus pés, e eu sentia como se eu fosse cair a qualquer segundo. Sem mencionar o fato de que eu continuava me golpeando nas pernas com as varas de esqui toda vez que eu me movia. Pegar o teleférico para vir até aqui em cima tinha sido uma aventura por si só. E agora Daphne realmente esperava que eu decolasse para baixo da montanha.

Tudo bem, tudo bem, então não era muito mais do que um declive. A montanha fluía para baixo em um ângulo de várias centenas de metros antes de nivelar novamente. A área estava deserta exceto por nós três. Apenas como Daphne havia dito, todos os outros na Mythos sabiam como esquiar, e os outros jovens tinham subido para trajetos mais acentuados, mais difíceis. Ainda, eu estava certa que eu poderia quebrar algo no caminho para baixo na encosta de iniciante.

— Você está pronta? — Daphne perguntou, tirando uma das suas luvas rosa.

— Claro —, eu murmurei, e arranquei uma das minhas também. —

⁵ (do original bunny slopes é um outro nome que se dá as encostas para iniciantes que seria traduzido como encostas coelhinhos)

Podemos muito bem acabar logo com isso.

Então eu estiquei a mão, fechei na mão de Daphne, e esperei pelas imagens virem.

Algumas semanas atrás, Daphne e eu tínhamos sentado e feito a mesma coisa. Ela era minha melhor amiga, depois de tudo, e nós estávamos sempre roçando uma contra a outra. Uma vez que eu não queria que minha psicomетria chutasse toda vez que eu acidentalmente a tocava, eu decidi apenas receber tudo em um grande golpe.

Era outra peculiaridade da minha magia. Se eu recebesse clarões de alguém de uma vez só, ou com muita frequência sobre um período de tempo, eu meio que me acostumava com as vibrações deles e os podia tocar mais livremente. Oh, eu ainda tinha clarões de Daphne se minha pele estivesse em contato com a dela por mais do que poucos minutos, mas eu não obteria um grande golpe ao menos que ela estivesse realmente chateada ou emotiva sobre algo.

Então Daphne tinha vindo até o meu quarto no dormitório uma noite, e nós sentamos na minha cama e demos as mãos. Ela não tinha visto ou sentido nada, uma vez que ela não tinha esse tipo de magia – magia do toque, como era chamada algumas vezes. Mas eu tinha.

Todos os tipos de imagens da Valquíria tinham preenchido a minha mente, tudo desde o seu crescimento até seu primeiro dia na Mythos ao seu beijo-francês em Carson depois de um dos seus encontros recentes. É, esse último tinha me enojado um pouco.

E eu senti todas as sensações de Daphne também – até a última delas. Eu senti como forte ela era, como feroz, como corajosa, como leal. E sim, até mesmo como ela podia ser uma total garota rica, esnobe e uma grande vadia de tempos em tempos. Mas todas essas imagens, todas essas sensações, boas e ruins, adicionavam à Daphne – e eu estava feliz que ela era minha melhor amiga.

— Você está vendo algo? — Daphne perguntou.

Carson olhou para frente e para trás entre nós.

— Ainda não —, eu resmunguei, apertando meu agarre na sua mão e fechando meus olhos. — Agora pare de falar e comece a se concentrar.

— Mas você deveria ter sido capaz de ver *algo* por agora —, Daphne disse totalmente não me escutando. — Se você pode usar minhas memórias para ajudar você com tiro ao alvo, por que não pode usá-las para ajudar com algo mais? Eu sei que eu estou certa sobre isso. Eu sempre estou certa.

A razão pela qual nós estávamos em pé no declive para iniciantes e dando as mãos em primeiro lugar era por causa da teoria de Daphne sobre minha psicomетria – sua ideia de que eu pudesse usar minha magia para apanhar outras memórias e outras habilidades das pessoas, apenas como ela tinha dito no meu quarto de dormitório duas noites atrás. Basicamente, a Valquíria imaginou que se eu pudesse usar minha psicomетria para explorar a sua destreza de tiro ao alvo, então talvez eu pudesse apanhar algumas das suas habilidades de esquiar, também. Dessa forma, ela, Carson, e eu pudéssemos esquiar juntos, ao invés deles me deixarem para trás no declive de iniciantes completamente sozinha.

A teoria de Daphne fazia sentido, eu supus. Graças ao meu dom Cigano, eu me lembrava de cada coisa que eu tinha visto de tocar um objeto ou outra pessoa – todas as imagens, todas as vibrações, todas as luzes, sons, e clarões de sensações. Eu apenas nunca realmente pensei sobre usá-las dessa forma específica antes, sobre tentar especificamente convocá-las assim –

De repente uma imagem explodiu dentro da minha cabeça, de Daphne em pé no topo de um alto declive. Ela soltou um audível grito, empurrou as suas varas, e acelerou abaixo na montanha. E eu senti todas as coisas que ela sentiu: seus joelhos movendo-se de um lado ao outro, o jato de neve contra suas pernas, o ar frio queimando seus pulmões, até mesmo o borrão dos pinheiros incrustados de gelos enquanto ela zunia passando por eles.

E então, tão rapidamente quanto ela veio, a imagem desapareceu, não deixando nada para trás além do eco vazio do vento na minha cabeça.

Eu abri meus olhos para encontrar Daphne e Carson me encarando.

— Bem? — Daphne perguntou. — Funcionou?

— Nós estamos prestes a descobrir —, eu disse.

Eu soltei sua mão, coloquei minha luva de volta, e me arrastei até a borda do morro.

— Vamos, Gwen. Você pode fazer isso —, Carson gritou em uma voz encorajadora.

Eu não estava certa sobre *isso*, mas eu ia ao menos tentar. E se eu quebrasse algo no caminho para baixo, bem, Daphne disse que o resort tinha um incrível chocolate quente.

— Eu vou me arrepender disso depois —, eu murmurei, enfiei minhas varas na neve, e empurrei.

E imediatamente desejei que não tivesse feito. Tudo aconteceu tão

assustadoramente rápido. A neve estava tão acumulada e escorregadia que parecia como se eu estivesse indo a cem quilômetros por hora abaixo no declive no segundo que eu parti. Mais, o sol brilhava exatamente sobre a neve, lançando deslumbrantes jatos de luz em todas as direções.

Por um momento, quente, suado pânico tomou conta de mim, mas eu o empurrei para longe e me forcei a me focar, a convocar a imagem de Daphne, apenas como eu tinha feito durante o treino de tiro ao alvo com Kenzie e Oliver. Eu podia fazer isso. Eu *faria* isso.

Daphne, Daphne, Daphne – eu cantei no nome da Valquíria na minha cabeça e mais uma vez a imaginei em seu casaco de esqui, deslizando para baixo daquela íngreme montanha e amando cada segundo disso. Em um instante tudo mudou.

Minhas pernas ficaram mais fortes e mais firmes debaixo de mim. Meus braços caíram para baixo para onde eles deveriam estar ao invés de se debatendo descontroladamente ao redor. Meus joelhos começaram a se mover de um lado ao outro para ajudar a controlar minha velocidade, e eu comecei a me inclinar nas curvas, tal como elas estavam no declive de iniciantes. Eu atraí um fôlego e percebi que esquiara meio que... divertido. Antes que eu soubesse, eu estava no alicerce da montanha. Eu movi os esquis primeiro para a direita, depois para a esquerda, mandando uma chuva de neve e deslizando a uma parada, como se eu tivesse nos declives toda a minha vida ao invés de apenas alguns minutos.

No topo da montanha, Daphne e Carson pulavam para cima e para baixo e gritavam e acenavam para mim. Eu ergui uma mão trêmula e acenei de volta, um louco sorriso no meu rosto. Eu não pensei que isso fosse realmente funcionar, mas de alguma forma, funcionou. Pareceu como se houvesse um pouco mais do meu dom Cigano do que eu pensei. Eu tinha que contar a Vovó Frost sobre isso da próxima vez que eu a visse, se ela não já soubesse. Esses dias, Vovó sempre pareceu saber mais do que ela me contou – sobre tudo.

Daphne fez um gesto com sua mão, apontando para o teleférico. Ela queria que eu percorresse de volta para lá em cima, provavelmente então nós subiríamos ao próximo morro e veríamos se eu poderia fazer a mesma coisa tudo de novo. Eu gesticulei de volta, dizendo a ela que eu entendi, e marchei naquela direção.

Vários teleféricos serpenteavam subindo a montanha no Powder, içando alunos, professores, e qualquer outro para cima aos vários trajetos de esquis, snowboard, e boias, mas havia apenas um teleférico na base do declive para iniciantes. Uma vez que não tinha nem de perto tantas cadeiras nele quanto nos

outros, eu tive que ficar de pé ali e esperar por ele fazer a volta.

E foi quando um baixo, sinistro rosnado sussurrou atrás de mim.

Eu congelei, meu sangue subitamente tão frio e congelado quanto a neve ao redor. Eu conhecia esse tipo de rosnado. Eu tinha ouvido-o duas vezes antes na minha vida agora, e em ambas as vezes, eu quase morri.

Viajando até o resort, conhecendo Preston, tendo clarões de Daphne, tentando esquiar. Eu tive uma manhã ocupada. Tão ocupada que eu esqueci sobre o fato de que havia um Ceifador que estava tentado me matar – e que ele tinha acabado de mandar um monstro fazer o seu trabalho.

Eu lentamente me virei. No início eu não o vi, mas então um movimento no bosque de pinheiros na extremidade distante do declive captou meu olho. Eu me estiquei para localizá-lo nas sombras e então desejei que não tivesse feito.

Ele parecia como um lobo super crescido. Mesmo embora a criatura estivesse agachada na neve, eu ainda podia ver como pesado ele era. Parecia grosseiramente ser do mesmo tamanho de um gatuno de Nemean, com um corpo que crescia passando minha cintura e era mais longo do que eu. Algo tremulou nas árvores atrás dele, e me levou um segundo para perceber que era a cauda da criatura, lentamente chicoteando de um lado ao outro e batendo na neve em todos os lugares.

Sua pelagem era da cor de cinzas desfeitas – não muito preto, mas não realmente cinza também – e mechas de vermelho brilhavam na sua espessa, cabeluda pele. A coloração ensanguentada combinava com a cor dos olhos do monstro – um profundo, escuro, vermelho de dar bolhas que parecia como se pudesse queimar atravessando qualquer coisa, inclusive a mim.

Minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu apenas tinha visto uma ilustração dele no meu livro de história-mítica, aquela estranha, estranha ilustração que tinha se movido e escorrido tinta por toda a página, mas eu sabia exatamente o que o monstro era: um lobo Fenrir.

Os lábios do lobo se retraíram em um silencioso rosnado, me mostrando seus dentes afiados como navalha. Eu sabia que escondidas em algum lugar nas sombras estariam as longas, curvas, pretas garras da criatura – aquelas que podiam rasgar quase tudo. Madeira, pele, músculo, osso.

Unindo tudo, o lobo Fenrir era o pesadelo ganhando vida. E agora ele estava aqui para me matar.



9



LOBO FENRIR SOLTOU UM BAIXO, zangado rugido, e eu lentamente trouxe para cima minhas varas de esqui, estendendo-as na minha frente. As finas, fracas varas não fariam muito bem contra o lobo, mas elas eram melhores do que nada. Eu pensei melhor do que tentar correr. Eu não daria dois passos, não com os esquis amarrados aos meus pés, antes da criatura me golpear e me rasgar em pedaços com seus dentes e garras. Dado ao fato que ela estava lambendo seus lábios com sua longa, vermelha língua e me encarando com seus brilhantes, olhos ardentes, o lobo definitivamente iria aproveitar esse tipo de coisa.

Essa era a terceira vez que eu estava cara-a-cara com um monstro mitológico, e a única razão por eu ter sobrevivido aos primeiros dois encontros foi por que Logan entrou para me salvar. Mas Logan não estava aqui agora, e eu estava completamente sozinha –

— Ei, pessoal! Venham aqui! Esse elevador não está tão lotado!

Um grupo de alunos da Mythos zuniu à vista, deslizando suavemente sobre a neve e seguindo em direção ao teleférico. O olhar do lobo cortou sobre eles, e ele soltou outro baixo, sinistro rosnado. Enquanto ele estava distraído, eu dei um passo para trás, então outro, depois outro, colocando tanta distância quanto possível entre mim e o monstro.

O lobo ficou de pé e começou a espreitar para trás e para frente dentro do matagal das árvores. Os outros jovens nunca sequer o viram enquanto eles pararam na base do elevador e esperavam pelas cadeiras descerem a montanha. O olhar do monstro moveu-se deles e então de volta para mim, seus olhos ficando mais vermelhos e mais zangados com cada segundo que passava, até parecer como se chamas zangadas piscassem nas órbitas onde seus olhos deveriam estar.

O lobo percebeu que eu estava me afastando dele, mas não havia nada que o monstro pudesse fazer para me impedir – não sem se mostrar. Eu não sabia o quanto inteligentes os lobos Fenrir eram, mas esse aqui deve ter instintivamente percebido que seria uma má ideia saltar no meio de um grupo de jovens. Eu poderia não ser capaz de matá-lo, mas os outros alunos da Mythos eram guerreiros, treinados para lutar com monstros. Eu não tinha dúvidas que eles poderiam usar suas varas de esqui como lanças para derrubar a criatura.

Passo a passo, eu recuei até que eu estivesse de pé na extremidade do grupo esperando pelo teleférico. Os outros jovens me ignoraram, claro, da forma como eles sempre faziam. Eu continuei observando o lobo todo o tempo, varas para cima e prontas, apenas para garantir.

Eu pensei sobre gritar um aviso para os outros, mas como a corrida, eu não achei que eu sequer chegasse a gritar uma vez que o lobo saltasse das árvores e rasgasse minha garganta com suas garras. Os jovens da Mythos poderiam ser guerreiros, mas eu não acho que eles seriam bastante rápidos para me salvar do monstro. Eu nem sequer sabia se Logan era bom assim. De qualquer forma eu não estava disposta a apostar minha vida com isso – não agora.

Eu não tinha que. O lobo Fenrir soltou um rosnado final, então deslizou mais para trás dentro das árvores e desapareceu.

As cadeiras finalmente fizeram a volta, e os outros jovens escalaram nelas. Com pernas tremendo, eu consegui deslizar escorregando até elas e me sentei na cadeira final antes dela decolar na montanha. Eu inclinei até o lado e espiei abaixo nas árvores, mas eu não localizei o lobo em nenhum lugar sob os emaranhados de galhos cobertos de neve. Ele tinha desaparecido justo tão rapidamente quanto ele

tinha aparecido.

Mas essa não seria a última vez que eu o veria. O lobo iria vir para mim mais cedo ou mais tarde, espreitando-se e escondendo-se na montanha até ele ter outra oportunidade comigo, outra chance de me rasgar com seus dentes e arrastar meu corpo de volta para seu mestre Ceifador. Eu sabia disso, mas eu ainda não podia impedir que as perguntas enchessem minha mente.

Como eu ia matá-lo?

E quem o tinha mandado atrás de mim em primeiro lugar?

Eu estava um pouco mais calma na hora em que o teleférico alcançou o topo do declive. Ao menos, eu disse a mim mesma que eu estava, mesmo se o meu coração parecesse como se fosse bater para fora do meu peito, e minhas palmas estavam frias e úmidas com suor dentro das minhas fofas luvas roxas.

Daphne e Carson estavam esperando por mim. Eles sentavam em uma mesa de madeira que tinha sido pintada com um brilhante, vermelho doce de maçã, e as extremidades polidas pareciam como sangue pairando no topo da neve. Ou talvez apenas parecesse dessa forma por que eu ainda estava assustada de ter visto o lobo Fenrir.

Meus dois amigos agarravam canecas gigantescas em suas mãos e lentamente sorviam o chocolate quente que eles compraram de um cara em uma das cabanas de concessão em um dos lados do declive. Vapor saía das canecas, as finas faixas trazendo os cheiros de leite quente, canela doce, e apenas uma sugestão de pimenta picante junto com eles. Normalmente, os ricos aromas me fariam sedenta pela minha própria caneca de chocolate quente. Agora, eles só reviraram meu estômago.

— Deus, Gwen. O que fez você demorar tanto? — Daphne disse.

— É, nós pensamos que talvez você tivesse caído em um monte de neve ou algo —, Carson brincou.

— Não —, eu disse em uma voz calma. — Mas eu vi um lobo Fenrir nas árvores.

Ao invés de ficarem assustados com a minha confissão, Daphne animou-se. — Sério? Legal! Como ele se parecia? Ele realmente era tão grande quanto um gatuno de Nemean? Ele tinha dentes maciços?

— Legal? — eu perguntei, confusa. — Por que isso é legal?

Daphne e Carson trocaram um olhar, como se eles tivessem algum segredo que eu não sabia.

— Se lembra do que Metis nos contou na aula sobre como alguns lobos Fenrir ainda correm livres na natureza? — Carson perguntou.

— É...

— Bem, as montanhas ao redor do resort de esqui são um dos lugares que eles vivem. Uns dois jovens viram alguns dos lobos no ano passado, rondando o resort. Os jovens tentaram se aproximar dos lobos, mas eles apenas desapareceram nas árvores.

— E não são apenas lobos —, Daphne adicionou. — Há toneladas de animais selvagens ao redor daqui. Algumas vezes nós vemos ursos ou leões da montanha ou alces, bem nas extremidades dos declives.

Meus amigos começaram a falar sobre todos os animais que eles tinham visto no ano passado e alguns dos vídeos de celulares e fotos que os outros alunos tinham tirado.

— Mas —

Eu abri minha boca para dizer a eles que não era apenas algum lobo Fenrir selvagem que eu tinha visto, que ele não estava mais assustado por mim do que eu estava por ele, que ele tinha olhos vermelhos e pareceu querer me matar mais do que qualquer coisa. Mas no último segundo eu mudei de ideia. Daphne e Carson pareceram tão felizes aconchegados perto um do outro. Eu não queria arruinar o dia deles por continuar e continuar falando sobre como grande, mau, e diabólico o lobo pareceu, especialmente quando eles realmente não estavam preocupados por eu ter visto a criatura em primeiro lugar. Eu não queria ser uma banana total – ou pior, ter meus amigos olhando para mim como se eles não acreditassem em mim. Além disso, havia uma pequena chance que eu estivesse errada sobre o lobo estar aqui para me matar. Selvagem ou não, o lobo ainda era um monstro. Talvez todos eles tivessem olhos vermelhos. Tudo bem, tudo bem, então eu realmente não acreditava nisso, mas isso me fez sentir um bocadinho melhor.

Enfim, meus amigos tinham vindo aqui para se divertir. Se as palavras que saíssem daqui fossem um lobo com olhos vermelhos perambulando ao redor da montanha, os Poderosos Que Eram poderiam cancelar todo o Carnaval de Inverno. Talvez fosse egoísmo da minha parte, mas eu não queria ser conhecida como Gwen Frost, aquela garota Cigana que arruinou tudo. Isso definitivamente iria me fazer mais de uma aberração desajeitada do que eu já era.

Mas até mesmo mais do que isso era o fato de que eu queria ser como os outros jovens. Eu queria ser uma guerreira de verdade. Se o lobo estava aqui para

me matar, então eu queria cuidar do monstro por mim. Matá-lo eu mesma. Ainda que eu não tivesse exatamente uma ideia de como eu ia fazer isso.

Então eu me fiz sorrir para meus amigos, embora meu rosto parecesse congelado e entorpecido. — Vamos esquecer sobre o lobo, tudo bem? O que vocês dizem se nós subirmos ao próximo declive e virmos se eu posso trabalhar na minha magia Cigana novamente?

— Soa como um plano para mim —, Carson disse, empurrando seus óculos de volta para cima do seu nariz e sorrindo.

— Viu? Eu disse a você que isso iria funcionar —, Daphne disse em um tom convencido. — Eu sempre tenho as melhores ideias.

— Claro que você tem —, Carson disse a ela.

Daphne rolou seus olhos e o socou levemente no ombro. Carson retalhou ao tentar roubar o chocolate quente da Valquíria. Ela golpeou as mãos dele para longe, e eles dois começaram a gargalhar e fingir lutar.

Nenhum deles viu o esticado, sorriso falso sair dos meus lábios ou notou que eu não me uni à diversão.

Pelo restante da tarde, nós três zunimos abaixo os vários declives de esqui, então montamos no teleférico de volta para cima ao topo novamente. Todo o tempo eu mantive um olho no espaço aberto procurando pelo lobo Fenrir, e eu me certifiquei que nós três ficássemos longe, bem longe das árvores. Para meu alívio, eu não localizei o monstro espreitando nos pinheiros incrustados de neve.

Quanto mais alto na montanha nós íamos, mais cheios os declives estavam, e eu relaxei um pouco mais. O lobo não poderia chegar a mim aqui, não com todos os jovens e professores ao redor. Isso seria suicídio para o monstro. Enquanto eu ficasse com a multidão, eu estaria segura. Por agora.

Para minha surpresa, eu meio que peguei o jeito com esqui. Tudo o que eu tinha que fazer, era usar minha magia psicométrica e pensar em Daphne esquiando, e eu podia descer todos os declives, até mesmo os realmente íngremes que se retorciam e tinham curvas como loucos. Mas no segundo em que eu deixei minha concentração vacilar, no segundo em que eu comecei a me preocupar com o lobo Fenrir, minhas memórias de Daphne desapareceram — junto com minha habilidade de explorá-las.

Eu descobri isso da pior maneira — literalmente. Um segundo eu estava deslizando sobre a neve muito bem. No seguinte eu estava procurando pelo lobo. E no seguinte depois disso, eu me encontrei de cara em um monte de neve e não

muito certa de como eu tinha chegado ali. Eu fiquei de fora dos próximos trajetos depois disso.

Finalmente, por volta das nove, nós encerramos pelo dia e esquiámos descendo a montanha para o hotel. Nós três jantamos em um dos restaurantes do resort, o qual era apenas tão caro quanto tudo mais. E justo como na academia, a comida era uma coisa completamente extravagante e froufrou, como pernas de sapo, coelho, e atum grelhado na frigideira. Eca. Eu decidi por um cheeseburger de filet mignon, batata doce frita com parmesão, e um pedaço de baklava⁶ feita com mel de carvalho e coberto com lascas de amêndoas torradas. O baklava não estava perto de tão bom quanto o que Vovó Frost fazia, mas era docemente açucarado, então eu abocanhei do mesmo jeito.

Depois do jantar, nós três nos dividimos. Carson foi para seu quarto no sétimo andar, enquanto Daphne e eu seguimos para o nosso no décimo terceiro. Nosso quarto era ao lado do hotel que se infiltrava contra o local da nova construção, mas os trabalhadores já deviam ter partido pelo final de semana, por que eu não ouvi nenhum serrote, martelo, ou furadeira, e eu não percebi nenhum barulho enquanto nós estávamos nos andares inferiores jantando.

Daphne e eu ficamos no nosso quarto por um tempo, desfazendo nossas malas e fofocando sobre quem nós tínhamos visto nos declives, com quem eles estavam, e quantas pessoas iriam ficar com os jovens da academia de Nova Iorque. Um casal eu não tinha localizado tinha sido Logan e Savannah. Eles provavelmente estavam muito ocupados enfiando suas línguas abaixo na garganta um do outro para irem esqui. O pensamento não me fez feliz.

Eu desabei na cama e encarei para fora da janela. Uma vez que nós estávamos no topo do andar, nós tínhamos uma ótima visão das montanhas circundantes e dos vales que mergulhavam entre os picos irregulares. Neve, árvores, e céu esticavam por todo o caminho até o horizonte, se unindo em um borrão com suaves tonalidades de roxo, cinza, e prata de inverno. Mas a linda vista não me tranquilizou. Não agora. Meus pensamentos voltando-se ao lobo Fenrir. Eu me perguntei onde ele estava agora, se ele estava ali fora na floresta que cercava o resort de esqui, se ele estava pacientemente esperando por outra chance de me atacar —

⁶ (baklava - um tipo de pastel elaborado com uma pasta de nozes trituradas, envolvida em massa filo e banhada em xarope ou mel, existindo variedades que incorporam pistachios, avelãs e sementes de sésamo, papoila ou outros grãos. Pode encontrar-se, com diferentes nomes, na gastronomia do Médio Oriente, do subcontinente indiano e dos Bálcãs. É geralmente servida como sobremesa nos países que fizeram parte do antigo Império Otomano, sendo um dos pratos nacionais da Turquia.)

— O que está errado? — Daphne perguntou, olhando para mim pelo espelho enquanto ela escovava seu cabelo dourado. — Você esteve quieta toda a tarde.

— Nada —, eu menti. — Eu só estou cansada. Todo esse esqui me esgotou.

— Cansada? Você não pode estar cansada. Nós temos uma festa para ir, se lembra?

Eu gemi e desabei de costas na cama. — Você não pode estar falando sério.

— Claro, eu estou falando sério. É, esqui é legal e tudo, mas todos nós realmente viemos para cá para as festas. Elas são *lendárias*. Ano passado, alguém desafiou Morgan McDougall a nadar nua na piscina interna do hotel com uma penca de caras. E claro que ela fez — sóbria, não menos. Todos falaram sobre isso por *semanas*.

Eu sorri. — Bem, eu não sou Morgan, e eu definitivamente não sou do tipo que nada nua. Eu não estou certa se eu quero ir.

Daphne colocou suas mãos nos seus quadris e se aproximou de mim. Uma vez que eu estava deitada com minha cabeça no pé da cama, ela pareceu de cabeça para baixo para mim. Faíscas rosadas estalaram e crepitavam ao redor dos seus dedos como raios. Eu suspirei. Daphne sempre emanava mais magia quando ela estava chateada, com raiva, ou apenas claramente irritada. Eu estava disposta em apostar que ela estava sentindo o último nesse momento, e eu sabia que era minha culpa. Eu não tinha exatamente sido um poço de diversão até agora, e a Valquíria provavelmente estava tentando me influenciar a fazer cada coisinha.

— Claro que você quer ir —, Daphne zombou. — É uma *festa*, Gwen. Você sabe, um lugar aonde você vai para se divertir.

Eu apenas encolhi de ombros. Eu não contei a ela que eu podia me divertir perfeitamente bem no quarto sozinha com meus gibis e doce escondido. É praticamente como eu gastava toda noite quando eu fui para a Mythos pela primeira vez, uma vez que eu não tinha nenhum amigo na academia.

Estando sozinha não me incomodava. Parte de mim tinha estado sozinha desde que minha mãe morreu — sozinha, oca, vazia, e com dor — e eu sabia que parte de mim sempre se sentiria dessa forma. Os sentimentos poderiam se entorpecer e se ofuscar com o tempo, mas eles sempre estariam ali. Eu sempre me lembraria de perder a minha mãe — e sempre sentiria a tortura dolorosa por desejar que ela ainda estivesse aqui comigo.

— Bem, e sobre o cara bonitinho que você conversou na recepção? Ele disse que ele ia à festa do Solstício, não disse? — Daphne disse.

— É.

— E ele disse que talvez ele visse você ali?

— É.

Daphne rolou seus olhos. — Bem, ele não pode *ver* você se você não *for* realmente à festa.

Eu abri minha boca, mas eu não podia argumentar com a lógica dela. Com seu argumento apresentado, Daphne bufou e espreitou de volta para o espelho. A Valquíria abaixou sua escova, arrancou seu brilho labial com aroma de morango para fora das profundezas da sua enorme bolsa Dooney & Bourke, e começou a trabalhar na sua maquiagem.

Eu deitei na cama, meditando. É, eu gostaria de ir à festa, ver Preston, e me divertir, mas eu também não podia me esquecer que um Ceifador estava tentando me matar. Primeiro o SUV, depois a flecha na biblioteca, e agora o lobo Fenrir na neve. Quem quer que fosse, ele definitivamente estava sério sobre me querer morta, o bastante para tentar novamente aqui no resort de esqui.

Essa viagem era apenas para alunos da Mythos e funcionários, ambos os daqui, na Carolina do Norte e aqueles que vieram de Nova Iorque, e Daphne me disse que o resort sempre estava fechado para outros convidados durante a semana do Carnaval de Inverno. Isso significava que o Ceifador tinha estado na academia para começar e não apenas algum vilão ao acaso que de alguma forma passou pelas esfinges no muro e se esgueirado em direção ao campus. Meu Ceifador perseguidor ou era um aluno, um professor, ou um membro dos funcionários – talvez até mesmo alguém que eu via todo dia. Helena Paxton, aquela arrogante garota Amazona da biblioteca; Sr. Llew, o professor de cálculo que me chateava as lágrimas com suas aulas; Técnico Lir, que treinava os times de natação e ajudava com o treinamento de armas e outros programas esportivos. O Ceifador podia ser qualquer um.

Quem quer que fosse, ele estava começando a me irritar. É, Jasmine Ashton estava morta por minha causa. Eu tinha bastante culpa sobre sua morte e na parte que eu participei dela. Mas a Valquíria estava dois segundos de me assassinar quando Logan colocou uma lança atravessando o seu coração.

Minha mãe tinha matado mais do que um vilão enquanto ela foi um detetive da polícia. Ela me contou uma vez que não era certo tomar a vida de alguém, mas algumas vezes era necessário, para proteger outras pessoas e a você mesma. Logan matou Jasmine para me salvar, mesmo se a família de Jasmine não visse isso dessa

forma, mesmo se os outros Ceifadores não vissem isso dessa forma.

A verdade era que, eu queria saber quem estava tentando me matar, então eu mesma poderia derrubar o Ceifador. Claro, eu não iria descobrir nada se eu ficasse aqui no quarto a noite toda, mesmo se essa fosse a opção mais segura. Não, o Ceifador e seu lobo estavam lá fora em algum lugar, e era hora de eu encontrá-los. Ou ao menos, me divertir o suficiente para me fazer esquecer sobre eles pela noite. Nesse momento, eu não estava muito exigente sobre qual caminho as coisas fossem.

Eu me sentei e encontrei os olhos de Daphne no espelho.

— Tudo bem —, eu disse. — Vamos festejar.



Io

— **P**ESTAAAAAAA! — um garoto Romano em pé acima da mesa gritou e ergueu seu copo plástico de cerveja.
— Festaaaaaaa! — todos os outros alunos gritaram, erguendo seus próprios copos em reposta.

Então, com um pensamento, todos rapidamente engoliram o que quer que estivesse em seus copos. No meu caso, era algum tipo de cerveja de coloração clara que tinha gosto de capim amargo enquanto ela deslizava abaixo na minha garganta. Mas eu bebi mesmo assim, apenas para me misturar. Ninguém aqui estava bebendo refrigerante essa noite.

Eu enruguei meu nariz. — Eca. Eu não acredito que as pessoas bebem essa coisa para se *divertirem*.

— Não para se divertirem —, Carson disse acima dos gritos, me dando um sorriso torto e empurrando seus óculos acima do seu nariz. — Apenas para ficarem bêbados.

— E como você sabe que você está bêbado?

Seu sorriso se ampliou. — Quando isso começa a ter gosto bom.

Era um pouco depois das nove, e Carson, Daphne e eu estávamos em uma das muitas festas estudantis sendo realizada essa noite como a festa do Carnaval de Inverno. Essa era o Solstício, o qual era em uma das cafeterias na vila alpina perto do hotel.

Durante o dia, Solstício era de fato uma cafeteria, o tipo de lugar que cobrava muito caro por expressos, mochas, e cafés com leite, sem mencionar os muffins, biscoitos, e pedaços de tortas que eram servidos juntos com eles. De vez em quando, eu captava uma baforada de açúcar e especiarias que tinham aromatizado o ar mais cedo durante o dia, embora agora, os cheiros de perfume, cerveja, e fumaça os suprimiam.

Essa noite, todas as mesas tinham sido empurradas contra as paredes para fazer o espaço de uma pista de dança. Alguém tinha montado luzes estroboscópicas, e a música soava com uma baixa, firme batida grave através do sistema de alto falante. Daphne tinha me dito que o pai de Samson Sorensen era dono de todo o complexo de resort Powder e sempre deixava os Vikings dar uma festa aqui na cafeteria durante o Carnaval de Inverno – com absolutamente nenhuma interferência dos professores da Mythos.

Daí a insanamente música alta e a fileira de barris que assentavam no balcão a plena vista pelas janelas da frente. Sem mencionar o pisca-pisca de luzes laranja-vermelhadas na multidão enquanto alguns jovens sugavam cigarros ou algo até mesmo mais forte e mais ilegal.

Quanto a Samson, ele estava em pé no meio da cafeteria, uma cerveja em uma mão e seu braço ao redor de uma garota da academia de Nova Iorque. O Viking aceitava tapinhas nas costas de todos os caras por organizar uma festa tão incrível, e a garota ao seu lado olhou acima para ele com olhar de adoração. Não era para menos. Com seu cabelo castanho arenoso, olhos cor de avelã, e covinhas, Samson era um dos caras mais bonitinhos de toda a escola.

Não era tarde assim, mas mais do que alguns jovens já estavam totalmente perdidos. Uma cara deitava em cima do balcão atrás da fileira de barris, sua mão curvada ao redor deles, como se fosse um bicho de pelúcia que ele estava apertando ao seu peito. Uma sequência de baba saía pela lateral da sua boca aberta. Eu podia vê-la, por que eu estava em pé no final do balcão onde a cabeça dele estava. Eu pensei que ele pudesse estar roncando, também, mas a música estava tão alta que eu não podia realmente dizer.

— Vamos. Vamos dançar —, Daphne disse, agarrando a mão de Carson.

Ele estremeceu. — Você deveria saber por agora que eu não danço.

Ela piscou para ele um confiante, sorriso afetado. — Não se preocupe, neném. Eu vou fazer você parecer bem. Eu sempre faço.

Gargalhando, Carson deixou Daphne o puxar em direção a pista de dança. Um segundo mais tarde, eles dois estavam dançando com a música estridente, com Daphne conduzindo muito mais tranquilamente do que Carson, que estava completamente debatendo os braços e sacudindo os pés. Se ele não fosse cuidadoso, o cara membro da banda ia perfurar o olho de alguém com seu cotovelo.

Claro, Daphne e Carson dançando me deixaram em pé, sozinha contra a parede, com apenas o Cara Babão como companhia. Eu olhei o garoto inconsciente, que estalava seus lábios, provocando até mesmo mais cuspe escorrendo da lateral da sua boca. Nojento.

Eu me desloquei para longe da beirada do balcão e escaneei a multidão, apenas como eu vinha fazendo desde quando eu cheguei aqui há uma hora atrás, mas tudo que eu vi aqui foram caras bêbados, garotas dançando, e casais metendo suas línguas abaixo um na garganta do outro. Ninguém pareceu como se ela pudesse ser um Ceifador disfarçado, e ninguém pareceu como se ele quisesse me matar.

Assim que nós atravessamos a porta, eu soube que eu não seria capaz de fazer nada essa noite para descobrir quem estava atrás de mim. Não que eu tivesse um plano real para começo de conversa, outro além de vaguear por aí, tocar as pessoas e suas coisas, e vir se eu obtinha quaisquer vibrações psico-assassinas saindo das coisas. Havia muitos jovens acondicionados dentro da cafeteria para eu tocar cada um deles. Além disso, eu duvidei que eu visse qualquer coisa essa noite através da névoa encharcada de cerveja.

Eu ainda estava escaneando a multidão quando Logan caminhou pela porta. Ele pareceu tão maravilhoso quanto sempre. Seu cabelo tingido de preto brilhou sob as luzes piscando, e seu suéter azul escuro tirou a pretenciosa, gelada palidez dos seus olhos, enquanto sua jaqueta de couro realçava exatamente o quanto amplo e forte seus ombros eram. Minha respiração ficou presa na minha garganta, e meu coração tamborilou com dolorosa consciência.

Mas lógico ele não estava sozinho. Logan se virou e esticou sua mão. Um segundo mais tarde, Savannah atravessou a porta atrás dele, seu cabelo vermelho

brilhando como fitas de cobre escorrendo pelas suas costas. Logan se inclinou, e Savannah gargalhou com o que quer que ele tenha sussurrado no seu ouvido.

Eles realmente faziam um casal bonitinho, eles dois ricos, poderosos, e lindos. Eu não conhecia muito sobre Savannah, além do fato que ela fosse uma Amazona dotada com velocidade sobrenatural, mas ela realmente pareceu gostar de Logan. Eu podia dizer pela forma com que ela sorria para Logan.

Era a mesma maneira que eu *sempre* sorria para ele – com meu coração nos meus olhos para todos verem.

Logan deve ter me sentido olhando para ele, por que ele olhou na minha direção. Ele hesitou um segundo, depois ergueu sua mão. Eu rangi meus dentes, me fiz sorrir, e acenei de volta. Savannah espiou ao redor dele, se perguntando para quem ele estava acenando. Quando ela viu que era eu, seus lábios brilhosos se nivelaram. Ela agarrou o braço do Espartano e o puxou para o outro lado da cafeteria – tão longe de mim quanto ela podia colocá-lo e ainda estar no mesmo ambiente. Logan olhou de volta para mim um segundo, seus olhos escuros, então a seguiu.

Meu estômago se apertou, e eu subitamente quis outra cerveja, outro chopp, outro algo para tirar o gosto amargo da minha boca – e acabar com a aguda, dor vazia no meu coração.

Com meu copo plástico ainda na minha mão, eu me inclinei passando o Cara Babão e girei a alavanca do barril que ele estava protegendo. Nada saiu. Vazio. Claro que estava. O Cara Babão provavelmente o tinha esgotado horas atrás. Desde que não havia outro barril ao alcance dos braços, eu me movi para longe da parede e contornei através da multidão, com cuidado para me impedir de tocar alguém. Eu já me sentia uma merda sem ter clarões de alguém e sentir sua bebedeira.

Eu tentei uns dois barris a mais antes de eu finalmente encontrar um que ainda tinha algo dentro. Eu virei a alavanca, e um líquido castanho escuro preencheu o copo. Eu cheirei com suspeita. Era mais escuro do que a cerveja que eu tinha antes e cheirava duplamente mais azeda, como se alguém tivesse mijado dentro dela. Talvez eles tivessem. Tudo era possível em uma festa da Mythos. Eu suspirei e coloquei o copo no balcão. Eu só não podia entornar a bebida misteriosa, sem importar o quanto eu poderia ter gostado de ficar bêbada nesse momento.

Eu me virei, procurando por Daphne e Carson, mas eu não os vi na massa de

corpos se debatendo. Logan e Savannah estavam a seis metros na minha esquerda, afundados em uma conversa.

Meu estômago contorceu novamente, e raiva, frustração, e ansiedade queimaram pelas minhas veias como ácido. Eu tinha que sair da cafeteria antes que eu fizesse algo estúpido – como começar a gritar como o quanto injusto era que Logan estivesse aqui com outra garota. Que um Ceifador tinha tentado me matar duas vezes agora, e eu quase me transformei em um filhote de chow-chow nos declives por um lobo Fenrir. Que eu tinha uma espada mágica espertalhona que eu realmente não sabia como usá-la e uma deusa que me escolheu para ser sua Campeã, mesmo que embora eu fosse completamente errada para o serviço. Que eu não era uma guerreira como os outros jovens e nunca seria, sem importar o quanto duro eu tentasse ou o tanto que eu quisesse ser como eles. Sem mencionar o fato que minha mãe foi assassinada por um motorista bêbado que os tiras nunca foram capazes de encontrar e que eu ainda sentia tanto a falta dela, eu algumas vezes chorava sozinha até dormir. É, eu tinha muito para gritar.

Eu me virei e segui para a porta, não realmente me importando com quem eu colidiria no meu caminho para chegar até lá. A cafeteria subitamente parecia tão quente, pequena, e estreita como uma gaiola.

Ao longo do caminho, eu passei por Kenzie e Oliver. Os caras Espartanos eram inseparáveis como sempre, entretanto essa noite, eles estavam alternadamente marcando suas presas. Kenzie estava virado de uma maneira, conversando com Talia Pizarro, uma alta, bonita Amazona com pele de ébano, enquanto Oliver estava de costas, conversando com uma garota que eu não reconheci, alguma garota da academia de Nova Iorque.

Oliver me viu olhando para ele, e seu rosto se endureceu com raiva. Da forma que ele estava olhando para mim, pareceu como se ele ainda estivesse puto por eu tê-lo enxotado no ônibus até aqui, essa manhã. Tanto faz. Eu ainda não sabia por que ele se sentou ao meu lado para começar. Eu certamente não era a pessoa que ele tinha uma queda, então qual era a intenção de tentar bater papo comigo? Eu podia não ter tido uma imagem clara da sua misteriosa paixonite na minha cabeça quando eu acidentalmente toquei no caderno super-secreto de Oliver durante o treinamento de armas, mas eu tinha visto o suficiente para saber que não era eu.

Entretanto o olhar duro do Espartano me fez perguntar por que ele estava falando com a outra garota em primeiro lugar. Depois de tudo, ela tinha cabelo loiro branco, não cabelo preto como a misteriosa paixão de Oliver no meu

nebuloso clarão.

Eu empurrei para longe todos os pensamentos do Espartano e pisei no lado de fora. O ar da noite sentiu-se frio e fresco contra minhas bochechas, e alguns flocos de neve flutuavam no ar. Uma suave brisa carregou um agudo, metálico cheiro penetrante com ela, sussurrando que até mesmo mais do que coisas brancas estavam no caminho. Eu olhei para cima. Não havia nenhuma estrela essa noite, mas uma prateada tira da lua espiou para mim por alguns segundos antes das densas nuvens a engolirem novamente. As luzes de Natal que tinham sido penduradas na vila alpina piscavam acesas e apagadas, reluzindo vermelha, verde, e dourado contra a escuridão da noite.

Eu me inclinei contra a janela da cafeteria, meti minhas mãos dentro do bolso da minha jaqueta, e apenas respirei. Dentro e fora, dentro e fora, da forma que minha mãe tinha me ensinado para sempre que eu estivesse me sentindo assustada, em pânico, ou chateada. O lento, firme ritmo me tranquilizou, afugentando algo da minha raiva, frustração, e dor no coração. A música da festa ainda socava, mas o som estava abafado aqui fora – apenas um baixo, barulho de rosnado atravessava o tijolo e vidros do prédio.

Minha paz e quietude duraram talvez dois minutos antes de uma Valquíria usando um apertado, suéter branco com gola de tartaruga, uma mini-saia verde de couro, e ridículas botas na altura da coxa oscilar para o lado de fora, tropeçando cerca de nove metros, se inclinou, e vomitou toda a cerveja que ela tinha acabado de beber. Eu enruguei meu nariz. Ugh. Eu *realmente* não precisava ver isso.

Ela se endireitou e enxugou sua boca com as costas da sua mão, e eu percebi que era Morgan MacDougall. A Valquíria me sentiu olhando-a e se virou na minha direção. Nós ficamos ali encarando uma a outra. Talvez fossem apenas as luzes piscando, mas o rosto de Morgan parecia tão verde quanto a sua saia e botas combinando.

— Você precisa, uh, de alguma ajuda? — eu perguntei.

Morgan abriu sua boca como se ela fosse dizer algo, mas então ela apertou unindo seus lábios e negou com sua cabeça. Sem outra palavra, ela se virou e cambaleou em direção ao hotel, suas botas de salto agulha enfiando na neve como pregos.

Morgan vomitando suas tripas para fora pareceu como um sinal evidente de que era hora de partir. Eu me virei e olhei pela janela. Me levou um minuto para localizar Daphne e Carson, que ainda estavam dançando. Bem, Daphne estava

dançando. Eu não estava bastante certa do que Carson estava fazendo.

Eu pensei sobre entrar e dizer a eles que eu estava completamente satisfeita pela noite. Mas eu sabia que se eu fizesse isso, Daphne insistiria em partir da festa, então ela e Carson poderiam andar comigo de volta até o hotel. Ela era uma amiga tão boa, e Carson também. Ele dois basicamente tiveram tomando conta de mim todo o dia – eles mereciam ter um pouco de tempo para eles sozinhos, essa noite.

Além disso, havia muitos outros jovens da Mythos vagando pelo lado de fora, gargalhando e conversando e tropeçando de uma loja, ou uma festa, para a próxima. Eu estaria bastante segura por andar de volta ao hotel, sozinha. Eu podia ver a entrada daqui, iluminada com fios de luzes pisca-pisca de Natal. Eu duvidava que até mesmo um Ceifador seria estúpido ou corajoso o suficiente para tentar me matar no meio da vila alpina, especialmente desde que estava cheio de estudantes bêbados.

Com minha decisão tomada, eu me empurrei para longe do prédio, seguindo de volta em direção ao hotel – e tropecei direto no Preston. Um segundo, eu estava sozinha. No próximo, Preston apareceu na minha frente.

— Oof!

Eu atingi Preston em cheio e saltei para trás do seu peito. E, lógico, minhas botas derraparam em um trecho de gelo na calçada. Eu teria caído de bunda bem na frente dele se ele não tivesse se inclinado e me pego, apertando-me ao seu peito.

— Bons reflexos —, eu disse, olhando dentro dos seus olhos.

Ele sorriu. — Bom saber que todas aquelas horas no ginásio finalmente valeram a pena.

Nós ficamos assim por outro momento, nós dois congelados nesse estranho, abraço íntimo. Eu limpei minha garganta e desviei o olhar. Preston entendeu a mensagem e me colocou para trás de pé.

— Você está bem? — ele perguntou em uma voz preocupada.

— Eu estou agora —, eu disse, sorrindo para ele.

Preston sorriu para mim novamente. — Bom. Você sabe, eu estava com esperanças que veria você aqui essa noite, Gwen.

Gwen. Até mesmo o jeito que ele disse o meu nome foi sexy, como se a sua boa aparência e seu corpo musculoso já não fizessem dele bonito o bastante. Tudo bem, tudo bem, então talvez parte do meu coração teimoso insistiu que a voz de Preston não tinha muito do mesmo toque rouco que a de Logan tinha sempre que

o Espartano me chamava de “garota Cigana.” Mas Logan estava lá dentro com outra garota, e eu estava aqui fora com Preston. Talvez Daphne estivesse certa. Talvez fosse hora de encontrar alguém para me fazer esquecer de Logan – e eu achei que Preston faria isso muito bem.

— Eu estava com esperanças que veria você, também —, eu disse.

Nós ficamos ali encarando um ao outro. O brilho da cafeteria e das luzes de Natal destacavam a pele lisa de Preston e as perfeitas feições, fazendo-o parecer mais velho, mais bonito, e levemente perigoso. Ele apenas continuava me encarando, como se ele achasse que eu fosse tão maravilhosa quanto ele era. Eu não era, claro, mas eu ainda gostava da atenção, mesmo se uma quente, frenética vermelhidão trabalhasse o seu caminho para as minhas bochechas com o resultado.

Alguns metros distantes, um casal que estava se pegando em um banco de ferro perto da cafeteria finalmente se levantou. Seus lábios nunca perdendo o contato enquanto eles andavam em direção ao hotel.

Preston sacudiu sua cabeça naquela direção. — Nós podemos?

Eu assenti. Nós caminhamos e sentamos no banco. Preston recostou-se e esticou seu braço sobre a parte superior do banco, quase como se ele estivesse colocando-o ao redor dos meus ombros. Nós dois estávamos de jaquetas, e ele estava usando luvas, então não havia perigo de eu obter qualquer tipo de vibração dele. Mesmo assim, eu gostava de estar perto dele.

Por um momento eu me perguntei o que aconteceria se eu me aproximasse e roçasse meus dedos contra o rosto de Preston. O que eu veria e sentiria se eu usasse meu dom Cigano para obter clarões dele. Caras eram tão difíceis de ler, especialmente aqueles super-bonitinhos como Preston, e minha magia era basicamente meu próprio detector de mentira embutido. Minha psicometria me deixaria saber o que ele realmente pensava de mim. Se ele pensava que eu era bonita ou engraçada ou uma total aberração. Se ele de fato gostava de mim ou estava pensando sobre outro alguém ou estava apenas sentado aqui comigo por que ele pensava que ele pudesse transar.

A tentação de descobrir as respostas era tão forte que fez meus dedos se contorcerem de antecipação, mas eu me forcei a enfiar minhas mãos dentro dos bolsos da jaqueta. Eu não ia fazer isso, eu não ia usar minha magia dessa forma. Eu não ia arrancar segredos das pessoas apenas porque eu tinha o poder de fazer isso, apenas porque eu queria saber o que eles estavam dispostos. Foi uma decisão que eu tomei algumas semanas atrás, quando eu percebi que Logan tinha um segredo

que ele estava escondendo de mim — um que estava nos mantendo afastados.

Além disso, essa noite eu queria algo — algo simples, fácil, descomplicado, e sim, totalmente romântico, também. Eu achei que sentar em um banco com um cara bonito e observar os flocos de neve se acumular no seu cabelo loiro branco *definitivamente* se qualificava como romântico.

— Então, você vai na Mythos ali embaixo no Sul —, Preston disse. — Que ano você está?

— Segundo ano. Você?

— Quarto —, ele disse.

Isso o faria ter dezenove, então, dois anos mais velho do que eu. Não muito mais velho.

— Então o que você é? — eu perguntei. — Espartano? Romano? Algum outro tipo de garoto guerreiro prodígio?

Preston negou com sua cabeça, e seu rosto pareceu ficar mais sombrio por um momento antes dele me responder. — Não, eu sou apenas um Viking. Eu tenho uma irmã mais nova, também, mas, lógico, ela é uma Valquíria.

Eu assenti. Irmãos compartilhavam o mesmo sangue e hereditariedade em famílias guerreiras, apenas como eles faziam nas normais famílias mortais, mas os jovens nem sempre eram rotulados com o mesmo tipo de guerreiros. Normalmente, os garotos eram Vikings, enquanto que as garotas Valquírias. Ou os garotos eram Romanos, então as garotas eram Amazonas. Aí havia algumas famílias guerreiras onde isso era basicamente o mesmo, onde ambos os garotos e garotas eram considerados Espartanos, Samurais, Ninjas, ou seja o que for. Daphne tinha tentado explicar isso para mim um dia, mas eu não tinha realmente entendido.

— E eu definitivamente não sou um garoto prodígio —, Preston continuou —, Ao menos não de acordo com meus pais sempre que os emails da academia chegam com minhas notas. Eu atualmente estou sendo reprovado em história-mítica, apenas como eu repeti no último semestre e no anterior a esse.

— Ah, não se sinta tão mal —, eu disse em um tom provocador. — Eu sou até mesmo pior. Eu estou praticamente fracassando em educação física agora. Sericamente fracassando em educação física. O quanto falho é isso?

Nós olhamos um para o outro, e nós dois começamos a gargalhar. Sua profunda, voz sexy, e a minha mais leve. Eu gostei da forma que elas soavam juntas.

— Então você está fracassando em educação física — por quê? — Preston perguntou. — Eles fazem algo diferente aqui na academia Sulista que eles não fazem em Nova Iorque?

Eu encolhi de ombros. — Provavelmente não. Eu só não sou completamente coordenada dessa forma. E você?

Preston encolheu de ombros. — Eu sou muito bom com a espada, mas eu sou meio que uma droga quando vem a ser outras armas. E eu absolutamente desprezo tiro ao alvo. Minha mira nunca é nada boa.

Eu vislumbrei a flecha enfiando na estante há trinta centímetros da minha cabeça na Biblioteca e Antiguidades. — Eu não gosto muito de tiro ao alvo também.

Nós simplesmente começamos a falar depois disso, sobre as duas academias e as diferenças entre elas, sobre nossas aulas e professores, sobre música e filmes e esportes e livros. Eu gostei de Preston. Ele era inteligente, engraçado, e encantador — e tão totalmente *lindo*.

Parte de mim ainda não podia acreditar que ele não tinha uma namorada — e que ele estava saindo comigo ao invés de entrar na cafeteria e encontrar alguém mais bonita para paquerar. Alguém como Morgan, que provavelmente já tinha pedido para ele voltar com ela para o seu quarto. Mas eu não ia reclamar. Pela primeira vez, eu estava me divertindo, e eu ia curtir isso tanto tempo quanto durasse.

Nós estávamos sentados no banco conversando por cerca de meia hora quando a neve começou a aumentar, descendo em uma grossa chuva de gordos flocos macios. Por alguma razão, a neve me fez pensar em Nike. Era fria, bonita, e perigosa tudo ao mesmo tempo, apenas como a deusa da vitória.

Um calafrio tomou conta do meu corpo, e eu percebi que meu nariz e bochechas tinham ficado dormentes de sentar no lado de fora. Preston notou meu arrepio. Ele se aninhou mais perto, envolveu seu braço ao meu redor, e olhou dentro dos meus olhos. Por um segundo, eu pensei que ele pudesse se inclinar para frente e me beijar. Meu coração bateu na minha garganta de antecipação. Parte de mim queria que ele fizesse — e parte de mim ainda desejava que fosse Logan aqui fora comigo ao invés.

— Você quer sair daqui? — Preston perguntou em uma voz suave. — Talvez ir a algum lugar mais quente e... conversar?

Eu não sabia se ele realmente queria conversar, ficar, ou algo mais

completamente, mas eu ficaria feliz com qualquer uma delas. Eu sorri para ele.
— Vamos.



II

P

RESTON FICOU DE PÉ e estendeu sua mão. Eu deslizei meus dedos descobertos na sua palma, aproveitando a sensação de suavidade da sua luva na minha pele. Um segundo mais tarde, minha psicometria engatilhou e me mostrou uma imagem de Preston sentado em um carro escuro e colocando as luvas negras.

Sem grandes problemas. Era exatamente o tipo de coisa que eu esperaria ver, exatamente o tipo de coisa que eu tinha visto centenas de vezes antes, quando tocava as roupas de alguém. Normalmente, eu mal notava aqueles tipos de clarões, entretanto dessa vez, eu senti como se houvesse mais do que a memória, algo pairando bem na borda da minha mente. Algo importante...

Antes que eu pudesse focar nisso, Preston me puxou para a direita. Ao invés de ir em direção ao hotel, ele estava seguindo ao redor da lateral do prédio e nas

sombras ali. Meu coração bateu até mesmo mais rápido em meu peito. Se ele me levasse lá para trás e tentasse me beijar, eu ia *então* deixá-lo...

A porta da cafeteria chiou aberta, e Logan saiu.

A súbita aparição de Logan me assustou tanto que eu soltei a mão de Preston. O início da memória da luva, o que quer que tenha sido, desaparecendo assim que eu rompi o contato. E claro, eu escorreguei naquele trajeto de gelo novamente. Dessa vez, eu consegui me conter antes que eu caísse de bunda.

Logan estendeu uma mão para me ajudar, mas eu o dispensei. Um, por que eu já estava bastante envergonhada. E dois, por que ele não estava usando luvas. Se eu tocasse a pele descoberta de Logan, eu não sabia que tipo de clarão eu obteria dele. Eu certamente não queria vê-lo beijando Savannah ou algo mais do que isso. Eu já testemunhei isso muitas vezes na vida real. Além disso, eu poderia descobrir como ele se sentia sobre a Amazona, e se minha magia me dissesse que ele realmente gostava dela, bem, isso apenas me machucaria muito mais.

Logan viu meu olhar cauteloso aos seus dedos esticados. Sua mão curvou-se em um punho apertado, e ele a largou no seu lado. Não tanto tempo atrás, o Espartano tinha tentado me beijar, mas apenas antes de nossos lábios se tocarem, eu percebi que eu obteria clarões dele quando ele me beijasse – e que talvez eu não gostasse do que eu veria.

Eu não conhecia Logan tanto assim naquela época, e eu temia que eu sentisse que ele estivesse gargalhando de mim ou apenas me beijando por que ele sentia pena de mim, por que ele achou que eu era uma aberração e perdedora total ou seria facilmente enganada. Ele tinha uma fama de galinha, apesar de tudo, e esses não eram exatamente os tipos de coisas que você queria sentir quando você estivesse ficando com um cara bonitinho que você gostava. Eu tinha alguma experiência com isso, desde que eu uma vez obtive clarões de Drew Squires, meu primeiro e único namorado, e tinha percebido que ele estava pensando em outra garota enquanto ele estava me beijando. Eu terminei com Drew imediatamente e ali, mas isso ainda não tinha acabado com a minha dor.

Então eu afastei Logan aquela noite no último segundo – e eu feri seus sentimentos por causa disso. Ele pensou que eu não queria beijá-lo por que ele era um Espartano, por que eles tinham uma reputação de serem tão imorais e violentos. Eu tentei explicar sobre minha magia psicométrica, mas ele não entendeu. Pela sombria expressão no seu rosto, pareceu como se ele não tivesse entendido agora também.

— Garota Cigana —, Logan disse, olhando para Preston ao invés de para mim. — Quem é seu amigo?

— Esse é Preston. Preston, Logan. Logan vai à academia da Carolina do Norte comigo —, eu disse.

Preston estendeu sua mão, a qual Logan relutantemente pegou e apertou. Eu pensei que isso seria o fim das coisas e que Logan seguiria de volta para dentro para a festa e Savannah, mas ao invés disso o Espartano cruzou seus braços sobre seu peito e inclinou contra a lateral do prédio. Como se ele esperasse que Preston e eu ficássemos ali e conversássemos com ele ou algo. Estranho. Muito estranho.

— Espartano? — Preston perguntou, olhando a postura relaxada de Logan. Logan assentiu. Ele não perguntou o que Preston era, o qual eu achei que foi meio rude. Eu poderia não saber o que era certo e errado na Mythos Academy, mas compartilhar o tipo de guerreiro que você era, era onde começavam as principais conversas entre os jovens de diferentes ramificações. Eu ouvi toneladas deles perguntarem uns aos outros essas perguntas lá em cima nas pistas de esqui hoje, e eu mesma conversei com alguns dos alunos de Nova Iorque. Ao menos até que eles começaram a me encarar e perguntar que tipo de guerreiro um Cigano realmente era e que tipo de poder eu tinha.

Não era exatamente um segredo altamente confidencial que Ciganos eram pessoas dotadas com magia pelos deuses, mas não era conhecimento comum também. A maioria dos jovens e até mesmo alguns dos professores na Mythos pensavam que eu era apenas um tipo diferente de guerreiro, o qual tecnicamente, eu supus que eu era. Realmente eu não entendia por que tão poucas pessoas tinham ouvido falar de Ciganos antes. Era algo que eu continuava querendo perguntar a Vovó Frost ou Professora Metis.

— Bem, Logan —, eu disse em uma clara voz. — Eu tenho certeza que você quer voltar para dentro onde está quente. Preston e eu estamos partindo.

— Oh? Onde vocês estavam indo? — Logan perguntou. — Talvez eu vá junto. Essa festa está ficando um pouco maçante. Toda a cerveja já acabou.

Eu franzi o cenho. Por que Logan quer ir com Preston e eu? Eu quero dizer, alô, nós dois estávamos para desaparecer nas sombras e totalmente ficar. Logan deve ter adivinhado isso. Ele tinha bastante experiência nessa área. Talvez fosse a forma com que o Espartano encarava Preston, com gelados, olhos estreitos, mas subitamente, o estranho pensamento encheu minha mente. Logan não estava — ele não podia estar — não havia maneira que ele estivesse com *ciúmes*. Ele estava?

Preston olhou para Logan, depois de volta para mim. Suas sobrancelhas saltaram no seu rosto. Ele percebeu que algo estava acontecendo entre Logan e mim. Eu desejei que ele me desse uma pista do que exatamente era, por que eu não tinha ideia.

— Na realidade, eu deveria verificar meus amigos. Eles estão em outra festa do outro lado da vila. — Preston se virou para mim e sorriu. — Mas eu adoraria ver você amanhã. Talvez nós possamos almoçar?

Meu coração se sobressaltou, e um sorriso combinando curvou nos meus lábios. Ele queria me ver novamente. Talvez ele realmente gostasse de mim depois de tudo. Eu me senti como se fizesse a dançinha feliz, mas lógico, eu estava com muito frio para isso. Eu ao menos esperaria até voltar para meu quarto de hotel, sozinha, onde ninguém veria.

— É um encontro —, eu disse.

Nós tiramos nossos telefones e trocamos os números.

— Apenas me mande uma mensagem de texto quando você quiser sair, tudo bem? — Eu disse a Preston.

Ele assentiu, então me deu outro sorriso de matar. — Eu irei. Eu me diverti essa noite, Gwen.

Eu sorri de volta para ele. — Eu também.

Por um segundo, Preston hesitou, como se ele fosse se inclinar para frente e me beijar na bochecha, mas então seu olhar cortou-se para Logan, e ele pensou melhor sobre isso. Preston assentiu para mim, metendo suas mãos enluvadas dentro dos bolsos da sua jaqueta, e partiu para o outro lado da vila alpina.

Assim que ele estava fora de vista, eu rodopiei e apunhalei meu dedo em Logan, não muito cutucando-o no peito. — Mas que diabos foi isso?

— O que você está fazendo, garota Cigana? — Logan perguntou em uma voz suave, ao invés de responder minha pergunta. — Você nem sequer conhece esse cara.

Minha boca caiu aberta, e raiva queimou pelas minhas veias, espantando o frio da neve caindo. — Oh, corte essa baboseira de dois pesos e duas medidas. Eu diria que eu conheço tanto do Preston quanto você conhece todas as garotas com quem você dormiu. Quantos colchões você assinou na Mythos, de qualquer forma? Eu estou disposta a apostar que é mais do que Preston tem em Nova Iorque.

A mandíbula de Logan se apertou, mas ele não negou nada disso. Nós dois sabíamos que ele tinha uma reputação de galinha quer ou não isso fosse realmente

verdade.

— O que eu estava tentando fazer? Eu estava tentando ter alguma *diversão* —, Eu vociferei. — É por isso que nós todos estamos aqui nesse final de semana, se lembra? Para ficar totalmente bêbado, perdido, e transar com jovens aleatórios da outra academia. De acordo com Daphne, é uma tradição antiga. Além disso, o que você se importa? Você veio aqui com Savannah essa noite – não comigo.

Logan me encarou, emoções cintilando no seu olhar azul brilhante. — Eu sim – eu me importo —, ele finalmente disse, correndo sua mão através do seu escuro cabelo e derretendo os flocos de neve que tinham se acumulado ali. — Mais do que eu deveria. Muito mais do que eu deveria.

Essas eram as palavras que eu queria que ele dissesse para mim semanas atrás, desde quando eu o pedi para sair no outono passado. Mesmo agora, elas fizeram todo o meu corpo estremecer com felicidade. Mas eu estava tão irritada com ele por ficar entre Preston e mim – por se intrometer quando ele não deveria e arruinar o momento. Com quem eu conversava não era da sua maldita conta. Idem para com quem eu ficava.

A felicidade e a raiva batalharam por controle no meu peito como uma dupla remota de lutadores de luta Grego-Romana. Não demorou muito para a raiva colocar a felicidade em uma chave de braço.

— Você se importa? Jura? Com certeza não parece assim para mim, desde que toda vez que eu me viro, você está enfiando sua língua abaixo da garganta de Savannah Warren – bem na minha frente.

Logan fez uma careta. — Você não entende. Eu gosto da Savannah também, mas você é diferente – você é diferente, garota Cigana. Especial. Você sempre foi, desde aquela primeira vez quando você tropeçou em mim no quadrilátero e berrou comigo.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Diferente? Especial? Jura? Se eu sou *tão* especial, se eu importo tanto *assim* para você, então por que você me dispensou quando eu quis sair com você? Huh, Logan? Por que você faria isso se você estava tão na minha?

Ele não respondeu, mas eu pude ver a angústia cintilando nos seus olhos. A dor no seu rosto me fez querer estender a mão, para confortá-lo de alguma forma, mas eu afastei a sensação e fiz o meu coração tão frio quanto a neve caindo a nossa volta. Eu tinha que ser desumana nesse momento, já que nós nem mesmo podíamos sair em um simples encontro.

— Deixe-me adivinhar. Você ainda está escondendo aquele grande, grande segredo de mim. Aquele que você acha que eu não posso lidar. Aquele que irá me fazer não gostar mais de você. — Eu rolei meus olhos. — Tanto faz. Eu não quero entender você e sua estúpida, distorcida lógica de qualquer modo. Apenas me deixe em paz, Espartano, e eu farei o mesmo com você.

Eu rodopiei e espreitei para longe, seguindo em direção ao hotel.

— Gwen. Pare. Por favor.

Ele me chamou pelo meu nome, o que significava que ele estava sério. Essa era a única vez que ele usava meu nome, ao invés da zombaria de referir a mim como “garota Cigana,” o apelido que ele me deu na primeira vez que nós nos conhecemos. Pela primeira vez, eu estava muito puta para me importar. Eu continuei andando.

Mas Logan tinha outras ideias. Eu não tinha dado três passos antes dele agarrar meu braço e me virar. Estúpidos reflexos Espartanos. Ele era tão mais rápido do que eu. Apenas não era justo, e seu aperto era muito forte para eu facilmente me separar. Antes que eu soubesse, Logan tinha me colocado de costas contra o canto do prédio. Nós ficamos nas sombras, fora de vista das janelas e do incandescente brilho das luzes derramando da cafeteria.

O rosto de Logan estava perto ao meu – tão perto que seu fôlego quente acariciava minha bochecha. Tão perto que eu podia ver as prateadas manchas nos seus olhos azuis. Tão perto que eu podia cheirar sua fraca, essência apimentada. Tão perto que eu podia sentir a força dele pressionando contra mim, me fazendo doer por algo que eu sei que seria assustador e maravilhoso e de partir o coração, tudo de uma vez. Algo que me fazia muito querer estar sozinha com ele no escuro, tocando-o pele com pele – sem segredos de nenhum tipo entre nós. Apenas sentimentos – todos esses *sentimentos*.

Os flocos de neve continuavam caindo, e nuvens de geada enchendo o ar entre nós, nossas respirações beijando para frente e para trás. Olhando para nós à distância, você provavelmente teria pensado que nós éramos um casal que escapou da festa mais cedo para ter um tempo de pouco silêncio juntos. Mas nós não éramos um casal, nós não éramos aquelas pessoas felizes em nada, e essa realização me fez sentir miserável. Por que mesmo agora, eu queria que ele me beijasse – queria que ele me quisesse justo tanto quanto eu o queria.

— Olha, me desculpe —, Logan disse em uma baixa voz. — Eu só não gostei de ver você com aquele outro cara. Eu vi vocês dois conversando pela janela, e

quando você se levantou, eu soube que você estava partindo com ele.

— Você é tão maldito hipócrita. Você não tinha o direito de vir aqui fora e ficar entre nós —, Eu sussurrei em uma voz furiosa. — Nenhum direito. Não enquanto você está com Savannah.

— Eu sei.

Ele não disse nada mais, e a neve continuou caindo, uma cortina fechando o resto do mundo. Mesmo o barulho da festa pareceu ofuscado e distante agora. Ou talvez fosse por que Logan estava preenchendo meus sentidos até que não houvesse espaço para nada mais.

Os segundos se esticaram e viraram um minuto, depois dois. Mesmo assim, ele não disse nada – ele apenas continuou olhando para mim com seu olhar azul, azul.

— Me beije ou me deixe ir —, Eu finalmente disse em uma voz miserável, lágrimas quentes picando meus olhos. — Eu não me importo mais.

O rosto de Logan suavizou-se. — Eu nunca quis magoar você. Essa é a última coisa que eu gostaria de fazer. Eu me importo com você muito para isso, Gwen.

Gwen. Eu fechei meus olhos com o som dele dizendo meu nome. Com o fraco estrondo da sua profunda, sexy voz. Eu não podia suportar olhar para ele. Talvez fosse sombrio e doentio de mim, mas nesse momento, por esse segundo, eu queria fingir que nós éramos um casal. Que realmente nós estávamos aqui fora no escuro – sozinhos – juntos.

— Gwen. — Um sussurro rouco, cheio de toda a cobiça que eu sentia.

O fôlego de Logan ficou mais quente no meu rosto, e eu soube que seus lábios estavam centímetros em direção ao meu. Meus dedos enfiaram-se nos seus ombros, e eu esperei por ele me beijar. Pelas imagens e sentimentos encherem minha mente. Para *Logan* encher minha mente até não haver nada mais –

A porta da cafeteria bateu contra a lateral do prédio. Meus olhos estalaram abertos, mas Logan já tinha se afastado. E havia esse olhar no seu rosto de... de *alívio*. Eu sabia que era por que ele não tinha me beijado. Por que eu não o tinha tocado, não tinha obtido clarões dele, o que significava que o seu profundo, sombrio segredo – o que quer que ele pudesse ser – ainda estava seguro.

Risadas encheram o ar da noite, junto com faíscas rosadas piscando. Daphne e Carson tropeçaram ao lado de fora, eles dois um pouco embriagados, e seus braços envoltos um ao redor do outro. Os óculos de Carson tortos em seu rosto, e brilho labial brilhando em uma das suas bochechas. Pareceu que ele e Daphne tiveram

um tempo bastante bom no lado de dentro na festa. O casal feliz deu uma olhada em Logan e mim, ainda presos juntos nas sombras, e suas gargalhadas cessaram.

— Gwen? — Daphne perguntou, olhando para nós dois. — Tem algo errado?

— Me deixe ir —, eu murmurei em uma baixa voz.

Logan deixou seus braços caírem e pisou para trás.

— Não —, eu disse, mantendo meu olhar fixo em meus amigos ao invés de olhar para Logan. — Está tudo bem. Eu estou pronta para ir. E vocês estão?

A Valquíria olhou para Carson, que assentiu. — É. Nós estamos prontos —, Carson disse.

— Bom. Vamos.

Eu passei por Logan, tão perto que eu senti sua respiração beijar minha bochecha mais uma vez, antes de me libertar e seguir em direção ao hotel. Daphne e Carson correram para me pegar. Eu não olhei para trás para Logan, apesar de que eu sabia que o Espartano estava me observando todo o tempo. Eu seria uma maldita se eu o deixasse ver as lágrimas nos meus olhos.

— Quem Logan pensa que ele é? — Eu fumeguei, perseguindo de um lado do quarto de hotel ao outro. — Você pode acreditar nele? Ele tem muita coragem!

Daphne rolou seus olhos e digitou alguns botões no seu laptop. — É, é. Essa é a mesma coisa que você tem dito por uma hora agora, Gwen. Se você não parar de andar, você vai abrir um buraco no tapete.

Depois do meu quase beijo com Logan, eu corri de volta para o hotel tão rápido quanto eu pude, com Daphne e Carson bem no meu encalço. Eles estavam preocupados comigo, mas eu me forcei a vestir um rosto calmo, mesmo embora minhas emoções comessem um caminho ao meu coração como chuva ácida gotejando em todos os lugares. Eu já arruinei seus cochichos da festa, então eu disse aos meus amigos que eu estava bem e ia para o quarto tomar um banho. Então eu entrei no elevador e os deixei na recepção para que eles pudessem aproveitar algum tempo sozinhos juntos.

Daphne tinha subido ao nosso quarto uma hora mais tarde, lábios vermelhos, bochechas coradas, sua magia estalando como louca. Ela pareceu como uma garota que tinha acabado de ter uma quente, intensa, totalmente adorável sessão de sexo com seu namorado. Eu a invejava. Oh, como eu a invejava.

Eu tive algum tempo para pensar enquanto Daphne estava com Carson, e eu fui do coração partido à melancolia para seriamente irritada com o fato de que

Logan tinha o poder de me fazer de coração partido e melancólica em primeiro lugar. Agora, eu era a “própria sangrenta”, como Vic diria.

Eu olhei para a espada. Vic estava seguro e aninhado na sua bainha de couro preta, e eu o inclinei contra o aparador de fácil acesso. O olho da espada estava fechado, e sua boca estava relaxada de uma forma que significava que ele estava dormindo. Sem surpresa. Vic normalmente cochilava sempre que Daphne vinha para o quarto do meu dormitório. A espada afirmava que toda a “sangrenta conversa de garotas” o entediava.

— Eu não acredito na coragem de Logan —, eu murmurei novamente e retomei a minha caminhada. Uma vez que o quarto era tão grande, me levava vários segundos para perseguir de um lado ao outro.

Daphne abaixou a tela do seu laptop e cruzou seus braços sobre seu peito. Seu pijama rosa da Hello Kitty combinava com os adesivos que decoravam seu computador.

— Então, o que você vai fazer sobre isso? — a Valquíria perguntou. — Você vai fazer um joguinho com Logan e tirá-lo de Savannah? Pela forma com que ele estava encarando você no lado de fora da cafeteria, eu acho que você pode totalmente fazer isso. Ele realmente gosta de você, sabia? Você deveria ter visto o olhar no rosto dele quando ele estava abraçando você. Foi *intenso*. Até mesmo para um Espartano. Eu vi alguns deles em modo de raiva de batalha completa que não pareciam tão focados.

— Bem, ele tem uma maneira engraçada de mostrar isso. — Eu desabei na cama. — Eu não vou tirá-lo de Savannah. Eu não sou Morgan McDougall. Eu não saio por aí roubando os namorados das outras garotas.

— Morgan exatamente não os roubou —, Daphne apontou. — Ela só dorme com eles às escondidas.

Eu pensei sobre como triste Morgan parecia, primeiro na biblioteca mais cedo essa semana e então novamente essa noite do lado de fora da cafeteria. Eu sentia mal falando sobre a Valquíria como se ela fosse apenas a piranha da escola e nada mais. Ela tinha sentimentos, também, apenas como o resto de nós. — Tanto faz. O ponto é que eu não sou como ela, e eu não quero ser. Nem mesmo para Logan fenômeno Quinn.

— Então o que você vai fazer? — a Valquíria perguntou novamente, abrindo seu laptop mais uma vez.

Eu olhei acima para o teto. O que eu *ia* fazer? Apesar de tudo o que

aconteceu essa noite, eu ainda tinha uma louca, louca queda por Logan. Mas nada sequer ia acontecer disso. Claro, Logan disse que ele se importava comigo, mas ele ainda tinha esse grande, malvado segredo que ele queria esconder de mim, algo que apenas não era possível dado o meu dom Cigano. Assim que eu o tocasse, minha psicomетria iria entrar em ação e me mostrar seu segredo quer eu quisesse vê-lo ou não. Eu não teria sequer que beijá-lo – apenas dar as mãos tempo o suficiente daria o gatilho. Meio difícil namorar um cara quando você não podia arriscar sequer tocá-lo, especialmente quando esse cara era Logan, quem eu malditamente queria tocar - de todas as formas.

E então havia Preston. Antes de Logan ter nos interrompido, nós estávamos nos divertindo vindo a conhecer um ao outro. Eu gostava de Preston, e eu achei que ele gostava de mim, também – ao menos o bastante para querer sair comigo esse final de semana. Ele tinha me pedido para encontrá-lo para almoçar amanhã.

Talvez – talvez Preston pudesse ser meu cara substituto. Alguém para me ajudar a superar essa estúpida, inútil paixão que eu tinha por Logan. De fato, Preston seria um *perfeito* cara substituto, já que eu não o veria depois do final de semana e depois que o Carnaval de Inverno estivesse terminado. Ele voltaria para a academia de Nova Iorque, e eu voltaria para Mythos. Então por que não ter um pouco de diversão enquanto nós dois estávamos juntos?

Eu me levantei nos meus cotovelos. — O que eu vou fazer? Eu vou almoçar com Preston amanhã como ele me pediu e esquecer que Logan alguma vez existiu.

Daphne sorriu. — Agora você está agindo. Você tem que me apresentar à Preston. Eu realmente quero ver por mim mesma o quanto maravilhoso ele é.

— Você não o viu ontem à noite? Nós estávamos sentados bem do lado de fora da cafeteria.

Daphne negou com sua cabeça. — Não, eu estava muito ocupada dançando com Carson e depois mantendo essa Amazona desprezível de colocar suas mãos nele. Ela estava totalmente paquerando Carson do outro lado do lugar, e ela tentou se intrometer entre nós enquanto nós estávamos dançando. Piranha. Ela vai se arrepender por ter feito isso, especialmente uma vez que ela continuou mesmo depois de eu dizer a ela que Carson tinha dona.

A Valquíria digitou mais algumas teclas do seu laptop, seus olhos pretos cintilando com raiva. Faíscas rosadas de magia dispararam da ponta dos seus dedos, como mini estrias de raios.

Eu franzi o cenho. — É o que você está fazendo? Procurando aquela outra

garota online?

Daphne assentiu. — A academia de Nova Iorque tem um web site, justo como nós temos, onde alunos podem blogar e postar fotos e coisas. O qual é o porquê você precisa me apresentar ao seu cara misterioso. Eu olhei, mas não há Pres-tons listados no site. Aparentemente, seu cara decidiu não postar sua foto e montar seu perfil de aluno online. Ah, aqui está a Amazona. Calinda Lopez.

Os dedos Daphne aumentaram a velocidade, e ela começou a murmurar sob sua respiração. — Vamos lá, neném. Nós podemos romper esse anti-vírus incômodo...

Em adição ao ser uma Valquíria, Daphne também tinha algumas importantes habilidades de computação. Ela estava no Clube Tecnológico na Mythos, o que era apenas um grupo extra classe de todos os hackers da academia. De fato, Daphne tinha usado suas habilidades para me ajudar a romper a senha no laptop de Jasmine Ashton, voltando quando eu estava investigando a fingida morte de Jasmine. Foi assim que nós nos tornamos amigas. Claro, eu chantageei Daphne a me ajudar para começo de conversa, mas eu acho que tudo terminou bem no final.

— Uh, o que você está fazendo?

Daphne encolheu de ombros. — Nada demais. Apenas apagando todas as boas notas de Calinda e substituindo-as como incompletas. Eventualmente, os administradores irão descobrir o que aconteceu, mas eu estou fazendo isso parecer como um erro no computador. Mesmo assim, eu imagino que ela vai receber palestras desagradáveis dos seus professores e pais enquanto isso.

Eu neguei com minha cabeça. — Me lembre de não irritar você, por que você é uma completa vadia rancorosa quando você está zangada. Existem super-vilões em meus gibis que podiam aprender uma coisa ou outra de você.

A Valquíria colocou sua língua para fora, então me deu um sorriso louco. — É melhor você acreditar nisso, Cigana.

Daphne focou-se em seu laptop e voltou para sua perseguição na internet, hacker, e confusão geral. Eu rastejei para baixo das cobertas e enfiei meu travesseiro debaixo da minha cabeça.

Preston, eu pensei. Amanhã, eu almoçaria com Preston, e nós teríamos um grande momento juntos. Nós passearíamos e gargalharíamos e conversaríamos e apenas divertiríamos. Eu pensei sobre ele então, sobre seus olhos azuis, com cabelo loiro branco, suas covinhas bonitinhas. Mas sem importar o quanto eu tentasse segurar a imagem, sem importar o quanto forte eu me concentrasse, o rosto de

Preston se derretia no rosto de Logan no segundo em que eu fechava meus olhos.



I²

N

O DIA SEGUINTE, Sábado, era a festa do final de semana quando havia realmente um carnaval montado como parte do Carnaval de Inverno. Vai entender.

Daphne arrancou as cobertas e me arrastou para fora da cama, bastante cedo. Literalmente, ela agarrou meu tornozelo e usou sua força de Valquíria para me jogar em cima do seu ombro e me içar para dentro do chuveiro. Algumas vezes, realmente eu odiava ter uma melhor amiga que podia dar ao Hulk uma derrota no departamento de levantamento de peso. Especialmente às sete da manhã.

Eu mal saí do chuveiro quando Daphne me lançou algumas roupas e latiu para eu me vestir – senão. Aparentemente, o carnaval era a sua festa favorita de todo o final de semana, e ela não queria perder um segundo dele, nem mesmo para ter umas poucas horas de sono a mais. E ela achou que eu fosse a aberração.

Resmungando, eu me lancei em algumas roupas, cobrindo com um par limpos de calças de esqui e uma jaqueta combinando, ambos de um prata brilhante que Daphne tinha escolhido para mim ontem na loja. Botas, luvas, e um

bonitinho tobogã cinza coberto com minúsculos flocos de neve completavam meu equipamento. Pela primeira vez, Daphne realmente decidiu vestir outra cor além de rosa. Sua roupa de esqui era um azul Royal que a fez parecer como uma princesa do gelo.

Nós encontramos Carson no andar de baixo em um dos restaurantes do hotel. Aparentemente, o hotel não levava o café da manhã tão seriamente quanto ele levava as outras refeições por que realmente havia comida normal servida como parte do maciço Buffet: altas pilhas de panquecas de soro de leite talhado regadas com xarope de damasco, grossas lascas de bacon Canadense, enormes omeletes recheados com queijo e vegetais coloridos. Yum. Nós botamos tudo para dentro com suco de maçã temperado que era uma mistura perfeita de doce e azedo. Então, bem depois das nove, um dos teleféricos nos levou acima para a montanha e nos deixou livres para o carnaval.

O Carnaval de Inverno tinha sido montado em um amplo, platô elevado situado entre dois declives de esqui, cerca de três quartos de distância do pico da montanha. Arremesso de argolas, tiro ao pato, lançamento de garrafas de leite, até mesmo uns dois afunde o urso polar⁷ preenchidos com água gelada. Todo o tipo de jogo de carnaval que você pudesse imaginar foi caracterizado em dezenas de barracas de madeiras que tinham sido erguidas no platô para o dia do evento.

As pequenas barracas pareciam como casas de bolo de gengibre com suas brilhantes cores fortes e loucas listras de bastão de doces. Placas brilhosas e bandeirolas anunciavam os vários preços mergulhados no canto de uma cabine próxima, enquanto bichos de pelúcia de cores chamativas lutavam por espaço nas prateleiras internas. Alta, música instrumental animada vibrava através de um sistema de som portátil que alguém tinha arrastado montanha acima, e aquecedores explodiam aqui e ali na neve, para impedir o frio na enseada. Os comerciantes das lojas na vila alpina tinham também feito a caminhada até a montanha, montando cabanas separadas e trazendo seus próprios bens de alta qualidade com eles – joias, relógios, roupas de marca.

Eu achei que os professores ou os funcionários do resort pudessem atuar algum tipo de ritual antes da abertura do carnaval. Acender uma fogueira, entoar algum cântico mágico surreal, e agradecer aos deuses por cuidar de todos na montanha. Isso é o que os professores tinham feito algumas semanas atrás antes, na fogueira do baile e na dança voltando à academia. Verdade seja dita, eu acharia

⁷ (afundar o urso polar – é um brinquedo onde uma pessoa fica sentada em uma plataforma dentro de um tanque de água e você tem que acertar o alvo para tentar derrubar a pessoa na água)

isso um pouco esquisito e assustador. Mas os jovens já tinham começado a jogar, e os sons dos sinos, assobios, e mais vibrações atravessavam o ar. Sem ritual hoje, então. Bom.

Porém, mais uma vez, eu não podia escapar das estátuas. Uma grande escultura de pedra de Skadi, a deusa Nórdica do inverno, estava no meio da área do carnaval, parecendo como uma gêmea àquela do lado de dentro da recepção do hotel. De alguma forma, a deusa parecia até mesmo mais feroz aqui na montanha, no meio da neve, e parecia que a estátua radiava frio, apesar dos aquecedores enfiados próximos aos pés dela. Estátuas de outros deuses e deusas tinham também sido plantadas na neve aqui e ali, seus lábios de pedra curvados para cima em loucos sorrisos que combinavam com a excitação do dia. Eu suspirei e afastei o olhar delas.

Não levou tanto tempo para algo mais captar a minha atenção, entretanto – a comida. Algodão doce, pipoca, maçã do amor, cachorro quente no palito, Ana Maria⁸ fritas. Eu localizei as placas para todos aqueles deleites, e cada um deles fez um sorriso espalhar um pouco mais amplo sobre meu rosto. Pela primeira vez, a comida era realmente normal, e eu estava *totalmente* aumentando a minha taxa de açúcar hoje. Um caloroso, doce, delicioso aroma preencheu o ar, e eu inspirei. Eram rocamboles o que eu cheirei? Com açúcar polvilhado e molho de cereja condimentada saindo do topo? Meu estômago roncou de antecipação, mesmo embora nós tivéssemos acabado de tomar café da manhã.

— Isso não é fabuloso? — Daphne perguntou, seus olhos brilhando como diamantes negros no seu rosto. — Onde você acha que nós devemos ir primeiro, Carson?

O cara membro da banda colocou seus braços ao redor da Valquíria e a aninhou ao peito dele. — Eu acho que nós devemos ir até ao arremesso de argolas para que eu possa ganhar para você um bicho de pelúcia. Ou uma adaga, qual você preferir.

Daphne arqueou sua sobrancelha e deu a ele um sorriso divertido. — Mesmo embora eu possa totalmente derrotar você sempre que nós jogamos qualquer jogo na aula de educação física?

Carson corou um pouco. — É, bem, eu posso tentar. Olhe quantos tickets eu comprei. Com certeza, eu posso vencer algo com eles.

Ele puxou uma cartela de tickets vermelhos para fora do bolso traseiro da sua

⁸ (Twinkies – é um bolinho semelhante ao Ana Maria)

calça de esqui. Você tinha que comprar tickets para jogar os vários jogos de carnaval, e os rendimentos iam ajudar a financiar toda a viagem de final de semana. Daphne e Carson tinham, os dois, sacado seus cartões de crédito para comprarem tickets para todos os jogos assim que eles saíram do teleférico. Eles largaram cerca de cinquenta pratas cada um sem piscar.

Eu não me incomodei em comprar qualquer ticket, entretanto. Eu não era coordenada o bastante para jogar um dos jogos e realmente vencer algo. Bem, eu poderia ser capaz de vencer se houvesse algum tipo de jogo de tiro ao alvo, se eu canalizasse minhas memórias de Daphne dos campeonatos dela, apenas como eu fiz durante o treinamento de armas. Mas os Poderosos Que Eram a academia provavelmente iriam considerar isso a estar trapaceando.

— Vamos, — Daphne disse, agarrando minha mão. — Chega de ficarmos parados. Vamos jogar alguns jogos!

Nós vagamos ao redor do Carnaval de Inverno pelas próximas duas horas, movendo-se de uma cabana à outra. Pareceu que todos em todo o complexo Powder tinha se virado para esse evento, e toda a montanha estava rastejando com jovens, professores, e funcionários do resort.

Eu localizei a Professora Metis administrando um dos jogos de arremessos de argola e alegremente conversando com todos os alunos. Nickamedes estava perto dela em um estande, entregando prendas aos vencedores, uma comprimida, azeda expressão no seu rosto. Sem dúvida o bibliotecário era alérgico a ar fresco e luz do sol. Algumas vezes eu me perguntava se Nickamedes era realmente um vampiro, tão pálido e sem cor que ele era. Eu teria que perguntar à Daphne sobre o bibliotecário, e se, você sabe, vampiros realmente existiam em primeiro lugar. Apesar de todas as coisas que eu aprendi na aula de história-mítica, eu ainda estava um pouco confusa com todos os diferentes tipos de monstros ali fora. Tudo bem, tudo bem, em muitas coisas, realmente.

Metis e Nickamedes não foram os únicos professores que eu vi. Sr. Llew, meu professor de cálculo; Sra. Banba, a professora de economia; Técnico Lir, o esguio, magro instrutor de natação — todos eles estavam ajudando com os estandes e jogos. Até mesmo Sra. Raven, a senhora do carrinho da mesa de café da biblioteca estava aqui, administrando uma das máquinas de algodão doce.

Eu me diverti assistindo à Daphne e Carson jogarem nos jogos do carnaval, mas não demorou muito antes de eu notar que havia algo um pouco... fora do contexto. Como um arremesso de argolas, onde os jovens arremessavam correntes

com pontas de ferro para as cabeças de gatunos de Nemean ao invés de usar simplesmente argolas e varas de metal. Ou até o lançamento de garrafas de leite, onde todas as garrafas de vidro tinham sorrisos de máscaras negras pintadas nelas para representar rostos de Ceifadores. E especialmente no tiro ao pato, onde os centros dos alvos me lembraram de um desenho de Loki que eu tinha visto no meu livro de história-mítica, aquele onde o rosto do deus malvado estava todo distorcido e derretido do veneno de cobra que tinha gotejado em cima das suas bonitas feições por séculos. O veneno continuamente salpicando em direção à Loki tinha sido parte da sua punição pela primeira vez que os outros deuses o tinham trancafiado, antes dele escapar e mergulhar o mundo na Guerra do Caos.

Então, havia as prendas. Carson não estava brincando quando ele disse que ele podia ganhar para Daphne uma adaga. A maior parte dos estandes estava abarrotado com bichos de pelúcia e outros brinquedos enormes, mas armas brilhavam nas prateleiras bem ao lado deles – espadas, varas, arcos e flechas, estrelas de lançamento, mesmo um escudo ou dois. E muitos jovens escolheram as afiadas, armas brilhantes acima dos brinquedos. Mas mesmo quando os alunos optavam pelos brinquedos, eles ainda estavam completamente errados. Ao invés de coelhos peludos rosas e ursos de pelúcia pretos, os animais de pelúcia tinham formato como grifos sorridentes ou esfinges estóicas.

Uma vez que eu comecei a notar todas as coisas como essas, eu não podia parar de olhar para elas – e de fato me assustou. Quem queria ir a um carnaval onde as prendas podiam ser usadas para lhe assassinar? Especialmente uma vez que eu sabia que havia um Ceifador do Caos de verdade espreitando em algum lugar lá fora no sol de inverno – um que queria me matar.

— Uh, o que acontece com todos os jogos? — Eu perguntei a Carson em algum ponto, enquanto Daphne estava ocupada disparando flechas através de uma argola de metal que mal era maior do que meu pulso.

— O que você quer dizer? — ele murmurou, enchendo um chumaço de algodão doce na sua boca.

— Eu quero dizer, por que tudo é decorado com gatunos de Nemean e assustadoras, distorcidas, máscaras de Ceifadores?

Carson franziu o cenho. — Sobre o que você está falando, Gwen? Os estandes e jogos são decorados da mesma forma que eles sempre foram. Eu acho que eles são ótimos.

Eu abri minha boca para lhe fazer outra pergunta, mas eu percebi que era

meio que inútil. Para Carson, gatunos de Nemean, máscaras de Ceifadores, e centros de alvos de Loki eram completamente normais. Ele nunca esteve a nenhum outro tipo de carnaval, lá fora no comum mundo mortal, onde jovens não tinham ideia que monstros mitológicos sequer existissem ou que havia uma antiga guerra ainda sendo lutada hoje em dia nos tempos modernos. Então, mais uma vez, carnavais mortais normalmente tinham um palhaço ou dois. Eu imagino que imagens de um deus malévolo que queria se libertar da sua prisão mitológica e escravizar todo o mundo não era nada mais assustador do que um cara usando grandes sapatos vermelhos, calças amarelo xadrez, e rosto pintado de branco. Palhaços sempre tinham me assustado. Eles eram *tão* sem graça.

Daphne colocou todas as suas flechas através da argola e ganhou um grifo de pelúcia para Carson antes de nós seguirmos para o próximo jogo.

Eu procurei Preston na multidão, esperando que talvez nós pudéssemos sair antes do almoço e eu poderia apresentá-lo aos meus amigos, mas eu não o vi em nenhum lugar. Sem surpresa. Tantas pessoas estavam abarrotadas no espaço do carnaval que foi bastante difícil acompanhar Daphne e Carson bem ao meu lado. Eu tinha meu celular no meu bolso, entretanto, esperando-o me mandar uma mensagem de texto. Ou talvez eu fosse corajosa e enviasse uma para ele antes. Eu não tinha decidido ainda.

Uma pessoa que eu não tive problema em localizar foi Logan. O Espartano estava de pé sobre um teste para homens fortes, balançando uma marreta em uma plataforma e fazendo um peso disparar para cima a uma alta escala e soar um sino no topo. Grande, corpulento Técnico Ajax administrava esse jogo, sua pele ônix cintilando na luz do sol. Com seus braços cruzados sobre seu peito, o técnico parecia como uma placa de granito que alguém tinha plantado dentro da montanha, junto com todas as outras estátuas.

Kenzie e Oliver estavam conversando com Logan, todos os três se revezando com a marreta. Eu olhei para a multidão de garotas ao redor rindo e os observando, mas eu não vi Savannah em nenhum lugar. Talvez os Espartanos estivessem tendo um dia de garotos ou algo. Tanto faz. Eu não me importava pelo que Logan estava fazendo ou com quem ele estava saindo. Eu não me importava. *Eu não me importava.* Talvez se eu dissesse para mim, várias vezes, isso realmente se tornasse verdade. É, certo. Mesmo eu não acreditava nisso, e eu era aquela que estava tentando mentir para si.

Meu celular zuniu no bolso da minha jaqueta, distraíndo-me dos meus

pensamentos por Logan. Eu o puxei para fora e li a mensagem. *Pronta p/almoço? Me encontre no hotel em 15 min. P.*

— Esse é o seu homem misterioso? — Daphne perguntou, olhando sobre meu ombro e apertando os olhos para a tela.

Eu sorri para ela. — Sim, é. Ele quer me encontrar para almoçar no hotel.

— Oh, tudo bem, bem, nós vamos com você, — Daphne disse. — Deixe apenas Carson terminar seu jogo.

Carson estava jogando uma versão ridícula de Whacamole⁹, exceto que ele estava tentando atingir cabeças de gárgulas enquanto elas surgiam para fora de uma base de metal ao invés de, você sabe, toupeiras. Mas ele não estava tendo muita sorte com isso. Uma gárgula surgiu na mesa, e Carson bateu seu martelo direto para baixo, em cima dela — e no dedão da sua outra mão, a qual tinha de alguma forma ficado no caminho. Eu estremeci. E eu pensei que eu era descoordenada.

— Não, — eu disse, tirando minhas luvas e as enfiando dentro dos meus bolsos. — Eu sei o quanto você ama o carnaval. Vocês caras fiquem aqui. Nós nos alcançamos depois do almoço.

— Bem, se você tem certeza...

A voz de Daphne falhou, e ela olhou para o martelo de Carson, sem dúvida pensando no quanto melhor ela podia fazer com ele, especialmente com sua força Valquíria. Se Daphne batesse em uma daquelas gárgulas, eu duvidava que ela fosse surgir de volta. Ela podia quebrar toda a mesa com uma pancada se ela quisesse.

— Eu tenho certeza, — Eu disse, mandando uma mensagem de texto de volta para Preston, e dizendo a ele que eu estava a caminho para baixo da montanha e o encontraria na recepção. — Vá se divertir. Eu ficarei bem.

— E quanto ao Ceifador? — Daphne perguntou em uma baixa voz. — Você não tem dito nada, mas eu sei que você ainda está pensando sobre ele, quem quer que seja. Eu estaria. Mas Metis disse que ela cuidaria das coisas, certo?

Daphne não sabia que eu não tinha falado com Metis sobre o Ceifador. Ao invés, eu disse a minha amiga que a professora estava olhando as coisas. A resposta vaga tinha parecido satisfazer a Valquíria. E mais, eu não tinha dito nada mais a

⁹ (é um jogo eletrônico onde toupeiras se erguem de buracos em uma plataforma e com um martelo você tem que bater nelas, de volta para dentro do buraco)

ela sobre o lobo Fenrir que eu tinha visto nas árvores ontem e como eu pensei que a criatura não era apenas um lobo selvagem rondando a montanha do resort.

Eu encolhi de ombros. — Nada aconteceu desde que nós chegamos aqui ontem. Talvez ele não tenha feito a viagem até o resort. Ou talvez ele esteja se divertindo para querer me matar hoje.

Eu gargalhei com minha piada sem graça, mas Daphne não sorriu. Ela apenas olhou para mim, preocupação preenchendo seu rosto. Ela estava certa, entretanto. Eu não tinha me esquecido sobre o Ceifador. De fato, essa era uma das razões do por que eu decidi não jogar nenhum dos jogos de carnaval — para que eu pudesse espiar a multidão ao invés.

Eu olhei para todos que nós passamos hoje, todos os outros jovens que nós conversamos, todos os professores administrando os estandes, todos os membros funcionários do hotel fazendo algodão doce e maçãs do amor. Eu até mesmo tirei minhas luvas e acidentalmente — de propósito toquei uns poucos deles, apenas para ver que tipos de clarões eu poderia ter, apenas para ver se eu poderia descobrir quem era o Ceifador. Mas eu não tinha visto nada fora do normal. Todos estavam focados no carnaval, todos os jogos que eles jogavam, e todos os prêmios que eles queriam ganhar.

— Eu vou pegar o teleférico e ir direto para baixo ao hotel, — Eu disse, fazendo um x no meu coração com meu dedo. — Prometo. Eu estarei bem. Você vai ver.

Daphne ainda hesitou. — Bem, se você tem certeza...

Eu a dei um pequeno empurrão. — Eu tenho certeza. Agora, vá tirar aquele martelo de Carson antes que ele se machuque com ele.

— Tá, — Daphne disse. — Ele não é muito bom com isso, não é? Mas felizmente ele mais do que recompensa isso de outras maneiras.

Ela me deu um conhecido sorriso afetado, e eu só rolei meus olhos.

— E daí que Carson é um grande beijoqueiro. Tanto faz, — Eu disse, depois sorri. — Entretanto talvez se eu tiver sorte, eu descobrirei se Preston tem algum talento familiar depois do almoço.

Eu deixei Daphne e Carson no carnaval e segui de volta para o teleférico. Para minha surpresa, ele não estava operando, e as cadeiras balançavam como sinos dos ventos. Um cara grisalho com uma barba que alcançava a sua cintura estava agachado em uma das estações de aço que se sobressaíam para fora da neve. Um alçapão foi aberto no fundo da estação, e o cara cortava e deslocava os fios no

interior, trabalhando nos circuitos elétricos ou o que quer que controlava o teleférico.

— Uh, com licença, mas por que o teleférico não está funcionando nesse momento? — eu perguntei.

O cara tirou sua cabeça da caixa e me encarou. Sua espessa barba branca o fazia parecer como Papai Noel. — Nós estávamos tendo alguns problemas elétricos. Achei melhor cuidar disso enquanto todos vocês jovens estão ocupados brincando com seus jogos de carnaval.

— Tudo bem, então quando você irá terminar? Em poucos minutos, talvez?

O cara negou com sua cabeça. — Não. Eu terei pelo menos meia hora de trabalho aqui. Provavelmente mais perto de uma hora.

Frustração me encheu. Eu sabia que não era culpa do cara que ele estava fazendo sua manutenção nesse momento, era apenas minha falta de sorte.

— Bem, como eu devo descer ao hotel? Eu estou me encontrando com alguém para almoçar.

Ele encolheu de ombros. — Eu imagino que você terá que descer os declives. É o que os outros jovens estão fazendo.

Ele apontou, e com certeza, eu vi umas poucas figuras bem na base da montanha, andando através da vila alpina e seguindo para o hotel. Trilhas atravessavam a neve onde os outros jovens tinham marcado seu caminho para baixo na encosta íngreme.

— Obrigada, — Eu disse.

O cara assentiu, enfiando sua cabeça de volta para dentro da caixa, e começou a mexer em todos os fios internos novamente.

Eu deveria ter seguido em direção ao hotel imediatamente, mas ao invés disso, eu hesitei, meus olhos escaneando a paisagem branca de neve, procurando pelo lobo Fenrir. Eu não tinha visto o monstro desde ontem, mas isso não tinha significado que ele ainda não estava espreitando ao redor do resort em algum lugar, esperando para se lançar sobre mim no segundo em que ele tivesse a chance.

Meu celular vibrou novamente, cortando os meus pensamentos, e eu o puxei do meu bolso e li a mensagem. *Já aqui. Esperando por você. P.*

Eu mordi meu lábio e coloquei meu celular de volta dentro do meu bolso. Eu não queria afrontar Preston, e eu não queria mandar uma mensagem de texto para ele com alguma desculpa qualquer sobre não querer descer a montanha sozinha, por que poderia haver um monstro mitológico atrás de mim. Ele pensaria que eu

era louca. Além disso, havia toneladas de pessoas na montanha hoje fazendo tonelada de barulho. Certamente, essas coisas seriam o suficiente para fazer o lobo ficar escondido onde quer que ele esteja.

Então eu entrei nas trilhas que os outros jovens tinham feito e zarpei descendo a montanha. Apesar do fato de que outros alunos tinham arado um caminho, a neve ainda estava funda, subindo até o meio da coxa em alguns locais. Eu me afundei nela, obstinadamente descendo o declive um movediço passo de cada vez.

Eu me movi tão rápido quanto eu pude, mas era um processo demorado, e eu estava apenas me debatendo quer ou não eu devesse mandar uma mensagem de texto para Preston para deixá-lo saber que eu me atrasaria quando eu ouvi o som que eu estava temendo – o baixo, rosnado gutural do lobo Fenrir.

O som ameaçador deslizou do outro lado da neve para mim, e eu congelei, me perguntando de onde ele tinha vindo. Eu marchei cerca da metade da montanha nesse ponto, e o teleférico e o Carnaval de Inverno estavam acima e distantes na minha esquerda. Felizes gritos de gargalhadas misturavam-se com a alta música instrumental nesse lado do declive.

Tudo bem, o lobo definitivamente não estava lá em cima. Apenas restava uma outra opção.

Eu lentamente virei minha cabeça para a direita, e ali a criatura estava – agachada na neve apenas no interior da fileira de árvores, como ela tinha estado ontem quando eu a localizei primeiro perto do declive para iniciantes. Eu estava tão focada no meu encontro com Preston e descendo o declive tão rápido quanto eu pude que eu não estive prestando atenção para onde eu estava indo, apenas cegamente seguindo as trilhas, e eu desviei em direção ao bosque de pinheiros que cobriam esse lado da montanha – e o lobo Fenrir.

Ele tinha a mesma aparência que eu me lembrava – um grande, poderoso corpo coberto com peluda, pelagem de cor acinzentada e ardentes olhos carmesins que pareciam brilhar com um particular de ódio por mim. Os lábios do lobo retraíram-se, expondo seus muitos, muitos dentes, e ele lambeu seus lábios com sua longa, língua vermelha antes dos seus beijos retraírem em algo que pareceu como um supremo, satisfeito sorriso – apenas como o sorriso do desenho no meu livro de história-mítica tinha me dado na academia. *Estúpida, estúpida, estúpida, Gwen!*

Eu me amaldiçoei. Como eu pude ser tão assustadoramente *estúpida*? Eu

sabia que tinha que ficar longe das árvores, mas eu estive tão distraída pelo pensamento de almoçar com um cara bonitinho que eu praticamente perambulei ao redor e dei ao lobo um tapinha na cabeça. Aonde você vai, cachorrinho. Aqui tem um saboroso deleite só para *você*.

Antes que eu pudesse me preocupar muito sobre o lobo e quer ou não ele fosse saltar das árvores e me rasgar em pedaços, um tremendo rugido cortou o ar, e o chão tremeu, como se a montanha fosse o epicentro de um violento terremoto.

Eu caí de bunda na neve e só fiquei ali, impressionada, enquanto o chão contraía e arfava abaixo de mim. Acima da minha cabeça, as cadeiras no elevador oscilavam para frente e para trás em fortes, ângulos doidos, ranger-ranger-rangindo com cada tremor até que eu pensei que elas poderiam se romper dos cabos e vir desabando bem no topo da minha cabeça.

Tão subitamente quanto ele começou, o intenso tremor parou, e eu me livrei do meu choque e lutei para ficar de pé. Eu protegi meus olhos contra o brilho deslumbrante e olhei para cima. Algo deve ter explodido no topo da montanha, por que eu podia ver as chamas laranjas brilhantes lá em cima, lambendo até o céu como se elas quisessem queimar todo o azul dele.

Eu soltei um intenso fôlego. O que quer que estivesse acontecendo, estava acontecendo no topo na montanha e não aqui em baixo onde eu estava na...

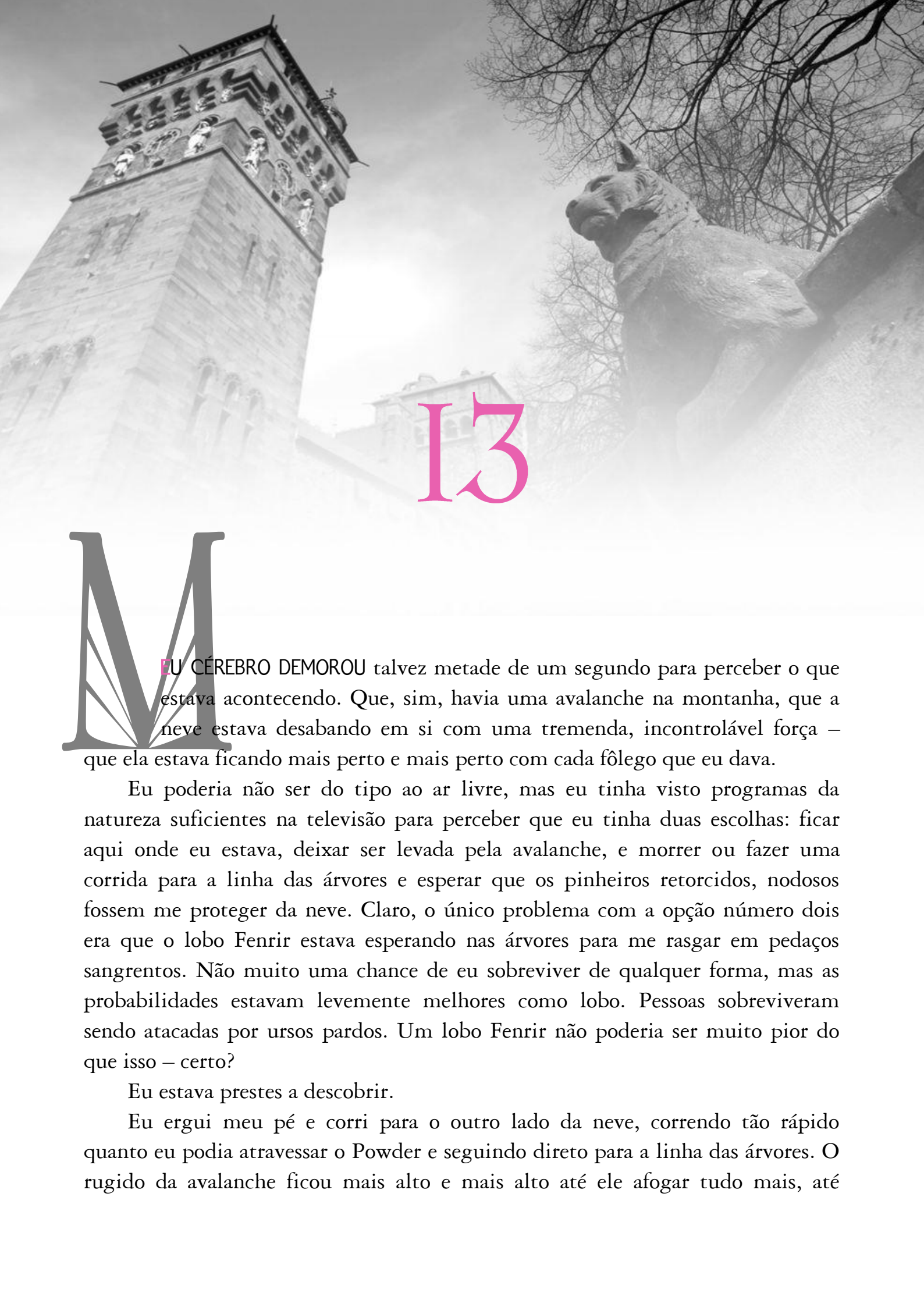
Foi quando o estrondo começou. Esse profundo, violento, intenso estrondo que cortou através de toda a montanha, o rugido disso assassinando tudo mais. Eu meio que esperei que a neve abrisse sob meus pés e que eu começasse a cair, cair, cair dentro do meio da terra.

E havia... havia... havia *algo* descendo a montanha agora. Eu apertei meus olhos, tentando ver exatamente o que era...

Minha respiração ficou presa na minha garganta, e eu percebi o que o estrondo era.

A explosão que abalou o topo da montanha não tinha apenas começado um incêndio – ela tinha também deslocado a neve. Milhares e milhares de toneladas dela, todas rolando na minha direção, até a muito alta, branca, onda sombria apagar o sol.

Uma avalanche estava destruindo a montanha – e eu estava bem no meio do seu caminho.



13

M

EU CÉREBRO DEMOROU talvez metade de um segundo para perceber o que estava acontecendo. Que, sim, havia uma avalanche na montanha, que a neve estava desabando em si com uma tremenda, incontrollável força – que ela estava ficando mais perto e mais perto com cada fôlego que eu dava.

Eu poderia não ser do tipo ao ar livre, mas eu tinha visto programas da natureza suficientes na televisão para perceber que eu tinha duas escolhas: ficar aqui onde eu estava, deixar ser levada pela avalanche, e morrer ou fazer uma corrida para a linha das árvores e esperar que os pinheiros retorcidos, nodosos fossem me proteger da neve. Claro, o único problema com a opção número dois era que o lobo Fenrir estava esperando nas árvores para me rasgar em pedaços sangrentos. Não muito uma chance de eu sobreviver de qualquer forma, mas as probabilidades estavam levemente melhores como lobo. Pessoas sobreviveram sendo atacadas por ursos pardos. Um lobo Fenrir não poderia ser muito pior do que isso – certo?

Eu estava prestes a descobrir.

Eu ergui meu pé e corri para o outro lado da neve, correndo tão rápido quanto eu podia atravessar o Powder e seguindo direto para a linha das árvores. O rugido da avalanche ficou mais alto e mais alto até ele afogar tudo mais, até

mesmo minhas próprias respirações desesperadas e em pânico e o irregular Tum-tum-tum do meu coração. O ar parecia denso e pesado com a neve, e eu não podia obter oxigênio suficiente para dentro dos meus pulmões, mas eu continuei correndo. Eu sabia que se eu parasse, mesmo por um segundo, a avalanche iria me pegar e me carregar para longe.

E então ali estava o lobo. Ele caminhou para frente e para trás dentro do emaranhado de árvores, olhando para mim e então para cima para a neve que provavelmente estava indo enterrar nós dois.

Eu não tive tempo de cuidadosamente contornar a criatura ou impedi-lo de me atacar, então eu me lancei para dentro das árvores e corri adiante, tentado chegar bem no meio do matagal. O lobo ficou onde ele estava, me observando com seus olhos vermelhos ardentes. Eles ficaram mais brilhantes e mais brilhantes enquanto a neve corria para a nossa direção e a paisagem escureceu.

Eu caí de bunda na frente da mais densa, mais forte árvore que eu vi, tirando meu casaco prateado de esqui, amarrando-o ao redor da minha cintura, e usando as mangas para me amarrar ao tronco. Então eu envolvi meus braços e pernas ao redor do tronco robusto, ignorando os agudos, afiados espinhos que arranharam meu rosto e as pinhas que se aninharam ao meu cabelo. Eu me ancorei à árvore melhor do que eu pude.

Eu estava a sessenta centímetros de distância do lobo Fenrir – bem dentro da distância mortal. Tudo o que ele tinha que fazer seria se inclinar para frente e fechar suas mandíbulas ao redor do meu pescoço, e eu estaria morta.

Ao invés de saltar em cima de mim, o lobo me observou todo o tempo, suas orelhas pontiagudas achatadas na horizontal contra sua enorme cabeça. Ele tinha se agachado na neve justo como eu tinha. A boca do lobo estava aberta, e ele provavelmente estava rosnando para mim, entretanto eu não pude ouvir acima do gemido da avalanche.

— Não é minha culpa, então não me mate, tudo bem? — Eu gritei para a criatura, mesmo embora fosse inútil.

Os olhos vermelhos, estreitos do lobo foram a última coisa que eu vi antes da neve me atingir, e o mundo ficar branco.

Tudo foi apenas – *violento*. Gemidos e colisões e forças me puxando para todos os lados, ameaçando arrancar meus braços e pernas do tronco da árvore, ameaçando me varrer para longe e me enterrar profundo, profundamente na neve aonde ninguém iria jamais, jamais me encontrar.

Eu intensifiquei meu aperto e segurei firme.

Eu não podia ver, e eu mal podia respirar. Havia apenas barulho e pressão e bofetadas pungentes de neve. Eu não sei quanto tempo eu me amontoei ali, meu rosto esmagado contra a casca áspera, todo o meu corpo pressionado contra o tronco, meus braços doendo do esforço de agarrar o pinheiro. Meus pulmões queimando de tentar sugar oxigênio suficiente para ficar consciente, e cristais de gelo picando o meu rosto como milhares de minúsculas adagas. Durante todo o tempo, a neve chocava contra mim, uma fria corrente submarina tentando me arrastar, para baixo, para baixo da montanha com ela.

E então ela parou.

Os gemidos, bofetadas, e forças abrandaram, vaporizando, e então esvaiu tudo junto. Ela tinha parado – a avalanche tinha finalmente parado.

Eu abri meus olhos doloridos, mas o mundo ainda estava branco. Por quê? Por que tudo ainda estaria branco? Meu cérebro apenas não queria trabalhar, e me levou um segundo para perceber que eu estava enterrada acima do meu pescoço na neve, meu rosto ainda cavado no tronco da árvore que eu me amarrei. Por um momento eu entrei em pânico, me perguntando como eu iria sair daqui – e quanto tempo levaria antes de eu congelar a morte.

Eu me fiz pensar na minha mãe. Ela sempre me disse para parar um segundo e dar algumas respiradas profundas sempre que eu entrava em pânico, me assustava, ou me chateava. É, eu definitivamente estava todas essas coisas nesse momento. Mas Mamãe sempre disse que sem importar o quanto ruins as coisas estivessem, sem importar em quanto problema eu estava, a pior coisa a se fazer era entrar em pânico por cima disso. Então eu me fiz focar nas minhas memórias dela e fixei a imagem do seu rosto na minha mente. Longo, cabelo castanho: olhos violetas calorosos; um bonito e sábio sorriso. *Mãe*.

Eu continuei respirando e pensando sobre ela. O pânico não desapareceu completamente, desde que eu estava com um problema muito grave aqui, mas eu não estava me sobrecarregando agora também. Eu podia controlar isso agora. Lentamente, relutantemente, eu deixei a imagem da minha mãe ir e deixei o rosto dela desaparecer da minha mente, sentindo a aguda dor da sua perda mais uma vez. Então eu abri meus olhos e comecei a mover meus braços e pernas. Tudo ainda estava atado, mesmo embora eu me sentisse contundida, espancada, e ferida da cabeça ao dedo do pé.

O casaco que eu usei para me amarrar à árvore há tempos se foi, arrancado

pela neve. Também foram meu celular e as luvas que eu tinha colocado nos meus bolsos. Eu não sei como eu me segurei ao tronco por tanto tempo quanto eu segurei. Talvez por que eu sabia que eu tinha que, a fim de sobreviver.

Eu arranhei e empurrei e ergui e puxei meu caminho para fora do monte de neve, me contorcendo para longe da árvore que tinha salvado minha vida. Ela estava torta e inclinada agora, os espinhos há tempos se foram e os galhos arrancados em pedaços quebrados e com aparência de lança. Todos os outros pinheiros no bosque pareceram os mesmos, como se eles tivessem sido escarpelados. Uma vez que eu estava livre, deitei ali na neve, arfando, apenas grata que eu ainda estivesse viva...

Um suave, som quase de choramingo sussurrou através das árvores esmagadas. O lobo!

Eu tinha completamente me esquecido sobre ele na barulhenta confusão da avalanche. Minha cabeça estalou ao redor, procurando a criatura, esperando por ela saltar para fora do monte de neve e me arranhar a morte.

Eu o localizei deitado de lado cerca de três metros de distância de mim – com sangue na neve por todo o seu redor. Eu olhei mais perto e percebi que um longo, galho dentado saía de uma das pernas do lobo, como uma flecha. A força da avalanche deve ter arremessado o monstro contra a árvore e empurrado o galho atravessando na sua perna, embora eu não soubesse como a neve não tinha carregado o lobo para longe completamente. Eu supus que era apenas um monstro por si – sobrevivendo sem importar o que.

O monstro me viu encarando-o e soltou outro baixo, lamurioso, choramingo cheio de dor. Ele olhou para mim com seus olhos vermelhos, bem vermelhos e contraiu sua perna ferida na minha direção, quase como se quisesse que eu de alguma forma... o ajudasse.

Eu mordi meu lábio, perguntando se isso era algum tipo de truque. Apesar da palestra de Metis na aula de história-mítica, eu não sei muito sobre os lobos Fenrir. Bem, tudo bem, eu sabia que esse lobo em particular teria me matado se a avalanche não tivesse pego nós dois. Que ele tinha sido ordenado a me matar pelo seu mestre Ceifador.

A coisa inteligente a se fazer teria sido rastejar para longe dele tão rápido quanto eu pudesse, ficar de pé, tropeçar para fora do bosque esmagado, e esperar que houvesse alguém no caminho para me resgatar. Porém eu não podia apenas deixar o lobo aqui assim. Não completamente ferido, sangrando, com aparência

submissa, e chorando como um filhote que acabou de perder a sua mãe. Minha mãe teria tentado ajudá-lo, mesmo se ele fosse um monstro, mesmo se ele tivesse sido mandado para matá-la. Esse era apenas o tipo de pessoa que ela era – e esse era o tipo de pessoa que eu queria ser.

— Nike, — eu sussurrei. — Se você está me assistindo nesse momento, eu de fato, de fato mesmo apreciaria se você impedisse aquela coisa de me comer.

Não houve resposta, claro. De acordo com tudo que Metis tinha nos dito na aula de história-mítica, os deuses raramente apareciam para mortais – e mesmo quando eles apareciam, era estritamente pelos seus termos. Depois do fim da Guerra do Caos, os deuses tinham feito um pacto de não interferir nos assuntos mortais, assim eles não destruiriam o mundo com sua magia e intromissão, e eles aderiam ao acordo na sua maior parte, deixando seus Campeões fazerem seu trabalho sujo para eles. Mas pedindo a ajuda de Nike me fazia sentir um pouco melhor, mesmo se eu soubesse que ela não pularia magicamente à vista e solucionaria todos os meus problemas.

Loucura – o que eu estava para fazer era absolutamente loucura. Mas eu fiz mesmo assim.

Eu inspirei e rastejei ao outro lado da neve para o lobo Fenrir. A criatura me assistiu com seus olhos vermelhos, embora seu olhar estivesse agora sombrio e entorpecido com dor. Eu parei cerca de trinta centímetros de distância dele, olhando para a ferida. O galho não era tão grande assim, mas ele tinha que machucar, atravessado na perna do lobo daquela maneira, apenas da forma que machucou quando eu acidentalmente enfiei uma agulha através do meu dedo enquanto tentava costurar um botão em uma camisa uma vez.

Mãos tremendo, eu as estiquei e agarrei o galho. Eu não obtive muito de vibração saindo do pedaço partido – era apenas madeira, depois de tudo – mas o lobo soltou um baixo, rosnado de advertência. Por um segundo, eu pensei que ele fosse esticar a sua outra pata e abrir minha garganta com suas afiadas, garras pretas. Ao invés disso, a criatura colocou sua cabeça de volta para baixo, enterrando seus músculos na neve, e fechou seus olhos, se preparando para o que ele sabia que eu estava para fazer.

— Eu vou me arrepender disso depois, — eu murmurei.

Eu empurrei o galho através da perna do lobo. Tomou toda a força e coragem que eu tinha para forçar a madeira através do músculo da criatura e para sair pelo outro lado, mas eu fiz. Então eu agarrei a vara ensanguentada e a arremessei tão

longe quanto eu pude. O galho quebrado atingiu uma das árvores caídas e esvoaçou na neve.

O lobo Fenrir soltou um horrível, horrível uivo, e antes que eu pudesse piscar, eu estava de costas na neve, com o monstro em cima de mim, suas patas tão pesadas quanto pesos de chumbo no meu peito. Eu congelei, olhando para cima dentro dos seus olhos vermelho sangue. O lobo se inclinou mais perto, seu fôlego quente, pesado, e azedo no meu rosto. Eu fiquei tensa, esperando por ele afundar seus dentes em mim...

O lobo inclinou-se para frente e lambeu minha fria bochecha.

Sua língua era molhada, pesada, e tão áspera quanto lixa contra minha pele, mas o toque do lobo foi gentil o suficiente. Minha psicomетria engatilhou no segundo em que ele me lambeu, e eu obtive uma série de clarões dele, a maioria sobre a avalanche e toda a neve batendo no seu corpo apenas como tinha feito comigo. Mas havia também um sentimento mais caloroso, mais suave na mistura, um sentido de que o lobo estava realmente... grato à mim por tirar o galho da sua perna. Por ajudá-lo quando eu podia ter apenas rastejado para longe e deixado-o aqui sozinho e machucado na neve.

O lobo olhou abaixo para mim, patas ainda no meu peito, sua cauda peluda martelando de um lado ao outro e salpicando nós dois com neve. Ele pareceu como se... esperasse que eu *fizesse* algo. Talvez minha mente estivesse completamente falecida, por que havia apenas uma coisa que eu podia pensar agora, que pudesse satisfazê-lo. Eu estiquei a mão para cima e desajeitadamente afaguei a lateral da sua cabeça, desde que isso era tudo o que eu podia alcançar.

— Filhotinho bonzinho, — eu sussurrei, e desmaiei.



I4

— **G**WEN! GWEN FROST!

Alguém gritando meu nome me tirou da escuridão na qual eu estive vagando. Eu abri meus olhos e percebi que eu ainda estava ao ar livre, de costas no que restou do matagal esmagado com neve.

Mas eu não estava com frio.

Algum momento enquanto eu estive inconsciente, o lobo Fenrir deitou-se longitudinalmente perto de mim. Ele era maior do que eu era alto, e ele tinha coberto a sua espessa, peluda cauda em torno das minhas pernas, como se eu fosse um bonitinho, desobediente filhote com quem ele estava afagando. Eu virei minha cabeça e quase bati meu nariz no do lobo. A criatura piscou para mim, como se ele estivesse dormindo, também, então bocejou, mostrando-me cada e todos os seus afiados, pontiagudos dentes. Ele seriamente podia usar uma pastilha

de menta.

Aninhada com um lobo? Isso era meio que estranho. Tudo bem, de fato estranho. Mas uma vez que a criatura não tinha tentado, você sabe, *me comer*, eu não ia reclamar. Nem um pouquinho. Mesmo assim, eu lentamente fugi para longe dele. Sem objetivo em provocar o destino, os deuses, ou qualquer que fosse a coisa doida funcionando aqui.

— Gwen! — o grito veio novamente. Dessa vez eu percebi que era uma voz de homem. — Você pode me ouvir?

— Bem aqui! — Eu gritei de volta, embora minha voz saísse mais como um baixo, tenso arranhão. — Eu estou bem aqui!

Silêncio. Por um segundo eu me perguntei se ele sequer tivesse ouvido o meu choro rouco, mas então —

— Eu a ouvi! Ela está viva!

Brigas soaram, e através dos pinheiros pulverizados, eu localizei alguém com jaqueta preta correndo na minha direção, enviando jatos de neve em todas as direções. Eu me virei e olhei de volta para o lobo.

— Eu acho que é melhor você ir agora, — Eu disse. — Eles não gostarão por você estar aqui.

Eu não sei se o lobo Fenrir entendeu minhas palavras ou não, mas a criatura se ergueu aos seus pés. Eu notei que sua orelha direita tinha um sangrento, entalhado V nela, como se um pedaço dela tivesse sido arrancado durante a avalanche. A criatura se inclinou para baixo e gentilmente deu uma cabeçada em mim. Eu hesitei, então estiquei a mão e acariciei sua orelha sedosa. Minha psicometria engatilhou, e mais uma vez, a gratidão calorosa do lobo encheu a minha mente. Talvez fosse minha imaginação, mas o lobo quase pareceu — *roncar* com prazer comigo acariciando-o. É, isso era meio que estranho, também, especialmente uma vez que eu nunca pensei no lobo como nada além de um monstro mitológico, um pesadelo ganhando vida.

— Gwen! — o grito veio novamente, mais perto e mais alto dessa vez.

O lobo soltou um contente ronco, depois galopou para fora, atravessando as árvores, seguindo para longe do som da voz se aproximando. Ele mancou um pouco na sua perna machucada, mas ele ainda se moveu mais rápido do que eu sequer sonharia.

Eu coloquei minha cabeça para baixo novamente na neve e tentei ignorar os tremores que sacudiam meu corpo e o fato de que meus dentes tintilavam juntos

como ossos secos. Eu tinha acabado de acariciar um lobo – e *sobrevivi*. O quanto doido era isso? Daphne provavelmente teria pensado que isso era perversamente legal. Eu estava apenas contente por ter sobrevivido.

Sem o lobo para me manter aquecida, o frio rapidamente infiltrou-se no meu corpo. Eu sabia que eu deveria lutar com a dormência gelada, mas eu apenas não tinha a força. Não nesse momento. Eu tinha acabado de divagar ao sono novamente quando Técnico Ajax irrompeu no matagal, seu grande, corpo musculoso rasgando através das árvores partidas como se elas nem sequer estivessem ali. Ele caiu em um joelho na neve ao meu lado.

— Gwen? — ele perguntou em uma tensa, preocupada voz. — Você está bem?

— Eu definitivamente estive melhor, — Eu disse, e desmaiei novamente.

Eu estava fora de mim por um tempo depois disso. Eu tentei ficar consciente, de verdade, eu tentei. Você pensaria que isso teria sido fácil, dado toda a gritaria, barulho, e comoção geral. Mas tempo após tempo, meus olhos deslizaram fechados, e eu só não tinha a energia para impedi-los. Tudo o que eu consegui ver do meu resgate dramático foram esses pequenos clarões instantâneos sempre que eu acordava por um minuto ou dois.

Técnico Ajax me carregando para fora das árvores e me colocando em uma maca que estava presa na traseira de um trenó motorizado. Professora Metis me envolvendo com quentes cobertores térmicos para ajudar a temperatura do meu corpo a voltar a subir para onde ela deveria estar. Até mesmo Nickamedes estava ali, ligando o trenó motorizado e descendo a montanha mais rápido do que eu pensei que o bibliotecário sequer ousaria dirigir.

Finalmente, entretanto, o frio, vento, e barulho desapareceram, substituídos por suave, macio, silencioso calor. Eu sonhei então – sonhos estranhos sobre todos os tipos de coisas. Bem, eles não eram *sonhos* de fato, tanto quanto imagens desarticuladas e memórias frias, nenhuma delas era minha.

Eu tive esses tipos de sonhos antes. Graças ao meu dom Cigano, eu nunca esqueci nada que eu via ou sentia quando eu tocava um objeto e obtinha uma vibração dele. Algumas vezes, quando eu ia dormir, minha mente aleatoriamente surfava através das memórias das outras pessoas, sentimentos das outras pessoas. Normalmente eu via coisas que eu já tinha experimentado, graças a minha magia. Outras vezes as imagens eram completamente novas. Eu nem sempre notava cada coisinha quando eu tocava um objeto e tinha clarões dele. Mas toda a informação

estava circulante na minha mente, e algumas vezes meu subconsciente engatilhava e me mostrava o que eu tinha deixado passar.

De qualquer forma, era como assistir a um filme na minha cabeça, e com mais frequência do que não, eu me sentia como Alice percorrendo o País das Maravilhas e olhando para todas as coisas curiosas ao seu redor. Dessa vez não foi diferente. Uma após a outra, várias cintilações, clarões, e erupções de memórias preencheram minha mente. A flecha tremendo na estante de livros ao lado da minha cabeça na Biblioteca de Antiguidades. O grito de música instrumental do Carnaval de Inverno transformando-se no rugido da avalanche. O lobo Fenrir sentado na neve me encarando com seus olhos muito vermelhos. Até mesmo minha mãe, subindo no seu carro.

De alguma forma eu sabia que essa última memória era da noite que minha mãe tinha sido morta por um motorista bêbado – e eu estava assistindo-a entrar no seu carro pela última vez antes do acidente. Mas a coisa realmente bizarra era que essa era uma memória que eu não deveria jamais ter. Eu não estive ali na noite em que minha mãe deixou a estação de polícia – ou toquei nada que me daria uma vibração sobre o acidente. Ao menos, não que eu soubesse, e eu acho que eu teria me lembrado *disso*, mesmo nos meus estranhos, sonhos malucos.

— Mãe? — Eu murmurei.

Minha mãe abriu a porta do seu carro e deslizou para dentro. Frio, suado, pânico me encheu, e eu subitamente não podia respirar. Eu tinha que impedi-la. Eu tinha que contar a ela para ficar na estação policial e não dirigir para casa essa noite. Se apenas ela ficasse aí, ela não seria feita de T-bone por aquele maldito motorista bêbado. Ela não morreria e me deixaria e a Vovó Frost por conta própria.

Eu corri em direção a minha mãe, meus tênis batendo contra o piso rachado, mas quanto mais perto eu chegava do seu carro, mais imprecisa a imagem ficava, até o veículo apenas desaparecer completamente – com minha mãe ainda dentro dele. Eu parei, arfando por ar, e meu coração martelou com uma dopada, familiar, dor amarga. Eu rodopiei, mas não havia mais ninguém no estacionamento – e nada além de escuridão por todo o meu redor. Por que minha mãe continuava sempre me deixando? Por que ela não podia ficar comigo por apenas um pouco mais? Por que eu sempre era aquela deixada para trás?

— Eu acho que finalmente ela está saindo disso. — Uma voz suave interrompeu meu sonho.

A escuridão desapareceu, e meus olhos agitaram-se abertos. Eu estava deitada em uma dura, cheia de grumos, cama de hospital. À minha esquerda, uma máquina de aparência complicada piava uma melodia constante com o tempo e umas verdes, embaralhadas linhas pulavam para cima e para baixo em um monitor. Meu coração acelerou, eu supus. Cobertas me cobriam do pescoço ao tornozelo, e eu senti várias almofadas de aquecimento presas entre minhas costas e a cama. Eu tentei me mover e descobri que eu estava embrulhada mais apertada do que uma múmia. Me levou vários segundos para mexer minhas mãos para fora do apertado casulo e sentar.

Tudo no quarto era branco – paredes brancas, piso branco, teto branco, até mesmo os cobertores empilhados acima de mim eram brancos. A falta de cor me preocupou, e por um segundo eu pensei que eu ainda estava presa no monte de neve antes que eu fosse capaz de livrar-me da minha confusão.

Meus olhos pularam ao redor do restante do quarto, mas não havia muito para se ver – exceto pela estátua. A figura de pedra empoleirada em uma longa mesa diretamente do outro lado da minha cama, virada para que seus olhos encarassem direto para dentro dos meus. Era a mesma estátua de Skadi que eu tinha notado na recepção e então hoje mais cedo no carnaval ao ar livre. Apenas que dessa vez, os lábios da deusa Nórdica do inverno estavam curvados para baixo, como se ela estivesse desapontada que eu tivesse sobrevivido à avalanche e estava aqui na enfermaria, ao invés de enterrada em um frio, tumulto cheio de neve. Eu puxei os cobertores de volta para cima ao meu queixo e desviei o olhar.

Passos arranharam no chão, e Professora Metis entrou no quarto. Tênuas linhas enrugadas na sua testa, e esgotada preocupação escurecendo seus olhos verdes. A professora pareceu completamente cansada e esgotada, como se ela tivesse sido aquela lá fora na avalanche ao invés de mim.

— Como você está se sentindo, Gwen? — Metis perguntou em uma voz suave.

— Bem, — Eu disse. — Eu me sinto bem.

A coisa estranha era que eu realmente me sentia bem. Todas as dores, sofrimento, escoriações, e arranhões que eu tive durante a avalanche tinham desaparecido. De fato, eu sentia que poderia pular para fora da cama agora e ir a uma rodada de treinamentos de armas com os Espartanos – e vencer. O que totalmente não era nada como eu.

— Claro que você se sente bem, Gwendolyn, — Nickamedes disse em falso

tom, entrando no quarto atrás da professora. — Desde que Aurora apenas gastou a melhor parte de uma hora curando você.

Aurora? Demorou um segundo para eu perceber que ele queria dizer Professora Metis. Aurora, então esse era o seu primeiro nome. Legal. Eu gostei dele.

— Você - você me tocou? — Eu perguntei a ela. — Quando você me curou?

Se ela tivesse me tocado, isso poderia ajudar na explicação de todos os sonhos doidos que eu tive. Embora eu ainda não estivesse certa de onde aquela memória de minha mãe tinha vindo. Ela poderia ter vindo de Metis? Ela e minha mãe tinham sido amigas quando elas eram jovens, então ela tinha que ter toneladas de memórias da minha mãe. Mas as imagens que eu vi tinham sido da noite em que minha mãe tinha morrido, quando seu carro tinha sido atingido pelo motorista bêbado. Certamente, Metis teria me dito se ela estivesse ali naquela noite. Que razão ela teria para manter isso em segredo? Minha cabeça começou a doer em tentar descobrir tudo.

Metis negou com sua cabeça. — Eu não sabia se você queria isso ou não, Gwen, dada a sua psicomетria, então eu não toquei realmente você. É mais difícil, mas eu posso curar as pessoas apenas por estar em estreita proximidade a elas, meio que empurrando minha áurea dentro delas e alimentando-as com minha energia até elas estarem bem novamente.

A maneira com que ela descreveu isso me fez pensar em Daphne e as faíscas rosadas que sempre cintilaram ao redor dos seus dedos. A Valquíria tinha uma vez me dito que a cor da sua magia estava atada a sua áurea e personalidade. Eu me perguntei se Daphne teria o mesmo poder de cura que Metis tinha, quando a magia da Valquíria finalmente despertasse.

— Então o que aconteceu? — Eu perguntei. — Lá em cima na montanha?

— Do que você se lembra? — Metis perguntou, sua voz muito mais suave e gentil do que a de Nickamedes estava.

Eu pensei no passado. — Bem, o teleférico estava em manutenção, e eu estava caminhando pesadamente abaixo no declive para o hotel quando eu ouvi algum tipo de explosão. Eu olhei para cima, e havia chamas dançando por todo o topo da montanha. Depois, alguns segundos mais tarde, a avalanche começou, e toda a neve começou a deslizar para baixo da montanha, vindo direto para mim.

Eu estremei e abracei meus braços ao meu redor, como se isso fosse de alguma forma banir a horrível memória da minha mente. Eu não precisava do

meu dom Cigano para recordar da avalanche. Sem importar quantas outras coisas ruins aconteceram comigo, eu me lembraria do rugido da neve pelo resto de minha vida. A sombra dela bloqueando todo o resto, e a fria, força cruel dela tentando me puxar para baixo e me enterrar – para sempre.

Do meu outro lado, eu notei que a estátua de Skadi estava agora sorrindo, como se a figura de pedra pudesse de alguma forma ouvir o que eu estava pensando. *Assustador.*

Então outro horrível pensamento preencheu minha mente. — Ninguém mais se feriu, feriu? Pela avalanche?

— Não, — Metis disse. — Todos os outros alunos ou estavam no carnaval ou no hotel. Você era a única descendo o declive naquele momento.

Eu suspirei com alívio. Ninguém mais tinha ficado ferido. Bom. Isso era bom.

Metis e Nickamedes olharam um para o outro. O bibliotecário ergueu suas sobrancelhas negras, como se ele estivesse fazendo uma pergunta à professora. Metis sacudiu sua cabeça um pouquinho, dizendo ao bibliotecário não para o que quer que fosse o que ele quisesse.

— O que? — Eu perguntei. — O que está acontecendo? Vocês dois não estão me contando algo. Professores e pais *sempre* têm esse olhar de culpa quando eles estão escondendo algo.

Metis inspirou. — Você está certa, Gwen. Eu realmente não sei como lhe dizer isso, mas há alguma... evidência de que a avalanche não foi um acidente.

Eu franzi o cenho. — Sobre o que você está falando? Com certeza, eu vi as chamas e ouvi a explosão ou o que quer que fosse, mas tem que haver algum tipo de explicação, certo? O teleférico pegando fogo ou algo?

Nickamedes me encarou, seus olhos tão frios e duros quanto lascas de gelo. — Oh, há uma explicação, certamente, Gwendolyn. Sobretudo, que alguém causou a avalanche – de propósito.



I5

APESAR DE TODA A LOUCURA que esteve acontecendo nos últimos dias, as palavras de Nickamedes ainda me impressionaram.

— Você acha que isso foi — isso foi *deliberado*? — Eu perguntei, pavor frio empoçando no fundo do meu estomago. — Por quê?

Nickamedes olhou para baixo com seu nariz para mim. —

Montanhas não se explodem sozinhas, Gwendolyn. Depois que nós descemos você aqui com segurança para a enfermaria, Ajax e eu voltamos lá para cima na montanha. Nós encontramos algumas marcas de queimado e outras coisas que indicam que alguém deliberadamente começou uma explosão no topo da montanha, o qual foi o que causou a avalanche.

O ceifador. Eu sabia que foi o Ceifador misterioso que estava tentando me matar. Primeiro, o SUV do lado de fora da casa de Vovó Frost, depois a flecha na biblioteca, e agora, o lobo Fenrir e a avalanche. De alguma forma, o Ceifador tinha me visto deixar o carnaval e descer a montanha. Eu não sabia se ele tinha

planejado a explosão e a avalanche adiantado, ou não, mas ele tinha visto a oportunidade de me matar, e ele a pegou.

E ele quase teve sucesso. Se eu não tivesse corrido para os pinheiros, se eu tivesse apenas demorado um segundo ou dois em chegar ali, se eu não tivesse me amarrado à árvore...

Se, se, se.

Se qualquer uma dessas coisas tivesse dado errado, a avalanche teria me varrido para longe – para sempre.

O que era até mesmo pior era o fato de que dessa vez o Ceifador não se importou por quem mais ele poderia ter machucado. Se houvesse alguém mais descendo a montanha ao mesmo tempo em que eu, se Daphne e Carson tivessem decidido almoçar com Preston e comigo... Meu estômago remexeu, e eu pensei que fosse passar mal.

A porta da enfermaria bateu aberta, e Daphne irrompeu, faíscas rosadas de magia cintilando ao seu redor, como milhares de minúsculos vaga-lumes piscando e apagando.

— Desculpe, Aurora, — Técnico Ajax disse, enfiando sua cabeça dentro do quarto. — Eu não consegui mantê-la fora por mais tempo.

— Gwen! — Daphne disse, se apressando até mim.

Ela expulsou Nickamedes do caminho, sua força de Valquíria empurrando o bibliotecário para trás vários passos. Ele deu a ela um olhar azedo, e sua boca se comprimiu para baixo em uma carranca. Daphne agarrou minha mão, e sua preocupação por mim inundou o meu corpo. Era uma sensação boa – uma tipo de em pânico e ansiosa.

— Eu estou bem, — Eu disse, apertando sua mão forte. — Sério, eu estou bem.

Seu rosto relaxou um pouco. — É melhor você estar malditamente certa. Você é minha melhor amiga.

— E você é a minha, — Eu sussurrei de volta, lágrimas quentes ardendo meus olhos. — Você é minha melhor amiga, também.

Daphne agarrou a minha mão até mesmo mais forte, sua força de Valquíria estalando meus ossos, mas eu não me afastei. Eu sabia que teria machucados amanhã, mas eu não me importava. Nesse momento, eu estava feliz de deixar o seu caloroso, feliz alívio inundar meu corpo. Nós ficamos assim por alguns segundos, antes do olhar da Valquíria piscar ao redor no quarto.

— O que está acontecendo? — ela perguntou. — O que se passa com a grande reunião de professores?

Metis alisou uma parte perdida do seu cabelo negro de volta ao seu coque. — Nickamedes e eu estávamos acabando de encher a Gwen com o que aconteceu durante a avalanche e que nós achamos que possa ter sido provocada.

— Você quer dizer a *explosão*, — Daphne a corrigiu. — Alguém totalmente armou uma bomba no topo da montanha, não armou? Eu quero dizer, as chamas estavam apenas disparando para cima e para cima no ar como se elas nunca fossem parar.

Nickamedes e Metis trocaram outro olhar, obviamente debatendo o quanto eles queriam contar à Daphne — e se eles achavam que a Valquíria iria espalhar a fofoca aos outros alunos. Mas eles decidiram confiar nela ou apenas perceberam que eu contaria a ela mais tarde de qualquer forma, por que Nickamedes finalmente assentiu.

— Sim, nós acreditamos que foi algum tipo de explosão deliberada querendo especificamente causar a avalanche, — o bibliotecário disse.

Daphne rolou seus olhos. — Bem, claro, que foi. Quando Ceifadores tentam matar pessoas, eles sempre apresentam as grandes armas.

Flagra. Eu estava totalmente, completamente flagrada.

Eu soube no segundo em que as palavras saíram da boca de Daphne que não havia volta — ou abanar o meu caminho para fora de uma explicação.

— Ceifadores? — Nickamedes perguntou em um tom aguçado. — Que Ceifadores?

Daphne franziu o cenho, uma expressão intrigada no seu rosto bonito. — O *Ceifador*. Aquele que está tentando matar a Gwen. Aquele que quase a atropelou com um carro e depois deu um disparo nela na Biblioteca de Antiguidades na outra noite... —

A voz da Valquíria se interrompeu quando ela percebeu o quanto atentamente Nickamedes e Metis estavam olhando para ela. Ela olhou para eles um segundo antes de virar o seu olhar para mim.

— Você não contou para eles sobre o Ceifador? Você me disse que ia contar para Metis!

— E eu mudei de ideia, — Eu murmurei . — Eu tenho o direito de fazer isso, sabia. Livre arbítrio e tudo. Nós conversamos sobre isso apenas no outro dia na aula de história-mítica.

Daphne colocou suas mãos nos seus quadris e olhou para mim. As faíscas rosadas cintilando ao redor dos seus dedos estalando e se unindo em minúsculas estrias de luz, me mostrando o quanto irritada ela estava comigo agora.

— E eu disse a *você* para que você não fizesse pouco caso quando vem a ser Ceifadores, especialmente quando um deles está tentando matar você, — a Valquíria vociferou.

Metis deu a volta na cama de hospital e colocou uma mão no braço de Daphne. — Eu acho que vocês duas precisam nos contar o que está acontecendo. Nesse momento.

Tá, não havia maneira de sair disso — não com a professora me olhando, seus olhos verdes afiados e estreitos atrás dos seus óculos prateados. E especialmente não com Nickamedes olhando fixamente para mim, seu próprio olhar tão azul e frio quanto a neve na montanha.

Eu suspirei e disse a eles toda a estória, de quase ser atropelada do lado de fora da casa de Vovó Frost à flecha na biblioteca ao lobo Fenrir que esteve espreitando ao redor do resort de esqui e finalmente, da avalanche. Quando eu terminei, Metis chamou Técnico Ajax para dentro do quarto e me fez repetir toda a coisa mais uma vez para ele.

— Por que você não contou a ninguém sobre isso antes? — Ajax perguntou quando finalmente eu terminei.

Eu me desloquei na cama, sentindo o peso da acusação do professor encarar o meu peito, tão forte e pesado quanto as patas do lobo tinham sido mais cedo. — Por que eu não tinha qualquer prova. Ninguém viu o carro, a flecha, ou até mesmo o lobo Fenrir além de mim. Eu não queria que todos vocês pensassem que eu estava sendo histérica ou paranoica ou algo do tipo.

Nickamedes cruzou seus braços sobre seu peito. — Você sabe em quanto perigo você colocou todo mundo, Gwendolyn? Se você sequer suspeitasse que um Ceifador do Caos estava correndo ao redor da academia, você deveria ter dito a um dos professores imediatamente. Não estupidamente pensar que você poderia suportar isso sozinha.

Eu realmente, realmente queria apontar o pequeno fato de que o Ceifador misterioso não tinha de fato, você sabe, me *matado* ainda. Que pela minha própria maneira, eu tinha lidado com isso. Ao menos, o bastante para ficar com vida esses poucos dias passados. Mas então eu olhei para Metis. Eu não tive que tocá-la ou usar o meu dom Cigano para ver o desapontamento e reprovação no seu rosto. Ela estava chateada que eu não tinha confiado o bastante nela para contá-la sobre o Ceifador. De alguma forma isso me fez sentir pior do que tudo mais, até mesmo ser enterrada pela avalanche.

— Eu vou ligar para a sua avó e dizer a ela o que aconteceu, — Metis disse em uma baixa voz. — Eu tenho certeza que ela vai querer falar com você.

Eu estava certa que ela iria também. Vovó Frost não se zangava comigo com frequência, mas quando ela se zangava, cuidado. Minha avó provavelmente ia ficar majoritariamente irritada que eu não tinha contado a ela o que estava acontecendo. Embora, para a minha defesa, nada tinha realmente acontecido até depois de eu ter deixado a sua casa.

— Mais importante, você não está deixando o hotel até ou nós termos toda essa coisa resolvida ou seguirmos de volta para a academia amanhã à noite, — Nickamedes disse. — Eu estou falando sério, Gwendolyn. Você não vai colocar um pé do lado de fora desse prédio. Você me entendeu?

Eu dei a ele um olhar mal-humorado.

— *Você me entendeu?* — A tom áspero do bibliotecário tinha tanto ácido nele que realmente me fez vacilar.

— Sim, senhor, — eu murmurei.

Nickamedes me deu outro olhar severo, mas ele não disse mais nada. Ele queria dizer, entretanto. Raiva fez o seu rosto até mesmo mais pálido do que o normal. Ao invés de gritar mais comigo, Nickamedes se virou para Ajax, e eles dois, junto com Metis, moveram-se para o outro lado da enfermaria e começaram a falar com vozes baixas. Provavelmente tentando descobrir quem o Ceifador poderia ser e como eles poderiam rastreá-lo e ao lobo Fenrir. Daphne ficou ao meu lado na cama.

— Desculpe, — ela sussurrou. — Eu de fato não queria entregar você.

Eu suspirei. — Eu sei. E você está certa. Eu deveria ter contado à Metis o que estava acontecendo depois da aula no outro dia, e eu deveria ter lhe contado e ao Carson que eu não achei que fosse apenas um lobo Fenrir selvagem que eu tinha visto. Eu odeio admitir isso, mas Nickamedes e os outros professores têm o direito

de estarem irritados. Eu me coloquei em perigo, e todos os outros, também.

— Então por que você não contou a eles sobre o Ceifador? Ou ao menos, me fez e ao Carson acreditar em você sobre o lobo?

Eu lancei minhas mãos para cima. — Por que eu vou a uma escola de jovens guerreiros prodígios. Todos na Mythos podem cuidar de si mesmos, incluindo você e Carson. Eu só queria ser capaz de fazer o mesmo. Eu aposto que se houvesse um Ceifador atrás do Logan ou um dos Espartanos, os professores não estariam fazendo uma grande coisa com isso. Eles certamente não iriam fazer o Logan se esconder dentro do hotel como se ele fosse uma criança. Ajax provavelmente daria a ele uma arma e deixaria Logan caçar o Ceifador sozinho.

Vergonha em brasa e mísero constrangimento se aninharam em apertados nós no meu estômago, superando a inquieta culpa que eu sentia por permanecer em silêncio. Essa era uma das razões do por que eu odiava a academia tanto quando eu comecei a ir ali — por que todos eram tão *melhores* em tudo do que eu. Muito mais corajosos, durões, espertos, fortes. Eu era a fraca aberraçãozinha em comparação com todos os outros na Mythos Academy, com apenas meu dom Cigano para invocar.

— Mas você não teve o treinamento que o resto de nós teve, — Daphne assinalou. — Sua mãe e sua avó protegeram você de todas essas coisas. Eu comecei a usar um arco quando eu tinha três anos de idade. Demorou muito tempo para aprender como usá-lo e todas as outras armas com as quais nós treinamos — e até mesmo muito mais tempo em pensar que eu realmente podia ferir alguém com elas.

— Você acha que você pode fazer isso? — Eu perguntei. — Você acha que você pode matar um Ceifador se você tiver que?

A Valquíria pensou sobre isso. — Eu acho que sim, depois de tudo que eu vi — todos os outros jovens, pais, e professores que foram assassinados por eles ao longo dos anos. Eu espero que sim, por que eu sei se eu não matar o Ceifador, então ele irá me matar — sem hesitar.

Mesmo embora eu ainda estivesse deitada debaixo dos cobertores térmicos, as palavras de Daphne me fizeram estremecer, por que eu sabia que elas eram verdadeiras. Qualquer um que causa todo esse problema para começar uma avalanche não iria hesitar em me atravessar com uma espada se ele tivesse a oportunidade.

— Apenas faça o que os professores querem e fique dentro do hotel até nós

seguirmos de volta para a academia, tudo bem, Gwen? — Daphne disse, seus olhos negros cheios de preocupação. — Eu não quero que você se machuque, e eu sei que Metis e os outros não querem também. Nem mesmo Nickamedes, mesmo que ele não age assim.

Eu poderia ter argumentado com ela sobre o bibliotecário, mas eu só soprei um fôlego e assenti. — Tá, eu serei uma boa garota a partir de agora.

Daphne sorriu e pegou minha mão novamente. — Bom.

Eu sorri de volta, mesmo embora os dedos da minha outra mão estivessem firmemente cruzados. É, talvez fosse bobeira, mas cruzar meus dedos me fez sentir um pouco melhor sobre mentir para a minha melhor amiga. Mas nesse caso, era necessário. Por que não somente eu me apavorei sobre o que tinha acontecido hoje, mas eu estava seriamente irritada sobre isso, também.

Talvez eu não tivesse tido o treinamento guerreiro que os outros jovens tiveram. Talvez eu não fosse tão boa com uma espada quanto Daphne, Logan e os outros alunos eram. Talvez eu não fosse tão forte ou rápida ou durona ou corajosa. Mas eu tinha minha magia psicométrica, e eu era a esquisita *Campeã* de Nike. Essas coisas tinham que contar para algo. Por outro lado, qual era o objetivo de eu estar na Mythos Academy em primeiro lugar?

Mas a coisa mais importante era o fato que o Ceifador estava *atrás* de mim. Ele queria me *matar*. Não outra pessoa, apenas *eu*.

Eu poderia não ser capaz de colocar uma flecha através do seu coração, mas eu era Gwen Frost, aquela garota Cigana esquisita que tocava coisas e via coisas. Eu usei minha magia para encontrar coisas que estavam perdidas e aprender os segredos das pessoas. Bem, a identidade verdadeira do Ceifador era apenas algo a mais para se descobrir, apenas outro quebra-cabeça para solucionar, apenas outro segredo esperando para ser revelado.

Sem importar o que eu prometi para Metis, Nickamedes, e até mesmo Daphne, eu ia fazer tudo ao meu alcance para descobrir quem o Ceifador era e o derrubar — antes que ele tentasse me matar novamente.



16

PROFESSORA METIS, NICKAMEDES, E TÉCNICO AJAX terminaram sua conversa silenciosa e deixaram a enfermaria, provavelmente para começarem a rastrear o Ceifador. Daphne saiu com eles, então ela podia deixar Carson saber que eu estava bem. Eu não perguntei à Valquíria se ela ia falar com Logan — ou se o Espartano tinha sequer perguntado a ela se eu estava bem ou não. Eu não queria saber se ele não tivesse.

Meia hora depois, Metis voltou para dentro da enfermaria e me entregou um telefone celular, uma vez que o meu próprio tinha sido varrido pela neve. — Sua avó, como eu prometi.

— Obrigada —, Eu disse. — E me desculpe por, bem, tudo. Mas na maior parte por não contar a você sobre o Ceifador em primeiro lugar. Você me disse um tempo atrás que você sempre cuidaria de mim, por causa da sua amizade com

minha mãe. Eu deveria ter confiado em você da maneira que ela confiaria.

Metis olhou para mim um segundo, depois me deu um curto aceno. Seu rosto ainda estava apertado com preocupação, mas seu olhar esverdeado estava um pouco mais suave do que ele tinha estado antes. Ela poderia não gostar disso, mas eu acho que Metis entendeu por que eu não tinha contado a ela sobre o Ceifador. Eu esperava isso, de qualquer forma. Eu também esperei que ela pudesse me perdoar por manter a minha boca fechada – e as outras coisas que eu planejava fazer para descobrir a verdadeira identidade do Ceifador, apenas tão logo ela e os Poderosos Que Eram me deixassem sair dessa cama de hospital.

A professora pisou de volta ao lado de fora e fechou a porta da enfermaria atrás dela, dando-me alguma privacidade.

Eu ergui o telefone ao meu ouvido. — Oi, Vovó.

— Oi, chuchuzinho —, A voz de Vovó Frost inundou a linha, tão caloroso, suave, e reconfortante como um abraço. — Você está bem?

— Eu estou bem. Sério, eu estou.

— Conte-me o que aconteceu.

Eu inspirei e disse a Vovó tudo o que tinha acontecido desde que eu parti da sua casa na Quarta feira à tarde. Quando eu terminei, ela ficou quieta por alguns segundos.

— Você quer que eu vá buscar você, chuchuzinho? Traga você para casa comigo? — ela perguntou, preocupação fazendo sua voz soar baixa e tensa.

Parte de mim realmente, realmente queria dizer que sim. Deixar Vovó Frost vir me pegar e me levar de volta para a sua casa, apenas como ela fez quando eu era uma garotinha e acordei assustada e chorando no meio da noite na primeira vez em que eu dormi na casa de uma amiga quando minha mãe estava fora da cidade.

Mas a outra parte de mim me perguntou em quanto perigo eu estaria colocando minha avó se eu a deixasse fazer isso. Os falatórios poderiam sair se eu deixasse o hotel antes das outras crianças, e não seria muito difícil para o Ceifador me rastrear de volta para a casa da minha avó. Ele já sabia onde era uma vez que foi aonde ele tentou me matar em primeiro lugar.

Além disso, eu não era uma garotinha, e eu não queria agir ou ser tratada como uma. É, eu tinha apenas dezessete anos, mas eu tinha crescido um pouco desde quando vim para a Mythos. Gostando disso ou não, Ceifadores, monstros mitológicos, e o malévolo deus Loki eram parte da minha vida agora. Eu não

podia apenas fingir que eles não existiam mais. Se eu não me levantasse por mim mesma contra eles agora, se eu não tentasse lutar de volta contra o Ceifador que estava tentando me matar, eu não sabia se eu sequer seria capaz – e Nike teria colocado a sua confiança em mim por nada.

Eu queria ser digna da fé que a deusa da vitória tinha em mim – e de todas as outras mulheres Frost que tinham sido Campeãs da Nike ao longo dos anos. Eu queria lutar contra os vilões e a escuridão neles que eu tinha visto.

— Eu quero ficar aqui no resort —, Eu finalmente disse. — Mas eu não vou mentir para você. Eu quero ficar, para que eu possa descobrir o que está acontecendo e quem de fato o Ceifador é antes que ele machuque mais alguém.

Vovó Frost soltou um longo, cansado suspiro, como se ela soubesse o que eu ia dizer todo o tempo. Talvez ela soubesse, dado o seu dom Cigano de ver o futuro. — Eu não gosto disso, mas eu entendo, Gwen.

Eu pisquei. Vovó quase nunca me chamava de Gwen. Eu era sempre “chuchuzinho” para ela.

Ela soltou um afiado, riso triste. — Você está crescendo, apenas da mesma maneira que a sua mãe cresceu: querendo ajudar as pessoas, apenas como ela fez. Querendo ser digna da magia Cigana que Nike tinha confiado com a nossa família.

— É —, Eu disse. — Eu quero. Como você sabia disso?

— Por que eu senti o mesmo quando eu tinha a sua idade, e eu não vou ficar no seu caminho agora. Apenas seja cuidadosa, Gwen. Mais cuidadosa do que você nunca foi antes por que eu – eu não quero perder você. — Sua voz rachou nas duas últimas palavras. — Eu não acho que eu possa suportar perder você como eu perdi a sua mãe.

— Eu serei cuidadosa —, Eu sussurrei de volta. — Mais cuidadosa do que você possa imaginar.

— Eu amo você, chuchuzinho. — Vovó disse. — Você me chame sempre que você precisar de mim. Qualquer hora, dia ou noite, e eu irei correndo.

Todas as emoções que eu estava sentindo obstruíram minha garganta, tornando difícil falar, mas eu forcei as palavras para fora. — Eu sei que você virá, e eu amo você, também.

— Tchau, chuchuzinho.

— Tchau, Vovó.

Ela desligou. E terminei a ligação e me enrolei em uma pequena bola na

cama do hospital. Apesar do fato de que eu sabia que estava fazendo a coisa certa ficando no resort, eu não podia evitar as lágrimas de vazarem dos cantos dos meus olhos – e desejando que eu pudesse voltar a apenas ser a garotinha da Vovó novamente.

Mais tarde naquela tarde, os professores finalmente me deixaram deixar a enfermaria e voltar para meu quarto com Daphne no décimo terceiro andar do resort. Técnico Ajax colocou a sua pesada mão no meu ombro e caminhou comigo através da recepção do hotel, como se eu fosse algum tipo de inválida – ou criminosa. Eu não podia decidir qual era mais vergonhoso.

Praticamente uma multidão tinha se reunido ali para testemunhar minha calçada da vergonha. Bem, isso e o fato de que eles estavam presos no lado de dentro do hotel até os Poderosos Que Eram no resort se certificassem que os declives tinham se estabilizado e estavam seguros mais uma vez. Claro, praticamente todos os jovens da Mythos tinham visto a avalanche vir se precipitando abaixo na montanha na minha direção durante o carnaval. E se eles não tinham visto, então seus amigos tinham mandado mensagens de textos para eles com todos os detalhes sórdidos, junto com as fotos de celulares que eles tiraram durante a avalanche.

Mesmo assim, era meio estranho ter todos olhando para mim, uma vez que, você sabe, a maioria dos alunos na academia mal reconhecia da minha existência, exceto quando eles estavam zombando de mim ou querendo me contratar para encontrar algo que eles tinham perdido. Mas eu não deveria ter ficado preocupada sobre ser o centro da atenção. Uma vez que os jovens na recepção perceberam que eu estava bem, todos eles se afastaram e começaram a fofocar e mandar mensagens pelos seus celulares novamente.

Todos exceto por Logan.

O Espartano estava de pé junto a um carrinho de café na recepção, com Kenzie e Oliver ao seu lado. O olhar de Logan encontrou o meu do outro lado da enorme sala. Eu não tinha percebido o quanto tenso ele estava antes, mas vendo que eu estava bem deve ter tirado algum tipo de responsabilidade dos seus ombros, por que ele visivelmente relaxou. Um momento ele pareceu todo sombrio e perigoso e no limite e pronto para a batalha. No seguinte ele era apenas o Logan novamente – divertido, paquerador e sexy Logan. Uma vez que Espartano relaxou, então relaxaram Kenzie e até mesmo Oliver, que pela primeira vez não me deu um olhar vil. Ao invés disso, Oliver realmente pareceu... aflito, como se ele

estivesse preocupado comigo, também. Estranho.

Mas sério, eu apenas tinha olhos para Logan. A intensa expressão no seu rosto fez meu coração se apertar e todo o meu corpo cantar. Ninguém poderia fingir aquele tipo de preocupação — *ninguém*. Talvez ele realmente se importasse comigo depois de tudo. Talvez Logan realmente se sentisse da mesma forma sobre mim como eu me sentia sobre ele...

Então Savannah deu a volta no carrinho, segurando duas canecas de chocolate quente fumegantes em suas mãos. Ela seguiu direto para Logan. Mesmo embora ele não se virasse e olhasse para ela. Eu percebi que nada tinha mudado completamente. Ele ainda estava com Savannah, e eu ainda estava sendo apaixonada e estúpida.

Enojada, eu afastei o olhar. Um flash de movimento captou meu olho, e eu localizei Preston acenando para mim. Ele estava inclinado contra a parede distante da recepção do hotel, meio escondido atrás de um cedro e bem distante de todos os outros jovens que vieram ficar de boca aberta para mim. Ajax parou um segundo para falar com Técnico Lir. Preston acenou para mim novamente, e eu usei a distração de Ajax para me escorregar para longe e caminhar até ele.

— Oi, aí —, Eu disse.

— Oi. — O rosto de Preston estava apertado com preocupação. — Como você está? Eu ouvi o que aconteceu. Eu sinto tanto, Gwen. Deve ter sido horrível. Eu estava aqui em baixo esperando por você, e houve apenas esse tremendo barulho. Eu olhei para fora da janela e vi a avalanche descendo a montanha. Eu não posso imaginar o quanto terrível foi para você estar no meio. — Eu encolhi de ombros. Eu realmente não queria falar sobre isso nesse momento, e eu definitivamente não queria que Preston pensasse em mim como a garota que foi pega pela avalanche. Não, eu queria que ele pensasse em mim como Gwen, a bonita garota que ele acabou de conhecer. Um Ceifador pode estar tentando me matar, mas eu estaria amaldiçoada se ele arruinasse isso para mim, também.

— Já que nós nunca almoçamos, você quer fazer algo amanhã? — Preston perguntou. — Talvez irmos esquiar ou algo? Se você se sentir bem com isso?

Meu coração se levantou com as suas palavras, mas então eu me lembrei que eu estava sob prisão domiciliar, por assim dizer. Eu suspirei. — Eu amaria ir, mas os professores querem que eu fique no hotel amanhã... apenas no caso de eu estar mais abalada do que eu aparento.

Eu estremeci com a mentira. Isso soou totalmente pouco convincente, mas eu

supus que era melhor do que contar a Preston a verdade sobre o Ceifador. Mesmo embora nós apenas fôssemos estar no resort outro dia, eu não queria assustá-lo para longe.

O seu rosto se escureceu com decepção. — Oh.

— Mas talvez nós possamos almoçar amanhã? — Eu sugeri. — Nós não teríamos que deixar o hotel para fazer isso.

Preston pensou sobre isso e o seu rosto se iluminou. — Claro. Isso irá funcionar. Eu mandarei uma mensagem de texto para você pela manhã, e nós descobriremos os detalhes, tudo bem?

Eu sorri para ele. — É um encontro. Novamente. Dessa vez, eu prometo que irei mantê-lo.

Ele soltou uma pequena gargalhada. — Não se preocupe. Eu sei que você irá. Gwen. Eu vou me certificar disso. Eu não vou deixar você fugir novamente.

Um flash de movimento captou meu olho, e eu percebi que Ajax tinha terminado a sua conversa e estava andando pela recepção procurando por mim. — Bem, eu tenho que ir. Eu verei você amanhã, tudo bem?

Preston assentiu. — Você pode contar com isso.

Ele me deu um rápido sorriso, depois deixou a recepção, mantendo-se nas beiradas da multidão enquanto ele seguia abaixo o corredor onde alguns restaurantes estavam localizados, e também o local da nova construção. Preston provavelmente ia jantar com seus amigos. Eu pensei que era muito legal que ele tivesse descido aqui para ver como eu estava indo. A maioria dos caras não teria se incomodado, não por uma garota que eles apenas conheceram ontem.

Técnico Ajax finalmente me localizou e se aproximou. — Com quem você estava falando? Eu não dei uma boa olhada nele.

— Oh, apenas um cara que eu conheci da academia de Nova Iorque.

— Bem, vamos então —, Ajax rugiu. — Metis e Nickamedes querem você enfiada no seu quarto pelo restante da noite, e eu também.

Ajax subiu comigo no elevador e caminhou descendo o corredor ao meu quarto. Ele até mesmo se certificou que Daphne estivesse esperando no interior e que o quarto estivesse livre de Ceifadores antes de ele partir.

Para minha surpresa, Daphne tinha tirado Vic da sua bainha e o deitou horizontalmente na minha cama. Eu desabei ao lado da espada, e seu olho de coloração do crepúsculo estalou aberto.

— Você deveria me levar com você quando você sai tendo aventuras, Gwen

—, Vic disse em seu sotaque Inglês. — Não ter toda a sangrenta diversão sozinha.

— Confie em mim, Vic, sobreviver à avalanche não foi muito divertido. Nem foi tirar um galho de árvore pela perna de um lobo Fenrir.

— O que? — Vic e Daphne gritaram em uníssono.

Eu me sentei ali na cama e contei a eles sobre o lobo e como ele realmente pareceu... gostar de mim depois de eu ajudá-lo. Que era a única parte da história que eu não tinha compartilhado com Metis e os outros professores, ao invés disse que eu pensei que o lobo tivesse sido carregado pela neve. Talvez fosse loucura, mas eu não queria que eles caçassem o lobo e o matasse, mesmo embora eu soubesse que é isso o que ele estava determinado a fazer. Certo, talvez a criatura quisesse me fazer de um brinquedo de mastigar para começar, mas eu não achei que ele fosse me machucar agora. Talvez. Provavelmente. Bem, tudo bem, eu realmente não tinha ideia do que o lobo faria ou não faria, mas eu não queria ser a causa da sua morte.

Daphne negou com sua cabeça, seu cabelo loiro transbordando dos seus ombros. — Você tem assistido a tantos filmes da Disney, Gwen. Lobos Fenrir são treinados para matar – isso é tudo o que eles sabem como fazer. É tudo pelo qual eles são bons.

— Bem, se eles podem ser treinados para matar, então eles podem ser treinados para fazer outras coisas, certo? — Eu insisti em um tom de teimosia. — Eu quero dizer, eles não nascem ruins, eles nascem? Metis disse que eles não necessariamente eram maus, que eles têm livre arbítrio, apenas como nós temos.

Daphne olhou para mim como se eu estivesse espalhando tolices. Talvez eu estivesse. — É, talvez lobos Fenrir tenham livre arbítrio, mas os Ceifadores torturaram toda a bondade para fora deles, apenas como eles fizeram com os gatunos de Nemean, rocs Negros, e todas as outras criaturas que eles usam. Encare isso, Gwen. Aquele lobo foi treinado por um Ceifador, o que o faz apenas tão distorcido e malévolo quanto o próprio Ceifador.

— Tá —, Vic entrou na conversa. — Distorcido, malévolo, e merecedor da morte. Se você tivesse me levado com você, então eu poderia ter cuidado do filhotinho grande demais completamente sozinho.

Eu rolei meus olhos, mas a espada não percebeu. Nem a Valquíria. Ao invés disso, Daphne e Vic começaram a argumentar sobre quem era mais mal, os Ceifadores ou as criaturas mitológicas que eles treinavam, e as melhores formas de matá-los. Eu os desliguei. Eles não tinham estado lá, e eles não tinham visto com

quanta dor o lobo estava. Sem importar o que eles afirmavam, a criatura não era completamente má. Em algum lugar debaixo de toda aqueles dentes e garras estava um coração que batia justo como o meu. Não, o lobo não era um completo monstro, mesmo se o seu mestre Ceifador treinou-o para ser assim.

Uma vez que Daphne e Vic pararam de argumentar, nós três gastamos a hora seguinte descansando e conversando. Bem, a Valquíria fez a maior parte do falatório, me contando sobre como ela e os outros jovens no Carnaval de Inverno tinham ouvido a explosão e então visto a avalanche descer a montanha na minha direção. Uma vez que o carnaval tinha sido montado nos fundos de um platô, todos ali estavam bem fora do cominho da neve bramindo.

— Todos estavam seriamente enlouquecidos —, Daphne disse. — Incluindo Logan.

Meu coração deu um salto, mesmo embora eu mantivesse meu rosto calmo. — Sério? Eu acho isso difícil de acreditar.

— Oh é —, a Valquíria disse. — Ele totalmente queria ir com Ajax e começar a procurar por você. Carson e eu queríamos também, mas Metis e os outros professores não nos deixaram. Eles mantiveram todos no carnaval até a neve ter se estabelecido. Mas Logan, cara, eu pensei que ele ia realmente socar Nickamedes em algum momento. Eles dois estavam gritando um com o outro, e Kenzie e Oliver tiveram que conter Logan para impedi-lo de ir atrás do bibliotecário.

Eu gargalhei. — Agora isso eu teria gostado de ter visto. É, talvez Logan estivesse preocupado comigo. Eu quero dizer, nós somos amigos, de uma estranha forma. Mas isso não importa, por que eu o vi com Savannah lá em baixo na recepção alguns minutos atrás, justo como sempre. Então nada mudou. Além disso, eu topei com Preston no térreo. Nós vamos almoçar amanhã, e eu vou esquecer completamente sobre Logan – ao menos pelo restante do final de semana.

Daphne abriu sua boca, mas o seu celular começou a vibrar na mesa de cabeceira. Ela se inclinou para ver quem estava mandando mensagem de texto para ela. Ela digitou alguns botões, e um olhar culpado encheu o seu rosto bonito.

— Então, era Carson e... há essa festa essa noite —, Daphne disse, não muito olhando para mim.

— E deixe-me adivinhar. Eu não posso ir por que é lá fora na vila alpina em algum lugar e eu não deveria deixar o hotel, certo?

Daphne estremeceu e assentiu.

— Vá —, Eu disse. — Se divirta com o seu namorado. Eu vou ficar bem aqui com Vic, lendo meus gibis, e comer porcaria pelo resto da noite.

— Você tem certeza? — Daphne perguntou, mordendo o seu lábio com brilho. — Eu não me importo em ficar aqui com você apenas passando um tempo... —

— Vá —, Eu repeti em uma voz firme. — Vá para a festa, fique bêbada, e totalmente se pegue com Carson. Eu estarei bem. Eu prometo. Acredite em mim, depois do que aconteceu hoje, eu tenho zero desejo de festejar essa noite.

Precisou mais estímulo da minha parte, mas eventualmente, Daphne escovou seu cabelo, colocou mais brilho labial, e partiu para ficar com Carson. Assim que a porta se trancou atrás dela, eu caminhei até minha bolsa de lona cinza e retirei uma caneta e um caderno. Depois eu me firmei na cama, com Vic apoiado em um travesseiro ao meu lado.

— O que você está fazendo? — a espada perguntou. — Por que isso não se parece com um gíbi para mim.

— Nada demais —, Eu disse. — Apenas tentando descobrir quem me quer morta.



I7

P

OR UM MOMENTO, Vic me espiou com seu um olho, depois o seu talho de uma boca curvou-se para trás em um sorriso completo. Eu quase pensei que ele teria assentido em aprovação se ele realmente pudesse, você sabe, mover a sua metade de uma cabeça.

— *Finalmente*, Cigana —, ele gorjeou em seu sotaque Inglês. — Eu estava me perguntando quanto tempo você ia deixar algo como isso de lado. É a maior violação de etiqueta você sabe, não surpreender os seus inimigos de forma oportuna.

Etiqueta? Que tipo de etiqueta havia em alguém tentar me matar? Algumas vezes eu apenas não entendia Vic em nada. Eu neguei com minha cabeça.

— Não é que eu estive *deixando* isso de lado, exatamente —, Eu disse. — É só que eu não tenho muito para continuar. Eu não podia ver quem estava dirigindo o carro que tentou me atingir, e eu não peguei a placa. A mesma coisa aconteceu na biblioteca. Eu não vi quem disparou a flecha, e eu não obtive muito de vibração no buraco que ela deixou para trás na estante de livros. E tá, eu toquei

o lobo Fenrir, mas não tempo o suficiente para de fato obter um grande revés dele ou vir quem o seu mestre é. Na sua maior parte, o lobo ainda estava pensando sobre a avalanche, justo como eu estava.

— Então o que vai fazer? — Vic perguntou.

Eu encolhi de ombros. — Eu pensei em fazer uma lista de todos que talvez tivessem um rancor de mim e ir a partir daí. Isso sempre funciona na TV.

Vic rolou seu olho. — Por que você está bancando a sangrenta detetive novamente ao invés de apenas sair e me usar para obter algumas respostas? Coloque-me contra a garganta de alguém, e eu o farei começar a falar muito rápido.

Eu arqueei uma sobrancelha e dei à espada uma cara. — O que? — ele rosnou. — Eu teria muito mais diversão do que escutar você e a Valquíria lamentar-se sobre o que alguma outra garota estava *vestindo*.

— Cale a boca, Vic —, Eu disse. — Eu preciso pensar.

A espada soltou um alto harrumph e estalou seu olho fechado, sua boca virando-se para baixo em um beicinho. E as pessoas achavam que adolescentes eram temperamentais. Por favor. Nós não tínhamos nada comparado com espadas anciãs, com sede de sangue, falantes.

Vic manteve seu olho fechado, curtindo o seu estado de irritação, então eu sentei ali na cama e comecei a fazer minha lista. Demorou cerca de cinco segundos. O que eu posso dizer? Era uma lista curta com apenas um nome nela: família de Jasmine Ashton. Tudo bem, tudo bem, então não era realmente um *nome*, mas os Ashtons eram os únicos com alguma razão para me matar. Ao menos, que eu soubesse.

Uma vez que a minha ideia de lista não estava funcionando, eu decidi voltar para o início e ver se eu pudesse me lembrar de algo estranho ou esquisito, algo fora do lugar, algo fora do extraordinário. Mas sério, não havia nada. Tinha apenas sido uma semana normal na Mythos Academy até alguém tentar me matar.

Bem, lógico, eu estava aqui no Carnaval de Inverno no resort super extravagante, e eu ia almoçar amanhã com um cara bonitinho. Ambos, eram foram do comum, mas não de uma maneira ruim. Eu precisava pensar mais, precisava voltar ao dia que tudo isso começou. Quarta feira. Três dias atrás. O que tinha acontecido então? Talvez eu tivesse feito algo para desencadear o Ceifador, ou talvez eu tivesse irritado outra pessoa inteiramente. Eu fechei meus olhos e me concentrei.

Tudo bem, vamos ver. Depois do treinamento com armas com Logan, Kenzie e Oliver no ginásio, eu fui para as minhas aulas naquela manhã, até mesmo obtendo uma nota A+ no trabalho de literatura Inglesa. Nós tínhamos que escrever sobre a influência da mitologia em super-heróis e na cultura moderna, um tópico que eu totalmente dominava, uma vez que eu era uma nerd de gibis e fantasia. Eu almocei com Daphne e Carson no refeitório, então antes das minhas aulas da tarde, eu escapei do campus para ver Vovó Frost. Depois de eu ter visitado a minha avó, eu peguei o ônibus de volta para a academia e trabalhei no meu turno usual na Biblioteca de Antiguidades.

Não havia nada ali. Nada especial, nada incomum, nada fora do ordinário. Bem, além da SUV quase me derrubar e da flecha quase dividir meu crânio. Eu nem sequer toquei nada incomum naquele dia ou obtive alguma vibração real com a minha magia psicométrica, exceto pelo confuso clarão que eu tinha visto da paixonite de Oliver quando eu peguei o seu caderno naquela manhã no ginásio.

Meus olhos estalaram abertos. O caderno de Oliver. Claro. Como eu pude ter sido tão estúpida? Oliver totalmente se apavorou quando eu peguei o seu caderno, e ele percebeu que eu estava tendo um clarão dele. Eu pensei que fosse apenas por que ele não queria que eu soubesse por quem ele estava apaixonado e de toda a provocação que viria junto com isso.

Mas e se talvez – apenas talvez – ele tivesse algo mais para esconder. Como o fato de que ele era realmente um Ceifador do Caos. Eu senti as emoções de Oliver quando eu toquei o seu caderno. Ele estava tudo; desde entediado, a zangado, á cobiçando sua paixão. Ele poderia totalmente ter algumas vibrações psico-assassinas ou planos diabólicos escondidos ali dentro, também. Eu só não tinha segurando caderno tempo bastante para encontrar os fatos nele.

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais fazia sentido. Isso também explicaria por que Oliver tinha sentado ao meu lado no ônibus na viagem até o resort e todos os olhares vis que ele esteve disparando no meu caminho enquanto isso. O Espartano estava pescando ontem de manhã no ônibus, tentando descobrir exatamente o que eu tinha visto quando eu toquei o seu caderno e para quem eu poderia ter dito sobre isso.

Exceto que agora pareceu que ele não ia se arriscar que eu não tivesse visto nada, desde que, você sabe, ele já tentou me matar quatro vezes. Oliver definitivamente queria que eu continuasse calada sobre o que quer que estivesse naquele caderno. O que mais poderia estar ali que era digno de assassinato se não

fosse a informação que ele era um Ceifador ou algum estúpido plano que ele inventou para servir à Loki?

Eu tinha que colocar minhas mãos naquele caderno. Essa era a única maneira que eu ia descobrir no que Oliver estava metido – e por que ele sentiu que ele precisava me matar para encobri-lo. Agora tudo o que eu tinha que fazer era descobrir como furtar o caderno dele – e não ser assassinada enquanto isso.

Na manhã seguinte, Daphne, Carson, e eu pegamos alguns bagels tostados de cranberry e laranja, muffins de blueberry selvagens, cream cheese Danish, e suco de romã com cereja de um dos restaurantes do hotel, então sentamos em um sofá na frente da lareira de pedra na recepção. As chamas estalaram e explodiram como fogos de artifícios, enquanto o calor das mini-explosões esquentava toda a área. O doce cheiro de lascas de madeira de cedro fez cócegas no meu nariz.

Eu engoli os bagels de borracha, os muffins esplêndidos, e o suco azedo em tempo recorde, ansiosa para colocar meus planos em prática pelo dia. Daphne e Carson apenas cutucaram suas comidas, entretanto. A Valquíria não tinha tropeçado de volta ao nosso quarto até quase uma da manhã, e ambos, ela e Carson tinham uma aparência definitivamente doente, de coloração verde nos seus rostos. Deve ter sido uma festa intensa para eles dois ainda estarem nessa ressaca.

Daphne enfiou o restante do seu meio-comido bagel de volta para dentro da embalagem de papel onde ele tinha saído e a colocou na mesa ao seu cotovelo direito. — Se eu comer mais uma mordida disso, eu vou vomitar.

— Eu também —, Carson murmurou, encarando abaixo dentro do seu copo de suco. — Por que eu bebi tanto na noite passada?

— Deve ter tido um gosto muito, muito bom, considerando como perdidos vocês dois ainda aparentam —, Eu disse em um tom sarcástico.

— Por favor, Gwen —, o cara membro da banda sussurrou. — Não fale tão alto. Minha cabeça está me matando.

Daphne e Carson ambos, me dispararam olhares que eram igualmente partes de irritação e tormento. É, eu estava totalmente rindo deles, mas eles teriam feito o mesmo comigo, se eu fosse àquela com a furiosa ressaca.

— Eu acho que eu deveria voltar para o meu quarto, cair em cima da cama, e esperar não morrer antes da hora do almoço —, Carson murmurou novamente.

— Eu também —, Daphne murmurou.

— Você não pode fazer isso —, Eu disse, minha voz ficando aguda.

Daphne usava um óculos de tamanho desproporcional para bloquear a luz da recepção, e ela apertou os olhos sob a parte superior dele para mim. — Por que não?

Por que se ela e Carson ficassem no hotel o dia todo, então eu não seria capaz de continuar com o meu plano para apanhar o caderno de Oliver e ver exatamente que segredos ele continha. Apesar de estarem de ressaca, meus amigos iriam insistir em me ajudar – ou pior, contar à Professora Metis sobre minha suspeita. Isso era algo que eu não queria fazer sem provas concretas, ou ao menos sabendo que eu tinha visto as verdadeiras intenções de Oliver por mim mesma, usando meu dom Cigano. Claro, eu não podia exatamente dizer a eles dois isso, entretanto.

Além disso, eu já estava metida em problemas suficientes por não contar aos professores sobre o Ceifador e o lobo Fenrir. E sim, talvez parte de mim ainda queria cuidar disso sozinha, mas eu também não queria arrastar meus amigos comigo – ou colocá-los em perigo se minhas suspeitas se revelassem corretas.

— Por que nós estamos partindo essa noite de volta para a academia, e vocês não fizeram metade dos declives que vocês queriam fazer, muito menos descer com a boia —, Eu disse. — Além disso, o ar fresco e o raio de sol farão bem para vocês. Uma vez que vocês saírem daqui, vocês não irão sequer se lembrar o quanto vocês beberam na noite passada.

Precisou alguma não tão sutil cutucada da minha parte, mas Daphne e Carson finalmente seguiram para fora para irem esquiar. Claro, os declives diretamente acima do hotel ainda estavam fora dos limites por causa da avalanche, mas havia algumas rotas no lado distante da montanha que não tinham sido afetadas e estavam abertas para alunos. Nós três concordamos em sairmos depois do almoço. Esperançosamente, eu poderia apresentá-los ao Preston então. Enquanto isso, embora, eu tinha trabalho a fazer – e um Ceifador para pegar.

Assim que Daphne e Carson saíram pela porta, eu fui até a mesa de registro no lado distante da recepção. Havia um casal de funcionários trabalhando, e eu segui em direção a garota com idade-colegial. Ela olhou acima enquanto eu aproximava e sorriu para mim.

— Como eu posso ajudá-la essa manhã? — ela perguntou em um vivo, tom amigável.

— Uh, isso é muito, muito inoportuno —, Eu disse, não muito olhando para a recepcionista e me embaralhando aos meus pés. — Mas, eu, uh, deixei meu

celular no quarto de alguém na noite passada. Depois de uma das festas. Você sabe o que isso quer dizer?

Entendimento piscou nos seus olhos.

— Enfim, eu sei o nome do cara, mas eu não posso me lembrar o número do seu quarto. Eu tinha bebido um pouco mais do que eu deveria, e um pouco da noite passada está um tanto... borrado. — Eu soltei uma nervosa risadinha, como se eu fosse uma vadia total. — Eu estava me perguntando se você poderia me dizer em qual quarto ele está.

— Eu não deveria dar informação sobre outros hóspedes do hotel —, a recepcionista disse em um tom neutro. — Especialmente não para alunos.

Eu estremeci. — Eu sei, acredite em mim, eu sei. Mas meus pais acabaram de comprar aquele telefone na semana passada, e eles irão me *matar* se eu perder outro. Era, tipo, super, super-carro. Não é minha culpa que eu deixei cair dentro da pia. As pessoas totalmente precisam parar de me mandar mensagens de texto enquanto eu estou no banheiro retocando a minha maquiagem. Eu só tenho duas mãos.

Ela negou com sua cabeça. — Olhe, eu de fato sinto pelo seu celular, mas eu não posso ajudá-la.

Eu mordi de volta um rosnado. Eu precisava saber que quarto Oliver estava, e eu não podia exatamente ir até o Espartano e perguntá-lo. Eu abri minha boca para advogar com a recepcionista um pouco mais quando uma voz falou atrás de mim.

— Realmente, Valerie, é meu celular que está perdido. Gwen foi gentil o bastante para vir até aqui pedir para mim.

Morgan McDougall se aproximou ao meu lado, aparentando maravilhosa em um casaco de neve verde hortelã de encaixe perfeito. Eu olhei para a outra garota, me perguntando o que ela estava fazendo – e por que ela estava tentando me ajudar.

O rosto da recepcionista se enrugou em um sorriso. — Oh, oi, Morgan. Eu não tenho visto muito você por aí esse final de semana.

A Valquíria encolheu de ombros. — Eu tenho andado ocupada – como sempre. Muito sangue fresco da academia de Nova Iorque esse ano, se você entende o que eu quero dizer.

Ela piscou para a recepcionista, e ambas se dissolveram em um ataque de risos. Eu só fiquei ali, me sentindo estranha e estúpida.

— Enfim —, Morgan disse, puxando uma nota de cem-doláres para fora do bolso do seu casaco de neve e deslizando-a ao outro lado do balcão. O movimento fez com que faíscas verdes de magia disparassem dos dedos da Valquíria. — Você acha que pode me ajudar? Por que Gwen está certa. Meus pais irão me matar se eu perder outro celular esse ano.

A recepcionista pegou o dinheiro tão suavemente quanto a Valquíria o tinha oferecido e deu a ela um sorriso. — Qual é o nome?

Morgan ergueu sua sobrancelha e olhou para mim. — Sim, qual *era* o nome dele, Gwen? Eu não consigo me lembrar.

— Oliver —, Eu disse. — Oliver Hector.

A sobrancelha de Morgan saltou um pouco mais alto no seu rosto, e ela me deu um olhar realmente estranho, mas ela não disse nada. A recepcionista, Valerie, digitou alguns botões no seu computador e nos disse que Oliver estava no quarto 822. Morgan a agradeceu, e nós duas andamos para longe da mesa de registro. Eu esperei até nós estarmos na metade do caminho da recepção, bem próxima da estátua de Skadi, antes de eu me virar e olhar para ela.

— Por que você fez isso? — Eu perguntei.

Morgan encolheu de ombros. — Há algumas vantagens em ser a vadia da escola.

Por um momento a Valquíria me encarou, uma estranha luz queimando nos seus olhos cor de amêndoas, quase como se ela quisesse dizer algo para mim, quisesse falar comigo sobre algo. Eu me perguntei se era sobre o que tinha acontecido na noite em que Jasmine quase a sacrificou na Biblioteca de Antiguidades.

Mas então Morgan apertou os seus lábios. Ela saiu na espreita para o outro lado da recepção e seguiu para o lado de fora — sozinha.

Estranho. Muito estranho. Mas a Valquíria tinha conseguido para mim a informação que eu precisava. Eu supus que eu deveria estar agradecida a ela por isso, entretanto eu ainda não podia imaginar por que ela me ajudou em primeiro lugar. Tá, talvez por eu tê-la salvo de ser assassinada pela sua melhor amiga, mas eu não sabia se Morgan sequer se lembrava o que tinha acontecido naquela noite. Talvez ela tivesse descoberto um pouco do que tinha vazado, contudo. Essa era a única razão que eu podia pensar para uma explicação de todos os estranhos olhares que ela me deu.

Mas o que Morgan fez ou não fez não era importante, não nesse momento,

então eu empurrei para longe todos os pensamentos da Valquíria. Era hora de acelerar o ritmo para a próxima fase do meu plano. Agora que eu sabia qual quarto Oliver estava, eu apenas precisava furtar a sua chave cartão – ou do seu companheiro de quarto.



I8

KENZIE TANAKA nunca me viu chegando.

Graças a todas as mensagens de texto que os alunos constantemente enviavam na rede de internet da Mythos, eu fui capaz de rastreá-lo em um dos restaurantes do hotel. O Espartano estava tendo o que pareceu como um muito privado, muito *acolhedor* café da manhã com Talia Pizarro quando eu passei e acidentalmente-de-propósito derramei meu suco de maçã condimentado extra-grande, por todas as suas panquecas de blueberry com ricota e biscoitos waffles com morangos.

— Oops! Me desculpe! — Eu disse, esbarrando na mesa com o meu quadril e fazendo o suco se despejar em todos os lugares.

Ambos, Kenzie e Talia empurraram suas cadeiras para trás e saltaram aos seus pés, Talia um pouco mais rápida do que Kenzie, uma vez que ela tinha a super velocidade Amazona trabalhando por ela.

— Jesus, Gwen! — Talia vociferou. — Cuide para onde você está indo!

— Desculpe, desculpe, é minha culpa. Totalmente minha culpa. Aqui,

deixe-me limpar isso.

Eu usei o guardanapo que eu peguei com o suco de maçã e comecei a enxugar as poças do líquido na mesa. Kenzie e Talia pisaram para trás e checaram para se certificarem que eles não tinham recebido um pouco do suco de maçã pegajoso em suas roupas. Eu me movi de um lado da mesa ao outro, esbarrando na cadeira de Kenzie e derrubando a sua jaqueta de couro e fazendo a peça de roupa cair no chão.

Eu mexi no suco de maçã na mesa por uns dois minutos, trabalhando até ela estar completamente limpa e tagarelando todo o tempo sobre o quanto eu sentia por arruinar o café da manhã deles. Talia rolou seus olhos escuros para Kenzie, e ele negou com sua cabeça em retorno. Eu totalmente os irritei, o que era exatamente o que eu queria fazer. Irritadas as pessoas não prestavam muita atenção nos detalhes, como o fato de que eu deslizei a minha mão direita para dentro de um dos bolsos da jaqueta de Kenzie enquanto eu usava a minha mão esquerda para enxugar suco de maçã das cadeiras.

Finalmente, eu terminei de limpar e dei a eles outro sorriso tímido. Depois eu me inclinei, agarrei a jaqueta de Kenzie, e a entreguei a ele.

— Vamos, Talia —, Kenzie disse, olhando para mim enquanto ele agarrava sua jaqueta de couro e a colocava. — Vamos sair daqui antes que a Gwen decida derramar algo mais em nós.

Eu dei a eles outro sorriso de desculpas enquanto eles saíam com pressa. Eles dois não me viram enfiando minha mão dentro do bolso do meu casaco com capuz roxo e retirando um pequeno, branco, cartão plástico.

Do nosso tempo treinando juntos, eu sabia que Kenzie sempre mantinha a sua carteira no bolso direito da sua jaqueta, e não tinha sido muito esforço pensar que ele colocaria a sua chave-cartão ali também. Pela primeira vez, eu realmente tive sorte, e o cartão estava apenas solto dentro do bolso, ao invés de guardado dentro da sua carteira.

— Quarto 822, aqui vou eu —, Eu sussurrei.

Eu discretamente segui Kenzie e Talia de volta a recepção do hotel e pisei atrás do cedro, para que eles não me vissem. Oliver estava esperando na porta principal por eles, apenas como eu esperava que ele estivesse. Eu precisava que ambos os Espartanos estivessem fora do quarto enquanto eu o revistasse.

— Por que vocês demoraram tanto? — Oliver perguntou, franzindo o cenho.
— Nós deveríamos partir para os declives cinco minutos atrás.

Eu não ouvi a resposta de Kenzi, mas eu não precisei realmente. Eu podia imaginar o que ele estava dizendo sobre mim nesse momento. Gwen Frost, aquela desajeitada garota Cigana. Eles três caminharam para fora e seguiram em direção à vila alpina. Eu relaxei até a porta e espiei através do vidro. Se eles fossem esquiar, eu duvidava que eles estivessem voltando em breve. Eu me virei e segui para os elevadores.

Antes que eu fosse ao quarto de Oliver, eu tinha mais uma coisa a fazer. Eu subi no elevador ao décimo terceiro andar, fui para dentro do meu próprio quarto, e tirei Vic da cama. Se ou não Oliver fosse um Ceifador, alguém quase tinha me matado quatro vezes agora, e eu queria estar preparada no caso dele tentar novamente. Além disso, seria apenas minha sorte que Oliver voltasse ao seu quarto por alguma razão antes de eu encontrar o caderno. O que quer que acontecesse, eu imaginei que seria melhor ter a espada comigo do que não tê-la.

O olho de Vic estalou aberto quando eu peguei a bainha de couro preto com ele dentro.

— Eu conheço esse maníaco brilho no seu olho. Você está fazendo algo, Gwen —, ele disse. — O que é? E há alguma chance que eu irei matar algo hoje? Como um Ceifador, talvez?

— Se tudo sair como o plano, então não, você não irá matar nada hoje —, Eu disse, abrindo o zíper do meu casaco com capuz. — Mas nós podemos ser capazes de pegar o cara que está tentando me assassinar.

Vic bufou. — Sempre uma sangrenta pacifista. Bem, você pode me acordar se houver qualquer matança para ser feita. Caso contrário, eu estou voltando para a minha soneca.

Seu olho estalou fechado.

Eu amarrei Vic e sua bainha na minha cintura, depois fechei o zíper do meu casaco com capuz roxo. O tecido descia passando a minha cintura, escondendo a metade superior da espada e do cabo brilhoso de Vic de vista. A metade inferior da bainha pendia perto da minha perna esquerda, mas uma vez que o jeans que eu tinha colocado era tão preto quanto ela, a bainha não era muito notável. Além disso, todos os outros jovens tinham colocado suas armas nas malas, e eu duvidava que alguém fosse olhar duas vezes para mim. Mesmo assim, se o Ceifador viesse atrás de mim novamente, talvez ele não percebesse que eu estava trajando uma espada até ser tarde demais — para ele.

Eu me encarei no espelho. Ondulado, cabelo castanho; branca pele invernal;

umas poucas sardas espalhadas sobre minhas bochechas; olhos roxos; e uma espada amarrada à minha cintura. Talvez fosse estranho, mas eu não senti como se eu realmente parecesse comigo hoje. Nesse momento, eu me assemelhava inteiramente à outra pessoa – alguém forte, alguém confiante, alguém pronto para chutar a bunda de um pequeno Ceifador. Eu sacudi minha cabeça, e a imagem e sensação desapareceu, substituída por meu mesmo velho entediante rosto, com nervos bambos, e loucas inseguranças.

Mas eu tinha vindo até aqui, e eu não estava perto de recuar agora. Oliver Hector tinha um segredo, e eu ia descobrir o que era – e por que ele estava tentando me matar por causa disso.

— Eu vou me arrepender disso mais tarde —, Eu sussurrei ao meu reflexo, e deixei o quarto.

Eu voltei para o elevador e descí ao oitavo andar. Eu pisei para fora das portas e fiquei ali um segundo, escutando. Todo o andar estava silencioso, e apenas um zumbido das máquinas de salgadinhos e gelo interromperam o silêncio. Todos os outros estavam ou ainda dormindo com suas ressacas em seus quartos ou lá fora nos declives aproveitando o último dia para esquiar e praticar snowboarding antes de seguir de volta para a academia. De qualquer maneira, eu não teria uma melhor chance do que essa.

Eu andei descendo o corredor com propósito, como se eu deveria estar nesse andar, mesmo embora fosse apenas para garotos, uma desculpa esfarrapada dos professores para manter o sexo do final de semana ao mínimo. Quarto 822 estava cerca da metade do caminho no corredor. Eu deslizei o cartão chave na fresta, esperei para a luz verde acender, abri a porta, e pisei para dentro.

O quarto de Kenzie e Oliver era uma imagem refletida daquele que Daphne e eu estávamos dividindo. Havia dois de tudo, de grandes, camas suaves, à mesas de cabeceira, à espelhos armados nas paredes. Roupas e sapatos estavam espalhados por todo o lugar, e eu não podia dizer qual lado do quarto pertencia à Kenzie e qual lado era de Oliver. Jeans, camisas, meias – pelo olhar das coisas, os Espartanos tinham trazido bastante roupas com eles para toda uma semana, ao invés de apenas um final de semana. E eu achei que Daphne era exagerada.

Desde que eu não podia dizer de quem as coisas estavam aonde, eu me agachei ao pé da cama mais perto da porta, estiquei a mão, e toquei uma mala ali. Meu dom Cigano engatilhou, e uma imagem de Kenzie enfiando roupas dentro dela encheu a minha mente. Tudo bem, então esse era o seu lado então, o que

significava que as coisas de Oliver estavam empilhadas ao redor da cama perto da janela.

Eu me movi até aquele lado do quarto, escolhendo o meu caminho através das pilhas de roupas amassadas no chão. Depois eu me inclinei abaixo e comecei a procurar a mala de Oliver. Eu usei a beirada da manga do meu casaco com capuz para abrir a tampa e espiei no lado de dentro. Roupas, roupas, e mais roupas enchiam o espaço, junto com uns dois pares de botas levemente malcheirosas.

Eu percorri a mala, abrindo todos os compartimentos com zíper e olhando dentro. Sem caderno. Eu me levantei e entrei no banheiro. Uns dois kits de barbear estavam no canto, mas não havia nada interessante neles, exceto pela colônia com essência de limão que Oliver tinha na dele. Cheirava bem. Certamente melhor do que as botas do Espartano.

Uma vez que o caderno não estava no banheiro ou na mala de Oliver, isso significava que estava escondido em algum lugar na bagunça do restante do quarto – se ele sequer o tivesse trazido com ele para começar. Eu esperava que ele tivesse. Apenas uma maneira de descobrir.

Eu me movi de um lado do quarto ao outro, atravessando todas as pilhas de roupas, as de Kenzie e as de Oliver semelhantemente. Eles dois tinham colocado na mala muitas coisas para o final de semana, e havia mais camisas, sapatos, e jeans em um lado do quarto do hotel do que eu tinha em todo o meu armário voltando na academia.

— Caras —, Eu murmurei. — Por que eles têm que ser tão desleixados?

Os minutos tiquetaqueavam, e eu ainda não podia encontrar o caderno. Eu estava começando a pensar que Oliver o tinha deixado na academia quando eu desenrolei os lençóis no chão da sua cama como um último recurso, pensando que ele poderia ter escrito nele na noite passada antes que ele fosse dormir. O caderno vermelho escorregou para fora dos lençóis e caiu no chão.

— Bingo —, Eu sussurrei.

Eu usei a beirada da manga do meu casaco com capuz para erguer o caderno, depois sentei na cama e o coloquei no meu colo. Ele pareceu o mesmo do que eu me lembrava – apenas um caderno vermelho normal com uns dois anéis de metal torcidos de forma errada. Certamente não pareceu como se ele guardasse nada particularmente mal ou sinistro. Mas Oliver estava escondendo *algo*, e essa era a minha melhor chance de descobrir o que era antes dele tentar me matar novamente.

Então eu inspirei, empurrei minhas mangas para cima, e embrulhei minhas próprias mãos no caderno. Depois eu me sentei ali e esperei pelas imagens e sentimentos inundarem minha mente.



19

P

OR MEIO SEGUNDO nada aconteceu, mas então minha psicometria engatilhou, e imagens de Oliver preencheram minha mente. Na maior parte, eram as mesmas imagens que eu tinha visto na primeira vez que eu peguei o caderno na Quarta-feira de manhã durante o treinamento de armas. Oliver sentado na mesa do seu quarto, rabiscando nas páginas, e o Espartano debruçado sobre o caderno, rabiscando na aula enquanto o seu professor lia. Eu também tive o mesmo clarão de sentimentos que eu tive antes, tédio e frustração de fazer o dever de casa misturado com surtos de raiva e angústia.

Depois aquele caloroso, suave, efervescente sentimento começado lá em baixo, bem em baixo no fundo do meu estômago. Eu me concentrei, focando nessa particular vibração, tentando convocar as imagens que vinham com ela. Tudo e todos que Oliver associava com aquele específico sentimento. Uma figura

nebulosa começou a tomar forma na minha mente, uma com cabelo e olhos negros. Eu desliguei tudo mais, para que eu pudesse trazer a névoa em um foco mega-forte e ver exatamente quem Oliver tinha tal enorme paixão —

O rosto de Kenzie pulou dentro da minha mente.

Eu arfei com surpresa, mas as sensações não pararam ali. Foi como se eu tivesse aberto uma comporta. Todas aquelas emoções apenas derramaram dentro de mim. Eu vi e senti tudo que Oliver sentia em relação ao seu amigo. Todas os bons momentos que eles tiveram juntos crescendo. Toda a admiração e lealdade entre eles. Todas as pequenas direções em que os sentimentos de Oliver começaram a se aprofundar em algo que ia muito longe de amizade. Toda a tonta diversão de apenas estar com Kenzie o fazia sentir. Toda a raiva e desespero, de esmagar a alma, que Kenzie nunca iria gostar dele do mesmo jeito. E então, no final, toda a frustração e medo de que eu diria à Kenzie como Oliver realmente se sentia sobre ele e arruinaria a amizade deles — arruinaria tudo bom que tinha entre eles.

Meu coração alternadamente elevou-se e despencou-se enquanto eu viajava na montanha russa de emoções de Oliver até eu achar que elas iriam estourar bem para fora do meu peito. Finalmente, entretanto, as emoções tremeluziram, depois desapareceram, dizendo que eu tinha visto e sentido tudo que eu podia do caderno.

Meus olhos estalaram abertos. O caderno escorregou dos meus dedos, e eu cedi em cima da cama, um pouco sobrecarregada por tudo que eu tinha acabado de ver. Eu inspirei vários fôlegos, esperando pelas intensas emoções e sentimentos acabarem.

Então Oliver estava apaixonado — ou ao menos seriamente, seriamente gostava — apenas como eu pensei que ele estivesse, mas ao invés de uma paixão por uma garota, Oliver tinha sentimentos por Kenzie, seu melhor amigo e companheiro Espartano. Era isso? Esse era o grande segredo de Oliver?

É, esse era um segredo bastante grande, mas eu não podia evitar além de sentir um pouco de desapontamento. Não importava para mim por quem Oliver estava apaixonado. Pessoas gostavam de quem elas gostavam, e eu achei que todos nós já deveríamos ter superado isso. Enquanto as pessoas fossem felizes com quem elas estivessem, isso era tudo o que importava.

Mas conhecendo o segredo de Oliver não me ajudou a responder nenhuma das minhas outras perguntas. Como se ele era ou não um Ceifador e tinha tentado

me matar. Eu senti como se eu ainda estivesse perdendo algo, então eu peguei o caderno novamente. Dessa vez que o folheei, página por página, tentando ler o rabisco escrito à mão de Oliver. Mas não havia nada nas páginas que eu já não tivesse visto ou sentido. Muitas anotações de aula, muitos doodles*¹⁰, e desenhos muitos bem legais de Kenzie. Qualquer outra coisa que ele era, Oliver era um artista com algum perverso talento.

O que eu não encontrei foi algo que me diria de uma maneira ou de outra se Oliver era o Ceifador que esteve me caçando. Eu obtive tudo o que eu pude do caderno, então eu o enfiei de volta debaixo das cobertas onde eu o encontrei. Depois eu me levantei no meio do quarto, me perguntando se houvesse algo mais que poderia me dizer se minha suspeita ou não sobre Oliver estava certa.

Meu olhar à procura aterrissou em algumas chaves na mesa de cabeceira de Oliver. Eu caminhei até lá, me abaixei, e olhei para elas. Eu não sabia muito sobre chaves de carros, mas eu reconhecia o símbolo de um Cadillac quando eu via um. Eu tinha visto esse tipo de chave dezenas de vezes na Mythos e tinha encontrado conjuntos perdidos delas dezenas de vezes a mais, uma vez que tantos alunos na academia tinham grandes, caros, carros que eles retiravam nos finais de semanas – como Ecalades Cadillac.

Minha respiração ficou presa na minha garganta, e eu pensei de volta naquele dia no lado de fora da casa da minha Vovó Frost. O SUV que quase tinha me atingido, tinha sido grande, preto e caro. Aquilo era tudo o que eu me lembrava sobre o veículo. Ele poderia ter sido um Escalade, ou ele poderia ter sido outro. Apenas uma maneira de descobrir.

Com meu coração acelerado, eu peguei as chaves e envolvi meus dedos em torno daquela do Cadillac. A chave de metal sentia-se fria e suave na minha palma, e as imagens começaram quase imediatamente. Cintilações e flashes de várias viagens assumiram a maior parte delas com Kenzie sentado no assento do passageiro, eles dois escutando o rádio. Algumas vezes Logan descansando na parte de trás, saindo com seus amigos.

Eu me concentrei, indo mais profundo, e convocando cada imagem, cada memória associada com a chave. Depois de alguns segundos, as imagens mudaram, e a cena deslocou-se. Oliver sentado no seu SUV estacionado em uma rua residencial. Eu tive a sensação de que ele estava nervoso e esperando por algo –

¹⁰ É um tipo de esboço de algum desenho realizado quando uma pessoa está distraída ou ocupada. Doodles são desenhos simples que podem ter significado concreto de representação ou simplesmente representar formas abstratas.

ou alguém. Ele olhou através dos pára-brisas escuros, seus olhos em uma casa pintada de cor lavanda no final de uma quadra.

Era como se eu estivesse assistindo um filme de terror do ponto de vista do assassino. Depois de um momento, eu me vi abrindo a porta da casa de Vovó Frost e saindo, seguindo em direção ao ponto de ônibus. Oliver deu partida no motor, colocou o SUV na marcha, e dirigiu para fora do meio-fio. Eu pisei em direção à rua, e ele acelerou, colocando seu pé, fundo no acelerador —

Meus olhos estalaram abertos novamente, e eu tive que me sentar na cama uma segunda vez. Eu sabia o que tinha acontecido dali. Oliver quase tinha me atropelado. Eu estava ansiosa em apostar que se eu tocasse o arco do Espartano, onde quer que ele estivesse, eu obteria um clarão dele mirando em mim na Biblioteca de Antiguidades.

É, talvez eu pensasse que Oliver tinha tentado me matar, mas meu estômago ainda se revirou com a certeza do conhecimento, e um amargo, amargo gosto encheu minha boca. Oliver Hector tinha tentado me matar. Bem, tinha tentado me atropelar com sua SUV no mínimo. Mas por quê? Por que ele pensou que eu diria à Kenzie sobre a paixão de Oliver por ele? Ou por que Oliver era um Ceifador? Eu não sabia, e minha cabeça começou a martelar enquanto meus pensamentos problemáticos giravam e giravam.

Quer ele fosse um Ceifador ou não, Oliver me queria morta. A pergunta real agora era: O que eu ia fazer sobre isso?

Eu coloquei as chaves de Oliver de volta, onde elas estavam e coloquei a chave cartão de Kenzie na sua mesa de cabeceira para fazê-lo pensar que ele tinha esquecido-a essa manhã. Depois eu parti do quarto dos Espartanos e puxei a porta fechada atrás de mim.

Eu fiquei ali no corredor, pensando sobre tudo o que eu tinha acabado de ver e sentir e me perguntei o que eu deveria fazer a seguir. Metis, eu pensei. Eu deveria ir contar à Professora Metis o que eu tinha aprendido. É, ela estaria irritada que eu arrombei o quarto de Oliver, mas ela escutaria quando eu dissesse a ela o que eu tinha visto quando eu peguei a chave do seu carro. Ela acreditaria em mim quando eu dissesse a ela que ele tentou me atropelar.

Enquanto eu estava de pé ali me perguntando se Metis sequer estivesse no hotel essa manhã e como rapidamente eu poderia encontrá-la, o elevador no final do corredor silvou. As portas se abriram, e Oliver saiu.

Nossos olhares se prenderam, e Oliver recuou, como se ele estivesse surpreso

em me ver no andar dos caras. Depois ele percebeu exatamente qual andar eu estava. Seu rosto se empalideceu, depois seus olhos se estreitaram. Oliver deu um passo na minha direção. Eu me virei e corri.

É, talvez eu fosse uma covarde, mas Oliver tinha tentado me matar ao menos uma vez pelo que eu sabia. Dada a expressão de raiva no seu rosto, não era muito extenso em pensar que eu bisbilhotando o seu quarto iria seriamente irritá-lo, talvez até mesmo o bastante para ele tentar novamente – bem aqui, agora.

— Gwen! Pare!

Não havia um elevador nessa extremidade do corredor, então eu bati através de uma porta e entrei na escada de emergência. Descendo, descendo, descendo, eu corri tão rápido quanto eu pude. Passos ecoaram na escada acima da minha cabeça, ficando mais alto e mais alto com cada segundo. O Espartano estava me alcançando.

— Gwen Frost! — Oliver gritou novamente, sua voz vigorosa em todo o caminho abaixo até o piso térreo e depois ricocheteando de volta ao topo da escada.

Eu não o respondi. Eu não podia ultrapassar Oliver, mas talvez, apenas talvez, eu podia despistá-lo. No quinto andar, eu parei tempo o bastante para empurrar abrindo a porta, como se eu tivesse deixado a escada e saído naquele andar. Depois eu me rastejei até o patamar do quarto andar e parei, tentando escutar o que Oliver estava fazendo apesar do sangue rosnando nos meus ouvidos e do rápido bum-bum-bum do meu coração.

Seus passos desaceleraram, então pausaram. Ele pausou e por alguns segundos, não havia nada além de silêncio. Eu fiquei tão imóvel quanto possível, mal ousando respirar com medo que o Espartano pudesse me ouvir. De tudo o que sabia, Oliver tinha sentidos reforçados, como tantos os outros garotos guerreiros prodígios tinham. Eu sabia que ele estava se perguntando se eu realmente tinha saído pela porta ou estava apenas tentando enganá-lo. Oliver foi para a porta. Eu o ouvi abrindo-a e saindo no corredor.

Eu avancei correndo para baixo nos degraus novamente. Eu tentei escutar e correr ao mesmo tempo, mas eu não ouvi nenhum outro passo soando nos degraus acima de mim. Talvez eu o tenha despistado. Eu esperava que sim. Eu alcancei o térreo da escada e me empurrei através da porta, esperando que ela se abrisse em algum lugar na enorme recepção do hotel resort.

Eu saí na zona de construção. Madeira compensada, cavaletes, poderosas

ferramentas, e lonas plásticas enchiam o espaço na minha frente. Não havia luzes aqui, apenas sombras estranhas lançadas pelo pequeno raio de sol que gotejava através dos espaços nas tábuas que estavam pregadas onde as janelas deveriam estar. O escuro, sinistro brilho cobriu tudo, como um denso, sufocante lençol. Eu estremeci.

Daphne tinha me dito que o resort estava adicionando uma nova ala, e eu tinha visto a construção por mim mesma do lado de fora quando nós chegamos aqui primeiro na Sexta de manhã. De alguma forma eu tinha entrado no meio dela ao descer a escada de emergência ao invés de pegar o elevador. Eu espiei dentro do brilho. Como eu deveria sair daqui? Eu não podia voltar e subir os degraus, não sem arriscar topar com Oliver, e eu não vi outras portas ou saídas por perto. Tudo o que eu podia fazer era ir adiante e tentar encontrar uma maneira de sair do labirinto de construção.

Eu escolhi o meu caminho através da semi-escuridão, tentando fazer tão pouco barulho quanto possível. Eu estremeci toda vez que meu tênis arranhava contra algo nas sombras. Poeira subia com cada passo que eu dava, fazendo meu nariz coçar. Eu coloquei a manga do meu casaco com capuz contra meu nariz, então eu não iria espirrar e me dar de presente, apenas no caso de Oliver ter me seguido aqui em baixo.

Eu não sei quanto tempo eu vaguei por lá, mas pareceu como se eu estivesse me movendo em círculos. Ou, que a expansão do resort era muito, muito maior do que eu percebi, e eu não tinha alcançado o final dela ainda.

Eu parei na frente de uma das janelas. Essa não tinha sido pregada com tábua tão firmemente quanto as outras, e umas duas rachaduras de luz do sol escorregavam para dentro, junto com uma explosão de ar frio invernal. Eu coloquei minhas costas na janela e fiquei ali um segundo, olhando ao redor e tentando obter orientação. Tudo bem, pareceu como se fosse uma das paredes exteriores, então se eu apenas a seguisse, eu deveria ser capaz de sair daqui mais cedo ou mais tarde. Isso fazia sentido, certo?

Além disso, toneladas de marcas de pegadas marcavam a serragem, provavelmente de todos os funcionários da construção. Eu os tinha visto, também, na Sexta de manhã, entretanto eles devem ter parado de trabalhar pelo final de semana, uma vez que eu não ouvi nenhum martelo batendo ou furadeiras choramingando. Eu me agachei e espiei as fracas marcas, tentando ver de qual direção as pegadas vieram. Talvez eu pudesse fingir que eles estavam na Estrada

de Tijolos Amarelos e os seguir bem para fora daqui.

Eu congelei, encarando uma das impressões no chão. Não era a impressão de um bota ou sequer uma feita por um tênis ou algum outro tipo de sapato. Não, essa impressão não tinha sido feita por ninguém andando aqui em baixo. Era no formato de uma pata de animal, uma que era maior do que a minha mão, com quatro coxins e quatro garras afiadas nas extremidades deles. Eu posso não ser uma garota amante da natureza, mas eu tinha visto aquele tipo de impressão de pata duas vezes antes: uma no meu livro de história-mítica e ontem na neve depois que a avalanche quase me varreu para longe.

O lobo Fenrir esteve aqui em baixo. Recentemente, pelo que pareceu. E onde o lobo estava um Ceifador não estaria muito para trás.

Apenas enquanto aquele pensamento congelante me ocorreu, eu notei uma estranha forma fora do canto do meu olho, algo que não combinava com o resto do equipamento de construção. Demorei alguns segundos apertando os olhos, mas eu finalmente percebi o que o formato era: um saco de dormir. E isso não era tudo. Um par de lanternas descansava em cima dele, junto com algumas garrafas vazias de Perrier e sacos amassados que tinham cheiro de fria, gordurosa comida. Não foi difícil descobrir que alguém tinha estado se escondendo aqui em baixo com o lobo.

Eu pensei que tivesse sido esperta de me afastar de Oliver, mas eu tinha entrado direto no meio do seu covil super secreto na zona de construção.

Estúpida, estúpida, estúpida Gwen.

Pânico me encheu, e eu me amaldiçoei. Eu tinha que sair daqui – agora. Antes que Oliver me encontrasse e dar a ordem de ataque para o seu cachorrinho assassino, em mim novamente. Eu não iria escapar, não novamente, não deles dois, não aqui em baixo no escuro.

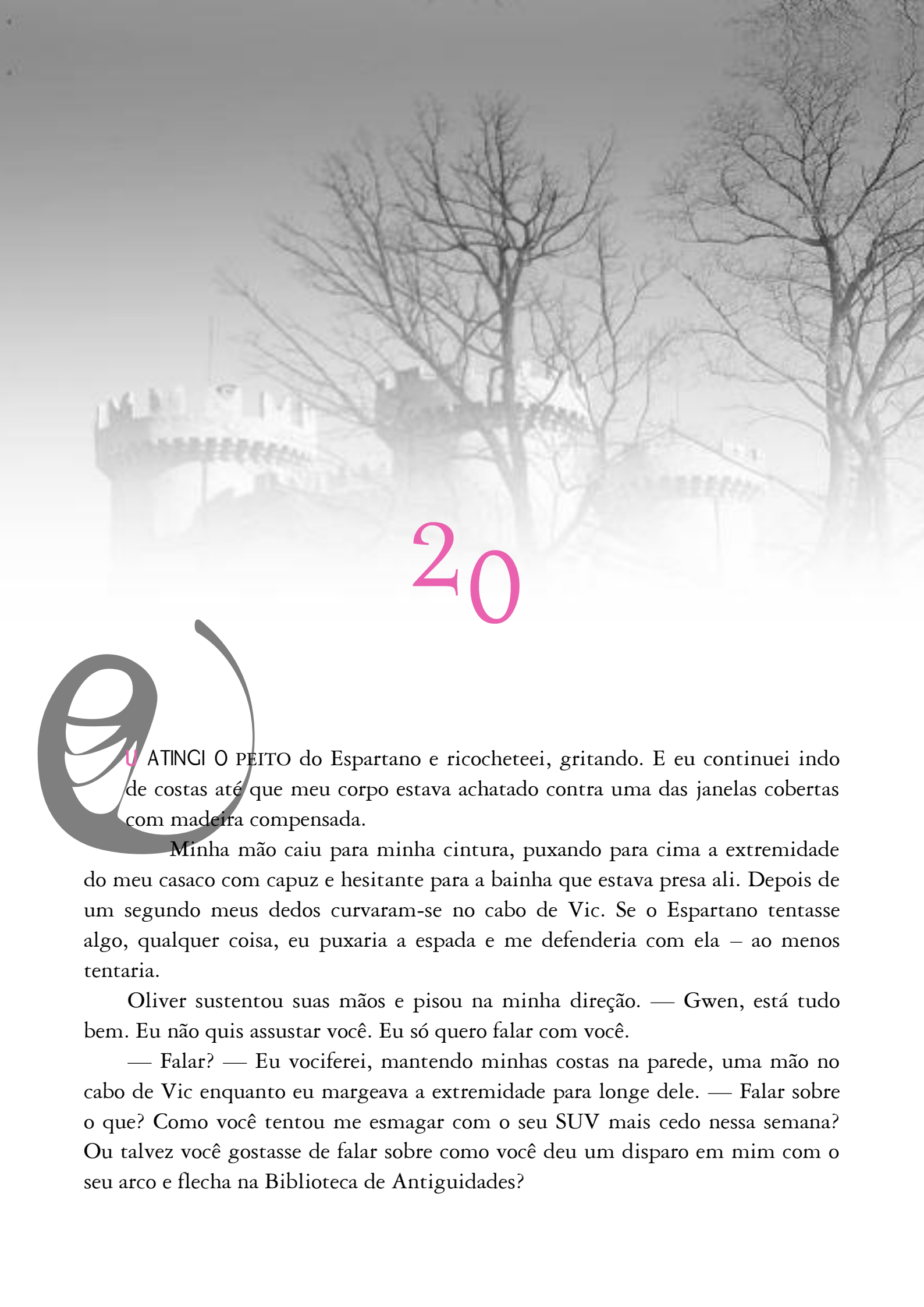
Eu corri pela zona de construção tão rápido quanto eu pude, me arremessando sobre todas as ferramentas, tábuas, e sacos de cimento, não me importando em quanto barulho eu fazia. Escapar era a única coisa na minha mente, queimando todo o resto.

Finalmente, apenas quando eu queria gritar com frustração de que eu nunca sairia do labirinto, eu percebi que ele estava ficando mais claro – e que havia um contorno de uma porta acima.

Alívio esfriou meu pânico, e eu soltei um tenso fôlego. Assim que eu atravessasse aquela porta, eu estaria segura. Eu correria pelo hotel, de volta para a

recepção; encontraria Professora Metis, Técnico Ajax, e até mesmo Nickamedes; e os diria o que estava acontecendo. Então eles poderiam seguir o Ceifador e lidar com ele.

Com meus olhos fixos na porta, eu contornei o carrinho de pedreiro e colidi direto em Oliver.



20

U ATINGI O PEITO do Espartano e ricochetei, gritando. E eu continuei indo de costas até que meu corpo estava achatado contra uma das janelas cobertas com madeira compensada.

Minha mão caiu para minha cintura, puxando para cima a extremidade do meu casaco com capuz e hesitante para a bainha que estava presa ali. Depois de um segundo meus dedos curvaram-se no cabo de Vic. Se o Espartano tentasse algo, qualquer coisa, eu puxaria a espada e me defenderia com ela – ao menos tentaria.

Oliver sustentou suas mãos e pisou na minha direção. — Gwen, está tudo bem. Eu não quis assustar você. Eu só quero falar com você.

— Falar? — Eu vociferei, mantendo minhas costas na parede, uma mão no cabo de Vic enquanto eu margeava a extremidade para longe dele. — Falar sobre o que? Como você tentou me esmagar com o seu SUV mais cedo nessa semana? Ou talvez você gostasse de falar sobre como você deu um disparo em mim com o seu arco e flecha na Biblioteca de Antiguidades?

— Culpa encheu seu rosto. — Olhe, eu posso explicar tudo isso.

— Sério? Como você pode explicar a avalanche que você causou ontem? Aquela que quase me enterrou nessa maldita montanha para sempre? Por que eu realmente, realmente gostaria de ouvir você explicar isso.

Oliver franziu o cenho. — Avalanche? Eu não causei a avalanche, Gwen.

— Eu não acredito em você. Eu não acredito em uma palavra que está saindo da sua boca. Você é um Ceifador do Caos, e você está tentando me matar. Isso é tudo o que eu preciso saber.

Oliver me encarou, preocupação marcando profundas linhas na sua testa. — Eu não sou um Ceifador! Porque você alguma vez pensaria nisso?

— Oh, eu não sei —, Eu disse em um tom sarcástico. — Talvez seja algo a ver com o fato de que você tentou me matar, *quatro vezes até agora*.

— Eu não estava tentando te matar —, Oliver disse. — Não com o meu carro e não na biblioteca. Eu estava apenas tentando assustar você um pouco. — Minhas sobrancelhas subiram no meu rosto. — Me assustar? Por quê?

— Por causa de Kenzie —, Oliver rosnou com um tom frustrado. — E pelo que você viu quando você tocou no meu caderno. Logan nos contou sobre a sua magia psicométrica e como você pode aprender os segredos das pessoas apenas por tocar coisas que pertencem a elas. Você disse algo sobre minha paixão, e eu soube que você sabia sobre Kenzie. Eu não queria que você contasse para ele, então eu fiz todas essas coisas para distrair você. Eu não estava de fato tentando ferir você, Gwen. Eu juro.

Sua boca torceu um pouco. — Logan me mataria se eu alguma vez machucasse você de propósito. Inferno, ele me mataria agora se ele percebesse o que eu fiz até agora.

Oliver pareceu e soou sincero, mas eu não sabia se eu acreditaria nele ou não. Algumas semanas atrás, eu pensei que Jasmine tinha sido brutalmente assassinada, mas tudo isso tinha sido apenas uma ilusão que a Valquíria maluca tinha criado. Quem disse que Oliver não estava encenando da mesma maneira que Jasmine tinha encenado? Eu apalpei a parede, arrastando-me para mais perto da porta, até eu ser forçada a contornar outro carrinho de pedreiro. Eu o coloquei entre mim e o Espartano. Agora, minhas costas estavam na porta, e eu mantive o meu olhar fixo em Oliver, apenas no caso dele tentar correr atrás de mim. Eu ainda tinha a minha mão no cabo de Vic, embora eu duvidasse que eu pudesse puxar a espada agora. Eu podia correr mais rápido se eu não estivesse carregando-o

na minha mão.

— Eu vou sair por aquela porta e encontrar Professora Metis —, Eu disse a Oliver. — Você pode explicar isso para ela.

Eu dei um passo para trás em direção à porta, depois outro, depois outro. Mais frustração encheu o rosto do Espartano, e suas mãos se curvaram em punhos, mas ele não fez nenhum movimento de me seguir. Talvez ele estivesse dizendo a verdade, talvez ele não fosse um Ceifador, mas eu não podia arriscar que ele não fosse. Além disso, ele já assumiu o fato de que ele tinha vindo atrás de mim com a sua SUV e disparou aquela flecha na minha cabeça. Que tipo de cara fazia coisas assim? Tudo bem, tudo bem, então talvez todos os jovens da Mythos fossem um pouco distorcidos e violentos assim, e talvez eu fosse, também, uma vez que eu tinha acabado de invadir o quarto do Espartano num pressentimento. Mas eu certamente não queria estar presa com ele no escuro, com ninguém ao redor para me ouvir gritar.

Oliver abriu sua boca, como se ele fosse dizer algo. Depois seus olhos se ampliaram. — Cuidado — Uma flecha zuniu na minha orelha e afundou no ombro esquerdo de Oliver. Sangue borrifou através do ar. Oliver gritou com dor e desabou em cima do piso de concreto, agarrando a flecha. Eu rodopiei.

Uma figura estava atrás de mim. Ele deveria ter escorregado através da porta enquanto eu estava conversando com Oliver. Sombras cobriam o seu rosto, mas eu podia claramente ver o arco em sua mão – aquele que ele tinha acabado de carregar com uma flecha nova. Ele acenou com a arma, e eu coloquei minhas mãos para cima e lentamente recuei dando a volta no carrinho de pedreiro até eu ficar perto de Oliver, que estava contorcendo-se no chão com dor.

— Pare —, a figura sombria exigiu.

Eu arfei. Eu reconheci aquela voz, sabia exatamente de quem ela pertencia. Mas por que ele estaria aqui? E por que ele atiraria em Oliver?

Preston pisou dentro de um pedaço de luz do sol e nivelou o seu arco para mim. — Você não está indo a nenhum lugar, Cigana.

Dessa vez, meus olhos foram aqueles que se ampliaram. — Preston?
— Eu perguntei. — O que está acontecendo? O que você está fazendo?

— Eu acho que é muito óbvio. Eu estou aqui para matar você —, Seu rosto bonito se distorceu em um escárnio. — Apenas como você matou minha irmãzinha. E meu nome não é Preston. Bem, não exatamente. Preston é meu nome do meio, veja você. Julian Preston Ashton.

— Sua irmã? — Eu sussurrei, gelo preenchendo o meu estômago. — Jasmine era sua irmã?

Professora Metis tinha me avisado que a família de Jasmine me culpava pela sua morte, que eles poderiam vir atrás de mim. A própria Jasmine tinha me dito que ela e o resto da sua família eram Ceifadores. Agora um deles tinha vindo colecionar.

— Não diga o nome dela! — Preston gritou. — Você não ouse dizer o nome dela, sua vadia Cigana!

Preston nivelou o arco no meu rosto, e por um segundo eu pensei que ele fosse puxar o gatilho. Mas então ele se acalmou e abaixou a arma alguns centímetros – mirando no meu coração ao invés. Não muito de um avanço.

— Você realmente achou que poderia matar minha irmã – matar um Ashton, matar um Ceifador – e se safar com isso? — Preston rosnou.

Eu engoli, mas um duro caroço de medo encheu a minha garganta. — Jasmine – Jasmine tentou me matar primeiro. Eu só me defendi.

Eu não disse nada sobre o fato de que Logan foi realmente aquele que matou Jasmine, que o Espartano tinha sido aquele a colocar uma lança através do peito dela. Eu não queria colocá-lo em perigo, também. Além disso, Preston não acreditaria em mim de qualquer maneira.

Preston gargalhou, e um áspero, som zombador tremeu contra as paredes, de alguma forma escurecendo todas as sombras a nossa volta. — Eu não me importo com o que você fez. Você matou minha irmã, e agora você vai pagar por isso.

Ele inclinou sua cabeça para um lado, me estudando. — Tudo o que restou é decidir o quanto eu quero fazer você sofrer enquanto isso.

Suas palavras me congelaram aos ossos, por que eu sabia que ele as disse a sério. Ele estava apenas tão determinado a me matar como Jasmine tinha estado em sacrificar Morgan à Loki. Eu me perguntei se Preston faria a mesma coisa comigo. Se ele me apunhalaria aqui em baixo na serragem e no concreto, entoaria algum canto mágico surreal, e dedicaria minha morte ao deus do mal que ele servia antes dele colocar uma flecha atravessada no meu crânio.

O doente, horrível pensamento me fez querer vomitar, mas eu me forcei a apenas respirar – dentro e fora, dentro e fora, como minha mãe tinha me ensinado. Eu não podia me entregar ao pânico. Se eu fizesse isso, eu já estaria morta. Calma, eu tinha que ficar calma, e eu tinha que *pensar*. Essa era a única maneira que eu ia sair disso com vida.

Meus olhos tremularam para baixo, mas Oliver tinha parado de gritar. Agora, o Espartano deitava imóvel aos meus pés. Uma ampla piscina de sangue tinha se formado sob seu ombro esquerdo, misturando-se com a serragem no piso. Eu não sabia se o Espartano estava morto ou não, e eu não ousei me inclinar para baixo para verificar. Não com Preston ainda mirando o seu arco em mim.

— Não se preocupe com ele —, Preston zombou. — Como eu disse a você antes, arco e flecha não é de fato minha coisa, mas essa é uma ferida bastante feia. Se ele não estiver morto na hora em que eu acabar com você, eu colocarei outra flecha através do crânio dele e terminarei com ele. Realmente, isso irá funcionar até mesmo melhor do que eu planejei. Eu farei isso parecer como se vocês dois lutaram e se mataram. Dessa forma, ninguém estará me perseguindo depois do fato.

Pense, Gwen, pense!

Tudo bem, então Oliver não podia ajudar, uma vez que ele estava tão pessimamente machucado, mas eu tinha que fazer algo para tentar nos salvar. Eu tinha que manter Preston falando enquanto eu descobria algum tipo de plano.

— Por que agora? — Eu perguntei, molhando meus lábios. — Por que você decidiu me matar agora? Por que esperar todas essas semanas?

O rosto de Preston se endureceu com raiva. — Por que depois da morte de Jasmine, depois deles descobrirem que os Ashton eram Ceifadores, os membros do Panteão começaram a nos caçar, então eles podiam nos jogar dentro de uma das suas patéticas pequenas prisões. Eu tive que deixar a escola de Atenas, e meus pais tiveram que ir se esconder. Além disso, eu não podia chegar até você na academia. Eu tinha visitado Jasmine ali antes, e eu não podia arriscar que alguém me reconhecesse. Como a sua amiga Daphne.

Todos os tipos de imagens dos dois últimos dias encheram a minha mente. Preston sempre em pé perto da parede da recepção. Eu nunca o vendo com mais ninguém, mesmo embora ele sempre afirmasse que ele estivesse encontrando amigos. O fato de que ele sempre desaparecia quer Daphne ou Carson aparecesse. A Valquíria me dizendo que ela não viu o seu perfil e foto com o resto das fotos dos alunos na web site da academia de Nova Iorque.

Algo sussurrou aos meus pés, e eu localizei Oliver lentamente, lentamente deslizando sua mão para baixo junto do piso. Alívio inundou meu corpo, afugentando algo do pavor gelado. O Espartano não estava morto ainda, mesmo embora seus olhos estivessem fechados e ele estava agindo como se estivesse.

Eu foquei a minha atenção em Preston novamente, determinada a manter o Ceifador falando por tanto tempo possível. Determinada em mantê-lo olhando para mim e não para Oliver. Eu não sabia o que o Espartano estava tramando, mas eu ia dar a ele uma chance de fazer isso.

— Então foi tudo uma mentira —, Eu disse, balançando-me para frente nos meus calcanhares, para que Preston não notasse o fato de que Oliver estava cavando no bolso da sua jaqueta por algo. — Você me paquerando e conversando comigo todas essas vezes, pedindo-me para almoçar. Você esteve tentando me pegar sozinha todo o final de semana, apenas assim você poderia me matar. E você esteve ficando aqui em baixo, também, não esteve? Aqui na sessão de construção, desde que todos os quartos estavam alugados para os alunos da Mythos e funcionários pelo final de semana.

Preston assentiu. — É, muito bem. Eu ia matar você naquela primeira noite, bem do lado de fora da festa, mas então aquele seu namorado Espartanozinho saiu e ficou no meio das coisas.

Eu envolvi meus braços ao redor do meu peito, sentindo-me dormente e congelada do lado de dentro. Cada palavra que Preston disse apenas adicionou ao gelo correndo através das minhas veias. Eu me lembrei de como feliz eu estive que Preston estava me paquerando naquela noite, como ansiosa eu estive por segui-lo contornando a lateral do prédio para que nós pudéssemos ficar. Preston poderia ter me beijado, mas ele continuaria com isso ao empurrar uma adaga através do meu coração. Eu estava tão irritada com Logan por se intrometer, mas o Espartano tinha salvo minha vida. Se eu sáísse disso com vida, eu iria contar a Logan tudo isso, e que eu sentia muito – por *tudo*.

— E a avalanche? — Eu perguntei. — Você me mandou mensagem de texto e pediu para eu me encontrar com você no hotel, para o que exatamente – você poderia se certificar que eu estava descendo a montanha naquela hora?

— Bem, sim. — Preston rolou seus olhos. — Eu só tinha explosivos suficientes para uma tentativa. Eu não queria desperdiçá-los.

— E o lobo Fenrir?

Ele encolheu de ombros. — Eu o tinha para seguir você pelos declives e manter um olho em você. Eu imaginei que se a avalanche não pegasse você, então o lobo terminaria com o serviço. Mas o estúpido cachorro se feriu ao invés.

Preston olhou para sua esquerda e soltou um assobio agudo. Uma sombra que eu não tinha notado antes se destacou da parede e veio até ele. O lobo Fenrir

caminhou perceptivelmente flácido, embora uma atadura cobrisse a sua perna onde o galho de árvore tinha espetado. Coisa de Preston, eu imaginei. Tão estranho quanto isso era, eu estava feliz em ver que o lobo estava bem. Não era culpa da criatura que Preston era um Ceifador maníaco que queria me assassinar.

— Cachorro inútil —, Preston rosnou.

O lobo abaixou sua cabeça, mas eu vi seus olhos vermelhos se estreitarem um pouquinho. Eu não sei quanto das palavras de Preston a criatura entendia, mas o lobo não pareceu gostar do Ceifador mais do que eu gostava. Então por que ele o obedecia? Que tipo de influência Preston tinha sobre ele?

Enquanto Preston olhou para a criatura, eu olhei abaixo para Oliver. De alguma forma o Espartano tinha tirado o seu celular do bolso da sua jaqueta. Seus olhos cheios de dor flutuaram abertos, e ele olhou para mim. Eu assenti, dizendo a ele para fazer o que quer que ele estivesse tentando fazer. Que eu manteria Preston vangloriando-se por tanto tempo eu pudesse. Com dedos ensanguentados e trêmulos, Oliver apertou um botão no celular, depois mais outro. Eu pisei na frente dele, para que Preston não visse a luz da tela brilhando na semi-escuridão.

— Como você sequer sabia que eu estaria aqui no resort de esqui para começar? — Eu perguntei. — Você se arriscou muito vindo até aqui de onde quer que você estivesse se escondendo.

Ele encolheu de ombros. — Todos sempre vêm ao Carnaval de Inverno. É uma tradição na Mythos Academy.

Eu poderia ter gargalhado com a ironia. Daphne disse essas mesmas palavras para mim mais cedo essa semana, mas eu não tinha realmente acreditado nela – ou sabido que tal tradição iria provavelmente me matar. No chão, Oliver apertou mais alguns botões no seu celular.

Desesperada para dar a ele mais tempo, eu olhei de volta para Preston. — Mas e sobre —

— Chega! — Preston vociferou. — Pare de falar. Seu choramingo está me deixando louco. Encare isso, Cigana. O Espartano está morrendo, e você está aqui em baixo completamente sozinha comigo e com o lobo. Você não vai sair daqui com vida.

Preston me encarou, seus olhos azuis brilhando com ódio, seu rosto bonito distorcido com algo sombrio, feio, e mal. Então ele ergueu o arco até ele estar nivelado com minha cabeça e puxou o gatilho.



21

t

UDO ACONTECEU DE UMA VEZ.

Eu mergulhei para a minha direita, Preston puxou o gatilho no arco, e o lobo Fenrir esbarrou na sua lateral, fazendo Preston tropeçar. Eu não sei se a criatura fez isso de propósito ou não, se ela estava tentando me ajudar ou não, mas o lobo estragou com a mira do Ceifador e a flecha zuniu sobre minha cabeça e desapareceu na semi-escuridão.

Eu lutei para ficar de pé. Por um segundo eu pensei sobre correr, sobre ir tão distante de Preston quanto eu pudesse. Então meu olhar caiu para o chão, onde Oliver ainda deitava, mais e mais sangue empoçado debaixo dele enquanto ele se atrapalhava com o seu celular. É, talvez o Espartano tivesse me assustado, mas eu não podia deixá-lo ali embaixo, desamparado e indefeso com uma flecha farpada saindo do seu ombro.

Então eu fiz a única coisa em que eu pensei: eu puxei Vic da bainha de couro

amarrada na minha cintura.

— Bem, já não era a sangrenta hora —, Vic murmurou, olhando para mim com seu olho púrpuro. — Eu estava me perguntando se você tinha se esquecido sobre mim, Gwen.

É, eu meio que tinha um pouquinho, mas eu não ia admitir isso a ele.

— O que eu deveria fazer? Sacar você na frente de Preston? — Eu assobieei. — Minhas mãos estavam acima no ar, no caso de você não ter notado. E Alô, ele tem um arco mirado na minha cabeça. Arco derrota espada nesse caso.

Vic apenas fungou.

— Oh, olhe, a Cigana tem uma espada —, Preston disse em uma voz divertida. — Uma coisa boa que eu também tenho.

Um distinto, estridente sussurro de metal deslizando de uma bainha fez meu coração tombar como uma pedra dentro do meu peito. Eu rodopiei e ergui Vic. Preston tinha subido de volta aos seus pés e puxado a sua própria espada. Ele deveria ter estado usando uma arma debaixo do seu longo, fluido, preto casaco. A beirada da lâmina tocou um das fissuras da luz do sol. Talvez fosse minha imaginação, mas o metal pareceu piscar para mim, mesmo enquanto ela assumia uma ensanguentada, avermelhada tonalidade. Eu estremeci e intensifiquei meu aperto em Vic.

Preston andou mais perto de mim, escolhendo o seu caminho através dos detritos da construção e despreocupadamente oscilando sua espada de um lado ao outro. — Você sabe, eu meio que agradeço ter errado você com aquela flecha —, ele assobiou. — Será muito mais divertido cortar você em pedaços.

Eu realmente, *realmente* queria gritar, largar Vic, virar e correr. Mas eu não podia deixar Oliver à mercê do Ceifador. Além disso, Preston iria apenas me apunhalar por trás, de qualquer forma. Tudo o que eu podia fazer era ficar e lutar — ou ao menos tentar.

Eu olhei passando por Preston, me perguntando o que o lobo Fenrir estava fazendo. A criatura sentava em suas ancas, como se ele fosse uma antiga estátua que tivesse sido congelado no lugar, como um dos grifos do lado externo da Biblioteca de Antiguidades. Seus olhos vermelhos encontraram os meus. Algo como tristeza cintilou no seu olhar, e ele soltou um baixo ganido. Eu poderia ter ajudado o lobo durante a avalanche, mas eu soube que eu não poderia contar com ele para vir me resgatar. Não novamente, não aqui, não contra o seu mestre. Atrapalhando a mira de Preston era a única adição que o lobo ia me dar. Eu só

tinha que me certificar que fosse o bastante.

Preston olhou para mim, assimilando minha postura e focando na espada balançando para cima e para baixo em minhas mãos trêmulas. Um cruel, cruel, sorriso curvou no seu rosto. E então ele atacou.

Clang-clang-clang!

Preston se lançou para mim, seus movimentos um borrão sombrio na semi-escuridão. Talvez algo do meu treinamento de armas tinha finalmente se assimilado, por que eu fui capaz de defender seus golpes. Mas Preston era dois anos mais velho que eu, quinze centímetros mais alto, e totalmente rasgado com músculos. Sem mencionar o fato de que ele era um Viking. Ele era mais forte do que eu era — tão mais *forte* — seus golpes abalaram do meu pulso, em todo o caminho subindo até meu ombro. Cada ardência, toque zumbido da sua espada ameaçaram arrancar Vic das minhas mãos. Eu podia sentir a boca de Vic movendo-se debaixo da minha palma, tentando gritar palavras de encorajamento, mas eu tinha um aperto tão mortal no seu cabo que minhas mãos abafaram sua voz.

— Nada mal — para uma criança de cinco anos de idade que acabou de ganhar a sua primeira espada de brinquedo com o que brincar —, Preston zombou. — Eu não posso acreditar que você é a suposta Campeã de Nike. Comece a dizer suas preces para aquela estúpida deusa que você serve, Cigana, por que você não vai durar mais outro minuto.

Eu pisquei. — Como você sabe que eu sou a Campeã de Nike? Eu nunca contei a você antes.

Daphne, Professora Metis, e Vovó Frost eram as únicas pessoas que sabiam da verdade. Bem, elas e Vic, claro.

Os olhos de Preston se estreitaram, e algo vermelho e mal cintilaram à vida nas profundezas do seu olhar. — Oh, nós sabemos tudo sobre você, Gwen Frost, e o que você deveria fazer.

O que eu deveria fazer? Mas que diabos ele estava falando? Eu não tive tempo de pensar sobre isso antes dele se disparar para mim novamente.

Clang-clang-clang!

Eu consegui bloquear todos os seus ataques mais uma vez, entretanto eu estava arfando do esforço. Suor ensebava minhas palmas, e meus braços pareciam pesados e lentos, como pesos de chumbo amarrados aos meus ombros. Eu não sabia quanto tempo mais eu poderia impedir Preston de me atravessar com a sua

espada. Ele estava certo. Eu não duraria mais outro minuto.

Ele veio para mim uma terceira vez, sua espada assobiando pelo ar, ficando mais perto e mais perto do meu pescoço com cada golpe até —

CLANG!

Preston finalmente rompeu através das minhas defesas. Ele bateu sua arma na minha tão forte que eu perdi meu aperto em Vic, e a espada navegou para dentro das sombras.

Eu avancei para dar o bote nele, mas Preston me agarrou pelo meu cabelo. Eu gritei e então soquei e o arranhei, mas ele apenas gargalhou dos meus fracos golpes. Preston me arrastou para trás, depois me lançou para frente. Eu tropecei sobre um dos sacos de cimento no chão e bati forte na parede. Minhas pernas deslizaram-se debaixo de mim, e eu aterrissei em uma pilha.

Antes que eu pudesse sequer pensar sobre me mover, Preston estava em cima de mim, sua espada três centímetros de distância da minha garganta. Eu mantive minha cabeça perfeitamente imóvel, mal ousando respirar.

— Como eu disse —, Preston zombou. — Nem sequer mais um minuto.

Um clarão de movimento captou meus olhos, e uma sombra partiu da parede, rastejando mais perto e mais perto de Preston.

O Ceifador olhou abaixo para mim e franziu o cenho. — Para onde você está sorrindo? Eu estou para cortar a sua garganta, sua estúpida Cigana.

— Nada demais —, Eu balbuciei. — Só para o meu herói.

Logan emergiu da escuridão. O Espartano colidiu em Preston, nocauteando o Ceifador e sua espada para longe de mim. Eles dois caíram no chão, socando, chutando, e rolando sobre tudo no seu caminho. Oliver deve ter mandado uma mensagem de texto para Logan e dito a ele o que estava acontecendo. Essa era a única razão que eu poderia pensar no motivo dele estar aqui em baixo agora. Apesar do fato que Oliver tivesse feito o melhor para me assustar, eu estava *totalmente* perdoando-o por tudo.

— Vic! — Eu gritei.

— Aqui! Bem aqui!

Eu lutei para ficar de pé e segui o som da voz da espada. Eu arranquei Vic de uma pilha de serragem de onde ele tinha aterrissado. Fora do canto do meu olho, eu localizei um martelo em um dos cavaletes, então eu o agarrei, também, depois me virei e corri de volta para o outro caminho, para que eu pudesse ajudar Logan.

O Ceifador e o Espartano tinham, os dois, ficado de volta de pé e estavam

lentamente circulando um ao outro. Olhos estreitos, rostos tensos, lábios retraídos em silenciosos rosnados. Logan tinha seus punhos erguidos, enquanto Preston estava fazendo aquela irritante, coisa de balançar a sua espada novamente.

Pow! Pow! Clang!

Eles dois se colidiram. Logan pousou dois socos sólidos no rosto de Preston, mas o Ceifador atacou com sua espada, fazendo Logan pular para trás. E foi nele. Quanto mais eu assistia, mais preocupada eu ficava. Preston tinha sua força Viking para invocar, e ele era um bom lutador, quase tão bom quanto Logan. Eu não tinha estado tanto tempo na Mythos Academy, mas até mesmo eu podia dizer isso.

E mais, Preston tinha uma espada e Logan não tinha. Isso era o que estava fazendo a balança pender a favor do Ceifador. Logan apenas não podia chegar perto o bastante para fazer muito estrago em Preston, não sem ser cortado no processo. Eu fiquei ali e mordi meu lábio, engolindo meus gritos, não ousando fazer ou dizer nada que distrairia Logan.

Pow! Pow! Clang!

Eles dois se encontraram novamente, e Preston cortou sua espada pelo ar. Dessa vez, Logan não foi muito rápido, e a lâmina cortou transversalmente na sua perna, abrindo uma profunda, profunda ferida. Ele cambaleou para trás, e Preston ergueu sua espada para o golpe fatal.

— Logan! — Eu gritei.

Adrenalina, preocupação, e medo por Logan surgiram através das minhas veias, bloqueando todo o resto. Eu não pensei — eu só agi. Eu me lancei entre eles, ergui minha espada, e a balancei para Preston. Claro, ele bloqueou meus golpes desajeitados. Preston gargalhou para mim. — Desculpe, Cigana. Eu vou matar o seu namorado, e depois eu vou matar você — e não há nada que você possa fazer para me impedir.

— Cale a boca, Ceifador —, Eu rosnei.

E foi quando eu estalei minha mão esquerda e bati nele no rosto com o martelo que eu tinha pegado. Preston gritou e cambaleou para trás. Eu o segui e bati nele novamente, rachando o martelo sobre o seu crânio tão forte quanto eu pude. Ele tropeçou sobre duas caixas de 2x4 centímetros, e caiu primeiro com o rosto em cima de uma pilha de sacos de cimentos.

Eu não olhei para ver o quanto ruim eu o tinha ferido antes de eu largar o martelo e correr de volta para o lado de Logan. Ele tinha caído em um joelho no

chão ao lado de Oliver. Logan colocou seu braço debaixo do ombro de Oliver, tentando ajudar seu amigo a ficar de pé, mas Logan estava tão fraco para fazer isso com o profundo corte na sua perna.

— Deixe-me —, Oliver sussurrou, seu rosto branco, os tendões do seu pescoço apertados com dor. — Vão. Se salvem.

— Espartanos nunca se deixam para trás —, Logan falou roucamente, e tentou erguer o seu amigo novamente. — *Nunca*, se lembra?

Mais uma vez, ele falhou. No meio da pilha de sacos de cimento, Preston soltou um baixo rosnado. O lobo Fenrir permaneceu onde ele estava na frente da porta, bloqueando nossa escapada e observando todos nós com seus brilhantes olhos vermelhos.

— Faça-o ir, Gwen —, Oliver disse, implorando para mim. — Ou o Ceifador irá matar todos nós.

Logan agarrou o seu amigo novamente, mas Oliver arrancou suas mãos e desabou de costas em cima do chão. Bancando o morto, o que era a única coisa que ele poderia fazer agora, a única maneira que ele poderia se proteger.

Preston gemeu novamente. O Ceifador se levantou em cima das suas mãos e joelhos.

— Vamos! Vamos! Vamos! — Eu gritei para Logan.

Eu coloquei meu braço sob o ombro de Logan e o levantei aos seus pés. Depois eu arrastei o Espartano para longe de Oliver, Preston e do lobo, seguindo de volta para dentro da obscuridade do canteiro de obras.

Eu não sei quanto tempo eu corri através do local, navegando ao redor de todas as pilhas de ferramentas e madeiras e me movendo de um corredor meio terminado ao outro. Tudo o que eu podia pensar era afastar Logan de Preston antes que o Ceifador o matasse ou desse a ordem ao lobo Fenrir para matar nos dois. O Espartano mancava ao meu lado, e eu aceitei o seu peso tanto quanto eu pude no meu ombro esquerdo. Eu carreguei Vic na minha outra mão.

— Pare, Gwen, pare! — Logan finalmente disse. — Eu tenho que parar e estancar a ferida. Eu estou perdendo muito sangue.

Eu não queria parar por nada, mas eu sabia que ele estava certo. Então eu o ajudei a sentar-se em uns dois sacos de cimento que estavam empilhados em cima um do outro. Eu abri meu casaco com capuz e o tirei, passando-o para ele.

Logan pegou a jaqueta e usou Vic para rasgar o tecido em umas duas tiras longas. Ele rapidamente as envolveu ao redor da sua perna, prendendo-as com

uma série de nós apertados. Sangue do corte já tinha ensopado o seu jeans, transformando-o em mais preto do que azul. Meu estômago revirou. Tanto sangue.

— Você pode continuar? — Eu sussurrei. — Nós temos que sair daqui.

— Eu acho que sim.

Logan tentou se levantar e imediatamente se sentou novamente, mordendo de volta um grito de dor. Suor rolou na sua testa, e seus lábios eram uma fina mancha branca no seu rosto. As tiras de tecido, que ele tinha acabado de amarrar na sua perna, já estavam transformando-se em um marrom feio enquanto o sangue as ensopava.

— Me desculpe —, ele disse roucamente. — Eu não acho que eu posso andar mais além. Continue, Gwen. Saía daqui. Corra. Antes que ele encontre nós dois.

Eu neguei com a minha cabeça. — Nós já deixamos Oliver para trás. Eu não vou deixar você, também.

Logan agarrou meus ombros e me sacudiu. — Me escute! Isso não é como aquela noite na Biblioteca de Antiguidades. Eu tinha armas naquele momento. Tudo o que nós temos agora é a sua espada, e eu estou preso com uma perna imprestável. Não há forma que eu possa derrotar Preston assim. Ele quase é tão bom quanto eu, e nós todos sabemos disso.

— Escute o Espartano, Gwen —, Vic interrompeu. — Vá e consiga ajuda. Eu ficarei aqui com ele. Nós daremos tempo para você se afastar.

— Cale a boca, Vic —, Eu vociferei. — Eu não vou a nenhum lugar. Fique quieto e me deixe pensar um segundo.

Logan franziu o cenho e olhou ao redor, provavelmente se perguntando com quem eu estava falando desde que ele não sabia sobre Vic. Eu ignorei o Espartano e sua confusão. Ao invés, eu andei para frente e para trás, meus tênis lançando jatos de serragem nas sombras. Pensando. Logan não podia derrotar Preston, não agora, não com sua perna cortada, e eu simplesmente não tinha as habilidades para ficar de igual para igual com o Ceifador e vencer. Preston tinha dito que eu era como uma criança de cinco anos de idade com uma espada de brinquedo, e ele estava certo.

Então o que eu ia fazer? Se apenas eu fosse aquela que Preston tinha ferido ao invés de Logan. Eu poderia ter dado Vic para Logan e deixado o Espartano usar todos os seus anos de treinamento, conhecimento, e habilidades de luta para derrotar o Ceifador. Se eu tivesse tido mais treinamento, se eu soubesse como

realmente usar uma espada por mim mesma, então eu enfrentaria Preston em um batimento cardíaco. Mas eu não tive, e não havia como contornar isso.

Se você pode usar minhas memórias com arco e flecha, por que você não as usa para ajudar com algo mais? Eu sei que estou certa sobre isso. Eu sempre estou certa.

As palavras de Daphne sussurraram na minha mente, e eu voltei para aquele primeiro dia no ginásio quando eu pensei sobre a Valquíria, quando eu convoquei suas memórias e as usei para colocar minhas flechas no centro do alvo. Eu tinha feito a mesma coisa novamente na Sexta, quando eu obtive clarão de Daphne enquanto e usei aquelas imagens para me ajudar a descer o primeiro declive de iniciantes e depois os maiores. Uma louca, louca ideia veio para mim a seguir, uma forma de que eu pudesse impedir Logan e a mim de sermos mortos, talvez a *única* maneira de que eu pudesse impedir isso de acontecer.

Eu me agachei na frente de Logan — Me escute, nós dois sabemos que você não pode lutar com Preston com sua perna ferida, e eu não posso derrotá-lo sozinha. Mas talvez nós possamos impedi-lo juntos.

— O que você quer dizer?

Eu rapidamente contei a Logan sobre essa coisa nova que eu aprendi como fazer com minha psicometria.

— Então você quer me tocar e assimilar as minhas memórias de todas as batalhas que onde eu estive e todos os treinamentos de armas que eu tive. Depois você quer usá-los para lutar com Preston sozinha? — Logan perguntou depois de eu explicar tudo.

Eu estremeci. Isso soou completamente louco quando ele disse em voz alta assim. — Mais ou menos.

Logan pensou sobre isso um segundo. — Eu acho que é uma das coisas mais malucas que eu já ouvi — e uma das mais brilhantes. Vamos fazer.

Eu pisquei. — Você... acredita em mim? Você de fato acha que isso vai funcionar?

— Eu acho que você é uma das pessoas mais espertas e mais corajosas que eu conheço —, Logan disse. — Eu confio em você, garota Cigana. Se você acha que irá funcionar, então eu sei que irá.

Certeza brilhou no seu olhar azul gelado, e sua voz soou com uma absoluta, firme confiança. A crença inabalável do Espartano em mim, que eu podia de fato usar minha magia para nos tirar dessa bagunça, fez quentes lágrimas arderem nos

meus olhos. Emoção entupiu minha garganta, fazendo difícil respirar. Eu assenti e estiquei minha mão na direção dele.

Logan sustentou sua própria mão, sinalizando para eu parar. Ele olhou para mim um segundo, depois me deu um sorriso torto.

— Vamos, garota Cigana. Eu estou sangrando até a morte aqui, no caso de você não ter notado. Ao menos faça valer a pena para mim e me beije antes de eu morrer.

Apesar da situação, meu coração se levantou com suas palavras, e eu me encontrei sorrindo de volta para ele. Eu queria beijá-lo. Eu queria isso mais do que tudo, especialmente desde que essa poderia ser a última chance de eu alguma vez conseguir fazer isso. Mas eu queria me certificar que Logan soubesse o que ele estava fazendo – e o que poderia acontecer quando eu o tocasse.

— Você tem certeza? — Eu sussurrei. — Eu não — eu não sei o que eu possa ver, e eu sei que há algumas partes de você que você quer que permaneçam... escondidas. Que você tem... segredos que você quer manter para você.

Logan assentiu. — Eu tenho certeza.

Eu o encarei. — Tudo vai ficar bem, eu prometo. Sem importar o que eu veja ou sinta. Você ainda será Logan, e eu ainda serei a sua garota Cigana.

Ele me encarou de volta, seus olhos tão brilhantes quanto estrelas azuis no seu duro, rosto preenchido de ódio. — Eu sei que será, Gwen. Eu sei que será. Agora cale a boca e me beije antes que eu desmaie.

— Bem, quando você coloca as coisas assim, como uma garota pode resistir? — Eu brinquei de volta.

Antes que eu pudesse pensar muito sobre o que eu estava para fazer, eu me inclinei para frente e pressionei meus lábios nos dele.



22

A S SENSações e as imagens imediatamente me sobrecarregaram. Tocar Logan, sentir sua pele contra a minha, obtendo clarões dele com minha magia. Foi tudo apenas – apenas – *elétrico*. Ele era tão forte, tão cheio de vida, tão engraçado e louco e irresponsável. A força do Espartano inundou meu coração e mente, mesmo enquanto seus braços arrastavam-se ao redor da minha cintura e me atraíam para mais perto. Seu espírito me deu novo poder, energia, e esperança.

Os lábios de Logan eram firmes contra os meus, e o beijo foi tudo que eu sequer sonhei que seria. Caloroso, carinhoso, e sexy. Eu abri minha boca, e nossas línguas se tocaram, lentamente acariciando uma contra a outra. Por um momento eu só me deixei aproveitar o beijo, apenas me deixei saborear a sensação da sua boca quente na minha, na sensação do seu duro, corpo musculoso contra o meu.

Estar tão perto de Logan, me fez ficar tonta e sem fôlego, mas eu me forcei a

me focar. Eu me concentrei no Espartano, indo além daquela louca desordem de desejo e ansiedade, e procurando pelas memórias que eu precisasse para nos ajudar a sobreviver. Eu podia sentir a concentração de Logan também, tentando se lembrar de cada bocado da sua luta e conhecimento com armas e trazê-las à superfície da sua mente, para que eu fosse capaz de vê-las, me lembrá-las e usá-las.

Meu plano funcionou.

As memórias se derramaram dentro da minha mente, e centenas de imagens piscaram, uma após a outra. Logan usando armas, varas, lanças, e armas que eu nem sequer sabia os nomes. O Espartano duelando com outros alunos da Mythos na aula de educação física e quase sempre vencendo. Ele batalhando com jovens do lado de fora do ginásio, de verdade, e vencendo todos os correspondentes, também.

Até mesmo Logan lutando com o gatuno de Nemean na Biblioteca de Antiguidades na noite em que Jasmine tentou me matar. A força de Logan berrou à superfície então, junto com sua ferocidade e orgulho de superar algo tão perigoso quanto o gatuno.

Era como se uma luz estalasse no interior da minha cabeça. Subitamente, eu vi tudo o que eu estava fazendo durante nossas simuladas lutas no ginásio. Todos os erros desleixados que eu cometi, todas as óbvias fraquezas que eu tinha, todas as formas fáceis que Logan tinha sido capaz de me “matar” repetidas vezes. E eu percebi o que eu tinha que fazer para derrotar Preston, o que eu tinha que fazer para nos salvar.

Eu estava para me afastar quando as memórias de Logan de luta desapareceram, e uma diferente pulou dentro da minha cabeça. Eu deveria ter terminado o beijo em seguida, mas eu não terminei.

Mesmo embora eu soubesse que fosse errado da minha parte, eu ainda queria ver a imagem. Eu queria saber tudo que houvesse para saber sobre Logan. Eu queria aprender que profundo, sombrio, segredo ele tinha tão desesperadamente que esconder de mim.

Nessa memória, Logan era um menininho, apenas cerca de cinco anos de idade. Mesmo naquela época ele era bonitinho, com grandes olhos azuis e um espanador desganhado de cabelo preto. Mas a memória não era uma feliz – nenhum pouco. Logan encolhido no chão de um grande armário, escondido nos fundos, atrás de uma prateleira de roupas. Gritos soaram do lado de fora da porta fechada, e sombras se deslocaram e rodopiaram no outro lado das amplas ripas.

Logan apertando uma pequena espada de metal em suas mãos, mas ele não a estava usando. Ele queria, entretanto. A urgência de sair do armário fez o seu coração martelar, mas ele estava com tanto medo dos gritos, tão assustado pelas sombras, que ele congelou no lugar.

A imagem abruptamente mudou e sangrou em outra memória. Logan em pé sobre dois corpos, uma mulher e uma garota que era alguns anos mais velha do que ele. *Sua mãe e sua irmã*, uma voz sussurrou na minha mente. Elas estavam mortas, suas gargantas cortadas, e sangue cobria o chão por todo o redor delas, cobrindo seus rostos. Tanto sangue. Logan ainda apertava sua espada na sua mão. Com raiva, ele a lançou para longe, depois se deitou entre sua mãe e sua irmã, não se importando que ele estava adquirindo seu sangue por ele todo. Lágrimas riscavam seu pequeno, pálido rosto, e depois, ele começou a gritar. Logan se lançou para trás, rompendo o beijo, quebrando nossa conexão. Eu teria caído para trás, se ele não tivesse me pegado e me embalado nos seus braços.

— Gwen? — Logan sussurrou contra minha bochecha — Você está bem? O que você viu?

Eu vi por que parte de você é tão triste, eu pensei. *Por que você não me deixa chegar perto de você, por que você uma vez perdeu as pessoas pelas quais você se importava mais*. Mas eu não disse as palavras. Eu só... não podia. Não agora. Mais tarde. Nós iríamos... conversar sobre isso mais tarde. Se nós tivéssemos um mais tarde.

Eu neguei com minha cabeça, olhando no seu duro rosto. — Eu lhe darei isso, Espartano. Você com certeza sabe como beijar. Sinta-se livre para deitar a qualquer hora que você desejar.

Por um segundo alívio piscou nos seus olhos – alívio de que eu não tivesse descoberto o seu segredo. Que eu não tinha visto o sangue e corpos que o caçavam. Então Logan sorriu. — Bem, eu faço o melhor para ajudar —, ele falou pausadamente. — Você deveria ver o que eu posso fazer com minhas mãos. E outras partes do meu corpo. — Eu rolei meus olhos. — Sério? Você foi cortado como um peixe, há um Ceifador psico-assassino atrás de nós, e você ainda está me convidando para sexo?

Logan encolheu de ombros, mas a luz diabólica não desapareceu do seu olhar. — Hei, você não pode culpar um cara por tentar.

— Certo. Nós vamos conversar sobre isso mais tarde. Agora, vamos —, Eu disse. — Eu tenho uma ideia.

Eu fiquei atrás da porta e esperei por Preston Ashton vir me matar.

Eu não tive que esperar muito. Eu mal fiquei na posição quando passos se arrastaram, e uma sombra apareceu na extremidade distante do corredor meio-terminado.

— Cigana... — A voz de Preston ecoou através da semi-escuridão da zona de construção. — Oh, Cigana... eu estou indo matar você...

Eu cerrei meus dentes e agarrei Vic apertado. Eu sabia que Preston estava tentando me assustar, mas eu ainda podia ouvir a loucura na sua voz, alto e claro. Como eu alguma vez pensei que ele era bonitinho? Ele precisava *tanto* ser trancado em um manicômio de insanos em algum lugar. Muito ruim que Batman não estava aqui para aparecer e arrastar o seu traseiro para longe de Arkham.

Eu olhei para Logan, que estava inclinado contra uma das paredes, escondido nas sombras. O Espartano segurava um tijolo solto na sua mão, a única arma que ele foi capaz de encontrar nos detritos de construção, uma vez que eu larguei o martelo mais cedo. Eu assenti para ele, e ele assentiu de volta. Hora do show.

— Eu vou me arrepende disso mais tarde —, Eu sussurrei.

— Corte-o em pedaços! — Vic cantou. — E me alimente com os pedaços! Faz muito tempo desde que eu jantei um sangue de Ceifador.

Debaixo da minha palma, os lábios da espada estalaram juntos de antecipação.

— Vamos apenas esperar vencer. Agora, cale a boca, Vic. Eu preciso me concentrar.

Eu inspirei e pisei para fora no corredor, para que Preston pudesse me ver.

O Ceifador me localizou imediatamente, e um sorriso zombador curvou nos seus lábios. — Saíndo na esperança de que eu matarei você rapidamente? Eu odeio desapontá-la, mas isso não vai acontecer Cigana. Não agora.

Ele se aproximou, e eu percebi que sangue cobria a parte inferior do seu rosto. Eu devo ter feito mais estrago com aquele martelo do que eu pensei. O nariz de Preston tinha inchado para duas vezes do seu tamanho normal, e manchas pretas e roxas irradiavam dele como se fossem raios solares.

Mas seus olhos foram o que de fato me assustaram. Eles brilhavam um perverso, perverso vermelho. Pareceu como se alguém tivesse enchido os olhos de Preston com dúzias de fósforos e depois os acendidos todos de uma vez. Chamas carmesins dançavam no seu olhar, queimando tão quente e brilhante que eu pensei que ele pudesse disparar fogo das suas órbitas e me fritar onde eu estava.

Os olhos de Jasmine aparentavam exatamente da mesma maneira quando ela tentou me matar na Biblioteca de Antiguidades. Preston devia estar canalizado com Loki, tocando a magia do deus do mal ou o que quer que fosse o que Ceifadores do Caos faziam quando eles estavam concentrados ou matando seus inimigos.

Mas eu tinha Logan para canalizar e todas as suas memórias de luta para tocar. Seria o bastante para nos salvar, os dois. Teria que ser.

— Você quer uma luta? — Eu gritei. — Então venha e pegue-a, seu arrogante, esnobe disparate.

Eu não tive que o provocá-lo duas vezes. Preston gritou com raiva e correu descendo o corredor na minha direção. Eu me virei e corri para a extremidade distante e para dentro da área aberta, atraindo-o para passar no local escondido de Logan. O plano era simples. Eu manteria Preston ocupado, e assim que Logan tivesse a chance, o Espartano iria capotar atrás do Ceifador e quebrar a cabeça dele com o tijolo, que ele estava segurando, até Preston ficar inconsciente. Tudo o que eu tinha que fazer era não conseguir que me matasse enquanto isso.

Eu rodopiei, movi Vic para a posição, e invoquei todas as memórias de Logan que eu tinha. Preston se libertou do corredor, ergueu sua espada acima da sua cabeça, e a trouxe abaixo para mim.

CLANG!

Preston bateu com toda a sua força Viking e habilidades, tentando dividir meu crânio em dois com um golpe. A força dos seus perversos ataques me balançou para trás, mas eu pensei em Logan, convoquei minhas memórias dele, e consegui não soltar Vic.

E então nós lutamos.

Para trás e para frente nós nos movemos dentro do caos da zona de construção. Gritando, rosnando, e tentando picar um ao outro em sangrentos pedaços, apenas como Vic queria. Preston estava em um *frenesi* agora, seus olhos ficando mais vermelhos, mais brilhantes, e com mais raiva com cada segundo passado. Mesmo com minhas memórias de Logan, foi tudo o que podia fazer para impedir o Ceifador de empurrar sua espada através do meu coração. E Preston e eu estávamos presos tão perto que Logan não podia pular no meio com sua perna cortada – não sem ser cortado em tiras por um de nós. Se eu ia derrotar o Ceifador, eu ia ter que fazer isso sozinha.

Eu alcancei o meu dom Cigano novamente, e eu pensei sobre Logan. Eu me

foquei em como feroz ele era, como forte, como ele nunca desistiu sem importar o que. Eu folhee pelas minhas memórias de todas as batalhas que ele esteve, e eu me concentrei naquela doce, elétrica excitação de vitória que ele sentiu toda vez que ele venceu. Eu convoquei imagem após imagem de Logan até que o rosto do Espartano fosse tudo o que eu podia ver, e suas emoções fossem tudo o que eu podia sentir — até que Logan fosse tudo o que eu *era*. E então eu ataquei.

Clang! Clang! Clang!

Eu pisei adiante, oscilando minha espada em umas rápidas sequências de movimentos.

Impulsionar, impulsionar, impulsionar.

Preston conseguiu bloquear meus golpes, mas ele fez algo que ele não tinha feito antes: Ele pisou para trás ao invés de adiante.

Pela primeira vez, preocupação piscou no seu olhar, bem junto com o seu ódio ardente por mim. — Como você de repente ficou tão muito melhor com essa espada?

— Eu sou uma Cigana —, Eu rosnei. — A assustadora *Campeã* de Nike. Abençoada e dotada com magia pela própria deusa. E Nike é a própria vitória, se lembra? É quem e o que ela é.

— E daí? — Preston murmurou.

— E daí eu encontrei uma maneira de derrotar você, otário. Eu encontrei uma maneira de *vencer*.

Tudo bem, então talvez eu só estivesse vencendo por que eu estava tocando as memórias de Logan e habilidades de luta, mas a conversa fiada era toda minha.

Preston abriu a sua boca para dizer algo mais, mas eu não dei a ele a chance. Eu pressionei minha vantagem, indo para ele com tudo o que eu tinha, com cada truque sorrateiro que Logan conhecia e uns dois até mesmo mais sujos do que eu pensei que faria.

No meu primeiro golpe, eu cortei seu braço. No segundo, eu cortei Vic atravessado no seu estômago. No terceiro, eu nocauteei a espada de Preston da sua mão.

Preston curvou-se, se embaralhando atrás da sua arma, mas eu não parei meu ataque. Eu recuei minha perna e bati meu pé no seu rosto. Algo rachou debaixo do meu tênis, e o Ceifador gritou.

Em outro segundo, estava terminado. Preston deitava espalhado de costas no chão, e eu tinha Vic contra a sua garganta.

— Agora é isso o que eu estou falando! — Vic cantou, seu olho brilhando como uma lua púrpura nas sombras.

A voz de Vic me trouxe de volta para si, e eu pisquei algumas vezes. Eu me senti um pouco tonta e desorientada. Talvez fosse por que eu estava concentrada tão forte nas memórias de Logan, mas mesmo embora eu tivesse acabado de lutar com Preston, era difícil para eu me lembrar exatamente o que tinha acontecido, exatamente como eu o tinha derrotado.

Preston olhou para mim. Aquele estranho, cintilante, ódio feroz ainda queimando nos seus olhos carmesins, mesmo embora seu rosto estivesse ensanguentado e machucado, e seu nariz quebrado. — Vá em frente, Cigana. Mate-me. Eu desafio você.

Eu movi Vic uma fração de um centímetro, mas isso foi o suficiente para romper a pele do pescoço de Preston. Uma única gota de sangue rolou da sua garganta.

— Faça isso —, ele assobiou. — Mate-me!

Eu queria fazer — eu realmente, realmente queria fazer. Por tudo o que ele tinha feito a mim, por como ele tinha machucado Logan, Oliver, e até mesmo o lobo Fenrir. Mas Preston estava machucado e desarmado agora. Ele não era mais uma ameaça para mim, e matá-lo agora não me tornaria melhor do que ele. Além disso, eu tinha a secreta suspeita que era o que ele realmente queria enfim.

— Por que? — Eu perguntei. — Para que você possa dedicar a sua morte para Loki e torná-lo mais forte, certo? Isso é o que Ceifadores fazem. Eles sacrificam outras pessoas e até mesmos a si próprios ao seu deus, tentando ajudá-lo a sair daquela prisão mágica que ele está preso. Tipo, uma coisa louca a se fazer se você me perguntar. Eu não queria servir a um deus assim.

— E está *funcionando* —, Preston assobiou. — As vedações estão quase rompidas, e não irá durar muito mais tempo antes de nós encontrarmos a chave para destravar a última. Em breve, Loki estará livre, e seu Caos irá reinar mais uma vez. E quando isso acontecer, você irá se lamentar pelo dia em que você nasceu, Cigana. Você e Nike e todos os outros membros do patético Panteão.

Vedações? Uma chave? Eu não sabia se Preston estava jorrando completa baboseira ou se ele realmente sabia sobre o que ele estava falando. Talvez fosse o seu rosto torto, ou o fogo vermelho cintilando onde seus olhos deveriam estar, mas um calafrio gelado arrastou-se na minha coluna.

— É melhor você terminar comigo agora, Cigana —, Preston rosnou. — Ou

eu irei me libertar um dia, e irei matar aquela trêmula velha avó que você ama tanto.

Eu nunca conheci meu pai, e eu já tinha perdido minha mãe para um motorista bêbado. Eu não podia perder minha avó, também. Eu só – não podia. Raiva explodiu no meu coração, em seguida – fria, negra raiva que o Ceifador ousaria ameaçar minha Vovó Frost – e agudo, amargo medo de que ele pudesse de alguma forma se dar bem com a sua terrível promessa. Todo o meu corpo vibrou com a força de duas emoções antagônicas. Demorou alguns segundos, mas a raiva venceu.

Minhas mãos se apertaram ao redor de Vic, e eu pressionei a espada mais profundamente no pescoço de Preston, até seu sangue se assemelhar como gotas de lágrimas gotejando em cima do piso de concreto.

— Vamos, Cigana —, Preston murmurou. — Faça!

Passos arranharam na serragem, e Logan mancou para ficar ao meu lado.

— Gwen —, Logan disse em uma voz suave. — Gwen.

Não havia julgamento em sua voz, sem censura, sem reprovação, e eu soube que o Espartano estaria ao meu lado com qualquer medida que eu decidisse tomar. Se eu matasse Preston, Logan estaria aqui e me assistiria fazer. E eu queria fazer isso tão *gravemente*. Minhas mãos tremeram com a urgência de apenas terminar com Preston e as ameaças que ele fez contra minha avó.

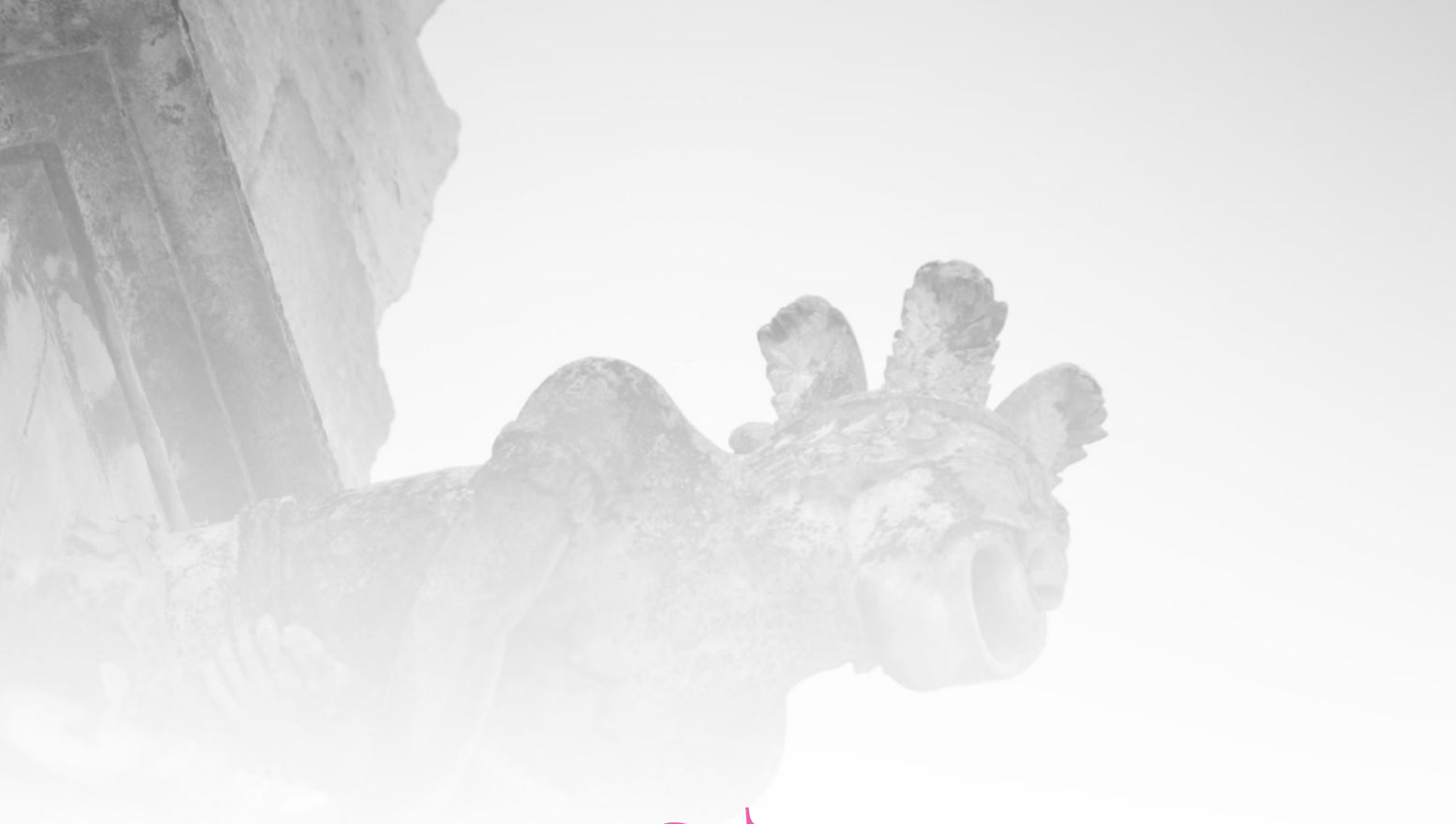
Mas eu não queria que Logan me visse como esse tipo de pessoa – alguém que podia matar a sangue frio – e eu não queria ser esse tipo de pessoa. Eu não queria ser um monstro. Pela primeira vez, eu de fato entendi o que eu era.

Eu soltei um tenso, áspero fôlego e puxei a espada para longe da garganta de Preston.

— Eu estou bem agora —, Eu sussurrei. — Eu estou bem.

Logan estendeu a mão e a colocou no meu ombro. — Eu estou contente —, ele sussurrou de volta.

Kiss of Frost



23

m

AL UM MINUTO SE PASSOU depois de eu abaixar a espada antes dos gritos começarem a ecoar pela semi-escuridão do local de construção.

— Gwen! Logan! Oliver!

— Bem aqui! — Logan gritou de volta.

Alguns segundos mais tarde, uma lanterna cortou um caminho através da escuridão e aterrissou no meu rosto. Eu apertei os olhos contra o reflexo, mantendo minha espada e olhos treinados em Preston, não ousando me permitir ser distraída pelo fato de que nós estávamos para ter companhia. Eu poderia não ter matado Preston, mas se o Ceifador movesse um centímetro agora, eu o cortaria e me preocuparia com as consequências mais tarde. Ele faria o mesmo comigo, tentaria me matar da forma que ele pudesse, sem importar o quê. Uma outra coisa

que Daphne esteve certa.

Para minha surpresa, Nickamedes saiu das sombras, uma espada apertada em uma mão e uma lanterna na outra. As sobancelhas pretas do bibliotecário subiram com a minha visão em pé sobre Preston, o sangue do Ceifador cobrindo nós dois como se nós tivéssemos jogado paintball ao invés de lutar até a morte.

— Vocês dois estão bem? — Nickamedes perguntou, olhando para Logan.

— Nós estamos bem, mais ou menos —, Logan respondeu. — Eu tenho um corte feio na minha coxa, e a garota Cigana tem algumas escoriações e hematomas. E Oliver?

Oliver. Minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu estive tão ocupada lutando com Preston que eu esqueci sobre o outro Espartano machucado – e o fato de que nós o tínhamos deixado para trás à mercê do Ceifador e do Lobo Fenrir. Mesmo embora eu soubesse que tivesse sido a única escolha naquele momento, culpa e vergonha queimaram no meu coração. Se Preston tivesse matado Oliver, eu não sabia o que eu faria.

— Ajax encontrou Oliver e o levou para Aurora na enfermaria —, Nickamedes disse. — Ele deve ficar bem, uma vez que ela tirou aquela flecha do seu ombro e parou o sangramento. — Eu soltei um fôlego que eu nem sequer percebi que eu estava segurando.

Alívio preencheu o rosto de Logan. — Bom. — Ele afastou o olhar do bibliotecário. — Eu não queria deixá-lo. Você tem que acreditar em mim. Eu nunca deixaria ninguém para trás. Não de novo. Eu queria ficar e lutar. — Miséria fez os ombros de Logan cederem, e sua voz estava tão suave que eu tive que me esforçar para ouvi-la.

— Eu sei que você não quis, e Oliver também sabe. — Nickamedes pisou mais perto do Espartano e colocou sua mão no seu ombro. — Eu estou feliz que você está bem. Você me preocupou, Logan.

Eu achei que tinha acabado de me surpreender pelo dia, mas eu não esperava a casual, fácil familiaridade que eles dois pareciam ter um com o outro. A maneira com que eles estavam conversando, você pensaria que eles de fato fossem... amigos ou algo.

Família até mesmo, uma pequena voz sussurrou nos fundos da minha mente. Pela primeira vez, eu percebi quanto similar eles dois se pareciam – e como eles tinham o mesmo cabelo preto e olhos azuis gelados.

Logan e Nickamedes? Família? Isso era um pouco difícil de acreditar,

especialmente uma vez que eu nunca ouvi um mencionar algo sobre o outro. Além disso, Nickamedes era apenas muito meticuloso para ser relacionado com alguém tão sem cuidados como Logan.

Como que para provar minha teoria, Nickamedes virou seu olhar para mim, seus olhos afiados e estreitos no seu rosto pálido. — Dois alunos severamente machucados, você mesmo coberta de sangue, um Ceifador na casa, e um lobo Fenrir correndo por aí à solta em algum lugar, e extenso estrago à propriedade no resort. Bem? — Nickamedes vociferou. — O que você tem a dizer, por si só, Gwendolyn?

Eu pensei por um segundo, depois sorri para ele. — Eu segui suas direções exatamente. Eu nunca coloquei um pé do lado de fora do hotel.

Eu pensei que o bibliotecário fosse estender a mão e me estrangular ali em seguida.

Uma hora mais tarde, eu estava sentada em uma cama na enfermaria do resort observando Professora Metis terminar de curar Oliver. Metis já tinha consertado o corte na perna de Logan, e o Espartano estava no quarto ao lado, contando ao Técnico Ajax e Nickamedes o que tinha acontecido pela nona vez. Como Logan tinha dito, eu apenas tive algumas escoriações e hematomas, e minhas lesões não eram severas o bastante para requerer cura. Mas eu ficaria para trás na enfermaria de qualquer maneira. Eu precisava conversar com Oliver – sobre muitas coisas.

— Aí —, Metis disse. — Tudo pronto.

Ela largou suas mãos do ombro de Oliver, e o caloroso, curador, brilho dourado que tinha envelopado o seu corpo lentamente desapareceu. Metis já tinha tirado a flecha do seu ombro, e a pele ali estava suave, completa, e perfeita mais uma vez. O rosto de Oliver ainda estava pálido e suado de toda a dor que ele experimentou, mas se eu não tivesse visto o Espartano contorcendo-se no chão no local de construção, eu não teria sabido que nada demais teria sequer acontecido com ele.

Metis olhou primeiro para mim, depois para Oliver. Seus olhos verdes estavam escuros e pensativos atrás dos seus óculos prateados. Ela poderia dizer que algo estava acontecendo entre nós dois, mas eu não me voluntariei a dar qualquer informação, e nem ele.

— Eu vou deixar vocês dois sozinhos por alguns minutos —, ela finalmente disse, depois de se tornar aparente que Oliver e eu não iríamos falar na frente dela.

— Obrigada, Professora —, eu disse em uma voz suave. — Eu acho que nós

dois apreciaríamos isso.

Metis assentiu, depois partiu do quarto e fechou a porta atrás dela. Oliver e eu não falamos por um tempo.

— Então, aqui estamos nós —, Eu disse, encarando o Espartano, que estava metade deitado, metade sentado junto da cama.

Ele suspirou. — É. Sorte nossa.

Mais segundos tiquetaqueavam em silêncio. Na mesa contra a parede, uma miniatura da estátua de Skadi nos encarou, suas feições neutras pela primeira vez.

— Você quer me contar sobre isso? — Eu finalmente perguntei em uma voz suave.

Oliver estremeceu. — Eu imagino que devo muito a você, não devo?

Eu encolhi de ombros.

Oliver suspirou novamente, depois sentou todo o caminho para cima na cama. Ele balançou suas pernas ao lado para que ele estivesse me encarando. Depois ele endireitou seus ombros e olhou para mim.

— Então, eu sou gay, e eu estou apaixonado pelo meu melhor amigo, que não é gay e não tem ideia de como eu me sinto sobre ele. Mas você já sabe de tudo isso. Você sabia desde quando você pegou o meu caderno no ginásio.

Eu neguei com minha cabeça. — Não, eu não sabia. Eu tive uma sensação de que você tinha uma séria paixão por alguém, mas eu não percebi quem era. Você arrancou o caderno das minhas mãos antes que eu pudesse ver que era Kenzie.

Oliver franziu o cenho. — Mas eu pensei que você soubesse. Você disse todas aquelas coisas sobre eu não querendo que ninguém soubesse com quem eu queria ficar. E depois na viagem de ônibus até aqui, você disse que eu... contaminaria as suas coisas se eu fizesse mais do que tocá-las. Eu pensei que você estivesse falando sobre eu ser gay.

Dor preencheu seus olhos verdes. Oliver deixou seu olhar cair do meu e escolheu um fio solto em cima dos lençóis da cama.

Você iria contaminar isso por que você é você, minha própria, sórdida voz sussurrou na minha mente. Eu estava falando sobre outra coisa, completamente, e eu tinha dito as palavras sem pensar, sem perceber como Oliver iria interpretá-las.

— Eu estava falando sobre meus gibis —, Eu disse, tentando explicar. — Sempre que as pessoas tocam coisas, elas podem deixar parte delas mesmas para trás — seus pensamentos, sentimentos, memórias. Minha magia psicométrica me permite ver, sentir, e experimentar essas coisas como se elas fossem minhas

próprias memórias, minhas próprias emoções. É por isso que eu não gosto que as pessoas toquem minhas coisas – por que elas podem deixar amargas, partes feias delas mesmas para trás. E mais, eu pensei que você estivesse me provocando por algo. Eu só queria que você fosse embora.

Eu estremeci. — Merda. Eu fui uma completa vaca, não fui? Você provavelmente pensa que eu fosse uma total preconceituosa.

Dessa vez, Oliver encolheu de ombros. Nós caímos em silêncio por alguns segundos.

— Então porque você tentou me atropelar no lado de fora da casa da minha avó? Por que atirar aquela flecha em mim na biblioteca? — Eu perguntei.

— É complicado —, ele disse. — Meus pais sabem que eu sou gay, e eles são ótimos com relação a isso. Verdadeiramente, de fato favoráveis. Logan e Kenzie sabem, também, e eles são legais com isso. Eles não seriam meus amigos por outro lado. Quase todo mundo na Mythos sabe. Eu não estou tentando esconder isso, mas eu não conto a todo mundo sobre isso também, sabe? Eu imagino que não seja problema de ninguém além do meu.

Eu assenti. Eu entendi o que ele estava falando. Eu fazia a mesma coisa com o meu dom Cigano. É, os outros jovens da Mythos sabiam que eu tinha o poder de encontrar itens perdidos, mas eu não ficava no lado de fora do quadrilátero e pregava isso entre as aulas também.

Eu pensei sobre aquele estranho olhar que Morgan tinha me dado na recepção quando eu disse ao atendente que eu queria saber em que quarto Oliver estava. A Valquíria sabia que Oliver era gay – é por isso que Morgan pensou que fosse estranho que eu tivesse ido ao quarto dele ou que eu tivesse dito que ela tinha ficado com ele.

Oliver inspirou. — Mas Kenzie não sabe como eu me sinto sobre *ele*. Eu acho que Logan suspeita, mas ele nunca contaria nada para Kenzie. Logan é um bom amigo para fazer isso. Mas eu não sabia o que você faria, Gwen. Eu não queria que você contasse a ninguém, especialmente não para Kenzie.

— Mas por que não apenas contar a Kenzie sobre como você se sente? — Eu perguntei em um tom suave, mesmo embora eu já soubesse qual seria a sua resposta.

Oliver negou com sua cabeça. — Por que Kenzie é meu melhor amigo, e eu não quero arruinar nossa amizade. É uma das melhores coisas da minha vida. Kenzie não é gay, então ele nunca vai se sentir da mesma forma por mim como eu

me sinto por ele. Quando eu percebi que você sabia sobre meus sentimentos por ele, eu só... entrei em pânico, e eu pensei que se talvez eu desse a você outra coisa para pensar, então você se esqueceria completamente de mim e do meu segredo.

Oliver e eu éramos mais parecidos do que ele percebia. Eu odiava o fato de que meus sentimentos por Logan fossem tão óbvios para todos. Se eu pudesse, eu os teria escondido, especialmente uma vez que eu não tinha ideia de como Logan realmente se sentia sobre mim. Mesmo de volta à minha antiga escola, eu na maior parte mantinha minhas paixões para mim ao invés de imediatamente contar para todos os meus amigos, por que eu sabia como era fácil para uma pessoa escorregar e deixar o segredo sair do saco. E se minha paixão não gostasse de mim também, bem, é quando as coisas ficavam humilhantes, como elas tinham ficado com Logan. Eu podia apenas imaginar o quanto pior a situação seria se Logan e eu fôssemos tão próximos quanto Oliver e Kenzie eram. Então tá, eu podia totalmente entender onde Oliver queria chegar sobre querer manter esse sentimento para si.

Ele inspirou. — E mais, eu não queria ser a fofoca picante da semana na academia ou fazer isso com Kenzie também. Isso apenas magoaria a nós dois. Eu tenho o bastante para lidar por agora — sendo gay, sendo um Espartano, aprendendo como lutar com Ceifadores. Eu não preciso de pessoas rindo em silêncio e mandando mensagens de texto sobre mim pelas costas, por que eu estou apaixonado pelo meu melhor amigo acima de tudo mais, entende?

Eu entendia. Eu estive miserável quando eu vim pela primeira vez para a academia por que eu não tinha me encaixado, por que eu me sentia tão desesperadamente fora do lugar. Mesmo depois de eu me tornar amiga de Daphne e Carson, havia dias quando eu ainda me sentia assim — como se tudo o que os outros vissem quando eles olhavam para mim era Gwen Frost, aquela aberração de garota Cigana que tocava coisas e via coisas. É, eu sei como Oliver se sentia.

— Eu sei pelo que você está passando —, Eu disse. — Mas você não acha que o carro e a flecha foram um pouco... extremo? Você poderia apenas ter me pedido para não contar nada à Kenzie. Eu teria mantido segredo sobre algo tão importante para você.

Oliver estremeceu. — Eu sei, mas eu fui mesquinho com você naquela manhã no ginásio, zombando de você. Eu achei que você contaria a Kenzie, mesmo se eu pedisse para você não contar. Vamos encarar assim. Dar o troco é tipo o esporte da escola na Mythos.

— Por que você estava tão sarcástico comigo? Eu me perguntei sobre isso.

— Por que Kenzie disse que ele achava que era legal você gostar de super-heróis. Ele estava soltando sugestões por umas duas semanas que ele estava afim de alguém. Eu achei que pudesse ser você, e eu estava com ciúmes. É por isso que eu zombei de você.

— Mas Talia Pizarro era a garota que Kenzie realmente gostava ao invés.

Oliver assentiu e inspirou outro fôlego. — E mais, Logan tinha dito para mim e para Kenzie que você tinha algumas diferenças de opiniões com Ceifadores e que era o porquê de nós estarmos treinando você, no caso deles virem atrás de você novamente. Eu sei que eu exagerei, mas assustar você e fazer você pensar que havia outro Ceifador atrás de você só pareceu tipo a maneira mais fácil, mais rápida de fazer você se esquecer sobre minha paixão por Kenzie.

Oliver me encarou, seus olhos verdes brilhando e ansiosos no seu rosto. — Mas eu não estava tentando machucar você. Não de verdade. Se você não tivesse pulado para fora do caminho da minha Escalade, eu ia desviar para o outro lado da rua, e eu me certifiquei de ter colocado a flecha ao menos trinta centímetros de distância da sua cabeça na biblioteca. Eu estava apenas tentando assustar você. Isso é tudo, Gwen. Eu juro.

Sua lógica fazia sentido, de uma estranha forma. Oliver apenas quis me dar algo mais sobre o que pensar além do fato que ele estava apaixonado por alguém que provavelmente nunca retornaria seus sentimentos. Era minha própria culpa que eu pulei para conclusões erradas e fui bastante estúpida para não ver Preston como o vilão que ele de fato era.

Era como quando eu perguntei para Carson sobre todos os bizarros jogos e decorações no carnaval. Carson não tinha visto nada de errado com as máscaras de Ceifador e os gatunos de Nemean por que eles eram parte de um mundo no qual ele tinha crescido. Essas coisas eram normais para Carson, apenas como lutar e assustar seu inimigo eram normais para um guerreiro Espartano feroz como Oliver. Apenas como Daphne invadindo um sistema de computação e bagunçando com as notas de outra garota ou eu arrombando quartos de outras pessoas e tentando aprender seus segredos, era normal para nós. Talvez todos nós apenas fizéssemos coisas que pareciam perfeitamente razoáveis para nós naquele momento, mesmo se lá no fundo nós soubéssemos que essas coisas estivessem erradas, ou que outras pessoas não entenderiam ou concordariam conosco.

Eu neguei com minha cabeça. — Bem, você fez um bom trabalho. Eu pensei

que havia um Ceifador tentando me matar por causa do que aconteceu com Jasmine.

O olhar de Oliver se aguçou. — O que você tem a ver com Jasmine?

Eu me sentei ali e disse a ele tudo sobre o fingimento de Jasmine ao seu próprio assassinato, tentando sacrificar Morgan para Loki, e como eu fiquei presa no meio disso tudo. O Espartano tinha acabado de contar o seu segredo. Eu imaginei que era apenas justo que eu contasse um dos meus. Além disso, Oliver tinha ajudado a me salvar ao mandar mensagem de texto para Logan e contar a ele que nós estávamos com problemas. Em seguida, depois de Preston ter disparado atrás de mim e de Logan, Oliver tinha mandado mensagem de texto para Nickamedes e para os outros professores e dito a eles o que estava acontecendo. Talvez ele não tivesse usado as suas habilidades de luta Espartanas, mas Oliver ainda era um herói.

Oliver olhou para mim com um novo interesse depois de eu terminar minha estória. — Logan sempre disse que você é durona, mas eu não acreditei de verdade nele — até agora.

— Por quê? Por que na maior parte do tempo eu não sei diferenciar o final de uma espada na parte de trás da minha mão?

— Algo assim.

Nós sorrimos um para o outro.

Depois de um momento, meu sorriso desapareceu. Dessa vez, eu fui aquela que olhou para baixo e escolheu o lençol da cama. — Então... Logan acha que eu sou durona?

Oliver estremeceu. — Eu não, de verdade, deveria dizer nada sobre isso.

Eu o encarei com olhos estreitos. — Desembuche, Espartano.

Por um segundo eu pensei que ele não ia me responder, mas então ele suspirou. — É, Logan acha que você é durona. Ele fala sobre você todo o tempo. O garoto é totalmente obcecado por você, Gwen.

— Então por que ele está com Savannah ao invés de mim? — As bordas irregulares do meu coração se juntaram no meu peito enquanto eu fazia a pergunta, mas eu queria saber por que — eu *precisava* saber por que.

— Logan tem um problema em deixar garotas se aproximarem dele. Eu quero dizer, de verdade, verdade mesmo se aproximarem dele e não só por — Oliver impediu suas palavras.

— Sexo? — Eu perguntei em um tom ácido.

Ele corou um pouco. — É, sexo. Eu acho que você assusta Logan, por que ele já se importa tanto com você. Se ele deixar você chegar mais perto dele, ele será um total caso perdido.

Eu não perguntei Oliver por que Logan não permitia que garotas se aproximassem dele. Eu sabia que a resposta tinha algo a ver com aquela horrível memória que eu tinha visto — aquela de um Logan jovem de pé sobre os corpos mortos e ensanguentados da sua mãe e irmã.

— Então... nós estamos legal? — Oliver, interrompendo meus pensamentos.

— Sobre você me assustar até a morte?

Ele engoliu e assentiu.

Eu sorri. — É, nós estamos legal.

Oliver hesitou. — E sobre Kenzie e como eu me sinto sobre ele —

Dessa vez, eu o cortei. — É o seu segredo. Você o guarde por tanto tempo quanto você precisar, e eu farei o mesmo. Mas se você alguma vez precisar de alguém para conversar, eu estou aqui. Eu sou muito boa em escutar.

Meu sorriso se ampliou. — Desde que, você sabe, eu sou completamente durona e essas coisas.

Oliver bufou e rolou seus olhos, como se ele desejasse que ele nunca tivesse me contado isso. É, eu ia *totalmente* tirar algum proveito do comentário de Logan. Depois de um momento, Oliver esticou seu punho fechado na minha direção.

— Amigos? — ele perguntou em uma voz calma.

Ocorreu-me então que algo inesperado e bom tinha saído de toda essa bagunça. Eu não queria encarar outro Ceifador tão cedo. Tudo bem, tudo bem, eu não queria batalhar com outro Ceifador *jamaís*, mas dessa vez, eu pensei que a batalha tinha valido a recompensa.

Eu me inclinei para frente e bati meu punho contra o de Oliver. —
Definitivamente amigos.



24



LIVER E EU DEIXAMOS A enfermaria e saímos para encarar os outros. Professora Metis, Técnico Ajax, e Nickamedes queriam interrogar nós dois, junto com Logan, sobre o que tinha acontecido no local da construção, então todos nós nos agrupamos dentro de um escritório próximo à enfermaria. O cozimento continuou por cerca de uma hora. Eu disse toda a estória três vezes, do começo ao fim, com umas pequenas mudanças. Isto é, que Preston tinha confessado tentar me atropelar e atirar a flecha em mim na Biblioteca de Antiguidades.

Debaixo da mesa, fora da visão dos professores, Oliver estendeu seu punho para mim novamente. Eu bati nele com o meu mais uma vez, deixando-o saber que nós estávamos bem. Logan nos encarou, questionando o que nós estávamos

fazendo, mas nenhum de nós olhou para ele. Eu tinha prometido a Oliver que manteria o seu segredo, e eu planejei fazer valer o meu voto. E eu estava bem em culpar Preston por tudo, desde que, você sabe, o Ceifador tinha tentado matar nós três.

Finalmente, os professores se acalmaram com suas perguntas, e eu perguntei uma – a *única* – que realmente importava.

— O que vai acontecer com Preston? — Eu perguntei.

Depois de Ajax ter levado Oliver para a enfermaria, o técnico tinha voltado para o local de construção e ajudado Nickamedes a colocar um conjunto de algemas magicamente reforçadas em Preston, que esteve xingando todo o tempo. Eu assisti aos dois professores içar para longe o Ceifador. Eu não sabia para onde eles tinham levado Preston, e eu não me importava de verdade. Tudo o que eu queria era me certificar que ele nunca veria a luz do dia novamente – ou tivesse a chance de fazer valer a sua horrível ameaça. *É melhor você terminar comigo agora, Cigana. Ou eu irei me libertar um dia, e irei matar aquela velhota trêmula que você ama tanto.* A voz fria, com escárnio de Preston soou na minha cabeça.

Eu tremi e envolvi meus braços ao meu redor. Isso não ia acontecer, eu jurei. Ninguém ia machucar minha Vovó Frost. Sem importar o que eu tinha que fazer para impedir isso. Metis, Ajax e Nickamedes trocaram olhares. — Ele será trancado na Mythos até que nós possamos interrogá-lo. — Metis disse. — Nós queremos descobrir o máximo que nós pudermos sobre os outros Ceifadores com que ele estava trabalhando e o que eles planejam.

Minha boca caiu aberta. — Há uma prisão? Na bizarra *academia*?

Nickamedes estremeceu. — Por favor, Gwendolyn. Mantenha a gritaria a um mínimo. Claro, há uma prisão no térreo da academia. Essa não é a primeira vez que Ceifadores, lobos Fenrir, e semelhantes tentam matar alunos. Nós temos que ter algum lugar para colocá-los até que eles possam ser enviados a outro lugar para uma instalação permanente. — Não há muito tempo atrás, a morte de Jasmine tinha me dado uma pista ao fato de que havia um necrotério na academia para armazenar os corpos dos alunos, apenas no caso dos jovens serem mortos por Ceifadores.

Agora, eu aprendi que havia também uma prisão escondida em algum lugar entre os prédios de pedra cinza, gramados, e estátuas naturais. Eu me perguntei que outro sórdido segredinho havia na Mythos. Um cemitério? Um crematório? Ou algo até mesmo pior?

Eventualmente, os professores se esgotaram de perguntas e mandaram Logan, Oliver, e eu para os nossos quartos para nós nos limparmos.

Nós tínhamos acabado de entrar na recepção do hotel quando as portas da frente se abriram, e Daphne e Carson entraram. Eles estavam gargalhando, suas bochechas coradas do frio. Daphne me localizou e arrastou Carson até nós três.

— Gwen! Você não vai acreditar que maravilhoso momento nós tivemos hoje. É muito ruim que você estava trancada aqui no hotel... — A voz da Valquíria falhou, e seus olhos se ampliaram enquanto ela assimilava minhas roupas rasgadas e ensanguentadas; rosto sujo; e cabelo amarrotado e arrepiado. Seu olhar piscou para Oliver e Logan, que estavam tão imundos como eu.

— O que aconteceu com você? — Ela arrastou sua cabeça para Oliver e Logan. — E com eles?

— É uma longa história —, Eu disse, prendendo meu braço no dela. — Mas você não achou que eu ia apenas ficar sentada por aí no hotel o dia todo e não fazer nada, pensou?

Depois de eu ter tomado banho e trocado para algumas roupas limpas, eu enchi Daphne e Carson com tudo o que tinha acontecido enquanto eles estavam fora, esquiando.

— Ótimo —, a Valquíria murmurou, seu olhar preto acusador. — Você saiu perseguindo Ceifadores e se esqueceu de nos convidar. Que tipo de melhor amiga é você, Gwen?

Eu tentei convencer Daphne de que encarar Preston no escuro não tinha sido nada divertido, mas ela não iria acreditar em mim. E ela achou que eu era a bizarra alguma vezes. Por favor.

Eu também liguei para Vovó Frost. Professora Metis me ordenou a fazer, mas eu teria feito isso de qualquer jeito, apenas para ouvir a voz da minha avó. Assim eu poderia me certificar que ela estava bem e que Preston ou um dos seus amigos Ceifadores não tinha encontrado uma maneira de machucá-la como Preston tinha me prometido que ele faria. Eu não sei o que eu faria se eu perdesse a minha Avó da maneira que eu tinha perdido a minha mãe.

Dessa vez, eu não consegui convencer a minha Vovó Frost a não vir ao resort. Ela apareceu no Powder no final aquela tarde e me levou de volta ao outro lado das montanhas para a sua casa em Asheville. Metis disse que eu podia passar a noite lá no meu antigo quarto antes de voltar para a academia pela manhã. Apesar do fato de que eu quase morri, os Poderosos Que Eram a Mythos ainda esperavam que eu levantasse bem cedo na manhã da Segunda para os treinamentos de armas, aulas, e dever de casa. A vida era *tão* injusta algumas vezes.

Vovó me mimou pelo resto da noite, e eu deixei. Era legal ser paparicada depois de tudo que tinha acontecido. Vovó Frost cozinhou uma das minhas refeições favoritas para o jantar: grossos, suculentos, filés; purê de batatas com fatias de queijos e creme de leite; cenouras cobertas com mel; e rico, macio, pãezinhos de fermento entupidos com manteiga de canela. Ela até mesmo fez meu favorito cheesecake de abacaxi com limão para sobremesa. Na hora em que nós acabamos com a ameaça tropical, não havia uma lasca restante na panela.

Vovó Frost veio até o meu quarto tarde naquela noite e sentou-se na beirada da cama. Preocupação preencheu seus olhos violetas, e seu rosto pareceu ter um pouco mais de rugas nele do que eu me lembrava dela tendo da última vez que eu a vi.

— Como você está indo, chuchuzinho? — ela perguntou.

— Tudo bem, eu imagino —, Eu disse. — Apenas tentando processar tudo, sabe?

Na minha viagem para casa, eu contei à Vovó tudo o que tinha acontecido — desde pegar o caderno de Oliver ao Espartano tentando me assustar com o seu carro e a flecha à avalanche e tudo o que tinha envolvido Preston no local de construção.

— O que você acha que aconteceu com o lobo Fenrir? — Eu perguntei. — Você acha que ele está bem?

Os professores podiam ter prendido Preston, mas eles não foram capazes de encontrar o lobo em lugar algum. Oliver tinha dito que o lobo tinha aberto a porta e disparado por ela assim que Preston tinha ido atrás de mim e de Logan. Os professores tinham perdido a trilha da criatura nos bosques nevados do lado de fora do resort. Talvez fosse bobo, mas parte de mim esperava que os professores não o encontrasse, que o lobo tinha entrado profundamente nas montanhas onde ele podia finalmente ser livre dos Ceifadores.

— Eu tenho certeza que ele está bem —, Vovó disse, tentando me assegurar.

— É um animal selvagem, um que nunca teve a intenção de ser torturado ou mudado pelos Ceifadores. Eu tenho certeza que ele será muito mais feliz na floresta do que ele jamais foi antes. Há outros lobos que andam pelas montanhas, e ele pode encontrar um bando deles para se unir. Quem sabe? Você pode vê-lo novamente algum dia.

Seus olhos assumiram um vazio, vítreo olhar por um segundo, e eu me perguntei se ela estava vendo o lobo, se ela estava tendo um vislumbre do futuro dele – ou talvez até mesmo o meu, também. Mas então o momento passou, e seus olhos clarearam mais uma vez.

Eu hesitei. — E sobre o meu dom Cigano? E o que eu posso fazer com ele? Por que você acha que eu tenho esse novo poder agora?

— Você tem dezessete anos, Gwen —, Vovó Frost disse. — Você não cresceu completamente ainda, e nem a sua magia. Está evoluindo e mudando, apenas como você está. Ela irá continuar a ficar mais forte, justo como você irá. Quando eu tinha a sua idade, eu tinha sorte se eu pudesse dizer que horas eram, muito menos ver o futuro. Mas minha magia ficou mais e mais poderosa ao longo dos anos, justo como a da sua mãe – e justo como a sua irá, também.

Ela inspirou. — E a sua psicometria não é o fim dos seus poderes – é apenas o começo. Você tem o que os mais velhos chamam de toque mágico. É muito raro e poderoso. Você sempre diz que você toca coisas e vê coisas, e isso é verdade. Mas o toque mágico trabalha em ambos os sentidos.

Eu franzi o cenho. — O que isso significa?

— Significa que quando você toca algo, o objeto influencia você – você vê as memórias e emoções atadas a ele. Mas o outro lado da moeda é que você deve ser capaz de influenciar o objeto ou a pessoa que você está tocando também. Você deve ser capaz de alimentar aquela pessoa com as suas memórias e emoções – e talvez mais. Ao menos, isso é a teoria. Não há como dizer o que você será capaz de fazer com isso algum dia. Tudo o que você tem que lembrar é de usar o seu dom Cigano com sabedoria – ajudar os outros, e a você mesma se você precisar, e você estará bem.

De alguma forma Vovó sempre sabia apenas o que dizer para me impedir de me sentir como uma aberração, embora eu fizesse uma nota mental de procurar por *toque mágico* da próxima vez que eu fosse à Biblioteca de Antiguidades. Se havia mais da minha psicometria do que apenas obter clarões de objetos e pessoas ou usar aquelas memórias, então eu queria saber o que era, para que eu pudesse

aprender como fazer para me proteger – e Vovó Frost, também.

Ela esticou a mão e pegou a minha, esfregando-a na sua manchada e enrugada, e eu senti o calor do seu amor tomar conta de mim, afastando tudo o que era frio, sombrio, e assustador. Ao menos por essa noite.

— Eu só queria que você soubesse o quanto orgulhosa eu estou de você, chuchuzinho – e quanto orgulhosa sua mãe estaria, também.

— Por quê? — Eu perguntei. — Tudo o que eu realmente fiz foi quase conseguir morrer, junto com Oliver e Logan.

Meu coração martelou novamente com a memória dos ardentes olhos vermelhos de Preston e do perverso desprezo que tinha transformado o seu rosto. Todos nós ficamos tão perto de morrer – *tão* perto. Sem importar o que os outros disseram, eu sabia que era minha culpa. É, todos nós saímos disso bem, mas isso não tranquilizava a minha culpa sobre colocar Oliver e Logan em perigo e das horríveis feridas que eles sofreram por minha causa.

Vovó negou com sua cabeça. — Você permaneceu com Oliver quando isso realmente contou e com Logan, também. Você descobriu como usar sua magia para se salvar e aos seus amigos. Isso faz de você forte e esperta, Gwen, e eu não podia ficar mais orgulhosa de você. Agora, descanse um pouco. Você tem um dia longo. Nós vamos conversar mais pela manhã antes de você voltar para a academia.

Ela arrastou a colcha até o meu queixo, beijou minha bochecha, e deixou o quarto, fechando a porta atrás dela.

É melhor você terminar comigo agora, Cigana. Ou eu irei me libertar um dia, e irei matar aquela velhota trêmula que você ama tanto.

As palavras de Preston ondularam pela minha cabeça novamente, um eco negro que não iria desaparecer. Eu tremi e desliguei a luz da cama, tentando tirar a horrível promessa do Ceifador da minha mente. Preston estava trancado onde ele não podia mais me ferir, e ele nunca, jamais iria sair.

Eu disse isso a mim mesma repetidamente, mas ainda demorou muito, muito tempo antes que eu caísse no sono.



25

A VIDA VOLTOU AO NORMAL. Bem, tão normal quanto poderia ser, dado ao fato de que eu ia para a Mythos Academy. Eu ia para a aula, me esgueirava para fora do campus para ver Vovó Frost, e trabalhava nos meus turnos na Biblioteca de Antiguidades, apenas como o habitual.

Uma coisa que estava diferente era o treinamento com armas. Ele estava muito mais divertido esses dias. Oliver e eu nos tornamos amigos de verdade, e até mesmo Kenzie estava começando a ser receptivo comigo, apesar do fato de que eu arruinei o seu café da manhã com Talia.

Kenzie e Talia estavam agora oficialmente namorando e extremamente firmes e calorosos. Algumas vezes Kenzie saía do treinamento com armas mais cedo, para se encontrar com a Amazona para o café da manhã. O Espartano nunca percebeu os tristes e saudosos olhares que Oliver deu a ele. Eu desejei que as coisas pudessem ter sido diferentes com Oliver, e eu tinha esperanças que ele encontrasse alguém para tirar Kenzie da sua mente. Eu sabia o quanto o amor não

correspondido era uma droga, e eu não queria que o meu novo amigo sentisse o mesmo desespero que eu sentia.

Eu estava melhorando durante o treinamento, também. Agora que eu podia ficar um minuto completo antes que Logan fingisse me matar com sua espada, e eu podia atingir a borda do alvo com minha flecha toda vez. Eu tentei não usar minhas memórias de Logan e Daphne durante o treinamento, entretanto. Eu queria saber como me defender de verdade, e não ter que recorrer ao meu dom Cigano e às habilidades de outras pessoas e suas memórias para passar por outra batalha com um Ceifador. Era uma coisa lenta, mas eu sentia como se eu finalmente estivesse começando a aprender como ser uma guerreira de verdade.

E então, claro, havia Logan.

Nós não tínhamos conversado desde que nós nos beijamos no local de construção. Lógico, nós tínhamos treinamento com armas juntos e brincávamos por aí, mas nenhum de nós tinha mencionado *o beijo* – aquele que me fez sentir tantas coisas maravilhosas. Eu não estava certa como trazer isso a tona ou até mesmo o que dizer. Então eu mantive minha boca fechada, e Logan fez o mesmo.

De vez em quando, embora, eu o pegava olhando para mim, um olhar preocupado nos seus olhos azuis. Eu sabia que Logan queria me perguntar o que eu tinha visto quando eu o beijei, mas não estava certa sobre o que eu deveria dizer a ele. *Eu vi você chorando sobre dois corpos mortos*, realmente não era uma ótima conversa romântica.

Os dias passaram, até haver apenas uns poucos mais antes da academia nos soltar pela longa pausa do feriado. Todos os jovens da Mythos estavam indo para casa passar o Natal e o Ano Novo com suas famílias, e eu estava antecipando ter um feriado simples com Vovó Frost e Vic. Eu até mesmo comprei para a espada usar, um pequeno chapéu de Papai Noel vermelho, embora eu esperasse que ele fizesse um escândalo por conta disso.

— Sangrentos Feriados —, Vic murmurou para mim uma noite no quarto do meu dormitório. — Nós deveríamos estar lá fora lutando com Ceifadores ao invés de pensar sobre nos entupir com presunto e torta.

Eu, por um lado, estava ansiosa pela culinária de Vovó Frost, e também por um pouco de paz e sossego, mas eu não podia dizer isso a ele. Como se possível, Vic tinha se tornado até mesmo mais sanguinário desde a luta com Preston. Aparentemente, eu fiz tão bem durante a batalha que Vic agora tinha alguma

esperança absurda de que eu me revelaria “uma completa briguenta” depois de tudo.

Eu só rolei meus olhos, aumentei a televisão um pouco mais, no quarto de meu dormitório, e deixei a espada reclamar.

Dois dias mais tarde, o sinal final soou, sinalizando o fim de história-mítica, minha última aula do dia. Eu recolhi meus livros dentro da minha bolsa carteiro, e comecei a sair da sala com os outros jovens, mas Professora Metis pisou na minha frente e gesticulou para eu ficar para trás.

— Eu preciso que você venha comigo, Gwen —, Metis disse. — Agora, por favor.

Terror gelado encheu meu estômago com o seu sério tom e a austeridade no seu rosto. — O que está errado? Algo aconteceu com minha avó?

Ela negou com sua cabeça. — Não, sua avó está bem, mas eu preciso da sua ajuda com algo.

Confusa e ainda um pouco preocupada, eu segui Metis para fora do prédio. Nós saímos no quadrilátero superior. Rajadas de neve caíam, cobrindo o chão como açúcar polvilhado. Apesar do frio, alunos ainda ficavam no quadrilátero, aninhados juntos em grupos fechados, mandando mensagens de texto dos seus celulares da melhor maneira que eles pudessem, com seus dedos enluvados.

Eu achei que nós pudéssemos estar indo para a Biblioteca de Antiguidades para falar com Nickamedes sobre algo ou talvez até mesmo para o ginásio falar com Técnico Ajax, mas ao invés disso, Metis cruzou ao outro lado do quadrilátero. Eu a segui, e nós duas nos dirigimos para o prédio de ciências-matemática. Como todas as outras estruturas na Mythos, o prédio estava coberto com estátuas de grifos, gárgulas, e outras criaturas mitológicas, parecendo duras e sinistras debaixo das suas espessas películas de neve. Como sempre, os olhos das criaturas pareceram me seguir com cada movimento meu, como se elas estivessem apenas esperando para saírem da neve, se libertarem das suas conchas de pedra, e me atacar. Eu tremi; afastei meu olhar de um par de gárgulas rosnando e com presas pontudas, armadas em cada lado dos degraus de pedra; e me apressei atrás da professora.

Metis me conduziu para dentro do prédio. Ao invés de ir para uma das salas de aulas ou subir para o laboratório no outro piso, eu segui a professora descendo vários lances de escada. Descendo, descendo, descendo nós fomos, até parecer como se nós estivéssemos indo para dentro da barriga da academia. De vez em quando, quando nós chegávamos a uma porta, Metis parava e ou digitava um

código em uma tranca eletrônica ou balbuciava algumas palavras em uma língua que eu não entendia.

Eu não sei o quanto no subterrâneo nós fomos, mas nós passamos a última sala de aula há três andares atrás. Havia tantas luzes aqui em baixo como no restante do prédio, e por alguma razão, as sombras pareceram mais escuras, mais longas, e mais profundas, como sangue lentamente escorrendo através do chão. Talvez fosse bobeira minha, mas eu cuidei para não dar um passo para dentro das sombras, apenas no caso de que algo estivesse escondido nelas que eu não pudesse ver.

Finalmente, no piso térreo, Metis desceu um longo corredor e parou do lado de fora de uma estranha porta. Ao contrário das outras de metal pelas quais nós passamos, essa porta era constituída da mesma pedra cinza escura como o resto do prédio. Barras de ferro mais grossas do que meu pulso entrecruzavam em um padrão de jogo da velha em cima da pedra, e duas gigantes esfinges tinham sido esculpidas na superfície. As criaturas encaravam uma a outra, apenas como o par acima no portão principal da academia, e eu tive a impressão que essa era uma porta designada a manter algo *dentro*.

A professora olhou para a porta um momento, como se as esfinges pudessem virar suas cabeças e revelar algum segredo a ela. Mas as estátuas continuaram fixas onde elas estavam, então ela olhou para mim.

— Eu imagino que eu deva contar a você onde nós estamos —, Metis disse.

— Na prisão da Mythos Academy, certo? — Eu perguntei. — Eu vi a placa para o necrotério no andar acima desse, então eu estou supondo que essa é a prisão sobre a qual Nickamedes estava falando no resort de esqui.

Metis tentou sorrir, mas seus lábios torceram em mais do que uma careta. — Correto. Aqui é onde nós mantemos Ceifadores, gatunos de Nemean, e outras ameaças aos alunos antes deles serem transferidos para um local permanente.

Eu olhei para a porta reforçada e para o par de esfinges. Meu estômago se revirou. De alguma forma, eu sabia exatamente por que Metis tinha me trazido aqui embaixo hoje. — Preston Ashton ainda está aqui, não está?

Metis assentiu. — Infelizmente, sim. Nós estivemos interrogando-o desde quando nós o trouxemos do resort, mas Preston tem sido... Menos do que acessível sobre o que os Ceifadores estão tramando. Eu estava com a esperança que você pudesse ser capaz de nos ajudar, Gwen. — Ela hesitou. — Eu estava com esperanças que você estivesse disposta em usar a sua magia psicométrica com ele.

Eu ouvi o que ela disse, mas por um segundo, suas palavras não foram realmente registradas. Depois elas foram assimiladas, e meu estômago se revirou ainda mais. Meus joelhos pareciam como se eles fossem sair de debaixo de mim, e eu cambaleei para trás alguns passos. Eu comecei a colocar minha mão contra a parede para me firmar, mas eu pensei melhor sobre isso. Eu não tinha ideia de que tipos de memórias eu veria aqui embaixo, mas eu duvidava que elas fossem felizes.

— Você quer que eu — que eu o *toque*? — Eu sussurrei.

Metis assentiu novamente. — Nós tentamos de tudo que nós podíamos pensar, mas Preston não irá falar conosco, e até agora, ele foi resistente a toda magia que nós lançamos nele. Com você, ele não tem que falar. Você pode ver suas memórias quer ele queria que você veja ou não.

— Então o que? Você quer que eu me meta pelo cérebro dele e veja o que eu posso descobrir? — Eu perguntei. — E se não houver nada para encontrar? E se ele não sabe nada sobre o que os Ceifadores estão planejando? É, Preston é um deles, mas ele principalmente quis me matar por que ele era o irmão de Jasmine, e ele acha que eu assassinei a sua irmã.

O rosto de Metis endureceu até suas feições parecerem tão frias e remotas quanto àquelas nas esfinges na porta à nossa frente. — Então ao menos nós saberemos disso, e nós podemos colocá-lo em uma prisão de verdade onde ele pertence. Mas se os Ceifadores estão planejando algo, como nós achamos que eles estão, então todos nós estamos correndo risco. E essa é a chance de revidar contra eles — a primeira boa chance que nós tivemos em um longo tempo. Por favor, Gwen, eu sei que eu estou pedindo muito, mas nós esgotamos as opções aqui.

Eu sabia que Metis não me pediria para fazer isso se houvesse qualquer maneira de evitar. Ela tinha prometido a minha mãe que ela cuidaria de mim. Mais do que isso, ela era uma pessoa tão boa para me pedir para fazer algo assim ao menos que realmente fosse o último recurso.

Por mais que eu quisesse, eu não poderia dizer não. Não se houvesse uma chance de parar os Ceifadores e salvar outras pessoas, sem importar o quanto ruim fosse. Minha mãe teria feito a mesma coisa se ela estivesse aqui, se ela tivesse o tipo de magia que eu tinha.

Eu soprei um fôlego. — Tudo bem. Eu farei.

— Obrigada, Gwen. Isso significa mais para o Panteão do que você pensa.

Metis tirou uma brega chave de esqueleto do seu bolso e a deslizou dentro da fechadura na porta. Essa se virou com um guincho de estourar os tímpanos. Por

um momento pareceu como se as esfinges olhassem na direção dela, estreitando seus olhos e julgando se ou não a professora tivesse o direito de estar aqui em baixo. Aparentemente, elas estavam satisfeitas que ela estivesse, por que a professora arrastou a pesada porta abrindo-a e atravessou para o outro lado. Eu hesitei um segundo, depois a segui.

A prisão era maior do que eu pensei que seria, dado ao fato de que nós estávamos tão longe no subsolo. Ela tinha o formato de uma cúpula, apenas como a Biblioteca de Antiguidades tinha, entretanto com um teto muito mais baixo. Eu olhei para cima, mas nem dourado ou jóias adornavam o topo da cúpula. Ao invés disso, uma enorme mão segurando um conjunto de balanças tinha sido esculpida na pedra. Eu estremeci. De alguma forma, isso era mais assustador do que se os rostos de todos os deuses e deusas no Panteão estivessem lá em cima, olhando aqui para baixo.

As celas envidraçadas estavam reagrupadas em um círculo, erguendo-se em três andares, e formando as paredes da prisão. Todas elas estavam vazias, mas uma mesa de pedra estava no centro de um espaço aberto, diretamente abaixo da mão esculpida nas balanças.

É lá onde Preston sentou-se, suas mãos algemadas à mesa, e suas pernas ancoradas ao chão abaixo dela. Técnico Ajax estava de pé em um dos lados dele, enquanto Nickamedes pairava no outro. A cabeça de Preston estava pendida, e ele encarou o chão.

E havia mais uma pessoa na prisão: Sra. Raven, a senhora que guarnecia o carrinho de café na biblioteca. Ela sentou-se na mesa bem no lado interno da porta, folheando uma revista de fofoca de celebridades. Eu nunca prestei muita atenção nela enquanto eu estava trabalhando na biblioteca, mas agora que eu prestei, eu percebi que ela era uma velha, até mesmo mais velha do que Vovó Frost. Tudo sobre ela era extremo e oposto. Seu cabelo era completamente branco, embora seus olhos fossem tão pretos quanto carvão. Sua pele era até mesmo mais pálida do que a minha, e ainda rugas pintavam grossas estrias por todo o seu rosto. Seus dedos eram longos e delgados, mas antigas, desbotadas cicatrizes marcavam suas mãos e braços. Ela vestia uma longa, fluída, toga branca feita de fina seda, e botas de combate pretas adornavam seus pés. Eu notei aquelas em particular desde que ela as tinha apoiadas na mesa e estava inclinada de costas na sua cadeira. Estranho. Mesmo para Mythos.

— Por que Sra. Raven está aqui? — Eu sussurrei para Metis. — Ela não deveria estar na biblioteca distribuindo salgadinhos ou algo?

— Ela ajuda a guardar a prisão sempre que nós temos alguém que precisa ser vigiado —, Metis sussurrou de volta. — Ela é parte do conselho de segurança da academia, junto com Nickamedes, Ajax e mim. E é apenas Raven — não Senhora.

Eu olhei Sra, er, Raven e sua figura bizarra. Eu supus que havia mais nela do que via o olho, apenas como as esfinges na porta. Embora eu não tivesse ideia do que mais possivelmente poderia ser.

Ambos, Ajax e Nickamedes, pareciam tão austeros quanto Metis. Raven me olhou alguns segundos, seus olhos escuros e curiosos. Antes de voltar para a sua revista. Metis gesticulou para eu segui-la. Eu engoli e me encabecei em direção ao centro da sala.

Preston olhou para cima com o sussurro dos nossos passos no piso de pedra. Seus olhos azuis se estreitaram com a minha visão.

— Por que, Cigana, tão bom de você vir me visitar. Eu me levantaria mas... — Ele ergueu suas mãos e sacudiu as correntes para mim.

Eu vacilei com o áspero, som de sino do metal batendo junto.

— Não há forma que ele possa quebrar essas correntes —, Ajax disse com sua profunda, voz gutural. — Elas são magicamente reforçadas. Não há forma que ele possa te machucar, Gwen. Nós nos certificamos disso.

Eu quis dizer a ele que Preston já tinha me machucado, que a ameaça dele contra minha Vovó Frost assombrava meus sonhos, mas eu mantive minha boca fechada. Agora definitivamente não era hora de confessar o quanto fracote eu de fato era.

Eu me arrastei para mais perto, encarando Preston. Cabelo branco loiro, olhos azuis, excelente corpo. Ele pareceu apenas tão bonito quanto ele tinha parecido no resort de esqui, apesar do macacão laranja e sapatos de papel que ele usava. Mas a mais fraca centelha de vermelho queimou profundamente em seu olhar. Eu me perguntei se os professores podiam ver isso, também. Eu não sabia o quanto eu perdi disso antes.

Uma cadeira vazia estava ao outro lado da mesa de Preston, e Metis a puxou para mim. Eu desfiz a alça da minha bolsa carteiro do meu ombro e a coloquei no chão. Depois eu me afundei na cadeira, tentando manter minhas mãos trêmulas, fora de vista. A cadeira de pedra parecia tão fria quanto gelo contra as minhas costas.

— Leve o seu tempo, Gwen —, Metis disse com uma voz gentil. — Não há pressa. Quando você estiver pronta.

Os lábios de Preston se afinaram em um sorriso divertido. — Ah, então eles trouxeram você aqui para tentar me destruir. Oh, Cigana, confie em mim quando eu disser que você não vai gostar do que vai ver, se você usar a sua psicometria em mim.

Eu pisquei. Como Preston sabia sobre a minha magia psicométrica? Eu nunca o contei sobre meu dom Cigano, mas ele estava falando como se ele soubesse sobre isso. *Oh, nós sabemos tudo sobre você, Gwen Frost, e o que era suposto que você fizesse.* Preston tinha dito essas palavras para mim na escuridão do local de construção. Eu não tinha pensado muito sobre elas naquele momento, mas agora elas me encheram com preocupação. O que os Ceifadores sabiam sobre minha magia que eu não sabia? O que eu podia possivelmente fazer com ela que iria interessá-los?

Preston continuou me encarando, esperando que eu dissesse algo. — Eu não gosto de respirar o mesmo ar que você —, Eu finalmente vociferei de volta. — Mas eu faço.

Eu olhei para suas mãos descansando em cima da mesa. Elas eram apenas mãos, eu disse a mim mesma. Mãos que pertenciam a um Ceifador malvado, psico-assassino, mas apenas mãos, contudo. Cinco dedos em cada uma. Eu podia fazer isso. Eu podia lidar com isso.

Eu inspirei e soltei o fôlego. Depois eu estiquei a mão e agarrei a mão dele, querendo acabar com isso tão rapidamente quanto possível. Querendo obter para Metis a informação que ela precisava para que eu pudesse partir desse lugar horrível e nunca vir Preston novamente.

As sensações e as imagens inundaram minha mente no segundo em que minha pele tocou a do Ceifador. Mesmo embora eu não quisesse, eu cerrei meus dentes, fechei meus olhos, e deixei as memórias me carregarem.

Talvez fossem todos os meus anos rastreando objetos, de tocar mesas, bolsas, e carteiras e tentar obter específicas vibrações delas, para que eu pudesse localizar os celulares, joias, e laptops que as pessoas tinham colocado no lugar errado ou outros roubado. Mas ir dentro da mente de Preston era mais fácil do que eu pensei que seria. Eu podia senti-lo tentando me bloquear, tentando pensar em nada, apenas numa parede em branco, mas eu fui mais profundo, deslizando e passando pelo vazio com que ele tentou preencher sua mente.

Eu vi tantas coisas – tantas horríveis, horríveis, coisas. Preston lutando, Preston matando outras pessoas, outros jovens, até mesmo açoitando o lobo Fenrir até suas costas estarem vermelhas com sangue. E Preston não estava sozinho enquanto ele fazia essas coisas. Jasmine estava bem ali com ele na maior parte do tempo. Gargalhando, sorrindo, e matando ao lado do seu irmão. Eu podia sentir o quanto Preston a amava, o quanto feliz ele tinha estado que ela fosse tão imoral quanto ele era, tão devotada à Loki. Eles eram como dois lados da mesma moeda do mau, espelhando um no outro em quase tudo. E eu senti sua dor queimando, sua profunda angústia, quando ele se informou que sua irmãzinha estava morta. Isso teria me feito sentir pena dele se eu não tivesse visto todas as outras coisas que ele tinha feito, todas as pessoas que ele torturou e matou.

Tudo e cada coisa que eu vi revirou o meu estômago, mas eu continuei olhando, procurando por algo que eu pudesse contar à Metis, algo que a ajudaria e aos outros a pararem o que quer que fosse o que os Ceifadores do Caos estivessem planejando.

Independente de tudo isso, eu estava consciente de um par de ardentes olhos vermelhos me seguindo. Os olhos pulavam de memória a memória justo como eu, me observando todo o tempo. Eu sabia a quem eles pertenciam agora: Loki. Seus Ceifadores eram a janela do deus malvado ao domínio mortal, uma forma que ele pudesse ver além da sua prisão mágica, e eu quase podia senti-lo me olhando do interior do cérebro de Preston. Eu disse a mim mesma, repetidamente, que os olhos não podiam me ferir, que Loki estava trancado onde ele não podia me tocar, mas o pensamento não me confortou tanto quanto deveria.

Eu estava para desistir, soltar a mão de Preston, abrir meus olhos, e contar à Metis que eu não estava captando nada útil dele, quando uma imagem de Preston colocando um par de luvas pulou dentro da minha cabeça. Era a mesma memória que eu tive quando eu toquei a sua mão enluvada do lado de fora da cafeteria Solstício naquela noite na vila alpina. Pareceu estranho, dada as todas outras imagens mais violentas e perturbadoras que eu tinha testemunhado até agora. Curiosa, eu me concentrei naquela memória, cavando-a das profundezas do seu cérebro como um mineiro de ouro, polindo-a, e colocando-a em um foco mais nítido. De repente eu estava completamente dentro da memória, vendo tudo do ponto de vista de Preston.

Ele sentado no banco do motorista de uma SUV, colocando as luvas. Uma vez que isso estivesse feito, ele olhou pelo espelho retrovisor para uma pessoa na parte

de trás do veículo. Sombras camuflaram o interior do carro, então eu não podia dizer quem estava ali, embora eu tivesse a impressão que era uma garota com cerca da minha idade. Quem quer que fosse, Preston a conhecia – e estava com medo dela. Uma picada de medo fez cócegas nas suas costas apenas por olhar para ela. Estranho. Que tipo de pessoa iria assustar um Ceifador como Preston?

— Você tem certeza de que ela ainda está no departamento de polícia? — a garota perguntou em uma baixa, suave voz.

— Eu liguei e perguntei por ela cinco minutos atrás —, Preston disse. — Ela ainda está lá dentro. Vê? Ali está ela, saindo agora.

Preston virou sua cabeça, e eu vi de quem ele estava falando. Cabelo castanho, olhos violetas, bonito sorriso. Minha mãe saiu da porta traseira do departamento de polícia.

Oh, não, eu pensei, de alguma forma sabendo o que vinha a seguir. *Não, não, não.*

Minha mãe andou para o outro lado do estacionamento e entrou no seu carro, apenas como ela fez no sonho que eu tive dela no resort de esqui. Eu me perguntei de onde a horrível memória tinha vindo, e agora eu sabia. Tinha sido uma imagem, uma sensação, associada com a luva de Preston, uma que minha psicomетria e meu sub-inconsciente tinham escolhido, mesmo se eu não tivesse imediatamente visto quando eu toquei sua luva.

— Eu achei que você disse que a filha estaria com ela —, Preston perguntou. — Nós poderíamos matar ambas essa noite, e acabar com toda essa coisa.

A garota encolheu de ombros. — Então a filha não está aqui. E daí? Nós temos nossas ordens. Nós incapacitamos a mãe e a interrogamos sobre a adaga e onde ela a esconde. Isso é o que é importante essa noite. Agora vamos.

Adaga? Que adaga? Sobre o que eles estavam falando? Por que minha mãe teria uma adaga, muito menos escondê-la?

Eu perdi meu foco, e a memória borrou e mudou antes que eu fosse capaz de trancá-la novamente. Agora o SUV parou em um cruzamento escuro, com seus faróis apagados. A cabeça de Preston estava virada, olhando para fora da janela.

— Aqui vem ela. Se apronte —, a garota ordenou do banco traseiro. — Agora... vá!

Preston esmagou seu pé no acelerador, e o SUV avançou do escuro em direção ao carro da minha mãe. Ela nunca sequer viu isso se aproximando. O som de

metal guinchando e vidro quebrando gemeu nos meus ouvidos, mesmo embora eu não tivesse de fato, estado ali quando Preston bateu o seu veículo no dela.

Eu inspirei um fôlego irregular, e a memória borrou novamente. Agora minha mãe estava fora do carro e deitada de costas no asfalto. Uma leve chuva tinha começado a cair, mas não podia esconder o fato de que sangue cobria todo o seu corpo – suas pernas, seu peito, seu rosto. As extremidades dos seus ossos quebrados protuberantes contra a pele dos seus braços, e sua respiração saindo em lufadas superficiais. Morrendo – minha mãe estava morrendo.

A garota estava na frente de Preston, uma espada brilhando na sua mão enquanto ela seguia até minha mãe. Ela estava usando um caso de capuz, justo como eu usava todo o tempo. Exceto que o capuz da garota estava erguido para protegê-la da chuva, então eu não pude sequer ver a parte de trás da sua cabeça, muito menos o seu rosto.

— Onde está a adaga? — a garota rosnou. — Onde você a escondeu?

Minha mãe sorriu para a garota Ceifadora. — Em algum lugar que você nunca pensará em olhar.

— Tola. Não há lugar que você possa escondê-la, que nós não a encontraremos. É apenas questão de tempo.

— Eu não sou tola —, minha mãe disse, erguendo sua cabeça. Apesar das suas feridas, orgulho brilhava em seus olhos violetas. — Eu fui uma Campeã no meu tempo, e eu servi a minha deusa também. Há conforto nisso, mesmo agora, no fim.

Nike. Minha mãe estava falando sobre Nike. Ela deve ter escondido a misteriosa adaga – ou o que quer que fosse – sob as ordens da deusa. Mas por que? E por que os Ceifadores queriam colocar suas mãos nisso tão seriamente?

— E eu também —, a garota vociferou. — Eu sou a Campeã de Loki, e ele decidiu que é hora de você morrer. Diga-me onde a adaga está, e eu farei isso rápido. Por outro lado...

Ela balançou sua espada em um arco ameaçador, e gotas de chuva sibilaram contra a lâmina.

— Eu estou morrendo de qualquer forma —, minha mãe disse, tossindo um punhado de sangue. — Então faça o seu melhor, Ceifadora. Por que em poucos minutos, eu estarei além do seu alcance.

— Mas a sua preciosa filha não estará, e você não será capaz de protegê-la de mim —, a garota disse. — Qual é o nome dela mesmo?

— Gwen —, minha mãe sussurrou. — Minha adorável, amável Gwen. Há tanto que eu queria te contar, tanto que eu queria te ensinar...

Sua voz sumiu, e lágrimas correram no seu rosto, misturando com a fria, fria chuva. Minha mãe começou a balbuciar depois, sobre todas as coisas que ela desejaria ter dito a mim. Eu estava tão chocada com o que eu estava vendo que eu não podia me focar muito no que ela estava dizendo. Sua voz ficou mais áspera, e suas palavras mais incoerentes, até que a única coisa que ela murmurou foi — Gwen, Gwen, eu amo você, Gwen...

— Ela não vai falar —, Preston disse. — Termine com ela, e vamos embora antes que outro carro apareça.

— Oh, muito bem —, a garota bufou.

Ela agarrou sua espada e a ergueu sobre sua cabeça. Ela se virou na direção de Preston, e eu vi um sorriso curvar em seus lábios apesar das sombras que cobriam o seu rosto. Em seguida ela trouxe a arma para baixo com um golpe perverso. Eu empurrei a memória para longe um segundo antes da espada mergulhar no coração da minha mãe.

Minha mãe não tinha sido morta por algum anônimo motorista bêbado como eu pensei. Não, ela tinha sido *assassinada* – assassinada por Preston e a garota Ceifadora.

Eu abri meus olhos, puxei minha mão para longe da dele, e saltei para fora da minha cadeira, cambaleando para longe até minhas costas estarem pressionadas contra uma das paredes de vidro das celas. Eu estava a apenas trinta centímetros de distância de Raven e sua mesa.

— Eu disse que você não iria gostar do que você veria, Cigana —, Preston zombou. — Conte-me, como você se sentiu vendo sua própria mãe assassinada bem diante dos seus olhos?

Todos congelaram por um segundo, depois todos eles se viraram para olhar para mim. Metis em choque, Técnico Ajax com raiva e nojo, Nickamedes com uma expressão de pena no seu rosto. Até mesmo Raven olhou para cima da sua revista de fofoca, com um assombrado olhar nos seus olhos.

— Só espere —, Preston zombou. — Por que eu estarei fazendo o mesmo com você muito em breve, Cigana.

Eu abri minha boca, mas nenhuma palavra saiu. Eu não podia falar, eu não podia gritar, eu não podia sequer respirar. Tudo só *doía*. Cada célula, cada nervo, cada partido, pedacinho do meu coração esfaqueado.

Desesperada, eu me virei para Metis, procurando por algum tipo de conforto, algum tipo de reafirmação. Ao invés disso, o que eu vi foi culpa. Algumas vezes se uma memória era bastante vívida, se uma emoção era forte o suficiente, eu não tinha que tocar um objeto ou uma pessoa para obter uma vibração deles. Culpa preenchia os olhos verdes da professora, e todo o seu corpo radiava isso, como calor fervendo do sol, me queimando até o osso.

— Você sabia que minha mãe foi assassinada —, Eu sussurrei. — Todo esse tempo, você *sabia*.

— Gwen — Metis começou, andando na minha direção.

Eu me virei e corri da prisão, mas eu nem sequer consegui chegar até a porta antes que a gargalhada de escárnio de Preston começasse a soar nos meus ouvidos.



26



EU DISPAREI PARA FORA da prisão e subindo de volta os muitos lances de escadas. De alguma forma todas as portas abriram com o meu toque, apesar do fato que eu não sabia os códigos ou a magia surreal. Ou talvez Metis apenas não as tivesse trancado, atrás dela. De alguma forma, eu tropecei para fora do prédio de ciência-matemática e para dentro do frio. E então eu só *corri*, desesperada em ir o mais longe de Preston e da terrível coisa que eu tinha visto, a horrível coisa que ele tinha ajudado a garota Ceifadora a fazer com minha mãe.

Eles a tinham seguido de casa ao trabalho naquela noite. Eles tinham causado o acidente de carro. Eles tinham assassinado-a. Eles tinham tirado-a de mim. Não um motorista bêbado. O caixão no seu funeral tinha estado fechado por que a garota Ceifadora a tinha assassinado, e Vovó Frost não queria que eu visse minha mãe assim.

Vovó. Ela tinha que saber sobre o assassinato de minha mãe, justo como Metis. Quando eu vim pela primeira vez para a academia, eu perguntei para Vovó repetidamente por que eu tinha que ir para a escola na Mythos. Eu tinha pensado que era por causa do meu surto com minha magia. Agora eu sabia a razão

verdadeira do por que: Ceifadores tinham assassinado minha mãe, e Metis e Vovó Frost estavam com medo que eles fizessem a mesma coisa comigo. Então elas me despacharam para a Mythos, para que Metis pudesse colocar um olho em mim, pensando que eu estaria segura no campus, que a magia protegendo o estabelecimento iria me proteger também. Elas apenas não perceberam o quanto perigosa a academia podia se revelar para mim.

Porém por mais forte que eu tentasse, por mais rápido que minhas pernas se lançassem, eu não podia exceder às memórias – por que elas eram minhas agora, também. Eu não podia deixar de vê-las, e eu não podia esquecê-las – nunca. Minha psicometria não me permitiria.

Pela primeira vez, eu pensei no meu dom Cigano como uma maldição.

Eu não me lembro exatamente como, mas eu acabei na Biblioteca de Antiguidades. Alunos e funcionários enchiam o primeiro piso da biblioteca, agrupados em torno das mesas de estudos e do balcão de registro. Eu me mantive na parede traseira e acelerei passando as estantes de livros e caixas de vidros cheias de artefatos. Pela primeira vez, eu estava contente que os outros jovens nunca prestavam muita atenção em mim. Eu não queria ninguém me vendo assim, muito menos começar a fofocar e mandar mensagem de texto sobre isso pelos seus estúpidos celulares.

Eu não parei até subir os degraus e alcançar o segundo andar, onde todas as estátuas de deuses e deusas estavam arrumadas em um enorme círculo na galeria. Ninguém mais estava aqui em cima, e o silêncio pressionou contra meu rosto como um cobertor, me tranquilizando. Ou talvez isso fosse por que eu estava sem fôlego da minha frenética corrida.

Meus passos finalmente desaceleraram, depois pararam, na frente da estátua de Nike. A deusa Grega da vitória se erguia em nove metros de altura, como todas as outras estátuas, suas asas emplumadas apenas espiando das suas costas, seu olhar orgulhoso fixo em algo que somente ela podia ver.

— Por quê? — Eu sussurrei. — Por que eles tinham que matar minha mãe? — O rosto de Nike permaneceu frio e impassível. Eu não sei por que eu tinha vindo aqui, o que eu pensei que aconteceria, mas a mágoa me sobrecarregou, me fazendo ficar pesada até que eu não podia dar outro passo.

Eu me curvei em uma bola aos pés da deusa e chorei.

Eu não sei quanto tempo eu chorei – o estranho, imóvel silêncio do segundo andar engolindo meus soluços – mas em algum momento, minha exaustão

superou tudo mais, e eu me senti sonolenta bem ali na biblioteca. Eu acordei, rígida e dolorida da minha posição incômoda, meus olhos incrustados com lágrimas secas, e meu coração tão – tão *doente* com o que eu tinha visto na mente de Preston. Sua terrível, terrível memória do assassinato da minha mãe.

Levou-me dois minutos para perceber que a estátua se foi. Eu tinha desabado ao monte dos pés de Nike, mas agora apenas um ar vazio preenchia o espaço onde a estátua da deusa estava. Eu pulei aos meus pés e olhei em volta, mas todas as outras estátuas ainda estavam em seus lugares junto com a galeria do segundo andar, todas viradas da mesma maneira, olhando abaixo ao primeiro andar da Biblioteca de Antiguidades. Apenas Nike estava desaparecida. Eu dei alguns passos para trás do local onde ela esteve –

— Oi, Gwendolyn —, uma voz suave me chamou.

De alguma forma eu consegui não gritar. Ao invés disso, eu lentamente me virei, e ali estava ela – Nike. Ela pareceu a mesma como a última vez que eu a tinha visto, na noite em que Jasmine tinha tentado me matar na biblioteca.

Nike podia ter sido a deusa Grega da vitória, mas ela também era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Seu cabelo escorregando pelos seus ombros, as suaves ondas castanhas brilhando com um metálico, brilho bronze. Uma elegante toga em uma cor lilás suave agitada ao redor do seu corpo como água, enquanto um estreito cinto prata rodeava sua cintura. O cinto combinava com a coroa de flores prateadas que circundavam sua cabeça – louros, o símbolo da vitória. Suaves, asas emplumadas arqueavam-se para cima das costas da deusa, fazendo-a parecer como se ela pudesse alçar voo a qualquer momento.

Nike era bonita o bastante, mas a coisa que a fazia surpreendente para mim era o poder puro que irradiava dela – frio, bonito, e terrível, tudo ao mesmo tempo.

— Tudo bem —, Eu disse. — Nós estamos tendo aquela estranha coisa do mundo do sonho de novo, não estamos? Onde nós estamos na biblioteca, mas não realmente? É por isso que não existem alunos estudando no primeiro andar nesse momento?

Era a mesma coisa que tinha acontecido na última vez que eu tinha falado com a deusa. Um minuto eu estava na biblioteca, lutando com Jasmine. No seguinte eu ainda estava na biblioteca, mas todos e tudo tinham desaparecido exceto por mim, a deusa, e Vic.

Nike gargalhou e pisou mais perto de mim. — Algo assim.

Os olhos da deusa encontraram os meus, e eu senti como se eu pudesse encarar dentro do seu olhar para sempre. Seus olhos eram de uma tonalidade curiosa, não muito roxo, mas não muito cinza também, apenas como o olho de Viera. Seu olhar me fez pensar na suave cor do crepúsculo, naquele instante de tempo bem antes da escuridão aparecer e cobrir a terra com escuridão pela noite.

Talvez eu devesse ter sido mais humilde, talvez eu devesse ter sido mais respeitosa, mais agora que a deusa estava aqui na minha frente, eu não podia evitar fazer a pergunta que queimava meu coração.

— Por que os Ceifadores mataram minha mãe? O que eles queriam? O que eles estão tramando? Como eu posso impedi-los? O que eu deveria fazer *agora*?

O rosto de Nike era gentil, mas tristeza puxou sua boca para baixo. — Ande comigo, Gwendolyn.

Eu caí no passo ao lado da deusa, e nós começamos a passear ao redor da galeria, passando as outras estátuas de deuses e deusas de todas as variadas culturas do mundo. Talvez fosse o meu dom Cigano ou talvez fosse apenas minha imaginação, mas parecia que todas as figuras de pedra me encararam, suas cabeças girando uma a uma para nos observar circular a galeria. Eu estremeci e envolvi meus braços ao meu redor, deixando meu olhar cair das estátuas. Eu não sabia o que eu veria se continuasse olhando para elas. Parte de mim não queria saber.

Finalmente, Nike falou. — Há muito tempo atrás, depois que Loki foi derrotado na batalha final da Guerra do Caos, os outros deuses e eu combinamos nossos poderes e prendemos Loki longe do domínio mortal, prendendo-o em outro domínio, outra dimensão. Em algum tipo de prisão, se você me permite dizer.

— Tipo como essa biblioteca é uma imagem espelhada da de verdade onde eu estou dormindo nesse momento... ou algo assim?

Ela assentiu. — Os deuses colocaram sete lacres na prisão de Loki, usando vários artefatos e outras magias salvaguardas para mantê-lo contido.

A deusa parou e olhou para mim. — Seis desses lacres foram rompidos. E quando o último, o sétimo lacre quebrar, Loki estará livre mais uma vez.

Quase todas as trancas estão quebradas, e não demorará muito para que nós encontremos a chave para destravar a última. Logo, Loki estará livre, e sua Guerra do Caos irá reinar mais uma vez. E quando isso acontecer, você irá se arrepender pelo dia em que você nasceu, Cigana. Você e Nike e todos os outros membros do patético Panteão.

As palavras de Preston ecoaram na minha cabeça. Voltando ao resort de

esqui, eu tinha me perguntado se o Ceifador sabia sobre o que ele estava falando ou se ele era apenas maluco. Eu de fato, de fato mesmo desejei que ele fosse apenas maluco.

Eu inspirei um fôlego irregular. — Mas — mas como isso sequer é possível? Você é tão *forte*. Eu posso sentir o poder rolando de você em ondas. Certamente, você e os outros deuses juntos têm poder o suficiente para consertar esses lacres.

Nike negou com sua cabeça. — Foi preciso toda a magia que nós tínhamos para criar os artefatos e os lacres em primeiro lugar e prender Loki com eles. Séculos se passaram, e alguns dos deuses ainda não se recuperaram da provação.

— Mas como esses lacres foram quebrados em primeiro lugar? — Eu perguntei.

— Pelos seguidores de Loki —, Nike disse. — Eles encontraram os artefatos e outros itens que nós usamos, os pegaram dos Campeões que os estavam guardando, e os destruíram. Eles também enfraqueceram e eventualmente quebraram algumas das outras salvaguardas com seus sacrifícios de sangue. Sangue tem grande poder, veja você, especialmente o sangue de um Campeão, uma vez que ele foi abençoado pelo deus ou deusa. Cada vez que um Ceifador mata e dedica aquele sangue derramado à Loki, o deus do caos se torna mais forte e fica um pouco mais perto de se libertar da sua prisão.

Daphne e Vovó Frost tinham ambas me dito que ser uma Campeã era perigoso, que era tão bom quanto ter um alvo nas suas costas, e que Ceifadores fariam qualquer coisa para matar Campeãs. Saber o conhecimento do por que. Por que meu sangue tinha poder — mais poder do que eu sequer sonhei ter. Mais poder do que eu jamais quis. Eu estremeci.

Nike andou, passando a estátua de Atenas, a deusa Grega da sabedoria. Eu pensei em Metis em seguida, sobre como a professora era a Campeã de Atenas. Eu me perguntei se Metis sabia sobre os lacres rompidos — e do fato que Loki *estava perto assim* de ser libertado novamente.

— Então o que posso fazer? — Eu perguntei. — Há alguma maneira de impedir que o último lacre seja rompido?

— O último lacre, o mais forte lacre, era um artefato que foi confiado a minha Campeã —, Nike disse, não muito respondendo a minha pergunta. — Ao longo dos anos, ele tem sido passado de uma das minhas Campeãs à outra, desde o seu primeiro ancestral até a sua mãe, Grace Frost.

De repente, as palavras que Preston tinha dito em suas memórias fizeram

perfeito sentindo para mim.

— Uma adaga —, Eu sussurrei. — O artefato, aquele que é o ultimo lacre da prisão de Loki, é uma adaga. É por isso que os Ceifadores mataram minha mãe — por que ela escondeu a adaga e não diria a eles onde ela estava, e eles precisavam dela para libertar Loki.

Nike assentiu. — Correto. É chamada de Adaga Helheim, por que ela tem o poder para abrir o portal de Helheim, o submundo subterrâneo onde os outros deuses e eu prendemos Loki.

— Você sabe onde a adaga está? — Eu perguntei. — Onde minha mãe a escondeu?

Nike negou com sua cabeça. — Depois da última batalha da Guerra do Caos, todos os deuses fizeram um pacto de não se envolverem nos negócios mortais. Nós teríamos dilacerado o mundo caso contrário, até não existir mais nada. É por isso que os lacres e outras salvaguardas foram dadas aos nossos Campeões e outros guerreiros de confiança para esconder e proteger o melhor que eles pudessem. Os lacres foram designados a permanecerem no mundo mortal, assim nenhum deus poderia tocar ou quebrá-los. Mas, lógico, os Ceifadores têm estado incansavelmente procurando por eles desde quando Loki foi aprisionado. Um por um, eles encontraram os artefatos, e agora, apenas a adaga restou.

— E ninguém sabe onde a Adaga Helheim está além da minha mãe, e ela não pode contar a ninguém por que ela está morta.

Amargura encheu meu vazio, dolorido coração.

— Eu de fato sinto muito, Gwendolyn —, Nike disse em uma voz triste. — Mas Campeãs frequentemente são chamadas para fazerem sacrifícios. Sua mãe deu a sua vida para manter Loki aprisionado, e ela salvou incontáveis outras vidas fazendo isso. Cada dia que Loki permanece preso é outro dia que o mundo não está à beira de uma guerra. Sua mãe morreu protegendo outros, o que é a coisa mais corajosa, mais nobre que uma Campeã pode fazer.

Eu entendi o que minha mãe fez e por que, mas isso não tornou mais fácil suportar. Isso não fazia meu coração doer menos.

— E o que eu devo fazer agora? — Eu sussurrei, sentindo como se eu fosse despedaçar do interior para fora.

— Essas coisas nunca permanecem escondidas para sempre —, Nike disse, mais uma vez não muito respondendo a minha pergunta. — Há muito poder atado à adaga, e há muitos Ceifadores procurando por ela. Um deles

eventualmente irá encontrar a adaga e usá-la para libertar Loki.

Eu olhei para a deusa. — Você quer que eu encontre a adaga antes, não quer? E que, esconda-a em outro lugar? Que bem faria isso? Os Ceifadores não irão continuar procurando por ela?

Nike assentiu novamente. — Eles irão. Mesmo agora, eles estão usando seus sacrifícios de sangue para tentar penetrar no feitiço de ocultação que sua mãe colocou na adaga para escondê-la. Uma vez que o feitiço se for, eles serão capazes de profetizar sua localização pública e começar a procurar por ela. Você precisa encontrar a adaga, escondê-la em outro lugar, e colocar um novo, mais forte feitiço de ocultação nela. Sua Professora Metis deve ser capaz de ajudar você com isso, junto com o Espartano bibliotecário, Nickamedes.

Bem, isso fazia sentido. Se houvesse alguém aqui na Mythos que poderia me ajudar a manter a adaga longe das mãos dos Ceifadores, era Metis. Mas Nickamedes? Sério? E ele era um Espartano? Meu cérebro sacudiu dentro do meu crânio um pouco com essa revelação. Mas depois, eu pensei sobre ter visto Logan e Nickamedes juntos no resort de esqui. Se eles estavam relacionados como eu suspeitava, fazia sentido que Nickamedes fosse um Espartano, apenas como Logan era.

— Sua mãe escondeu bem a adaga, e cada dia que os Ceifadores não a encontram é uma pequena vitória para os membros do Panteão – e para o mundo —, Nike continuou. — Mas o tempo está se esgotando, e o feitiço de ocultação não irá durar muito mais tempo. O Panteão precisa de mais tempo para se preparar para o que está vindo.

— E o que seria isso?

A deusa me encarou com seus olhos de crepúsculo. Ela não disse nada, mas de alguma forma, eu sabia a resposta da minha pergunta. Caos. Guerra. Morte. Destruição. Loki se libertando da sua prisão e tentando dominar o mundo novamente. Ruins, coisas bem ruins por todo o redor.

— Mas como eu deveria encontrar a adaga? — Eu perguntei. — Minha mãe era esperta – a pessoa mais esperta que eu conheci. Se os Ceifadores não têm sido capazes de encontrar onde ela está escondida, o que faz você pensar que eu posso?

Nike sorriu. — Por que você é minha Campeã, Gwendolyn, e eu tenho fé em você, apenas como eu tinha na sua mãe antes de você.

Por mais que eu tenha apreciado a confiança da deusa, não era exatamente a

coisa mais útil no mundo nesse momento. — Mas você não pode me ajudar em nada? Me dar uma pista ou algo? Algum lugar para começar ao menos? O que eu deveria *fazer* agora?

Era a mesma pergunta que eu tinha feito um minuto atrás, e pela terceira vez, ela não me respondeu exatamente.

— Eu não posso dizer isso a você. Tudo o que posso fazer é aparecer para você agora e depois para aconselhar você, Gwendolyn. Nada mais. Esse é o acordo que os deuses fizeram com respeito aos seus Campeões. A batalha é entre vocês e os Ceifadores. Nem eu nem qualquer outro deus pode jamais, obrigar você a fazer algo que você não queira —, Nike disse. — Toda criatura, mortal e semelhante de deuses, tem livre arbítrio. É o que nós escolhemos fazer com isso que nos define, que nos transforma em quem nós somos, bons ou maus. Se lembre disso.

Era o mesmo discurso que Metis tinha dado há algumas semanas atrás na aula de história-mítica, mas isso não me fazia sentir melhor agora do que fez ali. É, livre arbítrio era legal e tudo, mas eu não via o quanto isso iria me ajudar a derrotar um Ceifador — ou Loki, se o deus do mal alguma vez se libertasse.

A esse ponto, nós tínhamos dado a volta em toda a galeria. A deusa subiu de volta ao pedestal onde sua estátua ficava na biblioteca do panteão.

— Você tem me servido bem até agora, Gwendolyn Frost —, Nike disse. — Você tem usado sua perspicácia e sua magia sabiamente. Eu espero que você continue a fazer isso — pelo bem de todos nós.

E deusa se inclinou e me beijou na bochecha. Por um momento seu poder tomou conta de mim — aquele frio, bonito, terrível poder que a fazia quem e o que ela era. Meu próprio sangue transformou-se em gelo, apenas como tinha se transformado na última vez que ela me beijou aqui na biblioteca, e eu senti algo mudar dentro de mim. Algo se acomodando em um novo lugar, trazendo nova força, coragem, e determinação junto com ele. A sensação não me assustou como tinha assustado antes. Não mais.

A deusa deu um passo para trás. Ela me deu um final, suave sorriso antes do seu corpo começar a brilhar e derreter como o crepúsculo da manhã sendo banido pelo amanhecer.

Eu pisquei, e Nike se foi, substituída por sua estátua de mármore mais uma vez.



27

— GWEN? — UMA VOZ SUAVE ME CHAMOU. — Gwen, acorde.

Uma mão gentilmente sacudi meu ombro, me tirando de fora do meu – de onde quer que eu estivesse. Eu abri meus olhos para encontrar Logan agachado na minha frente, seu olhar azul gelado cheio de preocupação.

— Hei, você está bem? — ele perguntou. — Nickamedes me contou o que aconteceu com Preston. Ele e os outros estavam preocupados com você. Eles estão procurando por você, junto com Daphne, Carson, e Oliver.

Eu soltei uma amarga gargalhada. — Eu devo tê-los assustado de verdade para Nickamedes estar preocupado comigo.

Eu inclinei a parte de trás da minha cabeça contra a base na estátua de Nike. Logan olhou para mim um segundo, depois se sentou no chão frio ao meu lado.

— Você quer me contar o que aconteceu? O que você viu? — ele perguntou com uma voz calma.

Eu precisava falar com alguém sobre o que eu tinha visto quando eu toquei Preston, quando eu olhei dentro das suas horríveis memórias. Eu não podia pensar em ninguém melhor do que Logan. Depois de tudo, eu tinha visto as memórias do Espartano, também, quando eu o beijei — eu sabia que ele entenderia.

— É, eu gostaria de falar sobre isso —, Eu disse. — Mas para você realmente entender, primeiro eu tenho que contar a você algumas coisas sobre mim. Coisas que você não sabe.

— Como o que?

Eu inspirei. — Como o fato de que eu sou a Campeã de Nike.

Eu me sentei ali e disse a Logan tudo, começando da primeira vez que eu vi Nike naquela noite na biblioteca onde nós dois estávamos lutando com Jasmine e o seu gatuno de Nemean. O Espartano não disse uma palavra enquanto eu falei. Ele apenas sentou-se ali e me deixou colocar tudo para fora, me deixou colocar todos os meus medos, sentimentos, e mágoas para fora há céu aberto. E eu contei a ele *tudo* — sobre ver o assassinato da minha mãe através dos olhos de Preston, que Metis e minha Vovó Frost sabiam sobre isso todo o tempo, que elas ocultaram a verdade de mim, que Nike tinha me contado sobre os lacres rompidos na prisão de Loki, como minha mãe tinha escondido a Adaga Helheim, e que Nike tinha me pedido para encontrar e proteger a adaga dos Ceifadores que estavam procurando por ela.

Depois de eu terminar, Logan sentou-se ali por um minuto, pensando. Depois ele sorriu para mim. — Você tem mesmo uma espada falante?

Eu rolei meus olhos. — Confio em você para ser um total nerd de armas Espartano e se concentrar em Vic.

Eu me inclinei até ele e levemente o soquei no ombro. Mas nós dois gargalhamos, e eu me senti apenas um bocadinho melhor.

— Eu sinto muito sobre sua mãe —, Logan disse em um tom suave. — Eu sei — eu sei como é perder sua família, perder alguém que você gosta tanto.

A imagem dele como um menino de pé sobre aqueles dois corpos ensanguentados preencheu minha mente, mas eu não disse nada. Ao invés disso, eu olhei para Logan, esperando que ele me contasse o que tinha acontecido naquele dia, como ele perdeu sua mãe e irmã, e por que ele achou que sabendo sobre isso me faria pensar menos dele. Me faria pensar que ele não era o herói que

eu sabia que ele é.

Ele não disse uma palavra.

Logan abriu sua boca, como se ele fosse me contar, mas então ele fechou-a novamente e desviou o olhar, uma assombrada, culpada expressão no seu rosto. Eu olhei para baixo às suas próprias mãos, as quais estavam apenas três centímetros de distância das minhas. Eu sabia que se o tocasse agora, se eu esticasse a mão e pegasse a dele com a minha, minha psicometria iria se engatilhar. E depois eu veria e sentiria o que Logan estava lembrando nesse momento – e eu finalmente descobriria seu segredo. Por que e como ele perdeu sua família – e a razão disso estar nos mantendo separados. A razão que fazia o Espartano duvidar de si mesmo e quem e o que ele era.

Eu gostava de Logan *muito*, e a tentação para se fazer isso era tão *forte*.

Mas então eu me lembrei do que Professora Metis e Nike havia dito sobre livre arbítrio, sobre como as escolhas que nós fazíamos definiam quem nós éramos. Eu não queria usar minha magia psicométrica para descobrir o segredo do Logan. Eu queria que ele confiasse em mim o bastante para me contar, justo da maneira que eu confiava nele. E se eu tivesse que esperar um pouquinho mais de tempo para ele fazer isso, então estava tudo bem. Meus sentimentos por ele não iriam mudar, meu gostar por ele, não importasse o que, não ia mudar.

— Eu estou contente que você veio procurar por mim —, Eu disse finalmente. — Aqui essa noite e lá no resort de esqui.

Logan me deu um sorriso torto. — Eu sempre irei procurar por você, garota Cigana.

Ele hesitou, depois esticou o braço e o colocou ao meu redor. Eu inclinei minha cabeça no seu ombro, e ele apertou o seu outro braço ao meu redor, com cuidado em não tocar minha pele. Nós ficamos assim por um longo, longo tempo.

No dia seguinte depois das aulas, eu deslizei para fora do campus e fui visitar Vovó Frost. Nós sentamos em lados opostos da mesa da cozinha, mas pela primeira vez, os mobiliários brilhantes falharam em me alegrar, e a deliciosa torta de raspberry que Vovó tinha acabado de assar ficou sem corte e intocada entre nós. Ela sabia por que eu estava aqui. Depois que Logan tinha me encontrado na biblioteca, eu conversei com Metis e contei à professora exatamente o que eu tinha visto quando eu toquei a mão de Preston, toda a conversa sobre a Adaga Helheim e todas as memórias muito horríveis que eu tinha testemunhado dele e da garota Ceifadora assassinando minha mãe. Metis tinha ligado para minha avó e contado

tudo a ela. Agora eu queria respostas – sobre muitas coisas.

— Eu quero saber o que você sabe sobre a morte da Mãe —, Eu finalmente disse, minha garganta se fechando. — Sobre o seu assassinato.

Vovó me encarou. Depois ela suspirou. — Gwen —

— Você pode muito bem me contar —, Eu a interrompi. — É meio difícil manter segredos de uma garota com magia psicométrica, você não acha? Especialmente uma vez que Metis me pediu para usar essa magia para vasculhar o cérebro de Preston em primeiro lugar.

Ela estremeceu, mas ela não podia argumentar comigo. Não sobre isso.

— Como você descobriu o que realmente aconteceu com Mamãe? Ou você sempre soube?

Vovó brincou com as moedas de prata na extremidade de uma das suas echarpes roxa. — Sua mãe estava atrasada para vir para casa naquela noite. Muito, muito atrasada do que ela disse que fosse estar. Eu comecei a ter essa sensação de que algo ruim tinha acontecido com ela, um dos meus flashes psíquicos – esse frio, doloroso pavor no meu coração que apenas não passava. Então eu liguei para Professora Metis e pedi para ela sair e procurar por Grace. Mesmo embora sua mãe e eu tivéssemos deixado o mundo da guerra para trás, nós ainda estávamos em contato com Aurora. Eu vi uma imagem de um carro na chuva, então eu fui capaz de dizer a Aurora onde começar a procurar. Ela fez como eu pedi, e eventualmente, ela encontrou sua mãe...

Sua voz falhou por um momento, lágrimas brilhando em seus olhos, e eu me lembrei que Vovó tinha perdido sua única filha e que ela amava minha mãe apenas tanto quanto eu. De repente, eu percebi o quanto terrível aquela noite tinha sido para ela, também – especialmente uma vez que ela tinha sido parte disso, graças ao seu dom Cigano.

Vovó inspirou. — Aurora veio até a casa, mas eu sabia o que ela ia falar mesmo antes dela me dizer: Grace tinha sido assassinada por Ceifadores. Nós pensamos que isso tinha sido apenas um troco dos Ceifadores. Nós não sabíamos exatamente por que eles tinham como alvo a sua mãe até agora.

— Mas Metis sabia, também? Que Mãe tinha sido assassinada todo esse tempo?

Ela assentiu. — Nós duas pensamos que era melhor ocultar a verdade de você, chuchuzinho. Sua mãe... não queria que você a visse assim. Ela não queria que você se lembrasse dela assim. Nunca dessa forma.

— Mas por que continuar mentindo para mim? Especialmente depois que eu comecei a ir para a Mythos? — Eu perguntei.

— Por que você não sabia nada sobre Ceifadores, Loki, e Guerra do Caos. Sua mãe e eu protegemos você desse mundo, e Aurora e eu pensamos que seria melhor amenizar as coisas para você, mais do que despejar em você tudo de uma vez. É por isso que eu permiti que você continuasse a me visitar, mesmo embora eu me preocupasse em você deixar o campus. — Vovó Frost suspirou. — Mas na maior parte por que eu não queria que você odiasse a Mythos ou quem e o que você é por causa do que aconteceu a sua mãe.

Eu bufei. Eu odiei *tudo* depois que minha mãe morreu, especialmente o fato de que eu tive que deixar a minha antiga escola e meus antigos amigos para trás e começar a ir para a Mythos.

— Alguma vez você ia me contar? — Eu perguntei. — Você e Metis?

Vovó encolheu de ombros. — Nós não tínhamos pensado tanto para frente. Nós estávamos principalmente focadas em ter certeza que você estivesse segura na academia. Mas as coisas não funcionaram exatamente como nós planejamos.

Não, elas não funcionaram. Eu quase fui morta por Ceifadores, duas vezes agora, e eu imaginei que eu estaria até mesmo em mais perigo quando eu comesse a procurar pela Adaga Helheim – e a garota Ceifadora. Ela estava procurando pela adaga também. Eu sabia que ela estava.

— E sobre a adaga? — Eu perguntei. — Você sabia que minha Mãe a tinha escondido? Você sabe onde ela está?

Vovó Frost negou com sua cabeça. — Não. Eu sabia sobre a existência da adaga, mas isso é tudo. Eu não tinha ideia que Nike tinha pedido para Grace escondê-la, e eu não tenho ideia onde sua mãe a teria deixado. Eu contaria a você se eu soubesse, chuchuzinho. Eu juro que iria.

Vovó estendeu a mão e a colocou em cima da minha. Um surto de verdade me preencheu com o toque dos seus dedos contra os meus, junto com todo o amor que ela tinha por mim. O calor gentil me embrulhou como um cobertor, como se isso pudesse me proteger de todas as coisas ruins, assustadoras e malévolas, lá fora no mundo. Agora, porém, eu sabia que nem o amor da minha Avó poderia fazer isso.

— Eu espero que você entenda por que nós escondemos isso de você —, ela disse em uma baixa voz, seus olhos violetas escuros no seu rosto enrugado. — Já é muito difícil perder alguém com quem você se importa. Ter sua mãe morta em

um acidente de carro pareceu como se fosse mais amável com você do que a verdade. Mais fácil de suportar.

A coisa engraçada é que eu entendia. Vovó Frost e Professora Metis tinham apenas tentado me proteger. Mas eu era a Campeã de Nike agora, e a deusa tinha me dado uma importante missão. Elas não poderiam mais me proteger, mesmo se eu quisesse que elas protegessem. E sim, parte de mim realmente queria que elas fizessem. Parte de mim queria voltar ao início do ano, quando minha mãe ainda estava viva, e apenas ficar ali para sempre. Parte de mim sempre iria querer isso, mas não era para ser — e essa era a coisa mais difícil de todas em aceitar.

— Eu entendo por que você fez isso —, Eu disse em uma voz calma. — Mas você não pode continuar a mentir e não me contar as coisas por que elas podem me magoar. Os Ceifadores virão para mim não importa o que você faça. Manter segredos de mim só irá tornar muito mais difícil para eu lutar com eles.

— Eu sei, chuchuzinho —, Vovó disse. — Eu só queria que você se sentisse segura por quanto tempo eu pudesse. Sem mais segredos, eu prometo.

Mais uma vez, eu senti a sinceridade das suas palavras se moverem para mim, e eu soube que nós íamos ficar bem. Nós íamos superar tudo que estava por vir apenas como nós tínhamos superado a morte da minha mãe — juntas. Como uma família.

Apesar da dor que eu senti sobre me informar do que tinha realmente acontecido com minha mãe, eu apertei a mão da Vovó e sorri para ela. — Sabe, aquela torta que você fez parece terrivelmente boa.

Vovó sorriu de volta para mim. — Bem, vamos nos servir algumas fatias e ver apenas o quanto suculentas elas de fato são. O que você diz? — Dessa vez, meu sorriso era um pouco mais brilhante. — Soa como um plano para mim.

Eu comi o pedaço de torta com Vovó, que embrulhou o resto do deleite para eu dividir com Daphne, e peguei o ônibus de volta para a academia. Meia hora mais tarde, eu me encontrei de volta na assustadora prisão no prédio de ciências-matemática. Eu fiquei ali encarando a porta de pedra e ferro, tentando ficar firme e tranquila.

— Você tem certeza que quer fazer isso, Gwen? — Professora Metis perguntou, colocando sua mão no meu ombro. — Você não tem que fazer. Depois do que aconteceu ontem, eu não culparia você. Nem Ajax ou Nickamedes.

Ela tentou esconder, mas eu vi o quanto preocupada a professora estava sobre a possibilidade dos Ceifadores encontrarem a Adaga Helheim e libertar Loki — e

eu sabia o que eu tinha que fazer. Se houvesse sequer uma chance de que Preston soubesse de algo que me ajudaria a encontrar onde minha mãe tinha escondido a adaga, então eu tinha que tentar. Isso significava que eu tinha que tocar nele novamente, tinha que vasculhar dentro das suas memórias mais uma vez – sem importar quantas coisas ruins eu pudesse ver.

— Eu tenho certeza —, Eu disse. — Eu quero fazer isso. Eu sinto como se eu *devesse* fazer isso. Além disso, sacrifício pessoal é o que ser uma Campeã significa, certo?

Metis me deu um sorriso triste. Naquele momento, eu tive a impressão de que ela sabia muito mais sobre sacrifício pessoal do que eu.

— Antes de nós continuarmos, há uma coisa que eu preciso que você faça —, Eu disse. — Não esconda nenhum outro segredo de mim, tudo bem?

A professora ergueu sua sobrancelha. — Isso funciona dos dois lados, Gwen. Não saía perseguindo mais Ceifadores sozinha. De acordo?

Eu suspirei e assenti para ela. — De acordo.

Eu empurrei minha cabeça para a porta e para as suas esfinges que estavam me encarando mais uma vez, escutando cada palavra que nós dissemos. — Agora, nós podemos acabar logo com isso, antes que eu enlouqueça?

Metis destrancou a porta com o seu chaveiro de esqueleto, e nós entramos na prisão. Preston estava sentado acorrentado a uma mesa no centro da cúpula, bem debaixo da escultura da mão segurando um conjunto de balanças. Técnico Ajax e Nickamedes flanqueando-o como antes, e Raven sentada na sua mesa, suas botas de combate apoiadas em cima dela, folheando outra revista de fofoca.

Mais uma vez o Ceifador olhou para cima com o som dos meus passos no chão.

— De volta para mais, Cigana? — Preston zombou e esticou suas mãos para mim, palmas para cima. — Vá em frente. Use sua magia em mim. Eu estarei feliz em assistir você correr chorando da sala novamente.

Eu mantive meu rosto frio e impassível, embora meu estômago se revirasse e vômito se ergueu na minha garganta com suas palavras de escárnio. Eu podia fazer isso. Eu *faria* isso – por Nike, pela minha mãe, e por mim, também.

Eu me sentei do outro lado de Preston e o encarei direto nos olhos. Aquele brilho vermelho ainda cintilando no seu olhar, mas dessa vez, eu sabia que havia fogo nos meus olhos também – frio, fogo roxo.

— Escute aqui, seu arrogante sem valor —, Eu vociferei. — O único aqui

que vai chorar é você, quando eu vasculhar suas memórias e usá-las para reunir todos os seus amigos Ceifadorezinhos, incluindo a garota que matou minha mãe. Eu estarei vindo aqui em baixo e fazendo isso de novo e de novo, cada dia se eu precisar, até eu conseguir o último deles. Até eu vir cada coisa ruim que você fez na sua miserável vida.

O escárnio deslizou para fora do bonito rosto de Preston. Sua boca apertada com preocupação, e por um momento, pânico desencadeou no seu rosto ao invés de ódio. É, eu vou admitir que aquele clarão de medo me deixou feliz. Na minha própria maneira, eu era apenas tão sombria e maluca quanto Preston, exceto que eu ia usar essa parte de mim para ajudar outras pessoas, não para machucá-las como ele e os outros Ceifadores faziam.

— E você sabe qual é a pior parte, Preston? A terrível parte?

— O que? — ele perguntou, sua voz falhando naquela única palavra. Eu me inclinei para frente, mantendo meu olhar no dele. — Não há absolutamente nada que você possa fazer para me impedir.

Eu não sei o que Preston viu no meu rosto a seguir, que frieza poderia ter enchido meus olhos, mas o que quer que fosse, penetrou no comportamento mal-humorado do Ceifador. Sua boca caiu aberta, e depois, ele começou a gritar.

— Não —, ele disse, tentando se mover para longe de mim. — Não, não, não!

Eu ignorei os seus gritos, agarrei suas mãos, e alcancei suas memórias.



28

VOCÊ TEM CERTEZA QUE ficará bem no feriado? — Daphne perguntou. Era o último dia do semestre de outono. As aulas tinham se encerrado umas duas horas atrás, e agora, eu estava no quarto de Daphne, descansando na cama dela e observando-a colocar suas coisas na mala para ir para casa pelas férias de inverno. Eu realmente não sabia por que minha melhor amiga estava se incomodando em escolher no seu armário, uma vez que três terços das coisas lá dentro eram rosa, apenas como o resto do seu quarto. Ela podia apenas fechar seus olhos, agarrar alguns suéteres e calças, e elas iriam combinar. Mas, claro, a Valquíria não concordaria comigo nesse ponto.

— Eu estarei bem —, Eu disse pela nona vez na mesma quantidade de minutos.

— Você tem certeza? — ela persistiu. — Você não vai dar uma de espertinha

e ir atrás de todos os Ceifadores, não vai? Agora que você arrou as memórias de Preston?

Eu estive indo para a prisão por alguns dias, usando meu dom Cigano para descobrir tudo o que Preston sabia sobre os Ceifadores, o que eles estão tramando, e onde eles estão se escondendo. Não tinha sido divertido. A maior parte das memórias de Preston envolvia em machucar outras pessoas – matá-las e sacrificá-las para Loki.

Mas por mais que eu tentasse, eu não fui capaz de descobrir o segredo mais importante de todos: quem era a Campeã de Loki. A Ceifadora que estava na parte de trás do SUV de Preston na noite em que eles chumbaram o carro da minha mãe, aquela que ele até mesmo temia. A garota que tinha matado minha mãe. Pareceu como se eles sempre se encontrassem à noite nas poucas vezes que eles ficaram cara-a-cara, e em todas as memórias de Preston, ela sempre estava nas sombras com seu rosto escondido. Ele não pareceu saber quem ela realmente era. O fato que eu não podia descobrir a sua identidade verdadeira estava além da frustração. Estava me deixando louca.

Professora Metis, Técnico Ajax, e Nickamedes sabiam sobre a garota Ceifadora e o que ela tinha feito com minha mãe, mas eu não tinha exatamente contado a eles que eu estava espiando em cada canto do cérebro de Preston, tentando encontrar quem ela realmente era. Eu sabia o que eles diriam – que perseguir a Campeã de Loki para que eu pudesse matá-la da mesma maneira que ela tinha assassinado minha mãe era errado e não me faria melhor do que ela era. Tanto faz. A garota Ceifadora tinha matado minha mãe, e ela ia pagar por isso. Não havia mais nada para se dizer até onde me dizia respeito.

Daphne e Vic certamente concordariam comigo nesse ponto. De fato, Vic gastou uma hora entusiasmadamente descrevendo todas as variadas maneiras que ele poderia usar para torturar a garota Ceifadora. Eu não sabia sobre tudo *isso*, mas eu estaria bem com apenas ela morrendo – e comigo sendo a causa disso.

Mesmo assim, apesar do fato que eu ainda não tinha descoberto a identidade da garota Ceifadora, eu senti como se eu estivesse fazendo algo bom com minha magia, que eu estava fazendo a diferença. Metis me contou que membros do Panteão tinham usando algumas informações que eu obtive de Preston para capturar vários Ceifadores, e estavam na pista de ainda mais. Então eu pensei que Nike teria aprovado o que eu estava fazendo – e minha mãe, também.

— Eu estarei bem —, Eu disse. — Eu não estarei vendo Preston novamente

até depois do feriado. Eu vou para a casa de Vovó Frost e só relaxar no feriado. Comer porcaria, assistir televisão, ler meus novos estoques de gibis. Não haverá absolutamente pensamento sobre Preston, suas horríveis memórias, Ceifadores, ou nada mais disso.

— Tudo bem —, Daphne disse, finalmente satisfeita. — Mas você me ligue todo dia.

Eu rolei meus olhos. — Bem, tá. Eu quero saber tudo sobre o seu Natal – e o que seus pais acham de Carson.

Daphne e Carson estavam dando o maior passo ao se apresentarem aos seus pais. Daphne ia para casa com Carson por alguns dias antes do Natal, depois ele ia até a casa dela depois do Ano Novo. Depois disso, Daphne ia passar alguns dias comigo e Vovó Frost antes das aulas começarem novamente na academia.

A Valquíria mordeu o lábio, e faíscas rosadas de magia piscaram ao redor dos seus dedos. — Eu espero que os pais dele gostem de mim.

— Eu tenho certeza que eles irão —, Eu disse. — O que não há para se gostar?

Daphne estreitou seus olhos, sacudiu um dos seus travesseiros da cama, e o arremessou em mim. — Seu sarcasmo é notável.

Eu sorri. — E você me ama por isso.

Eu ajudei Daphne a carregar suas malas absurdamente cheias, absurdamente pesadas para fora do seu quarto, descer as escadas, e para o lado de fora de Valhalla Hall. Jovens saíam de todos os dormitórios nesse momento, malas em uma mão e celulares na outra. Carrinhos de golfe zuniam sobre os caminhos de paralelepípedos, rebocando alunos para cima na colina, passando o quadrilátero principal, e até o estacionamento atrás do ginásio, onde uma variedade privada de carros utilitários esperava para conduzi-los para casa ou para o aeroporto.

Carson esperava na frente, junto com Oliver e Logan. Enquanto Logan ajudava Carson e Daphne a carregar suas malas em cima de um dos carrinhos de golfe, eu deslizei até o lado de Oliver.

— Eu espero que você tenha um bom feriado —, Eu disse. — Indo para casa ver seus pais?

O Espartano assentiu. — É. Você indo para a da vovó? — Eu assenti.

Oliver sorriu. — Tente não se apaixonar por outro carinha Ceifador enquanto você está longe, tudo bem?

Eu rolei meus olhos. — Apenas enquanto você não tente atropelar ou atirar

flechas em outras garotas Ciganas. Nós temos um trato?

— Eu não sei —, Oliver murmurou. — Eu meio que gosto de assustar garotas Ciganas. É muito mais engraçado do que aula de história-mítica.

Eu soquei o Espartano no ombro, e ele apenas gargalhou.

— E sobre o Kenzie? — Eu perguntei em uma voz baixa que somente ele pudesse ouvir. — Você vai vê-lo durante as férias?

Oliver negou com sua cabeça. — Ele queria sair, mas eu disse a ele que eu estaria muito ocupado com as coisas de família. Eu acho que é melhor se eu não o vir por um tempo. Me dar uma chance de esquecê-lo, entende?

Eu assenti novamente. Eu entendia. — Talvez você encontre alguém novo no feriado.

Oliver sorriu, mas seus olhos verdes estavam escuros e tristes. — Estou na esperança, mesmo assim.

Carson e Logan terminaram de carregar a bagagem de Daphne. A Valquíria se aproximou e me abraçou apertado, estalando minhas costas com sua enorme força, depois pulou dentro da parte de trás do carrinho com Carson. Oliver pulou no assento do motorista, e eles três acenaram adeus antes de Oliver pisar no acelerador e o carrinho disparar em direção à parte superior do quadrilátero.

Isso deixou Logan e eu sozinhos, de pé no lado de fora de Valhalla Hall. Alunos se moviam por toda a nossa volta, conversando, mandando mensagem de texto, e gargalhando, mas todos estavam tão focados em ir para casa que ninguém prestou atenção em nós.

Eu não estava muito certa do que dizer ao Espartano. Nós não tínhamos realmente conversado desde quando ele me encontrou alguns dias atrás na biblioteca, e nós ainda não tínhamos discutido o *beijo*. Eu não sabia o que estava rolando entre nós, mas eu sabia que sentiria a falta dele nas próximas semanas.

— Então... eu provavelmente deveria ir —, Eu disse. — Eu preciso ir tirar minhas coisas no meu quarto e pegar o ônibus da tarde que desce da montanha.

Logan assentiu. — Eu, também. Meu tio tem um carro esperando no ginásio para nos levar para casa.

— Nickamedes, certo? Ele é o seu tio?

O Espartano piscou. — Como você...?

— Eu vi vocês dois no resort de esqui, se lembra? E eu percebi o quanto vocês dois se parecem. — Eu encolhi de ombros. — E a forma como você falou com ele, era como se vocês dois se conhecessem muito, muito bem. Como se vocês

fossem familiares. Não foi muito difícil de descobrir. Por que você nunca contou algo para mim?

Dessa vez, Logan encolheu de ombros. — É... complicado. Nickamedes e meu pai não exatamente se relacionam bem.

Ele não explicou nada mais, mas depois de um momento, ele sorriu. — Além disso, você conheceu Nickamedes. Você o alegaria como um parente? Especialmente se ele trabalhasse na sua escola?

Eu pensei sobre o bibliotecário meticuloso e como sua boca sempre se virava para baixo quando ele me via. — Ponto entendido.

— Enfim, antes de eu ir encontrá-lo, eu queria dar isso a você.

Logan alcançou a sua jaqueta de couro preta e retirou uma pequena caixa embrulhada em um papel prateado. Um fraco rosa subiu no seu pescoço, e ele não olhou para mim. — Eu, uh, comprei algo para você. Para o Natal. Eu espero que esteja tudo bem.

— Oh. Oh. Você – você não tinha que fazer isso. — Meu coração disparou no meu peito por cerca de meio segundo antes de eu estremecer. — Eu não comprei nada para você. Me desculpe. Se eu soubesse – eu quero dizer, se eu alguma vez achasse por um *segundo* que você ia me dar algo —

— Apenas abra, tá bom? — o Espartano disse, me interrompendo.

Logan sustentou a pequena caixa. Eu hesitei, depois a peguei, com cuidado para não roçar meus dedos contra os dele. Eu a segurei na minha palma um segundo, mas eu não obtive nenhuma vibração de verdade do embrulho de papel prata, então eu o rasguei com minhas unhas. Debaixo do papel estava uma caixa de mármore que era de uma adorável tonalidade de lilás. Mais uma vez, eu segurei a caixa por um momento, mas o único flash que eu consegui foi de Logan embrulhando o papel. Então eu ruidosamente abri a tampa, e minha respiração ficou presa na minha garganta.

Um deslumbrante colar prateado estava aninhado em cima do veludo preto dentro da caixa. Pareceu como algo que uma deusa usaria – todos aqueles aros de prata encadeados. Mas a parte mais legal era que seis fios se uniam, suas pontas com joias formando uma forma específica – um floco de neve. Os diamantes que constituíam os seis raios do delicado floco de neve brilharam no sol de inverno.

Depois que eu superei o meu choque inicial e a fascinação dos diamantes, eu soltei uma pequena gargalhada.

Logan franziu o cenho. — O que é engraçado? Você não – não gostou disso?

— Oh, não! É lindo. Eu amei, sério. Eu amei. É engraçado. Minha avó e eu sempre compramos uma para a outra algo com flocos de neve nele, para o Natal. É apenas parte de ter Frost como um último nome, eu suponho. Eu comprei para ela uma jarra de biscoitos com um formato de um floco de neve azul gigante quando Daphne e eu fomos ao shopping outro dia. E agora, você me dá isso. — Eu inspirei. — Mas isso é muito. Eu não posso aceitar isso—

— Sim, você pode —, Logan disse, me interrompendo novamente. — Pense nisso como uma desculpa por eu ser tal cretino com Savannah e tudo.

Seus olhos travaram nos meus. — Eu estava planejando contar isso a você por um tempo, mas Savannah e eu terminamos enquanto nós estávamos no resort de esqui – na noite depois que eu conversei com você do lado de fora da cafeteria.

Ele não tinha que me contar por que eu já sabia. As notícias tinham se espalhado pela academia na Segunda de manhã depois do Carnaval de Inverno que Logan tinha terminado com Savannah. Tinha sido uma epidemia cerca de dez segundos, sendo mandada do celular de uma pessoa ao outro. É por isso que Savannah não tinha estado com Logan durante o Sábado de carnaval na montanha. Eu a tinha visto perto dele na recepção depois da avalanche, mas Daphne tinha descoberto que Savannah tinha acabado de pegar chocolate quente para ela e para Talia – não para Logan.

Ninguém pareceu saber a razão exata do por que eles terminaram, embora Savannah disparasse adagas para mim com seus olhos toda vez que ela me via. E também Talia. Mesmo embora Logan e eu não estivéssemos exatamente juntos, era óbvio que Savannah pensou que eu tinha algo a ver com o término deles e tinha espalhado a fofoca aos seus amigos. Talvez eu tivesse. O pensamento me fez sentir feliz e culpada ao mesmo tempo. Eu queria Logan, mas eu não queria que ele magoasse Savannah também.

Mas o Espartano estava aqui, agora, de pé bem na minha frente, e eu não ia perder essa oportunidade.

Eu engoli o caroço na minha garganta. — Você sabe o quanto eu... gosto de você. Você terminou com Savannah... O que isso significa... para nós? — Eu não podia impedir um fraco sussurro de esperança da minha voz.

Logan me encarou, seus olhos azuis escuros e sérios, e eu sabia que ele estava pensando sobre o seu segredo novamente, e se ele podia confiar em mim com isso ou não. O que eu pensaria sobre isso. Mas então o momento passou, e ele sorriu mais uma vez.

— Isso significa que eu verei você depois das férias do Natal, Garota cigana. Tente não entrar em muito problema enquanto isso, tudo bem?

Então ele se inclinou e me beijou. Foi apenas um breve toque, apenas uma rápida carícia dos seus lábios nos meus, mas eu ainda senti a firmeza da sua boca, ainda senti o calor do seu corpo contra o meu, ainda senti sua respiração misturando com a minha, ambas se confundindo com as nuvens da geada entre nós.

Logan se afastou. Ele piscou para mim, depois se virou e foi embora.

Tudo o que eu podia fazer foi sorrir e observá-lo ir, desejando que o feriado já estivesse terminando.

Uma vez que todos os meus amigos partiram, eu voltei ao meu próprio quarto de dormitório na Styx Hall para pegar minhas coisas e seguir montanha abaixo para a casa de Vovó Frost. A primeira coisa que eu fiz quando voltei para o quarto foi ficar na frente do espelho na parede e colocar o colar que Logan tinha me dado.

Eu preendi o fecho e acariciei o floco de neve de diamante com as pontas dos meus dedos. Depois, eu fechei minha mão sobre os delicados fios de prata e me concentrei. Apenas demorou um segundo para as imagens e sensações preencherem minha mente.

Logan me vendo no Carnaval de Inverno e olhando o trenó de floco de neve que eu tinha naquele dia. O horror que ele sentiu quando ele percebeu que eu estava no caminho da avalanche. Ele me assistindo correr da neve e desejando que ele pudesse fazer algo, qualquer coisa, para me ajudar. O pavor que tinha tomado conta dele quando ele recebeu a mensagem de texto de Oliver que eu estava com problemas. Sua determinação para me salvar de Preston sem importar o que. O orgulho feroz que ele sentiu enquanto ele me observava usar Vic para lutar com Preston — e vencer.

E havia algumas memórias felizes, também. Logan rondando a joalheria, tentando encontrar o presente certo para mim. Ele vendo o colar e pensando que isso o fazia se lembrar de mim. O Espartano esperando que eu fosse gostar. Logan me segurando, primeiro naquela noite do lado de fora da cafeteria no resort de esqui, e depois novamente na biblioteca. E finalmente, nosso beijo desesperado naquele dia na obra, aquele que tinha me deixado explorar as habilidades de luta do Espartano.

Através de todas as memórias, boas e ruins, eu senti o que Logan sentiu toda

vez que ele viu ou pensou em mim – aquela suave, quente, efervescente sensação que apenas significava uma coisa.

Logan Quinn realmente gostava de mim.

— Ele gosta de mim —, Eu sussurrei. — Ele realmente gosta de mim. — Com o som da minha voz, Vic abriu seu olho. Eu tinha apoiado a espada em cima da mesa, e seu rosto estava no mesmo nível do meu.

— É uma pequena bugiganga brilhante —, Vic disse, encarando o colar. — Parece que o garoto Espartano tem bom gosto.

— Como você sabe que Logan deu isso para mim?

Vic bufou. — Eu posso ser velho e excêntrico, mas eu não sou sangradamente *estúpido*. O garoto é louco por você. Qualquer um pode ver isso. E certamente demorou bastante para você perceber.

— Cale a boca, Vic —, Eu disse, mas havia um sorriso no meu rosto.

Eu me movi pelo meu quarto de dormitório, colocando roupas e gibis dentro da minha mochila. Uma das últimas coisas que eu peguei para levar comigo era uma pequena estátua de Nike que eu mantinha na minha mesa. A figura alada da deusa parecia exatamente a mesma como a sua estátua na biblioteca. Talvez fosse bobeira, mas a réplica barata me fazia sentir um pouco mais próxima dela, me fazia sentir como se eu pudesse de alguma forma encontrar a Adaha Helheim e a manter em segurança dos Ceifadores.

— Tenha um bom Natal, deusa —, Eu disse a estátua, depois e enfiei na minha mochila.

Finalmente, havia apenas duas coisas a mais para empacotar – as fotos da minha mãe. Eu deslizei aquela dela com Metis dentro da minha bolsa. Eu peguei o segundo porta-retrato e olhei fixamente para a foto da minha mãe sozinha, tirada alguns meses antes dela morrer. Cabelo castanho, olhos violetas, rosto bonito. Ela me espiou, um pequeno sorriso curvando seus lábios.

Esse seria o primeiro Natal sem ela, eu percebi com um sobressalto. O primeiro Natal que ela não estaria ali para abrir presentes comigo e com Vovó Frost. O primeiro Natal que ela não estaria gargalhando e conversando e contando piadas com nós duas. Meu peito doeu de uma maneira familiar e amarga, mas eu empurrei a sensação para o lado e me foquei na raiva – na raiva que tinha crescido cada vez mais como uma flor venenosa florescendo dentro do meu coração, desde quando eu descobri o que tinha de fato acontecido com minha mãe.

Eu não sabia como, eu não sabia quando, mas eu ia encontrar a Campeã de

Loki, a garota Ceifadora que matou minha mãe – e eu ia empurrar uma espada pelo seu coração. Logan tinha dito a Oliver que eu era totalmente durona. Eu imaginei que era hora para eu fazer jus às palavras do Espartano.

Mas primeiro haveria Natal com Vovó Frost e Vic. Eu coloquei a foto da minha mãe dentro da minha bolsa, aninhada bem ao lado da estátua de Nike. Depois eu remexi através da minha mesa, agarrei a miniatura do chapéu vermelho de Papai Noel que eu tinha comprado para Vic, e a enfiei no cabo da espada falante.

— Você está pronto para comer aquele presunto de Natal e torta? — Eu perguntei. — Vovó Frost me ligou essa manhã. Ela está assando biscoitos todo o dia apenas para nós dois.

— Eu imagino que um breve feriado não irá ser prejudicial —, Vic resmungou. — Entretanto você vai praticar comigo todo o dia, Gwen. Você finalmente está começando a pegar o jeito comigo, e eu não terei você retrocedendo e se esquecendo esse pouco que você aprendeu, apenas por que a escola está fechada. Nós temos Ceifadores para matar, sabe?

— Não se preocupe —, Eu disse. — Nós vamos matar Ceifadores até nós dois nos banharmos no sangue deles e estarmos famintos por mais.

Vic arqueou sua uma sobrancelha. — Esse é o meu lema.

— É —, Eu disse. — É um dos bons. Agora vamos, nós temos que pegar um ônibus.

Eu pendurei minhas mochilas sobre meu ombro e agarrei Vic. Eu dei mais uma olhada no espelho para o colar de floco de neve que Logan tinha me dado. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas os diamantes pareceram brilhar com um fogo interno, cintilando tão brilhante quanto meus sentimentos pelo Espartano – e cintilariam por todo o feriado de inverno. A pura, luz de esperança me fez sorrir enquanto eu deixava meu quarto no dormitório e seguia para a casa de Vovó Frost pelo feriado.

Fim

a série Mythos Academy continua em Dark Frost

DARK

FROS†



— SE VOCÊS PESSOAS NÃO PARAREM DE SE PEGAR, EU VOU VOMITAR.

Daphne Cruz riu e colocou outro alto, beijo estalado no seu namorado, Carson Callahan. As faíscas de magia rosa choque de Princesa dispararam das pontas dos dedos da minha melhor amiga e piscaram no ar a volta deles, o minúsculo arco-íris colorido quase tão brilhante quanto as bochechas em chamas de Carson.

Eu rolei meus olhos.

— Sericamente, sericamente vomitar.

Daphne parou de beijar Carson o suficiente para se virar e me encarar. — Oh, supere isso, Gwen. Nós não estamos nos pegando. Não nesse abafado museu velho.

Eu ergui uma sobrancelha.

— Mesmo? Então por que Carson está usando mais do seu brilho labial do que você?

O rubor de Carson se aprofundou, sua pele morena assumindo um ardente, tom de tomate. O nerd membro da banda empurrou os seus óculos pretos acima no seu nariz e enxugou uma mão sobre sua boca, tentando limpar os remanescentes do brilho labial, mas tudo o que ele de fato fez foi colocar glitter rosa por todos os seus dedos. Daphne riu, depois pressionou outro beijo nos lábios do nerd membro da banda.

Eu suspirei. — Tá bom, tá bom. Parem com isso, pombinhos. O museu fecha as cinco, e nós não vimos metade dos artefatos que deveríamos ver para a aula de

história-mítica.

— Tudo bem —, Daphne fez beicinho, se afastando de Carson. — Seja uma desmancha prazeres.

Eu rolei meus olhos novamente.

— É, bem, essa *desmancha prazeres* acontece de estar preocupada sobre suas notas. Então, vamos à próxima sala. Devem ter algumas armas realmente legais lá dentro, de acordo com o panfleto de exibição.

Daphne cruzou seus braços sobre seu peito. Ela estreitou seus olhos pretos e olhou para mim interrompendo sua diversão, mas ela e Carson me seguiram enquanto eu atravessava o vão da porta e deixava a parte principal do museu para trás.

Eram poucos dias depois do Ano Novo, e nós três estávamos no Coliseu Crius, um museu localizado na periferia de Asheville, Carolina do Norte. Visitar um museu não era exatamente o topo da minha lista de coisas divertidas a se fazer, mas todos os alunos do segundo ano na Mythos Academy deveriam caminhar pesadamente até o coliseu algum dia durante o recesso do feriado de inverno para ver uma exposição especial de artefatos. Desde que as aulas voltariam a começar na academia pela manhã, hoje era nossa última chance de terminar nossa atribuição. Já era ruim o bastante que eu e todos os outros jovens guerreiros prodígios na Mythos estivéssemos treinando para lutar com Ceifadores do Caos. Mas dever de casa no feriado, também? Isso não era *nada* justo.

Daphne, Carson e eu chegamos aqui cerca de às três horas, e nós estivemos vagando pelo museu pelos últimos noventa minutos, indo de uma vitrine a outra. Do lado de fora, o Coliseu Crius parecia justo como outro prédio, justo como outro museu, um dos vários escondidos nas Montanhas Appalachian e por toda a cidade.

Do lado de dentro, entretanto, era uma estória diferente.

Atravessar a porta da frente do museu era como recuar no tempo para a Roma antiga. A sala principal tinha sido projetada para se assemelhar ao grande coliseu, e mármore branco se lançava até onde os olhos podiam ver, divididos em pilares de torres. Painéis de ouro, prata e bronze brilhavam aqui e ali nas paredes antes de se espalharem para cobrir todo o teto em deslumbrantes discos de cores. Safiras e rubis queimavam como carvão coloridos nos colares e anéis em exposição, enquanto que finas sedas e outras vestes brilhavam dentro das suas caixas de vidros, parecendo tão leves e delicadas quanto as teias de aranhas. Os funcionários

do museu até mesmo vestiam togas longas, fluidas e brancas, acrescentando ao efeito.

Mas não era apenas a Roma antiga que estava à exposição. Cada sala tinha um tema específico e expunha uma cultura diferente, de Nórdica à Grega à Russa à Japonesa e todas as terras e pessoas no meio. Isso é o porquê do coliseu ser dedicado aos membros do Panteão. Deuses, deusas, guerreiros antigos, criaturas mitológicas – o Panteão era basicamente um grupo de caras com magias boas que uniram forças para salvar o mundo.

Voltando naquele dia, o malévolo trapaceiro deus Nórdico Loki tentou escravizar a todos e mergulhou o mundo em uma longa, sangrenta Guerra do Caos. Mas os membros do Panteão tinham se levantado para impedir Loki e seus perversos seguidores, os Ceifadores do Caos. Eventualmente, os outros deuses e deusas trancaram Loki em uma prisão mitológica, bem longe do domínio mortal. Agora, o coliseu mostrava os artefatos – jóias, roupas, armaduras, armas, e mais – que ambos os lados usaram durante a Guerra do Caos.

Claro, o que a maioria das pessoas não percebia era que Loki estava *assustadoramente perto assim* de se libertar da sua prisão e começar outra Guerra do Caos. Era algo sobre o qual eu pensava todo o tempo, porém – especialmente desde que eu de alguma forma deveria impedir o deus malévolo de escapar.

— Isso é legal, — Daphne disse.

Ela apontou para um arco curvo no interior de uma caixa de vidro. O arco era constituído de um único pedaço de ônix, incrustado com pedaços de arabescos dourados e amarrados com vários minúsculos fios de ouro. Uma aljava equivalente colocava-se perto do arco, embora apenas uma única flecha estivesse no interior do fino tubo.

Daphne se inclinou e leu a placa de bronze armada no pedestal abaixo da arma. — Aqui diz que o arco uma vez pertenceu à Sigyn, a deusa Nórdica da devoção, e que cada vez que você retirar uma flecha da aljava, outra aparecerá para substituí-la. Tudo bem, agora isso é *perversamente* legal.

— Eu gosto mais desse, — Carson disse, apontando para um curvo chifre de marfim que se assemelhava à uma pequena, tuba portátil. Pedaços de ônix brilhavam na lisa superfície. — Aqui diz que é o Chifre de Roland. Não estou certo do que seja, porém.

Eu pisquei. Eu estava tão perdida nos meus pensamentos sobre Loki, Ceifadores, e Panteão que eu só estive vagando por aí, ao invés de realmente olhar

para os artefatos, como nós deveríamos fazer.

Nós estávamos em uma enorme circular sala cheia de armas. Espadas, varas, lanças, adagas, arcos, e estrelas de lançamento brilhando por de trás das caixas de vidro e em locais nas paredes, perto das pinturas a óleo de batalhas mitológicas. Toda a parede traseira era feita do mesmo mármore branco como o restante do museu, embora uma variedade de criaturas mitológicas tivesse sido esculpida na superfície. Grifos, gárgulas, dragões, quimeras, Górgones com cabelo de cobras e sorrisos cruéis.

Um antigo cavaleiro vestido com uma completa armadura de batalha estava empoleirado em um cavalo empalhado em um palanque no centro da sala. O cavaleiro tinha uma lança nas suas mãos e pareceu que ele estava para atacar adiante e espetar a figura de cera do centurião Romano que também estava no palanque, sua espada erguida para afastar o ataque do cavaleiro. Outras figuras estavam dispersas por toda a área, incluindo um Viking usando um elmo com chifres, que estava pronto para derrubar o seu machado de batalha em cima do circular escudo de bronze do Espartano em pé perto dele. Alguns metros de distância, duas figuras femininas representando uma Valquíria e uma Amazona seguravam espadas, e sem emoção observavam o Viking e o Espartano em sua eterna batalha épica.

Eu encarei o Viking e o Espartano, e por um momento, suas feições piscaram e pareceram se mover. Seus lábios de cera arrastaram-se em rosnados furiosos, seus dedos apertaram-se ao redor dos cabos das suas armas, todo o corpo deles ficou tenso com a antecipação da batalha que estava por vir. Eu estremeci e afastei o olhar. Meu dom Cigano, minha magia psicométrica, tinha estado agindo desde quando nós entramos no museu.

— Hump. Bem, eu não acho que esse arco seja tão sangradamente especial, — uma voz com um altivo sotaque Inglês murmurou. — Eu acho que é bastante chato. *Comum*, até.

Eu olhei abaixo para a fonte da voz – Vic, a espada embainhada no estojo de couro preto pendurado na minha cintura. Vic não era uma espada típica. Para começar, ao invés de ter um cabo plano, a espada realmente tinha metade de um rosto incrustada no metal prateado ali. Uma única orelha, um nariz adunco, um rasgo de uma boca. Tudo isso se unia para formar o cabo da espada, junto com uma protuberância redonda de um olho. Sempre pareceu para mim como se houvesse um homem preso dentro do metal, tentando sair. Eu não sabia

exatamente quem ou o que Vic era, além do que o rude, mandão, e sanguinário. A espada sempre continuava falando e falando e *falando* sobre como nós deveríamos encontrar Ceifadores para matar.

De fato, havia somente um Ceifador que eu queria matar – a garota que assassinou minha mãe.

Um acidente de carro. Uma espada cortando através da chuva. E sangue – muito sangue...

As memórias do assassinato da minha mãe saltaram a superfície da minha mente, ameaçando me sobrecarregar, mas eu as empurrei para longe e me forcei a focar nos meus amigos, que ainda estavam olhando para o arco de ônix e para o chifre de marfim.

Eu tinha trazido Vic junto hoje por que eu pensei que ele poderia gostar de ver itens em exposição. Além disso, eu precisava de alguém para conversar enquanto Daphne e Carson estivessem rindo e lutando com línguas um no outro. Eles dois estavam tão apaixonados que era um pouco repugnante algumas vezes, especialmente dado ao estado triste da minha própria vida amorosa.

— É só um arco, depois de tudo, — Vic continuou. — Não nada importante. Não uma arma de *verdade*.

Eu rolei meus olhos. Oh, sim. Vic falava, também – a maior parte sobre o quanto fantástico ele era.

— Bem, alguns de nós acontece de gostar de arcos, — Daphne bufou, olhando abaixo para a espada.

— E é isso o que está errado com você Valquíria, — Vic disse.

A espada encarou-a. Vic só tinha um olho, e era de uma cor curiosa – não muito roxo mas não muito cinza também. De fato, o olho de Vic me lembrava da cor do crepúsculo, aquela suave tonalidade que manchava o céu bem antes do mundo escurecer pela noite.

— E você, Celta, — Vic disse, virando sua atenção para Carson. — Gwen me contou que você prefere usar uma vara. Uma vara! Ela nem tem uma sangrenta *ponta* no seu fim. Vergonhosas, as coisas que eles estão ensinando vocês jovens guerreiros na Mythos nos dias de hoje.

Cada jovem que ia para a Mythos Academy era algum tipo de guerreiro, incluindo nos três. Daphne era uma Valquíria, Carson era um Celta, e eu era uma Cigana, nós três descendíamos de um guerreiro do Panteão que foram os primeiros a enfrentar Loki e seus Ceifadores. Agora, nós carregávamos essa

tradição nos tempos modernos ao ir à academia e aprender como usar as habilidades e magia que nós tínhamos para lutar contra Ceifadores do Caos. E nós não éramos os únicos. Vikings, Romanos, Amazonas, Ninjas, Samurais, Espartanos. Todos esses guerreiros e mais podiam ser encontrados na academia.

— Vergonhoso, eu digo, — Vic vangloriou-se novamente.

Carson olhou para mim. Eu apenas encolhi de ombros. Eu só tinha Vic há alguns meses, mas eu rapidamente aprendi que não havia como controlar a bombástica espada. Vic dizia qualquer coisa que ele gostasse, sempre que ele gostasse, tão alto quanto ele gostasse. E se você ousasse discordar dele, ele estava mais do que feliz em discutir mais profundamente— enquanto que a lâmina dele estivesse pressionada contra sua garganta.

Vic e Daphne se olharam fixamente antes da Valquíria se virar para Carson e começar a falar com o nerd membro da banda sobre como legal o arco era. Eu perambulei pelo resto da sala, espiando os outros artefatos. Vic continuou com o seu corriqueiro monólogo sobre como espadas eram as únicas armas de verdade, com ele, lógico, sendo a melhor espada sempre. Eu fiz barulhos concordando quando apropriado. Era mais fácil do que tentar argumentar com ele.

Daphne e Carson continuaram olhando o arco, e Vic terminou seu discurso retórico e caiu em silêncio mais uma vez. Eu estava lendo sobre uma bola de fio de prata que tinha pertencido à Ariadne, a virgem Grega que ajudou Teseu encontrar seu caminho pelo labirinto onde o Minotauro era mantido, quando sapatos bateram no chão e alguém apareceu ao meu lado.

—Gwendolyn Frost, — uma maliciosa voz murmurou. — Gosto de ver você aqui.

Eu me virei e me encontrei cara-a-cara com um cara de quarenta e poucos com cabelo preto, olhos azuis, e pele que era tão branca quanto o piso de mármore. Ele vestia um terno azul escuro e um par de sapatos sociais que tinham um brilho maior do que a maior parte das caixas de vidros na sala. Eu o teria achado bonito se eu não soubesse exatamente o quanto irritado e austero ele era — e quanto ele me odiava.

Eu suspirei. — Nickamedes. O que você está fazendo aqui?

— Supervisionando a exibição, lógico. A maior parte dos artefatos em exposição foi emprestada da Biblioteca de Antiguidades.

Nickamedes era o manda-chuva da Biblioteca de Antiguidades, a qual estava localizada no campus da Mythos Academy não muito longe na Montanha

Cipreste, Carolina do Norte. Em acréscimo aos livros, a sólida biblioteca era famosa por sua inestimável coleção de artefatos. Centenas de centenas de caixas de vidros enchiam os sete andares da biblioteca, contendo itens que uma vez tinham pertencido a algum deus e deusa aos seus Campeões e aos Ceifadores com quem eles tinham batalhado.

Eu supus que fazia sentido que o Coliseu Crius pegasse emprestado alguns artefatos da biblioteca – que provavelmente era a razão pela qual os alunos da Mythos tinham sido atribuídos para virem aqui em primeiro lugar. Então eles seriam forçados a olhar e estudar os itens pelos quais eles passavam e ignoravam diariamente na biblioteca.

Nickamedes me olhou fixamente, não parecendo nenhum pouco feliz em ver mais do que eu estava em topar com ele. Sua boca se retorceu. — Eu vejo que você e seus amigos esperam até o último segundo possível para vir e completar sua tarefa de história-mítica, junto com um grande número dos seus colegas de classe.

Morgan McDougall, Samson Sorensen, Savannah Warren, Talia Pizarro. Eu localizei vários jovens que eu conhecia vagando pelo Coliseu. Todos com dezessete anos, como eu, Daphne, e Carson, e todos alunos do segundo ano na Mythos, tentando abarrotar uma visita ao museu antes das aulas de inverno começaram pela manhã.

— Eu estive ocupada, — Eu murmurei.

Nickamedes soltou um bufo de descrença. — Certo.

Raiva tomou conta de mim. Eu estive ocupada. Muito ocupada, na realidade. Não muito tempo atrás, eu aprendi que os Ceifadores estavam procurando pela Adaga Helheim, a qual, dizia-se, ser um dos Treze Artefatos que foram usados durante a batalha final da Guerra do Caos. Todos os Treze Artefatos tinham muito poder, desde que eles tinham visto a ação durante a luta clímax. Mas o que fazia a arma tão poderosa – o que de verdade me assustou – era o fato de que a adaga poderia ser usada para libertar Loki do cárcere que ele estava aprisionado.

Eu estava determinada a encontrar a adaga antes dos Ceifadores, então durante o feriado eu li tudo que eu pude colocar minhas mãos, sobre a arma. Quem poderia tê-la feito, como ela poderia ser usada durante a Guerra do Caos, até mesmo que poderes ela poderia ter. Mas todos os livros e artigos que eu li não me contaram o que eu de fato queria saber: onde minha mãe, Grace, tinha escondido a adaga antes dela ter sido assassinada – ou como eu deveria encontrá-la antes que os Ceifadores encontrassem.

Claro, eu não contei a Nickamedes tudo isso. Ele não acreditaria que eu estivesse fazendo algo útil, algo importante, durante o recesso do feriado. Sem dúvida Nickamedes pensava que eu estava apenas sentada por aí lendo gibis e comendo biscoito como eu fiz tantas noites quando eu estava trabalhando para ele na Biblioteca de Antiguidades. É, tá bom, então talvez eu não fosse tão dedicada assim quando vinha a ser meu trabalho depois da aula. Me processe por querer vadiar e ter um pouco de diversão antes de eu ter que encarar outro Ceifador louco que pensava que eu era mais poderosa e importante do que eu realmente era.

Mesmo assim, apesar da atitude indiferente do bibliotecário, eu não pude evitar em olhar ao redor da sala, esperando que eu visse um cara da minha idade com ele – um cara com os olhos mais bonitos que eu já tinha visto e um astuto, sorriso provocador para combinar.

— Logan está aqui com você? — Eu não pude evitar em esconder a esperança da minha voz.

Nickamedes abriu sua boca quando uma voz o interrompeu.

— Bem aqui, Garota cigana. — Uma baixa voz causou arrepios na minha coluna.

Meu coração martelou, eu lentamente me virei. Logan Quinn estava em pé atrás de mim.

Grosso, ondulado, cabelo de coloração preta, gelados olhos azuis intensos, um sorriso confiante. Meu fôlego ficou preso na minha garganta enquanto eu olhava para Logan, e meu coração acelerou, batendo com tal força que eu estava certa que ele pudesse ouvi-lo.

Logan vestia jeans e suéter azul escuro coberto por uma jaqueta de couro preta. As roupas eram de marca, claro, desde que o Espartano era tão rico quanto todos os outros jovens na academia. Mas mesmo se ele estivesse vestido trapos, eu ainda teria notado a esguia força do seu corpo e seu amplo, ombro musculoso. É, Logan totalmente arrasava no visual bad-boy, e ele tinha uma reputação de galinha para combinar. Um dos rumores que continuavam repercutindo na academia era que Logan assinava os colchões de cada garota com as quais ele dormiu, apenas para que ele continuasse localizando todas elas.

Eu nunca bem descobri se esses rumores eram verdadeiros ou não, ou como Logan iria sequer conseguir fazer isso em primeiro lugar, mas eles não importavam tanto para mim por que o Espartano era apenas, de fato, de fato mesmo um cara legal. Esperto, forte, engraçado, charmoso, carinhoso. Depois,

claro, havia a coisa de *salvando-minha-vida-múltiplas-vezes*. Meio que difícil não gostar de um cara quando ele continuava impedindo que você fosse morta por Ceifadores e comida por gatunos de Nemean.

Os olhos de Logan caíram para a minha garganta e ao colar que eu usava ali – aquele que ele me deu antes da escola fechar para o Natal. Seis fios de prata ao redor da minha garganta, criando o meu colar, enquanto que as pontas em forma de diamante se uniam para formar um simples, mas ainda elegante, floco de neve no centro dos fios. O lindo colar pareceu como algo que uma deusa usaria. Eu achei que ele era muito bonito e delicado para mim, mas eu o amava do mesmo jeito.

— Você está usando o colar — o Espartano disse em uma baixa voz.

— Todo dia desde quando você me deu — Eu disse. — Eu dificilmente o tiro.

Logan sorriu para mim, e foi como se o sol tivesse surgido do céu cheio de nuvens de tempestade. Por um momento tudo era apenas – *perfeito*.

Então Nickamedes limpou sua garganta, estourando a bolha de felicidade pela qual eu estava para sair flutuando. Uma ácida expressão contorceu o rosto do bibliotecário enquanto ele olhava para trás e para frente entre seu sobrinho e mim.

— Bem, se vocês me dão licença, o museu está fechando em breve, e eu preciso me certificar que os funcionários estejam prontos para começar a empacotar os itens para transportar de volta à academia pela manhã.

Nickamedes girou nos seus sapatos sociais e avançou para fora da sala de armas sem outra palavra. Eu suspirei. É, eu poderia não ser a trabalhadora mais dedicada, mas eu sempre senti como se houvesse outra razão para que Nickamedes me odiasse. Ele praticamente não gostou de mim à primeira vista, e eu não tinha ideia do motivo.

Eu afastei o bibliotecário e sua péssima atitude da minha mente e me foquei em Logan. Ele me mandou mensagens de texto algumas vezes durante o recesso do feriado, mas eu ainda sentia a falta dele como louco – especialmente desde que eu não tinha ideia do que estava rolando conosco. Não muito tempo atrás, nós compartilhamos o que eu achei que fosse o beijo para por fim em todos os beijos, mas ele não declarou exatamente o seu amor por mim enquanto isso – ou sequer me convidou para sair em um encontro de verdade. Ao invés disso, nós estivemos nessa estranha situação sem avanços por semanas – uma que eu estava determinada a por um fim.

Eu inspirei, pronta para perguntar a Logan como tinha sido o seu recesso de inverno e o que ia acontecer conosco agora. — Logan eu...

Gritos e berros romperam no ar, afundando minhas palavras.

Eu congelei, me perguntando se eu tivesse acabado de imaginar os ásperos, chocantes sons. Por que alguém estaria gritando no museu? Um segundo mais tarde, mais gritos cortaram o ar, seguidos por vários sons de colisão e o pesado *thump-thump-thump* de passos.

Logan e eu olhamos um para o outro, depois disparamos para a porta. Daphne e Carson também tinham ouvido os gritos, e eles correram bem atrás de nós.

— Parem! Parem! Parem! — Daphne assobiou.

Ela conseguiu agarrar meu braço e a parte de trás da jaqueta de Logan bem antes do Espartano sair correndo para fora da sala. Com sua grande força de Valquíria, ela facilmente foi capaz de arrastar nós dois para trás e me dar uma torção no pescoço.

— Vocês não sabem o que está acontecendo – ou quem pode estar lá fora, — Daphne avisou.

Logan olhou para ela, mas depois de um momento, ele relutantemente assentiu. Eu fiz o mesmo, e Daphne afrouxou o seu aperto em nós. Juntos em um nó apertado, nós quatro nos arrastamos para o vão da porta e espiamos para o outro lado.

O Coliseu Crius tinha o formato de uma roda gigante, com um espaço principal no meio e os corredores e salas se ramificando como raios. O vão da porta onde nós estávamos se abria para a seção central do museu. Quando Daphne, Carson, e eu tínhamos atravessado alguns minutos atrás, pessoas tinham estado passeando ao redor das mostras, olhando para os artefatos e navegando através das caras réplicas de armas, armaduras, e jóias na loja de lembranças. Além dos funcionários, a maior parte das pessoas aqui tinha sido alunos do segundo ano da Mythos, tentando terminar sua tarefa de dever de casa antes das aulas começarem amanhã, apenas como nós três.

Não mais.

Agora, figuras usando longas, pretas, túnicas com capuz invadiram o coliseu – e todos eles carregando espadas afiadas e curvas. As figuras atacando todos no seu caminho, suas lâminas cortando os alunos que estavam olhando a exposição apenas alguns segundos antes. Mais gritos e berros rasgaram o ar, ecoando tão alto

quanto tiros de armas, enquanto as pessoas percebiam o que estava acontecendo.

Mas já era muito tarde.

— Ceifadores — Daphne sussurrou, vocalizando meu próprio pensamento horrorizado.

Os Ceifadores do Caos corriam suas espadas por qualquer um que eles conseguiram colocar suas mãos, depois empurravam o morto e os morrendo no chão. Os funcionários do museu, adultos, crianças. Não importava aos Ceifadores quem eles matavam. Figuras de ceras, estátuas, e caixas de exibição quebradas no chão, estilhaçadas em milhares de pedaços, sangue espalhado em todos os lugares, uma cascata de lágrimas escarlate deslizando nas paredes de mármore brancas.

Uma enjoada, enjoada sensação encheu meu estômago a todo o caos de sangue na minha frente. Eu tinha ouvido sobre os Ceifadores, sobre como perversos eles eram, sobre como eles viviam para matar guerreiros – sobre como eles viviam para *nos* matar. Eu tinha encarado dois Ceifadores sozinha, mas eu nunca tinha visto nada assim.

Alguns dos alunos da Mythos tentaram revidar, usando seus punhos ou o que quer que eles pudessem colocar suas mãos. Mas isso não funcionou, e um por um, os Ceifadores derrotaram os jovens. Samson Sorensen caiu no chão, gritando e apertando seu estômago, sangue jorrando de entre os seus dedos. Alguns alunos da Mythos tentaram correr, mas os Ceifadores apenas os agarravam por trás, apertavam suas espadas nas costas dos jovens, e depois descartavam-nos ao lado como lixo.

Fora do canto do meu olho, eu vi Morgan McDougall curvada e apertada entre um alto, amplo pedestal e a parede. Faíscas verdes de magia disparavam dos dedos de Morgan como raios, uma visão evidente da sua surpresa e pânico, e ela curvou suas mãos em punhos apertados e as enfiou sob suas axilas para tentar suprimir os flashes coloridos. Morgan sabia, assim como eu, que se os Ceifadores vissem as faíscas, eles a encontrariam e terminariam com ela. A bonita Valquíria me localizou observando-a e olhou de volta para mim, seus olhos amendoados cheios de medo.

— Fique aí! Esconda-se! Não tente correr! — Eu gritei, embora eu não achasse que Morgan pudesse me ouvir acima dos gritos e dos alarmes que tinham começado a soar.

Em menos do que um minuto, tudo estava terminado. Os Ceifadores se reagruparam no meio do coliseu, conversando um com o outro, mas eu não podia

ouvir o que eles estavam dizendo sobre os gemidos, rosnados, e lamentos de jovens morrendo no chão ensanguentado.

— Ceifadores — Daphne sussurrou novamente, como se ela não pudesse acreditar que ela estava vendo algo mais do que eu.

Era quase como se eles estivessem escutados o baixo murmúrio da Valquíria por que várias das figuras de túnica preta se viraram e seguiram na nossa direção.

Continua...

Lançamento previsto para 29 de maio de 2012.